Feita de
FUMAÇA & OSSO
LAINI TAYLOR
intrínseca

Feita de
FUMAÇA & OSSO

Não

Feita de
FUMAÇA
&
OSSO
LAINI TAYLOR

ERETZ
N
S
ASTRAE
THISALENE
O IMPÉRIO DOS SERAFINS
MAR DA SERENIDADE
CABO ARMASIN
MONTANHAS ADELPHAS
CAVERNAS DOS KIRIN
BAÍA DAS BESTAS
BULLFINCH
LORAMENDI
ANTIGAS TERRAS LIVRES
ANTIGAS TERRAS LIVRES
VÉU DO ESPÍRITO
DESERTO DE SAB
RIO ERLING
O CONTINENTE MERIDIONAL
PLANÍCIES ARANZU
SERRA DO MAR
COLINAS MARAZEL
RIO KIR
ARCOS CARNAVAL
TERRAS DISTANTES
A COSTA SECRETA

Para Jane,

por um mundo de possibilidades inteiramente novo

Era uma vez,
um anjo e um demônio que se apaixonaram.

A história não acabou nada bem.

1
IMPOSSÍVEL DE ASSUSTAR

Caminhando para a escola pela calçada de pedras coberta de neve, Karou não teve nenhuma premonição sinistra para aquele dia. Parecia outra segunda-feira qualquer, sem nenhuma peculiaridade, a não ser por sua própria natureza de segunda-feira, e por ser o mês de janeiro. Estava frio e escuro — no final do inverno o sol não se levantava antes das oito —, mas também muito bonito. A neve que caía e o fato de ainda ser bem cedo davam a Praga um ar fantasmagórico, como um ferrótipo, toda nublada e prateada.

Na estrada à margem do rio, o barulho dos bondes e dos ônibus passando situava o dia no século XXI, mas nas travessas mais silenciosas a tranquilidade do inverno poderia ter vindo de outra época. Neve, pedra e uma luz espectral, o ruído dos passos de Karou e o vapor que subia da caneca de café, ela sozinha, à deriva, perdida em pensamentos triviais: escola, tarefas... Vez ou outra, mordia amargurada a parte de dentro da bochecha, e uma pontada de tristeza a invadia de repente, como as pontadas de tristeza costumam fazer, mas Karou as deixava de lado, determinada, disposta a acabar com tudo aquilo.

Segurava a caneca de café em uma das mãos e mantinha o casaco fechado com a outra. Levava o portfólio de arte pendurado no ombro, e nos cabelos — soltos, longos e azul-pavão — uma trama de flocos de neve se formava.

Um dia como todos os outros.

E então.

Um rosnado, passos rápidos, e ela foi agarrada por trás, puxada com força contra o peito largo de um homem enquanto mãos afastavam seu cachecol, e ela sentiu *dentes* — dentes — em seu pescoço.

Mordiscando.

O agressor a estava *mordiscando.*

Irritada, tentou se libertar sem derramar o café, mas mesmo assim um pouco dele caiu do copo, na neve suja.

— Droga, Kaz, me larga — repreendeu, enquanto se virava para o ex- namorado.

A luz do poste iluminava suavemente o rosto bonito dele. *Beleza idiota,* pensou ela, empurrando-o para longe. *Rosto idiota.*

— Como você sabia que era eu? — perguntou ele.

— É sempre você. E nunca dá certo.

Kazimir ganhava a vida pulando de trás das coisas, e ficava frustrado por nunca conseguir provocar nem a menor reação em Karou.

— É impossível assustar você — reclamou ele, fazendo o beicinho que considerava irresistível.

Até pouco tempo atrás, ela não teria resistido. Teria ficado na ponta dos pés e passado a língua pelo lábio inferior do biquinho. Então, ela o lamberia languidamente e o tomaria entre os dentes, provocando Kazimir antes de se perder em um beijo que a faria se derreter encostada a ele como mel no calor do sol.

Aqueles dias tinham definitivamente ficado para trás.

— Talvez você simplesmente não seja assustador — disse ela, e seguiu seu caminho.

Kaz a alcançou e andou ao seu lado, com as mãos no bolso.

— Mas eu *sou* assustador. O rosnado? A mordida? Qualquer pessoa normal teria um ataque do coração. Menos você, que parece ter água gelada em vez de sangue correndo nas veias.

E ao ver que ela o ignorava, acrescentou:

— Josef e eu estamos começando um novo tour. O tour vampiresco do Centro Histórico. Os turistas vão amar.

Vão mesmo, pensou Karou. Pagavam uma boa grana pelos "tours fantasmagóricos" de Kaz, que consistiam em conduzir os turistas em grupos pelas intrincadas travessas de Praga na escuridão, parando em lugares de supostos assassinatos para que "fantasmas" pudessem saltar das entradas das construções e fazê-los gritar. Ela já havia feito papel de fantasma em várias ocasiões, segurando no alto uma cabeça ensanguentada e gemendo enquanto os gritos dos turistas davam lugar às risadas. Tinha sido divertido.

Kaz tinha sido divertido. Não era mais.

— Boa sorte — disse ela, olhando para a frente, sem emoção na voz.

— Podíamos incluir você — disse Kaz.

— Não.

— Você poderia interpretar uma vampira sexy e perversa...

— Não.

— Atrair os homens...

— Não.

— Você podia usar sua capa...

Karou fechou a cara.

Carinhosamente, Kaz tentou persuadi-la:

— Você ainda tem a capa, não tem, amorzinho? A coisa mais bonita que eu já vi, você com aquela seda preta, na sua pele branca...

— Cala a boca — sibilou ela, parando no meio da praça Maltesa.

Meu Deus, pensou. Como havia sido estúpida em se apaixonar por aquele reles atorzinho de rua bonito, vestir coisas para ele e lhe deixar lembranças como aquela? Incrivelmente estúpida.

Solitariamente estúpida.

Kaz levantou a mão para tirar um floco de neve dos cílios dela.

— Se encostar em mim, esse café vai parar na sua cara.

Ele abaixou a mão.

— Opa, calminha, Karou nervosinha. Quando você vai parar de brigar comigo? Eu já disse que sinto muito.

— Pode sentir, então. Mas vá fazer isso em outro lugar.

Eles falavam em tcheco, e o sotaque que Karou adquirira estava à altura da pronúncia nativa de Kaz.

Ele suspirou, irritado por ela continuar resistindo a seus pedidos de desculpa. Isso não estava no roteiro.

— Vamos lá — tentou persuadi-la, a voz agressiva e suave ao mesmo tempo, como a mistura áspera e aveludada da voz de um cantor de blues.

— Fomos feitos um para o outro, você e eu.

Feitos um para o outro. Karou esperava sinceramente que, se tivesse sido "feita" para alguém, não fosse para Kaz. Ela olhou para ele, o lindo Kazimir, cujo sorriso costumava agir sobre ela como um feitiço, compelindo-a a ficar ao seu lado. E antes parecia um ótimo lugar para se estar, como se as cores fossem mais brilhantes, as sensações mais intensas. Mas também era, como descobriu, um lugar bem popular, que outras garotas ocupavam quando ela não estava por perto.

— Peça a Svetla para ser sua vampira sexy e perversa — disse Karou.

— A parte da perversidade ela já conhece bem.

Ele pareceu magoado.

— Não quero Svetla. Quero você.

— Lamento, mas não sou uma opção.

— Não diga isso — falou Kaz, pegando a mão dela.

Karou recuou, uma pontada de tristeza surgia apesar de todo o seu esforço para parecer indiferente. Não vale a pena, disse a si mesma. Não chega nem perto de valer.

— Essa é a definição de perseguição, sabe?

— Como assim? Não estou *perseguindo* você. Só estava indo na mesma direção.

— Claro — disse Karou.

* * *

Estavam a algumas casas da escola dela agora. O Liceu de Arte da Boêmia era uma escola particular de ensino médio que funcionava num palácio barroco cor-de-rosa conhecido por ter sido o local em que, durante a ocupação nazista, dois jovens nacionalistas tchecos tinham cortado a garganta de um comandante da Gestapo e escrito a palavra liberdade com o sangue dele. Um ato de revolta breve e corajoso antes de serem capturados e empalados nos florões em forma de ponta de lança que adornavam o portão do pátio. Agora alguns alunos zanzavam em volta daquele mesmo portão, fumando e esperando pelos amigos. Mas Kaz não era um aluno — com vinte anos, era bem mais velho que Karou —, e ela sabia que ele nunca saía da cama antes do meio-dia.

— Por que está acordado a essa hora?

— Arrumei um novo emprego — respondeu ele. — Começa cedo.

— O quê? Você está fazendo tours vampirescos de *dia?*

— Não. É outra coisa. Um tipo de... *exposição.*

Ele agora estava com um sorrisinho no rosto. Com um ar triunfante. Queria que ela perguntasse qual era o novo emprego.

Karou não ia perguntar. Com total indiferença, ela disse:

— Bem, divirta-se.

E saiu.

— Você não quer saber o que é? — gritou Kaz, ainda com o sorrisinho no rosto; Karou podia percebê-lo na voz dele.

— Não ligo — ela gritou de volta, e entrou pelo portão.

* * *

Ela definitivamente deveria ter perguntado.

2
UM TIPO DE REVELAÇAO

Às segundas, quartas e sextas, a primeira aula de Karou era desenho de modelo-vivo. Quando entrou no estúdio, sua amiga Zuzana já estava lá e colocara cavaletes para as duas em frente à plataforma do modelo. Karou livrou-se do portfólio e do casaco, desamarrou o cachecol e anunciou:

— Estou sendo perseguida.

Zuzana arqueou uma sobrancelha. Ela era mestre na arte de arquear a sobrancelha, e Karou a invejava por isso. Não conseguia mover separadamente as sobrancelhas, o que limitava suas expressões de desconfiança e desdém.

Zuzana conseguia fazer ambas perfeitamente, mas esse tinha sido apenas um leve movimento, de mera curiosidade.

— Não me diga que o panaca tentou assustá-la de novo.

— Ele está na fase dos vampiros. Mordeu meu pescoço.

— Atores — resmungou Zuzana. — Estou falando, você devia acertar esse otário com uma arma de choque. Isso o ensinaria a parar de pular em cima das pessoas.

— Não tenho uma arma de choque.

Karou não acrescentou que não precisava de nenhuma arma, que era mais do que capaz de se defender sem usar eletricidade. Recebera uma educação incomum.

— Bem, consiga uma. Sério. Mau comportamento deve ser punido. Além disso, seria divertido. Não acha? Sempre quis usar uma arma de choque. *Tzzz!*

Zuzana imitou alguém tendo convulsões.

Karou balançou a cabeça.

— Não, garotinha violenta, não acho que seria divertido. Você é terrível!

— Não sou terrível. Kaz é terrível. Não diga que preciso lembrá-la disso. — E lançou um olhar penetrante a Karou. — Diga que você não está nem considerando perdoá-lo.

— *Não* — declarou Karou. — Mas o problema é fazer ele acreditar nisso.

Kaz não conseguia entender de forma alguma que uma garota pudesse por vontade própria se privar de seus encantos. E o que ela havia feito a não ser encorajar sua vaidade durante os meses em que ficaram juntos, olhando para ele deslumbrada, dando-lhe... tudo? Os galanteios para cima dela agora, pensou Karou, eram uma questão de honra. Assim ele provaria a si mesmo que poderia ter quem quisesse. Que só dependia dele.

Talvez Zuzana estivesse certa. Talvez devesse mesmo dar um choque nele.

— Caderno de desenho — exigiu Zuzana, estendendo a mão como uma cirurgiã à espera do bisturi.

A melhor amiga de Karou era mandona de forma inversamente proporcional ao seu tamanho. Só passava de um metro e cinquenta com botas plataforma, enquanto Karou tinha quase um e setenta, mas aparentava ser mais alta, com seu pescoço comprido e os membros esguios. Ela não era bailarina, mas poderia ser uma, mais pela constituição física que pela aparência. Poucas bailarinas têm cabelo azul ou uma constelação de tatuagens nos braços e nas pernas, e Karou tinha ambos.

As únicas tatuagens visíveis enquanto pegava o caderno de desenho e o entregava à amiga eram as que envolviam seus pulsos como pulseiras — apenas uma palavra de cada lado: *história e verídica.*

Quando Zuzana pegou o caderno, dois outros alunos, Pavel e Dina, se espremeram para olhar por cima do ombro dela. O caderno de desenhos de Karou tinha uma legião de fãs por toda a escola, e era visto e admirado diariamente. Este exemplar — o de número noventa e dois de uma série que acompanhava toda a sua vida — estava preso com elásticos, e assim que Zuzana os tirou ele abriu de repente, páginas tão cobertas de gesso acrílico e tinta que a encadernação mal conseguia contê-las. Quando o caderno se abriu como um leque, os personagens característicos de Karou surgiram desenhados com primor e incrivelmente estranhos.

Lá estava Issa, serpente da cintura para baixo e mulher da cintura para cima, com os seios nus e arredondados das esculturas do Kama Sutra, o capelo e as presas de uma cobra e o rosto de um anjo.

Twiga e seu pescoço de girafa, corcunda e com uma lupa de joalheiro presa a um olho que se estreitava.

Yasri, com bico de papagaio e olhos humanos, cachos alaranjados escapando do lenço na cabeça. Ela carregava uma bandeja de frutas e um jarro de vinho.

E Brimstone, é claro — a estrela dos cadernos. Em um desenho ele aparecia com Kishmish encarapitado em um de seus grandes chifres de carneiro. Nas histórias fantásticas que Karou contava em seus cadernos, Brimstone negociava desejos. Às vezes ela o chamava de Mercador de Desejos; outras vezes, simplesmente de "o rabugento".

Karou vinha desenhando essas criaturas desde a infância, e seus amigos costumavam falar delas como se fossem reais.

— O que Brimstone estava aprontando este fim de semana? — perguntou Zuzana.

— O de sempre — respondeu Karou. — Comprando dentes trazidos por assassinos. Ontem ele conseguiu alguns dentes de crocodilo-do-nilo de um caçador detestável da Somália, mas o idiota tentou roubá-lo e quase foi estrangulado por seu colar de serpente. Tem sorte de estar vivo.

Zuzana encontrou a história ilustrada nas últimas páginas desenhadas do caderno: o somali com os olhos revirados enquanto a cobra fina como um chicote enroscada em seu pescoço o apertava numa espécie de torniquete. Os humanos, Karou havia explicado antes, tinham que se submeter a colocar uma das serpentes de Issa em volta do pescoço antes de entrar no estabelecimento de Brimstone. Dessa maneira, se tentassem alguma coisa suspeita, seria fácil subjugá-los — por estrangulamento, o que nem sempre era fatal, ou, se necessário, com uma mordida na garganta, que sempre era.

— Como você inventa essas coisas, sua doida? — perguntou Zuzana, com admiração e inveja.

— Quem disse que eu invento? Vivo dizendo que é tudo verdade.

— Sei. E seu cabelo já nasce dessa cor também.

— O quê? Nasce, sim — disse Karou, passando uma longa mecha azul pelos dedos.

— Sei.

Karou deu de ombros, puxou o cabelo para trás e enrolou-o em um coque bagunçado, usando um pincel para prendê-lo na nuca. Na realidade, o cabelo dela nascia mesmo daquela cor, puro como o azul ultramarino saído direto de um tubo de tinta, mas era uma verdade que ela contava com um sorrisinho torto, como se estivesse dizendo algo absurdo. Com o passar dos anos, descobriu que era tudo de que precisava, aquele sorriso indolente, e podia dizer a verdade sem correr o risco de acreditarem nela. Era mais fácil do que ter de se lembrar de cada mentira. Então, isso se tornou parte de quem ela era: Karou, com seu sorriso torto e imaginação louca.

E não era mesmo sua imaginação que era louca. Era sua vida — o cabelo azul, Brimstone e tudo o mais.

Zuzana passou o caderno para Pavel e começou a folhear seu próprio bloco de desenho, procurando uma página em branco.

— Quem será que vai posar hoje?

— Provavelmente Wiktor — disse Karou. — Ele não posa para a gente há algum tempo.

— Eu sei. Espero que tenha morrido.

— Zuzana!

— O quê? Ele tem oito milhões de anos. Seria mais fácil desenhar o esqueleto humano do que usar aquele saco de ossos horroroso como modelo.

Havia mais ou menos uns dez modelos, homens e mulheres, de todos os tipos e idades, que se revezavam nas aulas. Iam desde a enorme madame Svobodnik, cujo corpo estava mais para paisagem que para figura, até a pequenina Eliska e sua cintura de pilão, a preferida dos garotos. O velho Wiktor era de quem Zuzana menos gostava. Ela dizia ter pesadelos sempre que precisava desenhá-lo.

— Ele parece uma múmia desembrulhada. — Zuzana estremeceu. — E me diz uma coisa, ficar olhando para um velho nu por acaso é uma boa forma de começar o dia?

— Melhor do que ser atacada por um vampiro — observou Karou.

Na verdade, ela não se importava de desenhar Wiktor. Além do mais, ele era tão míope que nunca fazia contato visual com os alunos, o que era uma vantagem. Não importava que já desenhasse nus havia anos, ela ainda achava perturbador quando, ao esboçar um dos jovens modelos masculinos, erguia os olhos de seu pênis — um estudo necessário, já que não dava exatamente para deixar a área em branco — e o descobria olhando de volta para ela. Karou já sentira suas bochechas arderem diversas vezes e se escondera atrás do cavalete. Essas ocasiões, pelo que se constatou mais tarde, estavam para se tornar insignificantes diante do constrangimento daquele dia.

Ela apontava um lápis com um estilete quando Zuzana soltou, com uma voz estranha e abafada:

— Ah, meu Deus, Karou!

E, antes mesmo de olhar para cima, ela já sabia.

Exposição, ele tinha dito. Ah, claro, quanta esperteza! Ela levantou o olhar do lápis e viu Kaz parado ao lado da professora Fiala. Ele estava descalço e vestia um roupão, e o cabelo dourado na altura do ombro, que havia poucos minutos estava solto ao vento e brilhando com os flocos de neve que o cobriam, pendia de um rabo de cavalo. Seu rosto era um misto perfeito de traços eslavos e delicada sensualidade: maçãs do rosto que podiam ter sido lapidadas por um joalheiro, lábios que davam vontade de tocar com as pontas dos dedos para ver se eram suaves como veludo. E Karou sabia que eram. Lábios idiotas.

O burburinho se espalhou pela sala. Um modelo novo, ah, meu Deus, que lindo...

Um murmúrio se fez ouvir em meio aos outros.

— Não é o namorado da Karou?

Ex, ela quis rebater. Muito, muito ex.

— Acho que é. *Olhe só* para ele...

Karou estava olhando para ele, o rosto congelado no que esperava ser uma máscara de calma impenetrável. Não fique vermelha, ordenou a si mesma. Nem pense em ficar vermelha. Kaz olhou de volta para ela, o sorriso criando uma covinha em uma das bochechas, o olhar indolente de quem estava se divertindo. E, quando teve certeza de que Karou o olhava, teve a cara de pau de piscar.

Risadinhas irromperam ao redor dela.

— Ah, desgraçado... — sussurrou Zuzana.

Kaz subiu na plataforma dos modelos. Olhou diretamente para Karou enquanto desamarrava a faixa; olhou para ela enquanto se livrava do roupão. E então o ex-namorado estava parado em frente à turma toda, lindo de doer, nu como David. E em seu peito, logo acima do coração, havia uma nova tatuagem.

Era uma elaborada letra K escrita em cursiva. Mais risadinhas explodiram em seguida. Os alunos não sabiam para quem olhar, Karou ou Kazimir, e observavam um e outro, à espera de que um drama se desenrolasse.

— Silêncio! — ordenou a professora Fiala, consternada, batendo palmas até que as risadas foram abafadas.

Karou por fim ficou vermelha. Não pôde evitar. Primeiro sentiu o peito e o pescoço esquentarem, depois o rosto. Os olhos de Kaz estavam fixos nela o tempo todo, e sua covinha se aprofundou de satisfação quando ele viu que ela ficara desconcertada.

— Poses de um minuto, por favor, Kazimir — disse Fiala.

Kaz fez a primeira posição. Era dinâmica, como as poses de um minuto devem ser — torso retorcido, músculos tensos, membros esticados simulando uma ação. Os esboços iniciais eram para treinar movimentos e traços livres, e Kaz estava aproveitando a oportunidade para se exibir. Karou não estava ouvindo muitos sons de lápis riscando papel. Será que as outras garotas da turma estavam apenas encarando-o de maneira estúpida, assim como ela?

Karou abaixou a cabeça, pegou o lápis apontado — pensando em outras coisas que ficaria muito satisfeita em fazer com ele — e começou a traçar seus esboços. Linhas rápidas e fluidas, e todos os desenhos em uma página; ela os sobrepôs, fazendo com que parecessem uma ilustração de dança.

Kaz era gracioso. Ele passava tempo suficiente em frente ao espelho para saber usar o corpo de forma chamativa. Era seu instrumento de trabalho, já dissera. Assim como a voz, o corpo era a ferramenta de um ator. Bem, Kaz era um péssimo ator — e por esse motivo vivia dos tours fantasmagóricos e de uma eventual produção barata de Fausto —, mas um ótimo modelo de arte, como Karou bem sabia, pois já desenhara o rapaz muitas vezes.

O corpo dele tinha feito Karou pensar, desde a primeira vez que o vira... revelado, em um Michelangelo. Ao contrário de alguns artistas da Renascença, que preferiam modelos magros e fracos, Michelangelo havia optado pela força, desenhando trabalhadores de pedreiras com seus ombros largos e, de algum jeito, conseguindo dar a eles uma aparência carnal e elegante ao mesmo tempo. Assim era Kaz: carnal e elegante.

E mentiroso. E narcisista. E, sinceramente, meio burro.

— Karou! — Helen, a garota britânica, sussurrava com uma voz rouca, tentando chamar sua atenção. — É ele?

Karou não respondeu. Continuou desenhando, fingindo que estava tudo normal. Apenas mais um dia de aula. E se o modelo tinha uma covinha insolente e não tirava os olhos dela? Ignorava da melhor forma possível.

Quando o cronômetro tocou, Kaz pegou o roupão com calma e o vestiu. Karou esperava que ele não soubesse que podia andar pelo estúdio. Fique onde está, tentou comunicar via pensamento. Mas ele não ficou. Caminhou até ela.

— Oi, panaca — disse Zuzana. — Está se achando, hein?

Ignorando-a, ele perguntou a Karou:

— Gostou da minha nova tatuagem?

Os alunos tinham se levantado para esticar as pernas, mas, em vez de saírem para fumar ou ir ao banheiro, ficaram andando casualmente a uma distância de que conseguissem ouvir a conversa.

— Claro — disse Karou, com a voz descontraída. — *K* de *Kazimir,* certo?

— Engraçadinha. Você sabe o que significa.

— Bem — refletiu ela, fazendo a pose do Pensador —, sei que você só ama uma pessoa de verdade, e o nome dela começa mesmo com K. Mas posso pensar em um lugar melhor para essa letra do que o coração. — Ela pegou o lápis e, no último desenho que fez de Kaz, acrescentou um K bem em cima da nádega classicamente esculpida.

Zuzana riu, e Kaz trincou os dentes. Como a maioria das pessoas vaidosas, detestava que debochassem dele.

— Não sou o único com uma tatuagem, sou, Karou? — perguntou. Ele olhou para Zuzana. — Ela já mostrou para você?

Zuzana ergueu para Karou a versão desconfiada de sua sobrancelha.

— Não sei de qual você está falando — mentiu Karou calmamente.

— Tenho várias tatuagens.

Para provar, ela não mostrou história ou verídica, ou a serpente enrolada em seu tornozelo, ou qualquer uma de suas outras obras artísticas escondidas. Em vez disso, levantou as mãos na frente do rosto, com as palmas para a frente. No meio de cada uma, havia um olho tingido de índigo-escuro, transformando as mãos dela em hamsás, os antigos símbolos de proteção contra mau-olhado. Tatuagens nas palmas das mãos costumam desbotar, mas isso nunca aconteceu com as de Karou. Tinha esses olhos desde que conseguia se lembrar; pelo que sabia da origem daquelas tatuagens, podia muito bem ter nascido com elas.

— Não essas — disse Kaz. — Estou falando da tatuagem com Kazimir escrito bem em cima do seu coração.

— Não tenho nenhuma tatuagem assim.

Ela fez uma voz espantada e desabotoou a parte de cima do suéter. Sob o agasalho, usava uma combinação, e a abaixou alguns poucos e reveladores centímetros para mostrar que realmente não havia nenhuma tatuagem em seu seio. A pele estava branca como leite.

Kaz piscou, aturdido.

— O quê? Como você...?

— Venha comigo!

Zuzana pegou a mão de Karou e a puxou para longe dali. Enquanto passavam por entre os cavaletes, todos os olhares

estavam sobre Karou, brilhando de curiosidade.

— Karou, vocês terminaram? — sussurrou Helen em inglês.

Zuzana, porém, levantou a mão num gesto imperativo que a silenciou, e arrastou Karou para fora do estúdio, em direção ao banheiro feminino. Lá, com a sobrancelha ainda erguida, perguntou:

— Que diabos foi aquilo?

— O quê?

— O quê? Você praticamente mostrou os peitos para o cara.

— Ah, por favor. Eu não mostrei meus peitos para ele.

— Não importa. Que história é essa de tatuagem em cima do coração?

— Acabei de mostrar para você. Não tem nada.

Ela não viu nenhuma razão para acrescentar que houvera alguma coisa ali antes. Preferia fingir que nunca tinha sido tão burra. Além disso, explicar como se livrara da tatuagem não era exatamente uma opção.

— Que bom! A última coisa de que você precisa é ter o nome daquele idiota no seu corpo. Dá para acreditar? Ele acha que é só balançar o penduricalho na sua frente como um brinquedinho para gato que você vai correndo atrás?

— É claro que é isso que ele acha — disse Karou. — Essa é a ideia dele de um gesto romântico.

— Você só precisa dizer a Fiala que ele anda perseguindo você, e ela vai chutar o traseiro dele para fora daqui.

Karou tinha pensado nisso, mas balançou a cabeça. Com certeza podia imaginar uma forma melhor de expulsar Kaz de sua aula e de sua vida. Tinha recursos à sua disposição que a maioria das pessoas não possuía. Iria pensar em alguma coisa.

— Mas não é nada desagradável desenhar o garoto. — Zuzana foi até o espelho e passou a mão pelo cabelo escuro, tirando alguns fios da testa.

— Tenho que admitir isso.

— É. Pena que seja um bundão tão grande.

— Um orifício enorme e idiota — concordou Zuzana.

— Uma fenda que anda e fala.

— Fenda. — Zuzana riu. — Gostei.

Karou teve uma ideia, e um sorriso levemente maldoso passou por seu rosto.

— O que foi? — perguntou Zuzana, quando notou o sorriso.

— Nada. É melhor voltarmos para lá.

— Tem certeza? Você não precisa voltar.

Karou assentiu.

— Sem problema.

Kaz já havia aproveitado tudo o que podia com aquela tramazinha. Agora era a vez dela. Voltando ao estúdio, ela tocou o colar que usava, com várias voltas de contas africanas usadas como escambo. Pelo menos, pareciam ser contas africanas. Só que eram mais do que isso. Não muito, mas o suficiente para o que Karou planejava.

FENDA

A professora Fiala pediu a Kaz para fazer uma pose reclinada durante o restante da aula, e ele se deitou no sofá-cama de uma forma que, se não chegava a obscena, era sem dúvida sugestiva, joelhos um pouco afastados, sorriso quase sensual. Não houve risadinhas dessa vez, mas Karou imaginou uma onda de calor na atmosfera, como se as garotas da sala — e pelo menos um dos meninos — precisassem se abanar. Ela não foi afetada. Dessa vez, quando Kaz olhou para Karou sob as pálpebras indolentes, ela sustentou seu olhar sem piscar.

Karou começou a fazer esboços e se esforçou ao máximo, pensando que seria apropriado que o relacionamento dos dois, tendo começado com um desenho, também terminasse com um.

Kaz estava sentado a duas mesas da dela no Bar do Bigode na primeira vez que o vira. Tinha um bigode retorcido de vilão, o que agora parecia um presságio, mas, enfim, era o Bar do Bigode. Todos usavam bigodes — Karou ostentava um ao estilo Fu Manchu, que tinha conseguido numa máquina de venda automática. Ela havia colado os dois bigodes no caderno de desenho mais tarde naquela noite — o caderno número noventa —, e o vão estufado entre as folhas tornava fácil localizar a página exata em que sua história com Kaz havia começado.

Ele estava tomando cerveja com alguns amigos, e Karou, que não conseguia desviar os olhos dele, o havia desenhado. Ela estava sempre desenhando, não apenas Brimstone e as outras criaturas de sua vida secreta, mas também pessoas e cenas da vida cotidiana. Falcoeiros e músicos de rua, padres ortodoxos com barbas que iam até a barriga, os eventuais rapazes bonitos.

Em geral ela conseguia passar despercebida, e os retratados não faziam ideia de que estavam sendo desenhados, mas naquele dia o rapaz bonito percebeu seu olhar e, quando Karou se deu conta, ele estava sorrindo sob o bigode falso e vindo em sua direção. Como Kaz havia ficado lisonjeado com o esboço! Ele havia mostrado o desenho aos amigos, pegado a mão dela para encorajá-la a se juntar a eles, e depois continuara a segurá-la, os dedos entrelaçados aos dela, mesmo quando Karou já estava sentada à sua mesa. Foi assim que tudo havia começado: ela reverenciando a beleza dele, e ele exultante com isso. E as coisas haviam continuado mais ou menos assim entre os dois.

É claro que Kaz também lhe dizia que ela era bonita — o tempo todo. Se não fosse, ele nunca teria ido falar com ela, para início de conversa. Kaz não era do tipo que procurava por beleza interior. Karou era, simplesmente, adorável. A pele macia, as pernas longas, o cabelo azul- celeste comprido e olhos de uma estrela de cinema mudo, ela se movia como um poema e sorria como uma esfinge. Não era só bonita; seu rosto parecia vibrante e vivo, o olhar sempre luminoso e faiscante, e tinha um jeito de inclinar a cabeça como um pássaro, os lábios pressionados enquanto os olhos escuros dançavam, o que sugeria segredos e mistérios.

Karou era misteriosa. Parecia não ter família, nunca falava sobre si mesma e era perita em se esquivar de perguntas — considerando o que seus amigos sabiam de seu passado, ela poderia muito bem ter nascido inteira da cabeça de Zeus. E era infinitamente surpreendente. Coisas curiosas viviam caindo de seus bolsos: antigas moedas de bronze, dentes, minúsculos tigres de jade menores do que a unha de seu polegar. Ela poderia revelar, enquanto pechinchava com um vendedor de rua africano, que falava iorubá com fluência. Uma vez Kaz a despira e encontrara uma faca escondida em sua bota. Havia também o fato de ninguém conseguir assustá-la e, é claro, as cicatrizes em seu abdômen: três reentrâncias brilhantes que só poderiam ter sido feitas por balas.

— Quem é você? — Kaz costumava perguntar, encantado.

E Karou respondia, melancólica:

— Eu não sei mesmo.

Porque não sabia mesmo.

Ela desenhava depressa agora, e não evitava os olhos de Kaz quando olhava para cima e para baixo, alternando entre o modelo e o esboço. Queria ver o rosto dele.

Queria ver o momento em que sua expressão mudaria.

Só depois de capturar a pose dele, Karou levantou a mão esquerda — continuando a desenhar com a direita — até as contas do colar. Pegou uma entre o polegar e o indicador e ficou segurando.

E então fez um pedido.

Era um desejo bem simples. Afinal, essas contas eram apenas scuppies. Como o dinheiro, os desejos recebiam denominações, e scuppies equivaliam a meros centavos. Tinham menos valor ainda do que os centavos, porque, ao contrário das moedas, os desejos não podiam ser combinados. É possível somar centavos até chegar a valores mais altos, mas scuppies sempre seriam apenas scuppies, e cordões inteiros deles, como aquele, nunca poderiam ser somados para se alcançar um pedido mais poderoso; somente vários desejos muito simples e quase inúteis.

Desejos, por exemplo, por coisas como coceiras.

Karou desejou que Kaz sentisse coceira, e a conta desapareceu entre seus dedos. Gasta e perdida. Ela nunca havia desejado uma coceira antes, então, para ter certeza de que funcionaria, começou por um lugar que ele não teria vergonha de coçar: o cotovelo. De fato, ele o esfregou casualmente contra uma almofada, quase sem sair da pose. Karou sorriu para si mesma e continuou a desenhar.

Alguns segundos depois, ela segurou outra conta e desejou mais uma coceira, dessa vez no nariz de Kaz. Outra conta desapareceu, o colar se encurtou de forma imperceptível, e o rosto dele se contraiu. Ele conseguiu resistir um pouco, mas acabou cedendo e coçou o nariz rapidamente com as costas da mão antes de retomar a posição. Karou não pôde deixar de notar que seu olhar sexy tinha sumido, e teve de morder o lábio para evitar um sorriso.

Ah, Kazimir, pensou ela, *você não devia ter vindo aqui hoje. Você devia mesmo ter dormido até mais tarde.*

Karou desejou a próxima coceira para o local escondido de seu plano maligno, e olhou bem nos olhos de Kaz no momento em que ela o atingiu. A testa dele se contraiu com a tensão repentina. Ela inclinou de leve a cabeça como quem pergunta: Algo errado, querido?

Aquele era um lugar que não podia ser coçado em público. Kaz ficou pálido. Mexeu os quadris; não conseguia ficar parado. Karou lhe deu uma curta trégua e continuou a desenhar. Tão logo Kaz começou a relaxar e... descontrair os músculos... ela atacou de novo e teve de conter uma risada quando o rosto dele ficou tenso.

Mais uma conta desapareceu entre seus dedos.

E depois outra.

Isso, pensou ela, *não é só por hoje. É por tudo.* Pela mágoa, que ainda doía como um soco no estômago toda vez que se lembrava, forte como se fosse recente, nos momentos mais imprevisíveis; pelas vezes em que ele mentiu sorrindo e pelas imagens mentais das quais ela não conseguia se livrar; pela vergonha de ter sido tão ingênua.

Pela solidão, que é pior quando se volta para ela depois de um tempo — como a versão para a alma da sensação de se vestir uma roupa de banho molhada: desagradável e deprimente.

E isso, pensou Karou, *sem sorrir mais, épelo irrecuperável.*

Por sua virgindade.

Naquela primeira vez, com a capa preta e nada por baixo, ela havia se sentido tão adulta... — como as garotas tchecas com quem Kaz e Josef costumavam sair, beldades eslavas descoladas com nomes como Svetla e Frantiska, que agiam como se nada pudesse surpreendê-las ou lhes fazer rir. Ela havia mesmo desejado ser igual a elas? Fingiu que era, fez o papel da garota — mulher — que não ligava. Tinha tratado sua virgindade como uma armadilha da infância, e então a havia perdido.

Não esperava ficar arrependida e, a princípio, não tinha ficado. O ato em si não havia sido nem decepcionante, nem mágico; foi o que era: uma nova intimidade. Um segredo compartilhado.

Ou pelo menos era o que ela havia pensado.

— Você está diferente, Karou — dissera Josef, amigo de Kaz, na vez seguinte em que se encontraram. — Você está... *brilhando?*

Kaz o socara no ombro para silenciá-lo, parecendo ao mesmo tempo envergonhado e convencido, e Karou entendeu que ele havia contado. Até mesmo para as garotas. Seus lábios vermelhos se curvaram com uma expressão convencida. Svetla — aquela que Karou depois flagrou com ele — inclusive fez um comentário, com a cara mais séria do mundo, sobre as capas voltarem a estar na moda, e Kaz ficou um pouco vermelho e desviou o olhar, a única indicação de que sabia que tinha agido mal.

Karou nunca contou nada para Zuzana, a princípio porque aquilo só dizia respeito a ela e a Kaz, e depois porque tinha vergonha. Ela não havia contado a ninguém, mas Brimstone, na inescrutável maneira que tinha de saber das coisas, adivinhara, e aproveitara a oportunidade para lhe dar uma rara lição de moral.

Aquilo havia sido interessante.

A voz do Mercador de Desejos era tão grave que quase parecia a sombra do som: uma melodia obscura que espreitava no registro mais baixo da audição.

— Não conheço muitas regras para serem seguidas na vida — dissera ele. — Mas essa é uma delas. É simples. Não coloque nada desnecessário dentro de você. Nenhum veneno ou produtos químicos, nenhum vapor ou fumaça ou álcool, nenhum objeto afiado, nenhuma agulha que não seja essencial, sejam drogas ou tatuagens, e... nenhum pênis que não seja essencial também.

— Um pênis que não seja essencial? — repetira Karou, adorando a frase, apesar de sua tristeza. — Existe algum que seja essencial?

— Quando aparecer um que seja essencial, você saberá — replicara ele. — Pare de se desperdiçar tanto, criança. Espere pelo amor.

— Amor.

Sua alegria evaporara. Ela havia pensado que aquilo era amor.

— O amor vai chegar, e você saberá reconhecê-lo — prometera Brimstone, e ela queria muito acreditar nele.

Ele estava por aí há centenas de anos, não é mesmo? Karou nunca tinha pensado antes sobre Brimstone e o amor — só de olhar para ele, não dava para achar que fosse um bom candidato a isso —, mas esperava que em suas centenas de anos tivesse acumulado alguma sabedoria, e que estivesse certo a respeito dela.

Porque, de todas as coisas no mundo, este era seu anseio de órfã: amor. E ela com certeza não tinha recebido isso de Kaz.

A ponta de seu lápis quebrou, de tão forte que o pressionava no desenho, e ao mesmo tempo uma explosão de raiva se

converteu em uma saraivada rápida de coceiras que encurtaram seu colar, transformando-o em uma gargantilha, e fizeram Kaz se catapultar para fora da plataforma do modelo. Karou soltou o colar e observou o ex-namorado. Ele já havia chegado à porta; com o roupão na mão, abriu-a e disparou para fora, ainda nu em sua pressa de escapar e encontrar um lugar onde pudesse resolver esse sofrimento humilhante.

A porta bateu, e a turma ficou ali parada, piscando aturdida diante do sofá-cama vazio. A professora Fiala estava olhando por cima da armação dos óculos para a porta, e Karou ficou com vergonha de si mesma.

Talvez tivesse ido longe demais.

— O que houve com o panaca? — perguntou Zuzana.

— Não tenho ideia — respondeu Karou, olhando para seu desenho.

Lá no papel estava Kaz em toda a sua sensualidade e elegância, parecendo esperar que uma amante fosse até ele. Podia ter sido um bom desenho, mas ela o havia arruinado. Tinha escurecido as linhas de seu trabalho e perdido toda a sutileza, terminando com rabiscos caóticos que cobriram... o pênis que não era essencial. Perguntou-se o que Brimstone pensaria dela agora. Ele sempre a repreendia pelo uso insensato de desejos — nos últimos tempos, por aquele que tinha feito com que as sobrancelhas de Svetla engrossassem da noite para o dia, até parecerem lagartas, e crescessem de volta no exato momento em que fossem arrancadas.

— Mulheres já foram queimadas em fogueiras por menos do que isso, Karou — disse ele.

Sorte minha, pensou ela, *que não estamos na Idade Média.*

4
SABOR DE VENENO

O restante do dia na escola foi normal. Dois tempos de química e laboratório de cor, seguidos de técnicas de desenho e por fim almoço. Zuzana então foi para a aula de fantoches, e Karou, para a de pintura, ambas as aulas em estúdio com duração de três horas, depois das quais saíram para a mesma escuridão invernal em que haviam chegado naquela manhã.

— Veneno? — perguntou Zuzana enquanto saíam pela porta.

— Precisa perguntar? — retrucou Karou. — Estou morrendo de fome.

Abaixaram o rosto para se proteger do vento gelado e caminharam em direção ao rio.

As ruas de Praga eram um devaneio que pouco fora tocado pelo século XXI — ou pelo XX ou XIX, aliás. Era uma cidade de alquimistas e sonhadores, suas pedras arredondadas e lisas no passado pisadas por golems, místicos, exércitos invasores. Casas altas resplandeciam em tons de amarelo vivo, carmim e azul-celeste, adornadas com gesso em estilo rococó e cobertas por telhados de um vermelho uniforme. As cúpulas barrocas tinham o verde suave do cobre antigo, e os campanários góticos estavam sempre prontos a empalar anjos decaídos. O vento carregava lembranças de magia, revolução, violinos, e as travessas pavimentadas serpenteavam como riachos. Brutamontes usavam perucas de Mozart e promoviam música de câmara nas esquinas, e marionetes pendiam das janelas, fazendo a cidade inteira parecer um teatro com titereiros invisíveis agachados atrás do veludo.

Acima disso tudo, erguia-se o castelo na colina, sua silhueta afiada como espinhos. À noite, a cidade ficava toda iluminada, banhada por uma luz misteriosa, e naquele fim de tarde o céu parecia baixo, pesado com a neve, produzindo halos transparentes em volta dos postes de luz.

Às margens do Córrego do Diabo, Sabor de Veneno era um lugar em que dificilmente se chegava por acaso; era preciso saber que ele estava lá, e se abaixar por sob um arco de pedra sem nada que o identificasse em direção a um cemitério cercado além do qual brilhavam as vidraças iluminadas do restaurante.

Infelizmente, os turistas não dependiam mais da sorte para descobrir o local; a edição mais recente do guia Lonely Planet o havia revelado para o mundo...

A igreja anexa a esse mosteiro medieval pegou fogo há cerca de trezentos anos, mas os alojamentos dos monges resistiram e foram transformados no restaurante mais estranho que já se viu, apinhado de estátuas clássicas usando as máscaras de gás da Primeira Guerra Mundial da coleção do proprietário. Diz a lenda que, na Idade Média, o cozinheiro enlouqueceu e assassinou todos no mosteiro com um barril de goulash envenenado; daí o mórbido nome do café e a especialidade da casa: goulash, é claro. Sente-se em um sofá de veludo e descanse os pés em um caixão. As caveiras atrás do bar podem pertencer ou não aos monges assassinados...

... e então, durante os últimos seis meses, mochileiros vinham enfiando a cabeça pelo arco, à procura de uma Praga mórbida sobre a qual pudessem escrever nos cartões-postais.

Naquela noite, no entanto, o lugar estava tranquilo quando as garotas chegaram. No canto, um casal estrangeiro tirava fotos de seus filhos usando máscaras de gás, e havia alguns homens curvados sobre o bar, mas a maioria das mesas — caixões, com namoradeiras de veludo em volta — estava desocupada. Havia estátuas romanas por toda parte, ninfas e deuses em tamanho real com asas e braços faltando, e, no meio da sala, uma réplica da enorme estátua equestre de Marco Aurélio, do Monte Capitólio.

— Ah, que bom, Peste está livre — disse Karou, seguindo em direção à escultura.

Tanto o gigantesco imperador quanto o cavalo usavam máscaras de gás, como todas as outras estátuas do recinto, e faziam Karou se lembrar do primeiro cavaleiro do Apocalipse, Peste, disseminando pragas com um braço estendido. As garotas preferiam a mesa que ficava à sombra da estátua, que tinha a vantagem de lhes dar privacidade e visão do bar — por entre as pernas do cavalo —, assim conseguiam ver quando entrava alguém interessante. Largaram os portfólios e penduraram os casacos nos dedos de pedra de Marco Aurélio. O proprietário caolho ergueu a mão atrás do bar, e elas acenaram de volta.

Frequentavam o lugar já fazia dois anos e meio, desde que tinham quinze e estavam no primeiro ano do Liceu. Karou, na época, era nova em Praga e não conhecia ninguém. Tinha acabado de aprender tcheco (através de desejo, não de estudo; Karou colecionava línguas, e era o que Brimstone sempre lhe dava de aniversário), e o idioma ainda lhe provocava uma sensação estranha na língua, como um tempero novo.

Estudara antes em um internato na Inglaterra e, embora conseguisse fazer um sotaque britânico impecável, usava o americano que havia adquirido na infância, então suas colegas de classe acreditavam que essa fosse, de fato, sua origem. Na verdade, ela não tinha nacionalidade alguma. Seus documentos eram todos falsificados, e os sotaques — todos com exceção de um, o de sua primeira língua, que não era de origem humana — eram mentiras.

Zuzana era tcheca, de uma longa linhagem de artesões de marionete em cesky Krumlov, uma pequena joia de cidade na Boêmia do Sul. O irmão mais velho chocara a família ao se alistar para o Exército, mas Zuzana tinha os fantoches no sangue e

estava dando continuidade à tradição familiar. Assim como Karou, não conhecia ninguém no Liceu e, por obra do destino, logo no início do primeiro semestre, foram colocadas juntas para pintar um mural em uma escola de ensino fundamental da região. Isso havia exigido uma semana de noites empoleiradas em escadas, e elas acabaram se acostumando a ir para o Sabor de Veneno depois. Fora lá que a amizade criara raízes, e, quando o mural terminara, o proprietário as contratara para pintar uma cena de esqueletos usando privadas no banheiro do restaurante. Como pagamento, ofereceu um mês de refeições grátis, garantindo assim que voltariam, e, dois anos depois, elas ainda continuavam vindo.

Pediram tigelas de goulash, que comeram enquanto conversavam sobre a proeza de Kaz, os pelos no nariz do professor de química — com os quais Zuzana tinha certeza de que era possível fazer uma trança — e ideias para os projetos do semestre. Em pouco tempo, a conversa mudou para o novo violinista gato da orquestra do Teatro de Marionetes de Praga.

— Ele tem namorada — lamentou Zuzana.

— O quê? Como você sabe?

— Ele está sempre mandando mensagens pelo celular nos intervalos.

— Essa é a sua evidência? Muito fraca. Talvez ele combata secretamente o crime, e envie enigmas irritantes para seu arqui-inimigo — sugeriu Karou.

— Claro, tenho certeza de que é isso. Obrigada.

— Estou só dizendo que talvez haja outras explicações além de uma namorada. Aliás, desde quando você é tímida? Fale logo com ele!

— E digo o quê? Você toca bem, bonitão?

— Isso aí.

Zuzana bufou. Ela trabalhava como assistente para os titereiros do teatro nos fins de semana e desenvolvera uma queda pelo violinista algumas semanas antes do Natal. Embora normalmente não fosse tão acanhada, ainda não havia falado com ele.

— Ele deve me achar uma criança — disse ela. — Você não sabe como é ser do tamanho de uma criança!

— Tamanho de uma marionete — corrigiu Karou, sem piedade alguma.

Ela achava a baixa estatura de Zuzana perfeita, como uma fada que se encontra em um bosque e que se quer colocar no bolso. Embora, nesse caso, houvesse o risco de a fada ter raiva e começar a morder.

— Ah, sim, Zuzana, a incrível marionete humana. Venha vê-la dançar.

— Zuzana mexeu os braços, em uma versão cômica de um balé de marionetes.

Em uma súbita inspiração, Karou disse:

— Ei, você devia fazer isso no seu projeto. Podia fazer um titereiro gigante, e você seria a marionete. Entendeu? Fazer de um jeito que, quando você se mexesse, funcionasse como, não sei, um fantoche ao contrário. Alguém já fez isso antes? Você é a marionete, dançando com suas cordinhas, mas na verdade são os seus movimentos que fazem com que as mãos do titereiro se mexam.

Zuzana estava levando um pedaço de pão até a boca e parou no meio do caminho. Karou sabia pelo olhar perdido da amiga que ela estava visualizando a cena. — Teria que ser um boneco realmente grande — disse ela.

— Posso fazer sua maquiagem, como a de uma pequena marionete bailarina.

— Tem certeza de que quer que eu faça? A ideia foi sua.

— Claro, como se eu fosse fazer uma marionete gigante... Fique à vontade.

— Bem, obrigada. Você já tem alguma ideia para o seu projeto?

Karou não tinha. No semestre passado, quando fizera aula de figurino, tinha construído asas de anjo para usar presas ao corpo, equipadas para funcionar através de um sistema de polias, que permitiria erguê-las e abaixá-las. A envergadura das asas totalmente abertas era de incríveis três metros e meio. Vestiu as asas para mostrar a Brimstone, mas nunca chegou até ele. Issa — geralmente tão gentil! — a deteve na entrada e sibilou para ela, o capelo aberto de um jeito que Karou vira poucas vezes em sua vida inteira.

— Logo um anjo, entre todas as abominações! Tire logo isso! Ah, minha doce menina, não suporto vê-la desse jeito.

Foi tudo muito estranho. As asas agora ficavam penduradas sobre a cama no pequeno apartamento de Karou, ocupando uma parede inteira.

Nesse período ela precisava arrumar um tema para uma série de pinturas, mas até então não lhe ocorrera nenhuma ideia brilhante. Enquanto considerava algumas opções, ouviu o tilintar de sinos à porta. Alguns homens entraram, e uma sombra que se movia rapidamente atrás deles chamou a atenção de Karou. Tinha o tamanho e a forma de um corvo, mas não era nada tão trivial.

Era Kishmish.

Ela se aprumou e olhou de relance para a amiga. Zuzana estava fazendo esboços de ideias para a marionete no caderno e mal respondeu quando Karou pediu licença. Ela entrou no banheiro, e a sombra a seguiu sem ser notada.

O mensageiro de Brimstone tinha o corpo e o bico de um corvo, mas as asas membranosas de um morcego, e sua língua, como se via quando sibilava, era bifurcada. Ele parecia ter escapado de uma das pinturas de Hieronymus Bosch e segurava um bilhete com os pés. Quando Karou pegou o papel, viu que suas garras afiadas o haviam perfurado.

Ela desdobrou o bilhete e leu a mensagem, o que levou dois segundos no máximo, já que dizia apenas: Tarefa que requer atenção imediata. Venha.

— Ele nunca diz “por favor” — comentou com Kishmish.

A criatura inclinou a cabeça para um lado, de uma forma tipicamente de corvo, como se perguntasse: Você vem?

— Eu vou, eu vou — disse Karou. — Não vou sempre?

Pouco depois, voltou-se para Zuzana.

— Preciso ir.

— O quê? — perguntou Zuzana, erguendo os olhos de seu caderno de desenho. — Mas... a sobremesa.

Já estava sobre o caixão: dois pratos de apfelstrudel e chá.

— Ah, droga — falou Karou. — Não posso. Tenho uma tarefa.

— Você e suas tarefas. O que você precisa fazer, assim tão de repente?

Ela viu o celular de Karou em cima do caixão e soube então que a amiga não recebera nenhuma ligação.

— São só umas coisas — disse Karou, e Zuzana deixou para lá, sabendo, por experiência própria, que não conseguiria descobrir nenhum detalhe.

Karou tinha coisas a fazer. Às vezes levavam algumas horas; outras vezes, ela sumia por dias e voltava cansada e desgrenhada; podia voltar pálida, ou bronzeada, ou mancando, ou com uma marca de mordida, e, uma vez, com uma febre que não passava e que no fim das contas era malária.

— Onde você conseguiu pegar uma doença tropical? — perguntara Zuzana.

— Hã, não sei direito. No bonde, talvez? Uma velhinha espirrou bem no meu rosto outro dia.

— Não é assim que se pega malária.

— Eu sei. Mas foi nojento. Estou pensando em comprar uma bicicleta elétrica só para não ter mais que pegar o bonde.

E esse foi o fim da conversa. Ser amiga de Karou incluía aceitar nunca conhecê-la de verdade. Zuzana, então, suspirou e disse:

— Está bem. Dois strudels para mim. Se eu ficar gorda, a culpa é sua.

E Karou deixou o Sabor de Veneno, com a sombra de algo que parecia um corvo disparando pela porta à sua frente.

OUTRO LUGAR

Kishmish alcançou o céu e foi embora com um bater de asas. Karou observou, desejando poder segui-lo. Que magnitude de desejo seria necessária, ela se perguntou, para ser capaz de voar?

Com certeza um bem mais poderoso do que aqueles a que já tivera acesso.

Brimstone não era mesquinho com os scuppies. Ele a deixava renovar seu colar quantas vezes quisesse a partir das xícaras de chá lascadas cheias de contas, e lhe pagava em shings de bronze pelas tarefas que realizava para ele. Um shing era o próximo valor na escala de desejos, e podia fazer mais do que um scuppy — as sobrancelhas de lagarta de Svetla eram um bom exemplo, assim como a remoção da tatuagem de Karou e seu cabelo azul —, mas ela nunca havia colocado as mãos em um desejo que pudesse fazer magia de verdade. E nunca iria, também, a não ser que fizesse alguma coisa para consegui-lo, e ela sabia bem demais como os humanos conseguem desejos. Principalmente com caça, roubo de túmulos e assassinato.

Ah, e havia ainda mais um jeito: uma forma específica de automutilação que envolvia alicates e muita força de vontade.

Não era como nos livros infantis. Nada de bruxas disfarçadas de velhinha à espreita na estrada, esperando para recompensar viajantes que compartilhassem seu pão. Gênios não surgiam de lâmpadas, e peixes falantes não negociavam por suas vidas. No mundo inteiro só havia um lugar onde os humanos conseguiam desejos: na loja de Brimstone. E só havia uma moeda que ele aceitava. Não era ouro, ou charadas, ou bondade, ou qualquer outra bobagem de contos de fada, e não, também não eram almas. Era mais estranho que qualquer uma dessas coisas.

Eram dentes.

Karou atravessou a ponte Charles e pegou o bonde para o Bairro Judeu, um gueto medieval que dera lugar a uma grande concentração de prédios residenciais art nouveau bonitos como bolos. Seu destino era a entrada de serviço na parte de trás de um deles. A porta simples de metal não parecia nada especial, e, na verdade, não era. Se fosse aberta por fora, revelaria apenas uma lavanderia mofada. Mas Karou não a abriu. Ela bateu e esperou, porque, quando a porta era aberta por dentro, podia levar a um lugar bem diferente.

A porta se abriu e lá estava Issa, exatamente como nos cadernos de Karou, parecendo uma deusa cobra em algum templo antigo. O rabo de serpente estava escondido nas sombras do pequeno vestíbulo.

— Que as bênçãos recaiam sobre você, querida!

— Que as bênçãos recaiam sobre você também! — devolveu Karou, com carinho, beijando-a na bochecha. — Kishmish chegou bem?

— Chegou, sim — respondeu Issa —, e parecia um floco de neve em meu ombro. Vamos, entre. Está um gelo na sua cidade.

Ela era a guardiã do portal e conduziu Karou para dentro, fechando a porta. As duas ficaram sozinhas em um espaço que não era maior do que um armário. A porta externa do vestíbulo tinha de ser fechada por completo antes que a interna pudesse ser aberta, como portas de segurança de aviários funcionavam para impedir que os pássaros fugissem. Só que, neste caso, não eram pássaros.

— Como foi seu dia, docinho?

Issa tinha meia dúzia de serpentes em cima dela, enrolando-se em volta de seus braços, passando pelo cabelo, e uma envolvia sua cintura esguia como o cinto de uma dançarina do ventre. Qualquer um que quisesse entrar deveria se submeter a usar uma serpente em volta do pescoço antes que a porta interna fosse aberta; qualquer um menos Karou, é claro. Ela era a única humana que entrava na loja sem colar. Era de confiança. Afinal, havia crescido naquele lugar.

— Foi um dia e tanto — disse Karou, suspirando. — Você não vai acreditar no que Kaz fez. Ele foi o modelo na minha aula de desenho.

Issa nunca tinha visto Kaz, é claro, mas o conhecia da mesma forma que Kaz a conhecia: pelos cadernos de Karou. A diferença é que, enquanto Kaz achava que Issa e seus seios perfeitos eram um fragmento erótico da imaginação de Karou, Issa sabia que Kaz era real.

Ela, Twiga e Yasri ficavam tão encantados com os cadernos de Karou quanto seus amigos humanos, mas por razões opostas. Eles gostavam de ver as coisas triviais: turistas aconchegados sob guarda-chuvas, galinhas em balcões, crianças brincando no parque. E Issa era especialmente fascinada pelos nus. Para ela, a forma humana — simples como era, sem estar misturada a outras espécies — era uma oportunidade perdida. Estava sempre observando Karou e fazendo comentários do tipo: “Acho que chifres lhe cairiam bem, docinho”, ou “Você daria uma ótima serpente”, da mesma forma que um humano sugeriria um novo corte de cabelo ou cor de batom.

Quando ouviu o que Karou disse, os olhos de Issa se iluminaram com ferocidade.

— Você quer dizer que ele foi na sua escola? Aquele bolo de carne de rato infame! Você o desenhou? Deixe-me ver.

Indignada ou não, ela não perderia uma oportunidade de ver Kaz pelado.

Karou pegou o caderno e o abriu.

— Você rabiscou a melhor parte — reclamou Issa.

— Pode acreditar, não é tão incrível assim.

Issa abafou uma risadinha com a mão, enquanto a porta da loja se abria com um rangido e Karou entrava pelo portal. Como sempre, ela sentiu uma leve náusea na transição.

Já não estava mais em Praga.

Mesmo já tendo morado na loja de Brimstone, Karou ainda não entendia onde ela ficava. Sabia apenas que podia atravessar portais em todo o mundo e acabar bem ali. Quando criança, costumava perguntar a Brimstone onde exatamente "aqui" ficava, apenas para ouvi-lo dizer de forma brusca: Outro Lugar.

Brimstone não era muito fã de perguntas.

Onde quer que ficasse, a loja era um caixote sem janelas lotado de prateleiras, que mais parecia um quarto de despejo da fada do dente — isso, é claro, se a fada do dente negociasse com todas as espécies. Presas de víbora, caninos, molares sulcados de elefantes, enormes incisivos alaranjados de roedores exóticos e selvagens — estavam todos armazenados em recipientes e armários de boticários, amarrados em guirlandas que pendiam de ganchos, ou guardados em centenas de potes que podiam ser chacoalhados como maracas.

O teto era abobadado como o de uma cripta, e pequenos seres corriam pelas sombras, suas garras minúsculas arranhando a pedra. Como Kishmish, essas eram criaturas díspares: escorpiões-camundongo, lagartixas-caranguejo, besouros-rato. Na umidade em torno dos canos de esgoto, havia caracóis com cabeças de sapo-boi, e, no alto, os onipresentes beija-flores com asas de mariposa se lançavam em direção aos lampiões, fazendo-os balançar e provocando o ranger das correntes de cobre.

No canto, Twiga estava curvado sobre seu trabalho, seu longo pescoço desajeitado arqueado como uma ferradura enquanto limpava dentes e os unia com ouro para amarrá-los com tripas. Um barulho veio do recanto da cozinha que era o domínio de Yasri.

E, mais para a esquerda, atrás de uma grande escrivaninha de carvalho, encontrava-se o próprio Brimstone. Kishmish estava empoleirado no lugar de costume, no chifre direito de seu mestre, e espalhados sobre a escrivaninha havia bandejas de dentes e pequenos baús de pedras preciosas. Brimstone estava amarrando-os em um colar, e não olhou para cima.

— Karou, acredito ter escrito "tarefa que requer atenção imediata".

— E foi por isso que vim imediatamente.

— Você demorou — ele consultou o relógio de bolso — quarenta minutos.

— Eu estava do outro lado da cidade. Se quer que eu venha mais rápido, me dê asas e vou apostar corrida com Kishmish. Ou apenas me dê um gavriel, e eu mesma desejarei voar.

Um gavriel era o segundo desejo mais poderoso, certamente suficiente para conceder o poder de voar. Ainda curvado sobre seu trabalho, Brimstone replicou:

— Acho que uma garota voadora não passaria despercebida em sua cidade.

— Facilmente resolvível — disse Karou. — É só me dar dois gavriéis e posso pedir para ficar invisível também.

Brimstone olhou para cima. Seus olhos eram como os de um crocodilo, amarelo-dourados com pupilas verticais, e não estavam contentes. Ele não lhe daria nenhum gavriel, Karou sabia disso. Não pediu porque tinha esperanças, mas porque a reclamação dele era muito injusta. Ela não tinha ido correndo assim que ele chamou?

— E eu poderia confiar em você com os gavriéis? — perguntou ele.

— É claro que sim. Que tipo de pergunta é essa? Karou sentiu que ele a avaliava, como se estivesse examinando mentalmente cada pedido que ela já fizera.

Cabelo azul: futilidade.

Fazer as espinhas sumirem: vaidade.

Desejar que a luz apagasse para não ter que levantar da cama: preguiça.

— Seu colar está parecendo bem pequeno. Teve um dia cheio? — perguntou ele.

Ela depressa ergueu a mão para cobri-lo. Tarde demais.

— Por que você tem que reparar em tudo?

Sem dúvida, o velho diabo sabia, de alguma forma, para que ela havia usado aqueles scuppies, e estava acrescentando isso à sua lista mental:

Fazer a fenda do ex-namorado coçar: vingança.

— Você é melhor que isso, Karou.

— Ele mereceu — replicou ela, esquecendo-se da vergonha anterior. Como Zuzana dissera, mau comportamento deve ser punido. E acrescentou: — Além disso, você não pergunta aos seus negociantes de que forma pretendem usar os desejos, e tenho certeza de que eles pedem coisa muito pior do que fazer as pessoas se coçarem.

— Espero que você seja melhor do que eles — disse Brimstone simplesmente.

— Está sugerindo que eu *não sou?*

Os negociantes de dente que vinham à loja eram, com poucas exceções, os piores espécimes que a humanidade tinha a oferecer. Embora Brimstone tivesse um pequeno grupo de parceiros de longa data que não revirava o estômago de Karou —

como a revendedora de diamantes aposentada que se passara por sua avó em várias ocasiões para matriculá-la nas escolas —, a maioria era um bando de imprestáveis desalmados com sangue seco sob as unhas. Eles matavam e mutilavam. Carregavam alicates nos bolsos para extrair os dentes dos mortos — e, às vezes, dos vivos. Karou os odiava, e com certeza era melhor do que eles.

— Prove que você é, usando os desejos para o bem — disse Brimstone.

— Aliás, quem é você para falar sobre bem? — perguntou ela, irritada, e indicou o colar preso com força em suas enormes garras. Dentes de crocodilo, que deviam ser do somali. Também caninos de lobo, molares de cavalo e contas de hematita. — Eu me pergunto quantos animais morreram no mundo hoje por sua causa. Sem falar das pessoas.

Ela ouviu Issa prender a respiração, surpresa, e sabia que devia se calar, mas sua boca continuou se movendo.

— Não, é sério. Você negocia com assassinos e não precisa nem ver os corpos que são deixados para trás. Você espreita aqui como um troll...

— Karou — interrompeu Brimstone.

— Mas eu já os vi, pilhas de criaturas mortas com bocas ensanguentadas. Aquelas garotas com as bocas cheias de sangue; nunca vou conseguir esquecer enquanto estiver viva. Para que tudo isso? O que você faz com esses dentes? Se me contasse, talvez eu pudesse entender. Tem que haver um motivo...

— *Karou* — advertiu Brimstone novamente.

Ele não falou "cale a boca". Não precisava. Sua voz transmitia isso claramente e, para completar, ele levantou de repente da cadeira.

Karou calou a boca.

Às vezes, talvez na maioria delas, ela se esquecia de ver Brimstone. Ele já lhe era tão familiar que, quando o olhava, não via uma besta, mas a criatura que, por razões desconhecidas, a criara desde que era bebê, e não sem carinho. Mas ele ainda conseguia fazê-la se calar algumas vezes, como, por exemplo, quando usava aquele tom de voz, que deslizava como um silvo para o cerne de sua consciência e abria seus olhos para a completa e assustadora realidade do que ele era.

Brimstone era um monstro.

Se ele, Issa, Twiga e Yasri saíssem da loja, é como os humanos lhes chamariam: monstros. Demônios, talvez, ou diabos. Eles chamavam a si mesmos de quimeras.

Os braços e o torso gigantesco de Brimstone eram suas únicas partes humanas, embora a pele grossa que os cobria fosse mais couro do que pele. Seu peitoral largo estava fendido por cicatrizes antigas — um mamilo completamente coberto —, e seus ombros e costas eram entalhados por mais marcas: uma rede de hachuras brancas enrugadas e entrecruzadas. Abaixo da cintura, ele se tornava outra coisa. Suas ancas eram cobertas por uma pelagem de um dourado claro e torneada por músculos leoninos, mas, em vez das patas almofadadas de um leão, estreitavam-se em perigosas patas com garras, que poderiam ser de uma ave de rapina ou de um lagarto — ou talvez, pensava Karou, de um dragão.

E então havia a cabeça. No geral, parecia com a de um carneiro, mas sem pelos e com o mesmo couro marrom e grosso que cobria o restante do corpo. Essa pele dava lugar a escamas em volta do nariz ovino achatado e dos olhos reptilianos, e havia gigantescos chifres amarelados de carneiro que espiralavam de cada lado de seu rosto.

Ele usava um conjunto de lentes de joalheiro preso a uma corrente, e seus aros, em um tom de ouro velho, eram o único ornamento que Brimstone carregava, se não se levasse em conta a outra coisa em volta de seu pescoço, que não tinha nenhum brilho que chamasse a atenção. Era apenas um velho osso da sorte, que ficava preso bem na concavidade de sua garganta. Karou não sabia por que ele o usava; só sabia que não podia tocá-lo, o que, é claro, sempre provocara nela o desejo de fazer exatamente isso. Quando ainda era bebê e ele a embalava sobre o joelho, ela tentava agarrar o osso em ataques-relâmpago, mas Brimstone sempre era mais rápido. Karou nunca tinha conseguido tocá-lo nem com a ponta do dedo.

Agora que já estava crescida, tinha um pouco mais de decoro, mas às vezes ainda se pegava doida para apanhá-lo. Mas não agora. Ainda assustada depois de Brimstone ter se levantado de repente, sentiu sua rebeldia se acalmar. Deu um passo para trás e perguntou em voz baixa:

— Então, hã, e a tal tarefa urgente? Aonde você quer que eu vá?

Ele jogou para ela uma pasta cheia de notas coloridas, que ela descobriu serem euros. Muitos euros.

— Paris — declarou Brimstone. — Divirta-se.

6
O ANJO DA EXTINÇÃO

Divirta-se?

— Ah, sim — murmurou Karou para si mesma mais tarde naquela noite, enquanto descia a escada do metrô de Paris arrastando cento e cinquenta quilos de marfim de elefante ilegal. — Estou me divertindo tanto!

Quando deixara a loja de Brimstone, Issa abrira para ela a mesma porta pela qual tinha entrado, mas, quando voltou à rua, não voltara a Praga. Estava em Paris; simples assim.

Não importava quantas vezes passasse pelo portal, a emoção nunca diminuía. Ele se abria para dezenas de cidades, e Karou já tinha ido a todas elas, em tarefas como esta ou, às vezes, a passeio. Brimstone a deixava sair para passear e desenhar em qualquer lugar do mundo em que não houvesse guerra, e, quando ela ficava com vontade de comer manga, abria a porta para a índia, sob a condição de que trouxesse algumas para ele também. Ela até mesmo conseguira convencê-lo a deixá-la sair em expedições de compras por feirinhas exóticas e a este mesmo lugar, no mercado de pulgas de Paris, para mobiliar seu apartamento.

Aonde quer que fosse, quando a porta se fechava atrás dela, a conexão com a loja estava cortada. Qualquer que fosse a magia usada, existia somente naquele outro mundo — no Outro Lugar, como costumava pensar nele — e não podia ser conjurada deste lado. Ninguém jamais conseguiria forçar a entrada na loja. Só era possível irromper por uma porta terrena que não levava para onde se queria ir.

Até mesmo Karou dependia dos caprichos de Brimstone para deixá-la entrar. Algumas vezes ele não permitia, não importava o quanto batesse, embora ele nunca a tivesse deixado desamparada durante uma tarefa, e ela esperava que nunca fizesse isso.

Essa tarefa acabou se revelando um leilão de mercado negro em um depósito nos arredores de Paris. Karou já estivera em vários desse tipo, e eram todos iguais. Aceitava-se somente dinheiro, é claro, e era frequentado por diversas figuras do submundo, como ditadores exilados e senhores do crime com pretensões culturais. Os itens do leilão eram uma salada mista de peças roubadas de museus — um desenho de Chagall, a úvula seca de algum santo decapitado, um par de presas de um elefante africano macho adulto. Isso. Um par de presas de um elefante africano macho adulto.

Karou suspirou quando as viu. Brimstone não lhe contara atrás de que ela estava indo, só que saberia quando visse, e Karou realmente soube. Ah, e não seria uma delícia levá-las usando transporte público?

Ao contrário dos outros participantes do leilão, ela não tinha um grande carro preto à espera, ou dois guarda-costas brutamontes para fazer o trabalho pesado. Só tinha uma corrente de scuppies e seu charme, mas nenhum dos dois foi suficiente para convencer um motorista de táxi a prender presas de elefante de dois metros de comprimento em cima do carro. Então, resmungando, Karou teve de arrastá-las por seis quarteirões até a estação de metrô mais próxima, depois escada abaixo e pela roleta. Estavam embaladas em lona e presas com fita adesiva, e, quando um músico de rua abaixou o violino para perguntar "Ei, querida, o que você tem aí?", ela respondeu: "Músicos que fizeram perguntas", e continuou a arrastá-las.

Podia ter sido pior, com certeza, e quase sempre era. Brimstone a enviava a alguns lugares horríveis em busca de dentes. Depois de São Petersburgo, enquanto estava se recuperando após ter sido alvejada, havia perguntado:

— Minha vida vale mesmo tão pouco assim para você?

Logo que a pergunta saíra de sua boca, ela se arrependeu. Se a vida dela valesse tão pouco para ele, Karou não queria que Brimstone admitisse. Ele tinha seus defeitos, mas ele, Issa, Twiga e Yasri eram sua única família. Se ela era apenas algum tipo de escrava dispensável, não queria saber.

A resposta dele nem confirmou, nem descartou seu medo.

— Sua vida? Você quer dizer seu corpo? Seu corpo é apenas um envelope, Karou. Sua alma é outra questão, e não está, até onde sei, correndo nenhum perigo imediato.

— Um *envelope?*

Ela não gostou de pensar em seu corpo como um envelope; algo que outros podiam abrir, revirar e tirar coisas como papéis recortados de dentro.

— Achei que você pensasse da mesma forma — dissera ele. — Pelo modo como você o enche de rabiscos.

Brimstone não aprovava suas tatuagens, o que era engraçado, uma vez que tinha sido o responsável pelas primeiras, os olhos nas palmas de suas mãos. Pelo menos Karou suspeitava que fosse, embora não soubesse com certeza, porque Brimstone era incapaz de responder até mesmo às perguntas mais simples.

— Deixa pra lá — dissera ela, com um suspiro doloroso.

Doloroso mesmo. Levar um tiro machuca, nada de surpreendente nisso. É claro que ela não podia alegar que Brimstone a enviara despreparada para o perigo. Ele tinha tomado o cuidado de que ela fosse treinada desde muito nova em artes marciais. Ela nunca mencionava isso aos amigos — aquilo não era algo do que se gabar, como seu sensei havia lhe ensinado desde cedo —, e

eles ficariam surpresos de saber que a elegância de Karou e sua coluna ereta andavam de mãos dadas com uma habilidade letal. Letal ou não, ela teve o azar de descobrir que o caratê não era tão eficaz contra armas de fogo.

Karou havia se recuperado rapidamente com a ajuda de um bálsamo pungente e — suspeitava ela — de magia, mas sua coragem juvenil tinha sido abalada, e agora partia para as tarefas mais apreensiva.

O metrô chegou, e ela lutou para conseguir passar pelas portas com a carga, tentando não pensar muito no que havia ali ou na vida magnífica que fora extinta em algum lugar na África, ainda que talvez não recentemente. Aquelas presas eram imensas, e Karou sabia que as presas de elefantes em geral não cresciam tanto nos dias de hoje — graças aos caçadores. Ao matarem os maiores machos, eles alteraram a genética dos elefantes. Era revoltante, e lá estava ela, parte daquela transação sangrenta, transportando contrabando de espécies em risco de extinção na porcaria do metrô de Paris.

Ela confinou o pensamento em um canto escondido da mente e ficou olhando pela janela enquanto o trem se movia rapidamente pelos túneis. Não podia se permitir pensar sobre isso. Sempre que pensava, sua vida parecia sórdida e coberta de sangue.

No semestre passado, quando fizera as asas, nomeara a si mesma "Anjo da Extinção", e era bastante apropriado. As asas foram feitas de penas verdadeiras, "emprestadas" de Brimstone — centenas delas, trazidas para ele ao longo dos anos por negociantes. Ela costumava brincar com as penas quando era pequena, antes de entender que pássaros tinham sido mortos por elas, espécies inteiras levadas à extinção.

Ela foi inocente um dia, uma garotinha no covil de um demônio brincando com penas espalhadas pelo chão. Mas a inocência acabou, e ela não sabia o que fazer. Esta era sua vida: magia e vergonha e segredos e dentes e um vazio profundo e perturbador, onde alguma coisa certamente estava faltando.

Karou era atormentada pelo pensamento de não estar inteira. Ela não sabia o que isso significava, mas era um sentimento permanente, uma sensação parecida com a de ter esquecido alguma coisa. Tentara descrever o que sentia para Issa uma vez, quando ainda era criança:

— É como estar na cozinha e saber que foi até lá por algum motivo, mas não conseguir se lembrar qual era, não importa o que faça.

— E é assim que você se sente? — perguntou Issa, franzindo as sobrancelhas.

— O tempo todo.

Issa apenas a puxou para perto e acariciou seu cabelo — na época, da cor natural, quase preto — e disse, de forma não muito convincente:

— Tenho certeza de que não é nada, querida. Tente não se preocupar.

Certo.

Bem. Subir os degraus do metrô com as presas, quando chegou ao seu destino, foi ainda mais difícil do que arrastá-las lá para baixo, e, ao chegar ao topo, Karou já estava exausta, suando por baixo do casaco de inverno e muito irritada. O portal ainda ficava a alguns quarteirões de distância, ligado à entrada de um pequeno depósito anexo a uma sinagoga, e, quando finalmente o alcançou, encontrou dois rabinos ortodoxos muito envolvidos em uma conversa bem diante dele.

— Perfeito — murmurou ela.

Passou por eles e se apoiou em um portão de ferro, fora do campo de visão, para esperar enquanto falavam em tom perplexo e exaltado sobre algum ato de vandalismo. Finalmente saíram, e Karou arrastou as presas até a pequena porta e bateu. Como sempre acontecia enquanto esperava diante de um portal em alguma entrada dos fundos do mundo, ela imaginou como seria se fosse abandonada. Às vezes se passavam vários minutos até Issa abrir a porta e, toda vez, Karou considerava a possibilidade de ela não ser aberta. Havia sempre uma pontada de medo de ficar trancada do lado de fora, não só naquela noite, mas para sempre. Aquele cenário a deixava bastante consciente de sua fragilidade. Se algum dia a porta não abrisse, ela ficaria sozinha.

O momento se prolongou, e Karou, que se apoiava cansada na ombreira da porta, notou alguma coisa. Ela se endireitou. Na superfície da porta havia uma marca de mão, grande e escura. Não teria sido tão estranho se não fosse o fato de parecer ter sido queimada na madeira. Uma queimadura, mas com os contornos perfeitos da mão. Devia ser sobre isso que os rabinos estavam conversando. Karou passou o dedo sobre a marca inteira, descobrindo que ela havia, na verdade, sido entalhada na madeira, de modo que sua própria mão se encaixava dentro dela, ainda que fosse bem menor. Quando a tirou, seus dedos estavam cobertos por uma fina camada de cinzas. Ela limpou a mão, desconcertada.

O que tinha feito aquilo? Uma marca tão nítida? Às vezes os negociantes de Brimstone deixavam uma marca para encontrar os portais na próxima visita, mas geralmente era apenas uma mancha de tinta ou um simples entalhe em X feito a faca. Aquilo era um pouco sofisticado demais para eles.

A porta se abriu, rangendo, para o profundo alívio de Karou.

— Correu tudo bem? — perguntou Issa.

Karou levou com grande esforço as presas para dentro do vestíbulo, tendo de empurrá-las para um canto para que coubessem.

— Claro — respondeu, desmoronando na parede. — Eu arrastaria presas por Paris todas as noites se pudesse. Foi tão divertido.

7
MARCAS NEGRAS DE MAO

Por todo o mundo, em alguns dias, marcas negras de mão apareceram em várias portas, cada uma talhada profundamente a fogo em madeira ou metal. Nairóbi, Nova Délhi, São Petersburgo e algumas outras cidades. Foi um fenômeno. No Cairo, o proprietário de uma casa de narguilé pintou a porta de trás para cobrir a marca que havia encontrado, mas horas depois descobriu que ela havia voltado a arder através da tinta e estava tão negra quanto antes. Havia algumas testemunhas desses atos de vandalismo, mas ninguém acreditava no que alegaram ver.

— Só com a mão — disse uma criança em Nova York à mãe, apontando para a janela. — Ele só colocou a mão ali, e ela brilhou e saiu fumaça.

A mãe suspirou e voltou para a cama. O menino costumava ser um grande mentiroso, o que era uma pena, pois dessa vez estava dizendo a verdade. Tinha visto um homem alto colocar a mão na porta e marcá-la a fogo.

— A sombra dele era esquisita — disse o menino à mãe, recuando. — Não tinha o formato dele.

Um turista bêbado em Bangcoc testemunhou uma cena bastante parecida, embora dessa vez a marca tivesse sido feita por uma mulher de uma beleza tão incrível que ele a seguiu, encantado, e a viu — como alegou — sair dali voando.

— Ela não tinha asas — contou ele aos amigos —, mas a sombra dela tinha.

— Os olhos dele eram como fogo — disse um senhor que viu um dos desconhecidos do pombal no seu telhado. — Choveram fagulhas quando ele voou dali.

E o mesmo aconteceu em vielas de bairros pobres e pátios escuros de Kuala Lumpur, Istambul, São Francisco, Paris. Belos homens e mulheres com sombras distorcidas vinham e deixavam marcas de suas mãos feitas a fogo nas portas antes de desaparecer no céu, correntes de calor agitando- se atrás deles e o vush de asas invisíveis. Aqui e ali, caíam penas, e elas eram como tufos de fogo branco, desintegrando-se em cinzas tão logo tocavam o chão. Em Nova Délhi, uma Irmã da Misericórdia estendeu a mão e pegou uma pena como se fosse uma gota de chuva, mas, diferentemente de uma gota, a pena pegou fogo e deixou seu contorno perfeito marcado na pele da mulher.

— Anjo — sussurrou ela, apreciando a dor.

E não estava de todo errada.

GAVRIÉIS

Quando Karou entrou na loja, descobriu que Brimstone não estava sozinho. Um negociante estava sentado diante dele, um caçador americano repulsivo cujo rosto estava coberto pela maior e mais suja barba que ela já vira.

Karou se virou para Issa e fez uma careta.

— Eu sei — concordou Issa, passando pela entrada com uma ondulação de seus músculos de serpente. — Dei Avigeth a ele. Ela está prestes a trocar de pele. Karou riu.

Avigeth era a cobra-coral enrolada em volta do pescoço grosso do caçador, formando um colar bonito demais para sua aparência. Suas faixas pretas, amarelas e rubras pareciam, mesmo naquele estado embotado, um belo cloisonné chinês. Mas, apesar de toda a sua beleza, Avigeth era mortal, e mais ainda quando a coceira de sua muda iminente a deixava irritada. Ela entrava e saía da barba volumosa, como se quisesse lembrar constantemente ao negociante que devia se comportar se desejasse viver.

— Em nome dos animais da América do Norte, você não pode simplesmente fazê-la dar uma mordida nele? — sussurrou Karou.

— Poderia, mas Brimstone não ficaria nada feliz. Como você bem sabe, Bain é um de seus melhores negociantes.

Karou suspirou.

— Eu sei.

Por mais tempo até do que ela existia, Bain vinha fornecendo a Brimstone dentes de urso — pardo, negro e polar —, assim como de lince, raposa, puma, lobo e, algumas vezes, até mesmo de cachorro. Ele havia se especializado em predadores, sempre de grande valor ali. Também eram, como Karou ressaltara para Brimstone em várias ocasiões, de grande valor para o mundo. A quantas lindas carcaças aquela pilha de dentes correspondia?

Ela observava, consternada, enquanto Brimstone tirava dois grandes medalhões de ouro de dentro de sua caixa-forte, cada qual do tamanho de um pires e gravado com sua própria imagem. Gavriéis. Suficientes para Karou comprar a capacidade de voar e a invisibilidade, e Brimstone os empurrou pela mesa em direção ao caçador. Karou fez cara feia quando Bain os guardou no bolso e se levantou da cadeira, movendo-se lentamente para não provocar Avigeth. Com o canto de um dos olhos maldosos, ele lançou um olhar a Karou que podia quase jurar que era de triunfo, e então teve a cara de pau de piscar.

Karou trincou os dentes e não disse nada enquanto Issa acompanhava Bain até a saída. Tinha sido naquela mesma manhã que Kaz havia piscado para ela da plataforma dos modelos? Que dia!

A porta se fechou, e Brimstone acenou para que Karou se aproximasse. Ela levou com esforço as presas de elefante embaladas em lona até ele e deixou o embrulho desabar no piso da loja.

— Tome cuidado! — ladrou ele. — Você sabe quanto vale isso aí?

— Na verdade, sei sim, já que acabei de pagar por elas.

— Esse é o valor *humano*. Os idiotas as entalhariam em pedacinhos para fazer bugigangas e quinquilharias.

— E o que você vai fazer com elas? — perguntou Karou, mantendo a voz bem casual, como se Brimstone pudesse se distrair e revelar, por fim, o mistério no âmago de tudo: o que diabos ele fazia com todos aqueles dentes?

Ele apenas lhe lançou um olhar cansado, como se dissesse: *boa tentativa*.

— O quê? Foi você que tocou no assunto. E não, eu não sei o valor inumano de presas. Não tenho ideia.

— Além de qualquer preço.

Ele começou a serrar a fita adesiva com uma faca curva.

— Foi bom eu estar com alguns scuppies, então — disse Karou, deixando-se cair na cadeira em que Bain estava sentado antes. — Ou você teria perdido suas presas preciosas para outro arrematante.

— O quê?

— Você não me deu dinheiro suficiente. Aquele criminoso de guerra desgraçado ficava aumentando o lance... Bem, não tenho certeza se ele era isso mesmo, mas tinha certo ar indefinível de criminoso de guerra... E eu pude ver que estava determinado a consegui-las, então eu... Talvez eu não devesse ter feito isso, mas, já que você não aprova minhas atitudes... mesquinhas, não foi isso que você disse?

Ela sorriu com doçura e balançou as contas que sobravam em seu colar, que agora mais parecia uma pulseira. Karou havia usado seu novo truque de coceira no homem, desejando um ataque implacável de coceiras na fenda até ele sair correndo da sala. Com certeza, Brimstone sabia disso; ele sempre sabia. Seria legal, ela pensou, se ele agradecesse. Em vez disso, apenas jogou uma moeda na mesa.

Um mero shing.

— Só isso? Eu arrastei isso pela cidade de Paris inteira por você por um shing, enquanto o barbudo vai embora com dois gavriéis?

Brimstone a ignorou e tirou as presas do invólucro. Twiga veio trocar ideias com ele, e conversaram em voz baixa na própria língua, que Karou aprendeu desde o berço da maneira natural, e não através de desejo. Era uma língua áspera, cheia de rosnados e fricativos, com muitos dos sons produzidos na garganta. Em comparação, até o alemão e o hebraico pareciam melodiosos.

Enquanto falavam de configurações de dentes, Karou pegou vários scuppies das xícaras e dedicou-se a tornar a encher seu cordão de desejos quase inúteis, resolvendo mantê-lo como um bracelete de várias voltas por enquanto. Twiga rebocou as presas até o canto para limpá-las, e Karou cogitou ir para casa.

Casa. A palavra sempre vinha acompanhada de aspas em sua mente. Ela havia feito o possível para tornar o apartamento aconchegante, preenchendo-o com obras de arte, livros, luminárias decorativas e um tapete persa tão macio quanto pelo de lince, e, é claro, havia também suas asas de anjo, que ocupavam uma parede inteira. Mas não havia salvação para seu vazio real; o ar ali era agitado apenas pela respiração dela. Quando estava sozinha, o lugar vazio dentro de si, a sensação de que faltava alguma coisa, parecia aumentar. Mesmo ficar com Kaz tinha servido para manter aquela sensação afastada, ainda que não o bastante. Nunca o bastante.

Ela pensou na pequena cama que costumava ser dela, enfiada atrás das estantes altas de livros na parte de trás da loja, e desejou, por capricho, que pudesse passar a noite ali. Poderia cair no sono como costumava fazer, ao som de vozes murmuradas, do deslizar suave de Issa, do arranhar das garras de pequenas criaturas correndo nas sombras.

— Docinho — chamou Yasri, saindo da cozinha com uma bandeja de chá. Além do bule havia um prato de folhados recheados com creme de ovos na forma de chifres, que eram sua especialidade. — Você deve estar com fome — falou, com sua voz de papagaio. Com um olhar de lado para Brimstone, acrescentou: — Não é saudável para uma jovem em fase de crescimento ficar sempre correndo para lá e para cá num piscar de olhos.

— Essa sou eu, a garota-para-lá-e-para-cá — disse Karou.

Pegou um folhado e se jogou na cadeira para comê-lo.

Brimstone olhou para ela, e depois disse a Yasri:

— E imagino que seja saudável para uma garota em fase de crescimento viver de doces.

— Tsc, tsc, tsc — fez Yasri. — Eu ficaria feliz em preparar uma refeição adequada para ela se você alguma vez me avisasse com antecedência, seu selvagem. — Virou-se para Karou. — Você está muito magrinha, querida. Isso não é nada bom.

— Também acho — concordou Issa, acariciando o cabelo de Karou.

— Ela devia ser um leopardo, você não acha? Elegante e preguiçosa, com o pelo quente de tanto pegar sol, e não tão magra. Uma garota-leopardo bem alimentada, tomando uma tigela de leite.

Karou sorriu e comeu. Yasri serviu chá para eles todos, da forma como gostavam, o que significava quatro pedrinhas de açúcar para Brimstone. Após todos aqueles anos, Karou ainda achava engraçado que o Mercador de Desejos fosse louco por doces. Ela o observou se curvar de volta para seu trabalho interminável, amarrando dentes em colares.

— *Oryx leucoryx* — identificou ela, quando ele escolheu um dente da bandeja.

Ele não ficou impressionado.

— Antílopes são brincadeira de criança.

— Escolha um difícil, então.

Ele estendeu para ela um dente de tubarão, e Karou se lembrou das horas que tinha passado sentada ali com ele quando era criança, aprendendo sobre os dentes.

— Anequim — disse ela.

— De barbatana longa ou curta?

— Humm... — Ela ficou parada, segurando o dente entre o polegar e o indicador. Brimstone a havia treinado naquela arte desde que era pequena, e ela podia identificar a origem e a integridade dos dentes através de suas vibrações sutis. — Curta.

Ele soltou um grunhido, o que era o mais perto que chegaria de um elogio.

— Você sabia que os fetos de anequim comem uns aos outros enquanto estão no útero? — perguntou Karou a ele.

Issa, que estava acariciando Avigeth, emitiu um som de repulsa.

— É verdade. Só os fetos canibais sobrevivem antes do nascimento. Imagina se as pessoas fossem assim!

Ela colocou os pés em cima da mesa e, dois segundos mais tarde, depois de um olhar sombrio de Brimstone, voltou a abaixá-los.

O aconchego da loja a estava deixando sonolenta. A cama lá no seu cantinho a convidava, assim como o cobertor que Yasri fizera para ela, tão macio após anos se aninhando nele.

— Brimstone — começou ela, hesitante. — Você acha...?

Naquele momento, ouviu-se uma batida surda e forte.

— Ai, minha nossa! — exclamou Yasri, batendo o bico, agitada, enquanto reunia as louças do chá.

Era na outra porta da loja.

Atrás da área de trabalho de Twiga, na parte da loja coberta pelas sombras, onde nunca havia iluminação, existia uma segunda porta. Em toda a vida de Karou, aquela porta nunca havia sido aberta em sua presença. Ela não tinha ideia do que havia ali atrás.

Ouviu-se a batida mais uma vez, tão forte que sacudiu os dentes nos potes. Brimstone se levantou, e Karou sabia o que era esperado dela — que se levantasse também e saísse na mesma hora —, mas continuou largada na cadeira.

— Vai, me deixa ficar — pediu ela. — Vou ficar em silêncio. Vou para a minha cama. Não vou olhar...

— Karou — disse Brimstone. — Você conhece as regras.

— Eu odeio as regras.

Ele deu um passo na direção dela, preparado para tirá-la da cadeira se não obedecesse, e ela se levantou na mesma hora, com as mãos para cima, em um gesto de rendição.

— Está bem, está bem.

Ela vestiu o casaco enquanto as batidas continuavam e pegou outro folhado da bandeja de Yasri antes de deixar Issa conduzi-la ao vestíbulo. A porta se fechou atrás delas, bloqueando o som.

Ela nem se deu ao trabalho de perguntar a Issa quem estava na porta — Issa nunca revelava os segredos de Brimstone. Mas disse, meio chorosa:

— Eu ia perguntar a Brimstone se podia dormir na minha antiga cama.

Issa se inclinou para a frente para beijá-la na bochecha.

— Ah, docinho, não seria ótimo? Podemos esperar bem aqui, como fazíamos quando você era pequena.

Ah, sim. Quando Karou era pequena demais para ficar sozinha nas ruas do mundo, Issa a mantinha ali. Algumas vezes passavam horas encolhidas naquele espaço minúsculo, enquanto Issa tentava distraí-la cantando ou desenhando — na verdade, tinha sido Issa quem a fizera começar a desenhar —, ou coroando-a com suas cobras venenosas, enquanto lá dentro Brimstone confrontava o que quer que se escondesse do outro lado da porta.

— Você pode entrar de novo — continuou Issa —, depois.

— Tudo bem — concordou Karou, com um suspiro. — Eu vou embora.

Issa apertou o braço dela e disse:

— Doces sonhos, docinho.

E Karou se encolheu e saiu para a noite fria. Enquanto caminhava, os relógios das torres por toda Praga começaram a soar meia-noite, e a longa e carregada segunda-feira finalmente terminou.

9

OS PORTAIS DO DEMONIO

Akiva estava de pé na beirada de um terraço em Riad, espreitando uma porta na travessa lá embaixo. Era tão indefinível quanto as outras, mas ele sabia bem o que era. Dava para sentir sua acre aura de magia como uma dor por trás dos olhos.

Era um dos portais do demônio para o mundo humano.

Estendendo as enormes asas que só eram visíveis em sua sombra, ele planou até lá, aterrissando numa chuva de fagulhas. Um varredor de rua o viu e caiu de joelhos, mas Akiva o ignorou e encarou a porta, as mãos se fechando em punhos. Não havia nada que ele quisesse tanto quanto sacar a espada e tomar aquele lugar de assalto, acabar com as coisas na loja de Brimstone, de forma rápida e violenta, mas a magia dos portais era inteligente, e ele sabia que não devia nem tentar, então fez o que tinha ido ali fazer.

Estendeu a mão e apoiou-a aberta na porta. Houve um brilho suave e um cheiro de queimado, e, quando retirou a mão, sua marca estava gravada na madeira.

Era só isso, por enquanto.

Ele se virou e foi embora, as pessoas se encolhendo contra as paredes para deixá-lo passar.

Com certeza, não podiam vê-lo como realmente era. Suas asas de fogo eram invisíveis graças à magia, e ele deveria ter conseguido se passar por humano, mas não estava tendo muito sucesso. O que as pessoas viam era um homem alto, jovem, bonito — verdadeira e arrebatadoramente bonito, de uma forma que poucas vezes se vê na vida real —, que se movia entre eles com uma graça predatória, parecendo não prestar mais atenção a eles do que se fossem estátuas num jardim de deuses. Trazia um par de espadas embainhadas cruzadas nas costas, e suas mangas estavam arregaçadas, revelando antebraços bronzeados e musculosos. Suas mãos eram uma curiosidade, marcadas tanto pelo branco das cicatrizes quanto pelo preto da tinta das tatuagens — linhas pretas simples que se repetiam, riscadas na parte de cima de seus dedos.

Seu cabelo escuro estava cortado rente à cabeça, e descia em V na parte da frente formando um bico de viúva. Sua pele dourada tinha tons de bronze mais escuro em algumas partes de seu rosto — maçãs do rosto, testa, ponta do nariz —, como se ele vivesse se banhando em uma rica luz cor de mel.

Apesar de bonito, ele era ameaçador. Era difícil imaginá-lo sorrindo — o que, de fato, Akiva não fazia havia anos, e não conseguia se imaginar fazendo de novo.

Mas tudo isso era apenas uma impressão passageira. As pessoas se fixavam mesmo, quando paravam para vê-lo passar, em seus olhos.

Eram cor de âmbar como os de um tigre e, como os de um tigre, eram delineados por preto — tanto pelos cílios espessos quanto pelo uso do kohl, e que destacavam o dourado de suas íris como se fossem raios de luz. Eles eram puros e luminosos, hipnotizantes e extremamente bonitos, mas algo estava errado, faltando. Humanidade, talvez, aquela qualidade de benevolência a partir da qual os humanos, sem ironia, nomearam a própria espécie. Quando, ao dobrar uma esquina, uma velha senhora cruzou com Akiva, a força do olhar dele caiu sobre ela e a fez arquejar.

Havia fogo vivo nos seus olhos. Ela tinha certeza de que ele atearia fogo nela.

Ela arquejou e tropeçou, e ele estendeu a mão para ampará-la. A velha senhora sentiu o calor e, quando ele saiu, suas asas invisíveis roçaram nela. Delas choveram faíscas, e a senhora ficou para trás com a boca aberta, em busca de ar, paralisada de pânico, enquanto ele se afastava. Viu claramente a sombra de suas asas se abrirem, e então, com uma rajada de ar quente que soprou seu lenço de cabeça para longe, ele se foi.

Em instantes, Akiva já estava lá em cima, no éter, mal se dando conta do choque dos cristais de gelo no ar rarefeito. Deixou o encanto se desfazer, e suas asas eram como placas de fogo varrendo o escuro dos céus. Ele se movia velozmente, seguindo em direção a outra cidade humana para encontrar outro portal acre de magia do diabo, e outra depois daquela, até que todas tivessem a marca de mão negra.

Nos lugares mais longínquos do mundo, Hazael e Liraz faziam o mesmo. Quando todas as portas estivessem marcadas, seria o início do fim.

E começaria com fogo.

10
GAROTA-PARA-LA-E-PARA-CA

Geralmente Karou conseguia manter suas duas vidas em equilíbrio. De um lado, era uma estudante de arte de dezessete anos em Praga; de outro, a garota de recados de uma criatura inumana que era o que tinha de mais parecido com uma família. Na maior parte do tempo, ela achava que havia tempo suficiente em uma semana para as duas vidas. Se não fosse em todas as semanas, pelo menos na maioria.

Essa não era uma dessas semanas.

Na terça, ela estava na sala de aula quando Kishmish pousou no peitoril da janela e bateu no vidro com o bico. O bilhete era ainda mais sucinto que o do dia anterior e dizia apenas Venha. Karou foi, mas, se soubesse para onde Brimstone a mandaria, talvez não tivesse ido.

O mercado de animais de Saigon era um dos lugares de que menos gostava no mundo. Os pastores-alemães e gatinhos engaiolados, morcegos, ursos-malaios e macacos langur não eram vendidos como animais de estimação, mas como comida. Uma velhota, mãe de um açougueiro, guardava os dentes em uma urna funerária, e era sempre Karou quem tinha de buscá-los de meses em meses e selar o negócio com um gole amargo de vinho de arroz que deixava seu estômago revirado.

Quarta: norte do Canadá. Dois caçadores apaches, uma aquisição nauseante de dentes de lobo.

Quinta: San Francisco, uma jovem herpetóloga loura com um depósito secreto de presas de cascavel, restos das cobaias desafortunadas de suas pesquisas.

— Você sabe que podia ter ido até a loja, não é? — indagou Karou, irritada porque tinha de entregar um autorretrato no dia seguinte e podia ter usado aquele tempo para aperfeiçoá-lo.

Havia várias razões para negociantes não irem até a loja. Alguns tinham perdido o privilégio devido a algum comportamento inadequado; outros ainda não haviam sido checados; muitos simplesmente tinham medo de se submeter ao colar de serpente, o que não devia ter sido o problema nesse caso, uma vez que essa cientista em particular passava os dias com serpentes por escolha própria.

A herpetóloga estremeceu.

— Eu fui uma vez. Achei que a mulher-cobra ia me matar. Karou reprimiu um sorriso.

— Ah. — Ela entendeu. Issa não era nem um pouco amigável com assassinos de répteis, e era conhecida por persuadir suas cobras a quase estrangular as visitas quando ficava irritada. — Bem, está certo. — Ela fez uma boa pilha de notas de vinte. — Mas você sabe que, se for até lá, Brimstone irá lhe pagar com desejos que valem muito mais do que isso.

Para a tristeza de Karou, ele não a encarregava de distribuir desejos em seu nome.

— Talvez da próxima vez.

— Você quem sabe.

Karou deu de ombros e deu um aceno de despedida, para depois se dirigir ao portal e passar por ele, notando, ao fazer isso, que uma marca negra de mão havia sido queimada em sua superfície. Pretendia falar sobre isso com Brimstone, mas ele estava com um negociante e ela precisava voltar para o seu dever de casa, então seguiu seu caminho.

Depois de ficar até a metade da noite trabalhando no autorretrato, ela estava grogue na sexta e cheia de esperança de que Brimstone não a chamasse de novo. Normalmente ele não mandava buscá-la mais de duas vezes por semana, e já tinham sido quatro vezes. De manhã, enquanto desenhava o velho Wiktor com nada além de um boá — uma visão à qual Zuzana quase não sobreviveu —, ficou de olho na janela. Durante toda a tarde, na aula de pintura, teve receio de que Kishmish fosse aparecer, mas isso não aconteceu, e depois da escola ela esperou por Zuzana embaixo de um peitoril para se proteger da garoa.

— Vejam, é uma Karou — disse a amiga. — Olhem bem, todos vocês. Oportunidades de ver essa criatura esquiva são cada vez mais raras.

Karou notou a frieza na voz dela.

— Veneno? — sugeriu, esperançosa.

Depois da semana que tivera, queria ir ao restaurante e afundar num sofá, fofocar, rir, desenhar, beber chá e compensar de alguma forma a normalidade perdida.

Zuzana ergueu a sobrancelha para ela.

— O quê? Nenhuma *tarefa?*

— Não, ainda bem. Vamos, estou congelando.

— Não sei, Karou. Talvez eu tenha tarefas secretas para realizar hoje.

Karou mordeu a parte de dentro da bochecha e ficou pensando no que dizer. Detestava a forma como Brimstone guardava segredos e detestava ainda mais ser obrigada a fazer o mesmo com Zuzana. Que tipo de amizade se baseava em desculpas e mentiras? Quando estava crescendo, fora praticamente impossível ter amigos; a necessidade de contar mentiras sempre atrapalhava.

Era bem pior na época porque ela morava na loja — não havia a menor chance de levar alguém para casa para brincar! Ela saía pelo portal em Manhattan todas as manhãs para ir à escola, depois tinha aulas de caratê e aiquidô, e voltava para a loja à noite.

Ela ficava em uma porta coberta por tábuas de um prédio abandonado no East Village e, quando Karou estava no quinto ano, uma amiga chamada Belinda a vira entrar e chegara à conclusão de que ela não tinha casa. O boato se espalhou, alguns pais e professores se envolveram, e Karou, por não ter conseguido trazer Esther, sua falsa avó, de uma hora para outra, ficou sob custódia da Vara da Infância e da Juventude. Foi colocada em um abrigo, do qual escapou na primeira noite, e nunca mais foi vista. Depois: uma nova escola em Hong Kong e cuidado extra para que ninguém a visse usando o portal. Isso significava mais mentiras e segredos, e nenhuma chance de ter amigos de verdade.

Agora já tinha idade suficiente para não correr o risco de ter o serviço social xeretando sua vida, mas, quanto a fazer amigos, ainda era como andar na corda-bamba. Zuzana era a melhor amiga que já tivera, e não queria perdê-la.

Ela suspirou.

— Sinto muito por essa semana. Está sendo uma loucura. É trabalho...

— Trabalho? Desde quando você *trabalha?*

— Eu trabalho. Do que você acha que eu vivo, água da chuva e devaneios?

Esperava fazer Zuzana sorrir, mas a amiga apenas olhou para ela com os olhos entreabertos.

— E como eu poderia saber do que você vive, Karou? Somos amigas há um tempão e você nunca falou nada sobre trabalho, família ou qualquer coisa...

Ignorando a parte sobre "família ou qualquer coisa", Karou replicou:

— Bem, não é exatamente um emprego. Só faço algumas tarefas para esse cara. Busco coisas, encontro algumas pessoas.

— O quê, tipo um traficante de drogas?

— Ah, qual é, Zuze, sério? Ele é um... colecionador, acho.

— E o que ele coleciona?

— Só umas coisas. Quem se importa?

— Eu me importo. Estou interessada. Isso parece estranho, Karou. Você não está envolvida com alguma coisa estranha, está?

Ah, não, pensou Karou. *De jeito nenhum*. Respirou fundo e disse:

— Não posso falar sobre isso. Não é assunto meu, é dele.

— Tudo bem. Que seja!

Zuzana girou em um dos saltos plataforma e saiu na chuva.

— Espere! — chamou Karou.

Ela *queria* conversar sobre o assunto. Queria contar tudo a Zuzana, reclamar de sua semana horrível — das presas de elefante, do pesadelo que era o mercado de animais, de como Brimstone só pagava com aquelas porcarias de shings e das batidas assustadoras na outra porta. Ela poderia desenhar tudo aquilo no caderno, e isso já era alguma coisa, mas não o suficiente. O que queria mesmo era *conversar.*

Mas isso estava fora de questão, é claro.

— Podemos, por favor, ir ao Veneno? — perguntou com a voz fraca e cansada.

Zuzana olhou para trás e viu a expressão que Karou às vezes fazia quando achava que ninguém estava olhando. Triste e perdida, e o pior de tudo isso era o modo como aquilo parecia ser o padrão — como se estivesse ali o tempo todo, e todas as outras expressões fossem apenas uma série de máscaras que ela usasse para encobrir a verdade.

— Certo, está bem — cedeu Zuzana. — Estou morrendo de vontade de comer um goulash. Entendeu? Morrendo. Rá, rá.

O goulash envenenado; era uma velha piada entre as duas, e Karou sabia que estava tudo bem. Por enquanto. Mas e da próxima vez? Saíram então em direção ao restaurante, sem guarda-chuva e andando bem juntinhas, correndo sob a garoa.

— É bom você saber que o panaca tem aparecido no Veneno — disse Zuzana. — Acho que espera encontrar você lá.

— Ai, que ótimo — resmungou Karou. Kaz vinha ligando e mandando mensagens, mas ela o ignorava.

— Podemos ir a outro lugar... —

Não. Não vou deixar aquele bolo de carne de rato ficar com o Veneno. O Veneno é nosso.

— *Bolo de carne de rato?* — repetiu Zuzana.

Era o insulto preferido de Issa, e fazia sentido no contexto da dieta da mulher-serpente, que consistia principalmente de pequenas criaturas peludas.

— Isso, um bolo de carne feito com um roedor. Carne de rato moída com migalhas de pão e ketchup...

— Eca. Para.

— Ou você pode substituir por hamsters, imagino — disse Karou. — Ou porquinhos-da-índia. Sabia que no Peru eles assam porquinhos-da- índia espetados em palitinhos, como marshmallows?

— Para — pediu Zuzana.

— Humm, sanduíches de porquinhos-da-índia, com biscoito, chocolate e marshmallow...

— Para *agora,* antes que eu vomite. Por favor.

E Karou parou mesmo, não por causa do pedido de Zuzana, mas porque viu um bater de asas familiar com o canto do olho. Não, não, não, disse a si mesma. Ela não virou — e não viraria — a cabeça. *Não podia ser Kishmish, não essa noite.*

Ao perceber seu silêncio repentino, Zuzana perguntou:
— Você está bem?
O bater de asas de novo, num círculo de luz na linha de visão de Karou. Distante demais para chamar a atenção, mas com certeza Kishmish.
Droga.
— Estou bem — disse Karou, e continuou decidida em direção ao Sabor de Veneno.
O que devia fazer, bater na testa e dizer que tinha se lembrado de uma tarefa, depois de tudo aquilo? Pensou no que Zuzana diria se pudesse ver o pequeno mensageiro de Brimstone, as asas de morcego tão estranhas no corpo emplumado. Tratando-se de Zuzana, ela provavelmente iria querer fazer uma marionete inspirada nele.
— Como está indo o projeto da marionete? — perguntou Karou, tentando agir de forma natural.
Zuzana se iluminou e começou a contar. Karou ouvia em parte, mas estava distraída por um misto de rebeldia e ansiedade. O que Brimstone faria se ela não fosse? O que ele *poderia* fazer? Sair e ir buscá-la?
Sabia que Kishmish a seguia e, quando se abaixou sob o arco para entrar no pátio do Sabor de Veneno, lançou a ele um olhar incisivo, como se dissesse: *Estou vendo você aí. E não vou embora.* Ele inclinou a cabeça, perplexo, ela o deixou lá e entrou.
O restaurante estava lotado, embora Kaz, felizmente, não estivesse ali. Espalhados pelos caixões, havia um misto de trabalhadores locais, mochileiros, artistas expatriados e estudantes, a fumaça dos cigarros tão densa que as estátuas romanas pareciam se erguer de um nevoeiro, macabras com suas máscaras de gás.
— Droga — reclamou Karou, vendo um trio de mochileiros desmazelados relaxando em sua mesa preferida. — Peste está ocupado.
— Está tudo ocupado — disse Zuzana. — Maldito guia do Lonely Planet. Queria voltar no tempo e atacar aquele escritor infeliz no fim do beco, para ter certeza de que ele nunca encontraria este lugar.
— Você anda tão violenta... Fica querendo atacar e dar choque em todo mundo por aí.
— Queria mesmo — concordou Zuzana. — Juro que a cada dia odeio mais pessoas. Todo mundo me irrita. Se já sou assim agora, imagine quando estiver velha!
— Você vai ser uma velha jararaca malvada que fica na varanda de casa atirando nas crianças lá embaixo com uma espingarda de ar comprimido.
— Não. Ar comprimido só vai provocá-las. Prefiro uma besta. Ou uma bazuca.
— Sua bruta.
Zuzana curvou-se em agradecimento, depois deu outra olhada no restaurante lotado, frustrada.
— Droga! Quer ir a algum outro lugar?
Karou balançou a cabeça. Seu cabelo já estava ensopado; não queria voltar lá para fora. Só queria sua mesa preferida em seu restaurante preferido. No bolso da jaqueta, seus dedos brincaram com o estoque de shings que havia recebido pelas tarefas da semana.
— Acho que aqueles caras estão para sair. Indicou os mochileiros que estavam no Peste.
— Acho que não — disse Zuzana. — As cervejas deles estão cheias.
— Não, acho que vão sair, sim. — Entre os dedos de Karou, um dos shings se desmaterializou. Um segundo depois, os mochileiros se levantaram. — Não falei?
Em sua cabeça, imaginou o comentário de Brimstone:
Desalojar desconhecidos de mesas de restaurantes: egoísmo.
— Que estranho — exclamou Zuzana enquanto passavam por trás da gigantesca estátua do cavalo para reivindicar sua mesa. Os mochileiros saíram, parecendo desnorteados. — Até que eles eram bem fofos!
— Quer chamá-los de volta?
— Até parece! — Elas tinham uma regra contra mochileiros, que iam embora com o vento e começavam a parecer todos iguais depois de algum tempo, com barba por fazer e camisas amarrotadas. — Estava só fazendo um diagnóstico de fofura. Além disso, eles pareciam meio perdidos. Como filhotes.
Karou sentiu uma pontada de culpa. O que ela estava fazendo, desafiando Brimstone, gastando desejos em maldades como forçar mochileiros inocentes a saírem na chuva? Ela se deixou caiu no sofá. Sua cabeça doía, seu cabelo estava pegajoso, ela estava cansada, e não conseguia parar de se preocupar com o Mercador de Desejos. O que ele diria?
Durante todo o tempo em que ela e Zuzana comiam goulash, seu olhar se desviava até a porta.
— Procurando alguém? — perguntou Zuzana.
— O quê? Não... Só preocupada com a possibilidade de Kaz aparecer.
— Bem, se ele aparecer, podemos jogá-lo nesse caixão e pregar a tampa.
— Parece bom.
Pediram chá, que veio em um antigo jogo de louça feito de prata, o açucareiro e o jarrinho de creme gravados com as palavras arsênico e estricnina.
— Então, você vai ver o cara do violino amanhã no teatro — disse Karou. — Qual é a sua estratégia?
— Não tenho estratégia nenhuma — disse Zuzana. — Só queria pular tudo isso e chegar logo na parte em que ele é meu namorado. Sem falar, é claro, da parte em que ele descobre que eu existo.
— Ah, sem essa, você não quer mesmo pular essa parte.

— Quero, sim.

— Pular a parte de *conhecê-lo?* As borboletas no estômago, o coração acelerado, o rosto vermelho? A parte em que um entra no campo magnético do outro pela primeira vez e é como se linhas invisíveis de energia puxassem vocês um para o outro?

— *Linhas invisíveis de energia?* — repetiu Zuzana. — Você está se transformando numa daquelas hippies esquisitas que usam cristais e leem a aura das pessoas?

— Você sabe o que quero dizer. O primeiro encontro, andar de mãos dadas, o primeiro beijo, todo o ardor e o desejo.

— Ah, Karou, sua romântica incorrigível.

— Não mesmo. Eu ia dizer que o começo é a parte boa, quando tudo é só alegria, antes de eles inevitavelmente se revelarem uns imbecis.

Zuzana fez uma careta.

— Eles não podem ser todos imbecis, podem?

— Não sei. Talvez não. Talvez só os bonitos.

— Mas ele é bonito. Ai, meu Deus, espero que não seja nenhum imbecil. Você acha que existe alguma chance de ele ser legal e solteiro? Quero dizer, falando sério. Quais são as chances?

— Poucas.

— Eu sei.

Zuzana desmoronou para trás de forma dramática e ficou lá, jogada como uma marionete deixada de lado.

— Pavel gosta de você, sabe disso — disse Karou. — E ele é comprovadamente não babaca.

— Eu sei, Pavel é um amor, mas ele não faz as borboletas aparecerem.

— As borboletas no estômago. — Karou suspirou. — Eu sei. Sabe o que eu acho? Acho que as borboletas estão sempre no seu estômago, em todo mundo, o tempo todo...

— Como bactérias?

— Não, não como bactérias, como borboletas, e as borboletas de algumas pessoas reagem às de outras por algum motivo químico, tipo feromônio, de forma que, quando estão próximas, suas borboletas começam a dançar. Elas não podem evitar... é químico.

— Químico. Isso, sim, é romântico.

— Não é mesmo? Borboletas idiotas.

Karou gostou da ideia, abriu seu caderno de desenhos e começou a desenhar: intestinos em estilo cartum e um estômago cheio de borboletas. Papilio stomachus seria seu nome científico.

— Então, se é tudo químico e você não interfere em nada nessa questão, isso significa que o panaca ainda faz suas borboletas dançarem? — perguntou Zuzana.

Karou olhou para cima.

— Ai, meu Deus, não. Acho que ele faz minhas borboletas vomitarem.

Zuzana tinha acabado de beber um gole de chá e teve de levar a mão à boca num esforço para mantê-lo lá dentro. Ela se dobrou de tanto rir, até que conseguiu engolir.

— Ai, que nojo. Seu estômago está cheio de vômito de borboleta!

Karou riu também e continuou desenhando.

— Na verdade, acho que meu estômago está cheio de borboletas mortas. Kaz as matou.

Ela escreveu: *Papilio stomachus — criaturas frágeis, vulneráveis a frieza e a traição.*

— E daí? — indagou Zuzana. — Elas deviam ser borboletas muito burras para caírem na dele assim. Você cultivará outras mais sensatas. Novas borboletas sábias.

Karou adorava Zuzana por sua disposição para continuar com uma brincadeira sobre coisas bobas como aquela.

— Certo — disse, levantando a xícara de chá para fazer um brinde. — Um brinde a uma nova geração de borboletas, que, espero, seja menos burra do que a última.

Talvez elas estivessem se desenvolvendo agora mesmo, em pequenos casulos gordinhos. Ou talvez não. Era difícil imaginar sentir aquele formigamento mágico no estômago tão cedo. *Melhor não se preocupar com essas coisas,* pensou. Não precisava disso. Bem. *Não queria* precisar disso. Ansiar por amor a fazia se sentir como um gato sempre passando pelos tornozelos, miando: *Por favor, me faça um carinho, olhe para mim, me ame.*

Melhor ser o tipo de gato que olha tudo friamente do alto de um muro, a expressão inescrutável. O gato que foge de afagos, que não precisa de ninguém. Por que ela não podia ser esse gato?

Seja esse gato!!!, escreveu, desenhando-o no canto da página, indiferente e distante.

Karou desejava ser o tipo de garota completa em si mesma, que se sente bem com a solidão, serena. Mas não era. Ela era solitária, e tinha medo da sensação de vazio dentro dela como se aquilo pudesse se expandir e... eliminá-la. Ansiava muito por uma presença ao seu lado, sólida. Sentir as pontas dos dedos de alguém roçando sua nuca, e ouvir uma voz em resposta à sua na escuridão. Alguém que esperaria com um guarda-chuva para levá-la para casa em um dia de chuva, e abriria um enorme sorriso quando a visse. Que dançaria com ela na varanda, cumpriria as promessas que fizesse e saberia os segredos dela, e construiria um pequeno mundo onde quer que ele estivesse, feito apenas dela e dos braços dele, e do sussurro dele e da confiança dela.

A porta se abriu. Ela olhou no espelho e conteve um palavrão. A sombra alada estava de volta, passando escondida por trás

de alguns turistas. Karou se levantou e foi ao banheiro, onde pegou o recado que Kishmish tinha ido levar.

Novamente um bilhete curto. Mas dessa vez as palavras eram Por favor.

11
POR FAVOR

Por favor? Brimstone nunca dizia "por favor". Karou atravessou a cidade correndo, mais preocupada do que se o bilhete tivesse algo ameaçador como: Agora mesmo, senão...

Issa a deixou entrar, atipicamente calada.

— O que foi, Issa? Estou encrencada?

— Quieta. Apenas entre e tente não repreendê-lo hoje.

— *Repreendê-lo?*

Karou piscou, confusa. Achava que, se alguém corria o risco de ser repreendida, era ela.

— Você é muito dura com ele às vezes, como se já não fosse difícil o suficiente.

— Como se o que não fosse difícil o suficiente?

— A vida dele. O trabalho. A vida dele é trabalhar. E triste, implacável e às vezes você deixa ainda mais difícil do que já é.

— Eu? — Karou estava chocada. — Eu peguei o bonde andando, Issa? Não tenho ideia do que você está falando...

— Quieta, já disse. Estou só pedindo para tentar ser gentil, como quando era criança. Você era uma alegria para todos nós, Karou. Sei que não é fácil para você viver essa vida, mas tente se lembrar, sempre tente se lembrar, de que você não é a única com problemas.

E com isso a porta interna se abriu e Karou entrou. Estava confusa, pronta para se defender, mas, quando viu Brimstone, se esqueceu de tudo.

Ele estava recurvado pesadamente sobre a mesa, descansando a enorme cabeça sobre uma das mãos, enquanto a outra segurava o osso da sorte que trazia ao pescoço. Kishmish saltava agitado de um dos chifres de seu mestre para o outro, soltando trinados agudos de preocupação, e Karou hesitou.

— Você... Você está bem?

Era estranho perguntar, e ela percebeu que, entre todas as perguntas com que o bombardeara durante a vida, nunca fizera esta. Nunca tivera motivo para isso — ele raramente demonstrava emoção, quanto mais fraqueza ou cansaço.

Brimstone levantou a cabeça, soltou o osso da sorte e disse simplesmente:

— Você veio.

Parecia surpreso e aliviado, pensou Karou, sentindo-se culpada.

Esforçando-se para parecer descontraída, ela disse:

— Bem, por favor é a palavrinha mágica, sabe?

— Pensei que pudéssemos ter perdido você.

— Ter me perdido? Quer dizer que acharam que eu tinha morrido?

— Não, Karou. Pensei que tivesse ido em busca de sua liberdade.

— Minha... — Sua voz sumiu. Tivesse ido em busca de sua liberdade?

— O que isso quer dizer?

— Sempre achei que um dia a estrada da sua vida iria se desenrolar aos seus pés e a levaria para longe de nós. Como deveria ser, como tem de ser. Mas fico feliz que hoje não seja o dia.

Karou ficou olhando para ele.

— Sério? Eu deixo de fazer uma tarefa e você acha que acabou, que eu fui embora para sempre? Nossa! O que você pensa de mim para achar que eu iria desaparecer assim?

— Deixar você ir, Karou, será como abrir a janela para uma borboleta.

Não se espera que ela vá voltar.

— Eu não sou uma maldita borboleta.

— Não. Você é humana. Seu lugar é no mundo humano. Sua infância já está quase no fim...

— Mas... e daí? Você não precisa mais de mim?

— Muito pelo contrário. Preciso de você mais do que nunca. Como disse, fico feliz que este não seja o dia em que você irá nos deixar.

Isso tudo era novidade para Karou, que haveria um dia em que deixaria sua família quimera, e mesmo que tinha a liberdade de fazer isso se quisesse. Ela não queria. Bem, talvez não quisesse cumprir algumas das tarefas mais horripilantes, mas isso não significava que fosse uma borboleta esvoaçando contra o vidro de uma janela, tentando fugir para longe. Não sabia nem o que dizer.

Brimstone empurrou uma carteira pela mesa na direção dela.

A tarefa. Quase havia esquecido por que estava ali. Irritada, pegou a carteira e a abriu. Dirãs. Marrocos, então. Franziu as

sobrancelhas.

— Izíl? — perguntou, e Brimstone assentiu.

— Mas não está na época.

Karou tinha um encontro marcado com um ladrão de túmulos em Marrakech todo último domingo do mês, mas era sexta-feira, e ainda faltava uma semana.

— Está na época — disse Brimstone e indicou um pote de boticário alto na prateleira atrás dele.

Karou o conhecia bem; normalmente ficava cheio de dentes humanos. Agora estava quase vazio.

— Ah. — Seu olhar percorreu a prateleira, e ela viu, para sua surpresa, que muitos dos potes estavam quase vazios também. Não conseguia se lembrar de uma época em que o estoque de dentes estivesse tão baixo. — Nossa. Você está mesmo gastando dentes. Tem alguma coisa acontecendo?

Era uma pergunta inútil. Como se ela pudesse entender o que significava o fato de ele estar usando mais dentes, quando nem sabia para que serviam, para início de conversa.

— Veja o que Izíl tem — disse Brimstone. — Prefiro não mandar você buscar dentes humanos em nenhum outro lugar, se puder evitar.

— E, eu também.

Karou passou os dedos de leve pelas cicatrizes de bala na barriga, lembrando-se de São Petersburgo, a tarefa que dera incrivelmente errado. Dentes humanos, apesar de existirem em grande quantidade no mundo, podiam ser... complicados... de se conseguir.

Nunca se esqueceria da visão daquelas garotas, ainda vivas no porão de carga, bocas ensanguentadas, outros destinos aguardando-as em seguida.

Elas podem ter escapado. Quando Karou pensava nelas agora, sempre acrescentava um final inventado, do modo como Issa a ensinara a fazer com os pesadelos para que pudesse voltar a dormir. Só conseguia suportar a lembrança se acreditasse que tinha dado tempo àquelas garotas para fugir dos traficantes, e talvez até tivesse. Tinha tentado.

Como fora estranho ser baleada. Como havia sido destemida, e rápida para desembainhar sua faca escondida e usá-la.

E usá-la. E usá-la.

Tinha treinado luta durante anos, mas nunca antes precisara se defender. Em um instante, descobriu que sabia muito bem o que fazer.

— Tente a Jemaa el-Fna — disse Brimstone. — Kishmish viu Izíl lá, mas isso foi há algumas horas, quando chamei você pela primeira vez. Se estiver com sorte, talvez ele ainda esteja lá.

E, com isso, voltou a se curvar sobre sua bandeja de dentes de macaco, e parecia que Karou estava dispensada. Aquele era o velho Brimstone, e ela ficou feliz. Essa nova criatura que dizia "por favor" e a comparava com uma borboleta — isso era perturbador.

— Vou encontrá-lo — afirmou Karou. — E voltarei logo, com os bolsos cheios de dentes humanos. Rá, rá. Aposto que essa frase não foi dita em nenhum outro lugar do mundo hoje.

O Mercador de Desejos não reagiu, e Karou hesitou no vestíbulo.

— Brimstone — disse ela, olhando para trás —, queria que você soubesse que eu jamais poderia simplesmente... abandoná-lo.

Quando ele ergueu os olhos reptilianos, estavam turvos de cansaço.

— Você não pode saber o que vai fazer — declarou ele, e levou novamente a mão ao osso da sorte. — Não vou prendê-la a essa promessa.

Issa fechou a porta, e, mesmo depois que saiu, no Marrocos, Karou não conseguia tirar da cabeça a imagem de Brimstone daquele jeito, e a sensação inquietante de que alguma coisa estava muito errada.

12
ALGO COMPLETAMENTE DIFERENTE

Akiva a viu sair. Estava se aproximando do portal, a apenas alguns passos de distância, quando ele se abriu, liberando um fluxo acre de magia que abalou seus nervos. Pelo portal, saiu uma garota com o cabelo da cor improvável do lápis-lazúli. Ela não o viu, parecendo perdida em pensamentos quando passou por ele apressada.

Ele não disse nada, mas acompanhou-a com o olhar enquanto ela se afastava, uma curva na viela roubando sua visão da garota e do cabelo que se agitava ao vento. Ele se sacudiu, virou-se de novo para o portal e o tocou. O sibilar da marca sendo queimada, sua mão delineada pela fumaça, e estava feito: o último dos portais que ele devia marcar. Em outras partes do mundo, Hazael e Liraz deviam estar terminando também e voando em direção a Samarcanda.

Akiva estava pronto para se lançar rumo ao céu e começar a última etapa de sua jornada, para encontrá-los lá antes de voltar para casa, mas um instante se passou, depois outro, e ele continuava com os pés na Terra, olhando na direção em que a garota tinha ido.

Então começou a segui-la, sem chegar a decidir fazer isso.

Como, se perguntava ele, quando viu o brilho do cabelo dela sob a luz um pouco mais à frente, uma garota como aquela tinha se misturado com os quimeras? Pelo que já tinha visto dos outros negociantes de Brimstone, eles eram brutamontes violentos com olhos inexpressivos, fedendo a matadouro. Mas aquela garota? Ela era de uma beleza radiante, graciosa e intensa, embora com certeza não tivesse sido isso que o havia intrigado. Todos de sua própria espécie eram bonitos, a tal ponto que a beleza era quase insignificante entre eles. O que, então, o compelia a segui-la, quando devia ter partido para o céu imediatamente, com a missão tão perto de ser concluída? Ele não saberia dizer. Era quase como se um sussurro o impelisse para a frente.

A medina de Marrakech parecia um labirinto, cerca de três mil becos sem saída entrelaçados como uma caixa cheia de cobras, mas a garota parecia conhecer bem seu caminho. Ela parou uma vez para passar o dedo sobre a trama de um tecido, e Akiva diminuiu a velocidade, desviando para o lado para conseguir vê-la melhor.

Havia uma expressão de melancolia desprotegida em seu rosto pálido e bonito — como se ela se sentisse perdida —, mas, na hora em que o vendedor falou com ela, seu rosto se abriu num sorriso como a luz. Ela respondeu facilmente, fazendo o homem sorrir, e eles trocaram gracejos, seu árabe rico e gutural, arrematado por algo como um ronronar.

Akiva a observava com o olhar fixo de um falcão. Até alguns dias atrás, os humanos eram pouco mais que uma lenda para ele, e agora estava ali no mundo deles. Tinha sido como entrar nas páginas de um livro — um livro vivo, com cores e aromas, sujeira e caos —, e a garota de cabelo azul se movia por ele como uma fada em uma história, a luz não agia sobre ela como sobre os demais, o ar parecia se reunir em volta dela como uma respiração suspensa. Como se todo aquele lugar fosse uma história sobre ela.

Quem era ela?

Ele não sabia, mas alguma intuição lhe dizia que, quem quer que fosse, não era apenas mais um dos ceifadores de Brimstone. Ela era, ele tinha certeza, algo completamente diferente.

Com o olhar decidido, seguiu-a sorrateiro enquanto ela caminhava pela medina.

13
O LADRAO DE TÚMULOS

Karou andava com as mãos nos bolsos, tentando se livrar da preocupação a respeito de Brimstone. Aquela coisa de "ir em busca de sua liberdade" — do que ele estava falando? Isso lhe dava uma sensação horrível de solidão iminente, como se ela fosse algum animal órfão criado por benfeitores, que em breve seria solto na natureza.

Ela não queria ser solta na natureza. Queria ser cativada. Pertencer a um lugar e a uma família, de maneira irrevogável.

"Curas mágicas aqui, senhorita, para sofrimentos de intestino", gritou alguém, e ela não pôde deixar de sorrir quando balançou a cabeça, recusando.

Epara sofrimentos do coração?, pensou. Haveria uma cura para isso? Provavelmente. Havia mágica de verdade por ali entre os charlatões e os aproveitadores. Ela sabia de um escriba todo vestido de branco que redigia cartas para os mortos (e as entregava), e, um velho contador de histórias que vendia ideias para escritores ao preço de um ano de suas vidas. Karou tinha visto turistas rirem enquanto assinavam o contrato dele, sem acreditar nem por um segundo, mas ela acreditava. Ela já não tinha visto coisas ainda mais estranhas?

Enquanto seguia seu caminho, a cidade começou a distraí-la de seu estado de espírito. Era difícil ser melancólico em um lugar como esse. Em alguns derbs, como os becos eram chamados, o mundo parecia envolto em tapetes. Em outros, sedas recém-tingidas pingavam escarlate e cobalto na cabeça dos transeuntes. Vários idiomas enchiam o ar como pássaros exóticos: árabe, francês, as línguas tribais. Mulheres mandavam crianças irem para casa dormir, e grupos de velhos usando tarbuches fumavam, apoiados nas portas.

Um trinado de riso, o cheiro de canela e de burros, e cores, cores em todos os lugares.

Karou seguiu seu caminho em direção a Jemaa el-Fna, a praça que era o centro nervoso da cidade, um festival louco e fervilhante da humanidade: encantadores de serpente e dançarinas, meninos empoeirados descalços, batedores de carteira, turistas desafortunados e tendas de comida que vendiam de tudo, de suco de laranja a cabeças de carneiro assadas. Em algumas tarefas, Karou não via a hora de voltar correndo para o portal, mas em Marrakech ela gostava de se demorar e perambular pelas ruas tomar chá de hortelã, desenhar, percorrer as feiras à procura de calçados pontudos e braceletes de prata.

Hoje, no entanto, ela não pretendia demorar. Brimstone estava claramente ansioso para receber seus dentes. Ela pensou novamente nos potes vazios, e uma curiosidade atroz tomou conta de sua mente. Do que se tratava tudo aquilo? Do quê? Ela tentou parar de se perguntar. Iria encontrar o ladrão de túmulos, afinal de contas, e Izíl, como bem sabia, era um modelo a não se seguir.

"Não seja curioso", essa era uma das principais regras de Brimstone, e Izíl não a havia respeitado. Karou tinha pena dele, porque o compreendia. Nela também a curiosidade era um fogo perverso, alimentado por qualquer esforço para extingui-lo. Quanto mais Brimstone ignorava suas perguntas, mais ela desejava saber. E Karou tinha um monte de perguntas.

Os dentes, é claro: para que diabos serviam?

E aquela outra porta? Para onde levava?

O que exatamente eram os quimeras, e de onde tinham vindo? Havia mais deles?

E quanto a ela? Quem eram seus pais, e como acabara ficando aos cuidados de Brimstone? Será que ela era um clichê de contos de fadas, como o primogênito em Rumpelstiltskin — o pagamento de uma dívida? Ou talvez sua mãe tivesse sido uma negociante estrangulada por seu colar de serpente, deixando um bebê aos berros no chão da loja. Karou já pensara em centenas de possibilidades, mas a verdade continuava sendo um mistério.

Havia outra vida que devia estar vivendo? Algumas vezes sentia uma forte certeza de que sim — uma vida fantasma, provocando-a, mas fora de alcance. Uma sensação que às vezes a dominava enquanto estava desenhando ou andando, e, uma vez, quando estava dançando lentamente com Kaz, bem juntinho, sentiu que deveria estar fazendo alguma outra coisa com as mãos, as pernas, o corpo. Alguma outra coisa. Alguma outra coisa. Alguma outra coisa.

Mas o quê?

Ela chegou à praça e caminhou através do caos, seus movimentos sincronizados com o ritmo da mística música Gnawa enquanto desviava de motocicletas e acrobatas. Nuvens de fumaça de carne grelhada sopravam abundantes como se fossem de casas pegando fogo, adolescentes sussurravam "haxixe", e vendedores de água fantasiados gritavam "Foto! Foto!". A certa distância, ela avistou a forma corcunda de Izíl entre os artistas de hena e os dentistas de rua.

Vê-lo a intervalos de um mês era como observar imagens aceleradas de declínio. Quando Karou era criança, ele era um médico e um acadêmico — um homem distinto e honesto com olhos castanhos gentis e um bigode sedoso que exibia como a cauda de um pavão. Ele mesmo ia à loja e tratava de negócios na escrivaninha de Brimstone, e, ao contrário dos outros negociantes, sempre fazia com que isso parecesse uma visita social. Flertava com Issa, levava alguns presentes para ela — serpentes entalhadas em cascas de semente, brincos de jade, amêndoas. Levava bonecas para Karou e um pequeno jogo de chá feito de prata

para elas, e também não se esquecia de Brimstone, deixando, de forma casual, chocolates ou potes de mel na mesa quando saía.

Mas isso tinha sido antes de ele se arquear sob o peso de uma escolha terrível que havia feito; encurvado, torto e enlouquecido. Ele já não era mais bem-vindo na loja, então Karou ia até ali para encontrá-lo.

Ao vê-lo agora, uma terna piedade a dominou. Estava quase totalmente encurvado; sua bengala nodosa de oliveira era tudo que o impedia de cair de cara no chão. Seus olhos estavam afundados em manchas escuras, e os dentes, que não eram mais os dele, ficavam grandes demais em seu rosto enrugado. O bigode, que costumava ser seu orgulho, pendia ralo e emaranhado. Qualquer um que passasse por ali sentiria pena, mas para Karou, que sabia como Izíl fora há apenas alguns anos, era realmente trágico vê-lo daquele jeito.

Seu rosto se iluminou quando a viu.

— Veja só quem chegou! A linda filha do Mercador de Desejos, a doce embaixadora dos dentes. Você veio para pagar uma xícara de chá a um velho triste?

— Olá, Izíl. Uma xícara de chá seria ótimo — disse ela, e o conduziu até o café, onde geralmente se encontravam.

— Minha querida, o mês passou sem que eu percebesse? Receio que tenha acabado me esquecendo de nosso encontro.

— Não, não esqueceu, não. Eu vim mais cedo.

— Ah, bem, é sempre um prazer estar com você, mas sinto dizer que não tenho muita coisa para aquele velho diabo.

— Mas tem alguma coisa?

— Alguma.

Ao contrário da maioria dos outros negociantes, Izíl não era um caçador nem um assassino; ele não matava de forma alguma. Antes, quando era um médico em zonas de conflito, tinha acesso às vítimas de guerra de cujos dentes ninguém sentiria falta. Agora que a loucura o impedia de exercer sua profissão, tinha de cavar túmulos.

— Silêncio, coisa! Comporte-se, e então vamos ver — disparou ele, de repente.

Karou sabia que ele não estava falando com ela e, por educação, fingiu não ter ouvido.

Chegaram ao café. Quando Izíl se sentou, a cadeira cedeu, rangendo, as pernas se arcando como se estivessem sob um peso muito maior do que o desse velho homem debilitado.

— Então, como estão meus velhos amigos? Issa? — perguntou, ajeitando-se.

— Ela está bem.

— Sinto falta do rosto dela. Você tem novos desenhos aí?

Karou tinha, e mostrou-os a ele.

— Linda. — Ele passou o dedo pelo rosto de Issa. — Tão linda. A modelo e a obra. Você é muito talentosa, querida. — Ao ver o episódio do caçador somali, bufou. — Idiotas. O que Brimstone tem que aguentar lidando com humanos.

Karou ergueu as sobrancelhas.

— Ah, qual é, o problema deles não é serem humanos. É serem sub- humanos.

— Verdade. Toda raça tem seus frutos ruins, acredito. Não é verdade, besta minha?

Essa última parte ele disse por sobre o ombro, e dessa vez uma resposta suave pareceu emanar do ar.

Karou não pôde se conter. Olhou para o chão, onde a sombra de Izíl se erguia nítida sobre o ladrilho. Parecia indelicado espiar, como se a... condição... de Izíl devesse ser ignorada, como um estrabismo ou uma marca de nascença. A sombra dele revelou o que olhar diretamente para ele não mostrava.

Sombras diziam a verdade, e a de Izíl revelou que havia uma criatura presa às suas costas, invisível quando se olhava para ele. Era uma coisa volumosa, atarracada, os braços apertados em volta do pescoço de Izíl. Isso era o que a curiosidade lhe arrumara: a coisa estava montada nele como em uma mula. Karou não entendia como isso tinha acontecido; ela só sabia que Izíl tinha feito um desejo pedindo por conhecimento, que se concretizara daquela forma. Brimstone tinha alertado Karou de que desejos poderosos podiam dar muito errado, e ali estava a prova.

Ela imaginava que a coisa invisível, que se chamava Razgut, guardava os segredos que Izíl havia desejado saber. O que quer que fosse, certamente aquele era um preço alto demais. Razgut estava falando. Karou só conseguia identificar um sussurro bem fraco, e um som que parecia um beijo suave de lábios carnudos.

— Não — disse Izíl. — Eu não vou pedir isso. Ela vai dizer não, nada mais.

Karou observou, com repugnância, enquanto Izíl argumentava com a coisa, que ela só conseguia ver pela sombra. Por fim o ladrão de túmulos concordou.

— Está bem, está bem, silêncio! Eu vou perguntar. — Depois se virou em direção a Karou e disse, em tom de desculpas: — Ele queria provar. Só um pouquinho.

— Provar? — Ela piscou. O chá ainda não tinha chegado. — O quê?

— *Vocêê* filha-do-desejo. Só uma lambida. Ele promete não morder.

O estômago de Karou revirou.

— Hã, não.

— Eu avisei — resmungou Izíl. — Agora quer ficar quieto, por favor?

Um silvo baixo veio em resposta.

Um garçom vestindo um djellaba branco aproximou-se e serviu chá de hortelã, erguendo o bule na altura da cabeça e acertando habilmente o chá em copos de vidro fosco. Karou, ao notar como as bochechas do ladrão de túmulos estavam murchas, pediu doces folhados também, e deixou-o beber e comer por um tempo antes de perguntar:

— Então, o que você tem aí?

Ele revirou os bolsos e mostrou uma mão cheia de dentes, que largou sobre a mesa.

* * *

Observando das sombras de uma porta perto dali, Akiva se aprumou. Tudo ficou parado e silencioso à sua volta, e ele não via nada além dos dentes, e a garota os selecionando exatamente da forma como ele sabia que o velho demônio feiticeiro faria.

Dentes. Quão inofensivos pareciam em cima da mesa — apenas coisas minúsculas e sujas, roubadas dos mortos. E, se ficassem nesse mundo a que pertenciam, isso era tudo que jamais poderiam ser. Nas mãos de Brimstone, entretanto, se tornavam muito mais do que isso.

Era a missão de Akiva acabar com aquele comércio vil e, com isso, eliminar a magia negra do diabo.

Ele observou enquanto a garota inspecionava os dentes com o que era claramente uma mão treinada, como se ela fizesse isso o tempo todo. Misturado à sua repulsa, havia algo como decepção. A garota parecera pura demais para aquele negócio, mas aparentemente não era. Ele tivera razão, no entanto, quando julgara que ela não era uma mera negociante. Era mais do que isso, ali sentada fazendo o trabalho de Brimstone. Mas o quê?

* * *

— Meu Deus, Izíl — disse Karou. — Estes estão nojentos. Você os trouxe direto do cemitério?

— Cova coletiva. Estava escondida, mas Razgut a farejou. Ele sempre consegue encontrar os mortos.

— Que talento!

Karou sentiu um calafrio, imaginando Razgut olhando maliciosamente para ela, à espera de poder prová-la. Ela voltou a atenção para os dentes. Pedaços de carne já seca estavam presos às suas raízes, junto com um pouco de terra de onde tinham sido exumados. Mesmo com toda a sujeira, era fácil perceber que não eram de boa qualidade, e sim os dentes de pessoas que haviam comido alimentos de má qualidade, fumado cachimbos, e que desconheciam pasta de dentes.

Ela recolheu os dentes da mesa com a mão em concha, colocou-os dentro do resto de chá em sua xícara, e sacudiu um pouco antes de despejar o conteúdo, formando uma pilha molhada de folhas de hortelã e dentes, agora apenas ligeiramente menos sujos. Um por um, ela os recolheu. Incisivos, molares, caninos, de adultos e crianças.

— Izíl. Você sabe que Brimstone não aceita dentes de leite.

— Você não sabe de tudo, menina — rebateu ele.

— Como?

— Às vezes ele aceita. Uma vez. Uma vez ele quis alguns.

Karou não acreditou nele. Brimstone não comprava de forma alguma dentes de leite, nem de animais, nem de humanos, mas não viu razão para discutir.

— Bem — ela pôs os dentes pequeninos de lado, tentando não pensar em pequenos cadáveres em covas coletivas —, ele não pediu nenhum dessa vez, então não vou levar estes.

Ela segurou cada um dos dentes de adulto, ouvindo o que o zumbido deles tinha a dizer, e os dividiu em duas pilhas.

Izíl observava, ansioso, seu olhar indo de uma pilha à outra.

— Eles mastigavam demais, não é? Ciganos gulosos! Continuaram a mastigar mesmo depois de mortos. Não tinham boas maneiras. Não tinham boas maneiras à mesa, de forma alguma.

A maioria dos dentes estava desgastada de forma grosseira, corroída pela decomposição, e não servia a Brimstone. Quando Karou acabou de selecionar os dentes, uma pilha estava maior do que a outra, mas Izíl não sabia qual era qual. Ele apontou cheio de esperança para a pilha maior.

Ela balançou a cabeça e pegou algumas notas de dirrã da carteira que Brimstone lhe dera. Era um pagamento generoso demais por aqueles poucos dentes patéticos, mas não era o que Izíl estava esperando.

— Tanto trabalho cavando — lamentou ele. — E para quê? Papel com imagens do rei morto? Sempre os mortos olhando para mim. — Abaixou a voz. — Não posso continuar, Karou. Não tenho mais forças. Mal consigo segurar uma pá. Eu raspo a terra dura, escavando como um cachorro. Estou acabado.

A compaixão a atingiu com força.

— Com certeza há outras maneiras de se viver...

— Não. Só me resta a morte. Deve-se morrer com orgulho quando não é mais possível viver com orgulho. Nietzsche disse isso, sabe? Homem sábio. Grande bigode.

Ele puxou seu próprio bigode desgrenhado e se esforçou para dar um sorriso.

— Izíl, você não pode estar dizendo que quer morrer.

— Se ao menos houvesse uma maneira de ser livre...

— Não há? — perguntou ela sinceramente. — Deve haver alguma coisa que você possa fazer.

Seus dedos se crisparam, enquanto mexia nervosamente no bigode.

— Não gosto de pensar sobre isso, minha querida, mas... existe uma maneira, se você me ajudar. Você é a única que eu conheço que é corajosa o bastante e boa o bastante... Ai! — Levou a mão à orelha, e Karou viu sangue escorrer por entre os dedos

dele. Ela se encolheu em seu lugar. Razgut devia tê-lo mordido. — Vou pedir a ela se eu quiser, seu monstro!

— gritou o ladrão de túmulos. — Sim, você é um monstro! Não ligo para o que você já foi um dia. Você é um monstro agora!

E então um conflito peculiar se seguiu. Parecia que o velho homem estava lutando consigo mesmo. O garçom perto deles estremeceu, agitado, e Karou arrastou a cadeira para trás, para ficar a salvo de membros descontrolados, visíveis e invisíveis.

— Pare com isso. Pare! — gritou Izíl, os olhos arregalados.

Ele se preparou, levantou a bengala, e desceu-a com toda força sobre o próprio ombro e a coisa que se empoleirava lá. Bateu várias vezes, parecendo estar se autoflagelando, e então deu um grito agudo e caiu de joelhos. Sua bengala caiu longe com estrépito quando o homem levou as duas mãos ao pescoço. Sangue escorria para dentro da gola do seu djellaba — a coisa devia tê-lo mordido de novo. O sofrimento em seu rosto era maior do que Karou podia suportar e, sem parar para pensar, ela se abaixou ao seu lado, pegando-o pelo cotovelo para ajudá-lo a se levantar.

Um erro.

Na mesma hora, ela sentiu algo em seu pescoço: um toque deslizante. A náusea a revirou por dentro. Era uma língua. Razgut tinha conseguido prová-la. Ela ouviu o repulsivo som de alguém engolindo enquanto se afastava, deixando para trás o ladrão de túmulos, ainda de joelhos.

Isso já era o bastante. Ela recolheu os dentes e seu caderno de desenho.

— Espere, por favor — gritou Izíl. — Karou. Por favor.

Seu pedido foi tão desesperado que ela hesitou. Ele procurou com dificuldade alguma coisa no bolso e estendeu as mãos. Dois alicates. Pareciam enferrujados, mas Karou sabia que não era ferrugem. Essas eram suas ferramentas de trabalho, e estavam cobertas pelos resíduos das bocas dos mortos.

— Por favor, minha querida — disse ele. — Não há mais ninguém.

Ela entendeu na hora o que ele queria dizer e deu um passo para trás, chocada.

— Não, Izíl! Meu Deus. A resposta é não.

— Um bruxis me salvaria! Eu não posso me salvar por conta própria. Já usei o meu. Seria preciso outro bruxis para desfazer meu desejo tolo. Você poderia desejar que ele me deixasse. Por favor. Por favor!

Um bruxis. Era o único desejo mais poderoso que um gavriel, e seu valor de negociação era singular: a única forma de se conseguir um era com seus próprios dentes. Todos eles, extraídos pela própria pessoa.

A ideia de tirar seus próprios dentes, um por um, fez Karou ficar enjoada.

— Não seja ridículo — sussurrou ela, horrorizada por ele ter sido capaz de lhe pedir isso. Por outro lado, ele era louco, e naquele momento era realmente o que parecia.

Ela recuou.

— Eu não pediria, você sabe que não, mas é o único jeito!

Karou se afastou rapidamente, a cabeça abaixada, e teria continuado andando sem olhar para trás se não fosse por um grito que ouviu atrás dela, que surgiu do caos da Jemaa el-Fna e no mesmo instante abafou qualquer outro som. Era algum tipo louco de lamento, um som alto e estridente diferente de qualquer coisa que ela já ouvira. Definitivamente, não era Izíl.

Espectral, o pranto se ergueu, hesitante e violento, para arrebentar como uma onda e se transformar em uma linguagem — sussurrante, sem consoantes ásperas. As modulações sugeriam palavras, mas a língua era estranha até mesmo para Karou, que tinha mais de vinte em sua coleção. Ela se virou, percebendo que as pessoas à sua volta faziam o mesmo, esticando o pescoço, e que suas expressões de preocupação se transformavam em horror quando viam a fonte do som.

Então ela também viu.

A coisa nas costas de Izíl não estava mais invisível.

14
AVE MORTAL DA ALMA

Se a língua era estranha para Karou, não era para Akiva.

— Serafim, estou vendo você! — soou a voz. — Eu conheço você! Irmão, irmão, já cumpri minha sentença. Farei qualquer coisa! Eu me arrependi, já fui punido o suficiente...

Akiva encarava sem compreender a coisa que se materializara nas costas do velho.

Estava quase pelado, um torso inchado com braços finos enrolados com firmeza em volta do pescoço do humano. Pernas inúteis pendiam para trás, e a cabeça estava retesada e roxa de tão inchada, como se estivesse ingurgitada com sangue e prestes a estourar numa gigantesca explosão úmida. Era repugnante. Que aquilo falasse a língua dos serafins era uma abominação. O total absurdo daquilo deixou Akiva imóvel, encarando fixamente, antes que o espanto de ouvir sua própria língua se transformasse em choque com o que estava sendo dito.

— Eles arrancaram minhas asas, irmão! — A coisa estava olhando para Akiva, havia soltado um braço do pescoço do homem velho e o esticava em direção ao anjo, implorando. — Deformaram minhas pernas para me fazer rastejar, como os insetos da Terra! Já faz mil anos que fui expulso, mil anos de tormento, mas agora você veio, veio para me levar para casa!

Casa?

Não. Era impossível.

As pessoas recuavam para se afastar da visão da criatura. Outros tinham se virado, seguindo a direção da súplica para fixar o olhar em Akiva. Ele percebeu que era observado e varreu a multidão com seu olhar abrasador. Alguns se desviaram, murmurando orações. E então seus olhos pousaram sobre a garota de cabelo azul, a uns vinte metros de distância. Era uma figura calma e resplandecente em meio à multidão alvoroçada.

E estava olhando de volta.

* * *

Para olhos contornados por kohl em um rosto bronzeado. Olhos cor de fogo com uma carga como fagulhas que abria caminho pelo ar e o incendiava. Isso provocou um choque em Karou — não um mero sobressalto, mas uma reação em cadeia que fustigou seu corpo com um afluxo de adrenalina. Os membros dela descobriram a leveza e o poder do súbito despertar, lutar ou fugir, algo químico e selvagem.

Quem?, pensou ela, a mente correndo para acompanhar o fervor do corpo.

E: *O quê?*

Porque ele claramente não era humano, o homem de pé em meio àquele tumulto, em absoluta quietude. Ela percebeu uma pulsação nas palmas das mãos e fechou os punhos, sentindo um zumbido selvagem em seu sangue.

Inimigo. Inimigo. Inimigo. A compreensão pulsava dentro dela no ritmo das batidas de seu coração: o desconhecido com olhos de fogo era o inimigo. O rosto dele — ah, tão belo, ele era perfeito, era mítico — estava completamente impassível. Ela se sentia presa entre o impulso de fugir e o medo de virar as costas para ele.

Foi Izíl quem decidiu por ela.

— Malak! — gritou ele, apontando para o homem. — Malak!

Anjo.

Anjo?

— Eu conheço você, ave mortal da alma! Sei o que você é! — Izíl se virou para Karou e disse com urgência: — Karou, filha-dos-desejos, você deve ir até Brimstone. Diga a ele que os serafins estão aqui. Eles voltaram. Você deve avisá-lo! Corra, criança. Corra!

E ela correu.

Através da Jemaa el-Fna, onde as pessoas que tentavam fugir estavam sendo atrasadas pelas atraídas para o alvoroço. Ela abriu caminho com os ombros, empurrou alguém para o lado, bateu no flanco de um camelo e saltou sobre uma cobra enrolada, que deu o bote nela, sem presas e inofensiva. Arriscando um olhar sobre o ombro, não viu nenhum sinal de que estivesse sendo seguida — nenhum sinal dele —, mas sentiu algo.

Uma vibração ao longo de cada terminação nervosa. Seu corpo, vivo e alerta. Ela estava assustada, era a presa, e não estava nem com a faca enfiada dentro da bota, por não achar que precisaria dela em uma visita ao ladrão de túmulos.

Ela correu, deixando a praça por uma das muitas vielas que convergiam em sua direção como afluentes. As multidões nas feiras tinham diminuído e várias luzes haviam sido apagadas, e ela entrava e saía de trechos escuros, os passos largos, leves e calculados, quase silenciosos. Ela fazia curvas amplas para evitar colisões, e olhou para trás várias vezes, mas não viu ninguém.

Anjo. A palavra continuava ecoando em sua mente.

Já estava se aproximando do portal — só mais uma curva, a extensão de outro beco sem saída, e estaria lá, se conseguisse chegar tão longe.

Algo se movimentava rapidamente acima dela. Calor e o vush grave do bater de asas.

Lá no alto, a escuridão se condensou quando uma forma obscureceu a lua. Alguma coisa se movia de forma violenta e rápida em direção a Karou com asas gigantescas, inimagináveis. Calor e o bater de asas, o zunido do ar cortado por uma lâmina. Uma lâmina. Karou pulou para o lado, e sentiu o aço acertar seu ombro quando se chocou contra uma porta entalhada, lascando a madeira. Agarrou um pedaço, um fragmento pontudo, e se virou para encarar seu agressor.

Ele ficou parado à mera distância de um corpo, a ponta da espada apoiada no chão.

Oh, pensou Karou, olhando para ele.

Oh.

Um anjo, de fato.

Ele se revelou. A lâmina de sua longa espada refletia o branco incandescente de suas asas — asas enormes e brilhantes, de envergadura tão grande que tocavam as paredes de cada lado do beco, cada pena como a chama de uma vela sendo soprada pelo vento.

Aqueles olhos.

O olhar dele era como um pavio aceso, deixando em chamas o ar entre os dois. Ele era a coisa mais bonita que Karou já tinha visto. Seu primeiro pensamento, incongruente mas avassalador, foi o de memorizá-lo para poder desenhá-lo depois.

A segunda coisa em que pensou é que não haveria um depois, porque ele iria matá-la.

Seu movimento em direção a Karou foi tão veloz que suas asas deixaram borrões de luz no ar, e, mesmo quando ela pulou de lado mais uma vez, continuou com a imagem ardente dele gravada em sua visão. A espada a atingiu novamente, dessa vez no braço, mas ela conseguiu evitar um golpe mortal. Karou era rápida. Ela mantinha espaço à sua volta; ele tentava se aproximar, mas ela dançava para longe, ágil e fluida. Os olhos deles se encontraram mais uma vez, e Karou viu, além de sua beleza surpreendente, a falta de humanidade, a inexistência total de misericórdia.

Ele atacou de novo. Por mais rápida que fosse, Karou não conseguia sair do alcance da espada dele. Um golpe direcionado à garganta dela resvalou para sua escápula. Não houve dor — isso viria depois, a não ser que estivesse morta —, somente um calor se espalhando, que sabia ser sangue. Outro golpe, e ela o aparou com sua lança de madeira, que se partiu como um graveto, metade parando longe, deixando-a apenas com um pedaço qualquer de madeira do tamanho de uma adaga, um arremedo ridículo de arma. Apesar disso, quando o anjo veio em sua direção de novo, ela se esquivou para perto dele e investiu, sentindo a madeira atingir a carne e afundar ali.

Karou já havia apunhalado homens antes, e detestava a horrível sensação de penetrar a carne de alguém. Ela se afastou, deixando a arma improvisada no flanco dele. O rosto do anjo não registrava nem dor, nem surpresa. Era um rosto morto, pensou Karou enquanto ele se aproximava. Ou melhor, o rosto vivo de uma alma morta.

Era completamente aterrador.

Ele a havia encurralado, e os dois sabiam que ela não poderia escapar. Ela percebia vagamente alguns gritos de espanto e medo pelo beco e vindos das janelas, mas todo seu foco estava no anjo. E o que isso significava afinal, *anjo?* O que Izíl tinha dito? Os serafins estão aqui.

Ela já havia ouvido aquela palavra antes; serafim era alguma alta ordem de anjos, pelo menos de acordo com o mito cristão, pelo qual Brimstone sentia total desprezo, como sentia por todas as religiões.

— Os humanos tiveram vislumbres das coisas através dos tempos — dissera ele. — Apenas o suficiente para inventar todo o resto. É tudo uma colcha de contos de fada com um retalho de verdade aqui e outro ali.

— Então o que é real? — ela quisera saber.

— Se você pode matar alguma coisa, ou se ela pode matar você, é real.

Segundo aquela definição, aquele anjo era bastante real.

Ele levantou a espada, e ela apenas o observou enquanto ele fazia aquilo, sua atenção desviada por um instante para as linhas de tinta preta tatuadas nos dedos dele — por um momento fugaz, elas pareceram familiares, mas logo não pareciam mais, a sensação desaparecendo tão logo fora percebida. E ela ficou ali encarando seu assassino, perguntando-se entorpecidamente *por quê.* Parecia impossível que aquele fosse o momento final de sua vida. Ela inclinou a cabeça, desesperada, procurando em suas feições por algum traço de... *alma...* e então, encontrou.

Ele hesitou. A máscara dele caiu apenas por uma fração de segundo, mas Karou pôde ver alguma emoção urgente aflorar, uma onda de sentimento que suavizou as feições rígidas e absurdamente perfeitas. O maxilar dele se descerrou, os lábios se abriram, o cenho se franziu em um instante de confusão.

Ao mesmo tempo, ela percebeu a pulsação nas palmas de suas mãos que a fez cerrar os punhos no instante em que o vira. Aquela sensação ainda vibrava nela, como uma energia reprimida, e Karou foi sacudida pela certeza de que ela emanava de suas tatuagens. Um impulso de erguer as mãos tomou conta dela, e foi o que fez, não em rendição subserviente, mas com as palmas ousadamente estendidas, pintadas com os olhos que havia nelas durante toda a sua vida sem que jamais soubesse por quê.

E alguma coisa aconteceu.

Foi como uma explosão — um influxo abrupto, todo o ar sugado para dentro de um núcleo estreito e depois expelido. Foi

silencioso, imperceptível — para as testemunhas boquiabertas não tinha sido nada, na verdade, apenas uma garota erguendo as mãos —, mas Karou pôde sentir, e o anjo também. Os olhos dele se arregalaram com compreensão, um momento antes de ele ser arremessado para trás com força devastadora e atingir uma parede a uns seis metros de distância. Ele caiu no chão, as asas tortas, a espada deslizando para longe. Karou se levantou com dificuldade.

O anjo não estava se mexendo.

Ela se virou e saiu correndo dali. O que quer que tivesse acontecido, deixara um silêncio para trás que a seguiu em seu caminho. Ela só conseguia ouvir a própria respiração, estranha e amplificada, como se estivesse em um túnel. Dobrou a curva no beco a toda velocidade, derrapando para não esbarrar num burro teimoso empacado no meio da travessa. O portal estava à vista, uma porta simples entre várias portas simples, mas havia alguma coisa diferente nela agora. Uma grande marca de mão estava queimada, negra, na madeira.

Karou se lançou em direção à porta, martelando com os punhos, com um furor que nunca descarregara em um portal antes.

— Issa! — gritou. — Deixe-me entrar!

Um momento longo e assustador, Karou olhando para trás por cima do ombro, e então a porta finalmente se abriu.

Ela começou a se atirar para a frente, então soltou um grito sufocado. Não era Issa ou o vestíbulo, mas uma mulher marroquina com uma vassoura. Ah, não. Os olhos da mulher se estreitaram, e ela abriu a boca para repreender a garota, mas Karou não esperou. Empurrou a mulher para dentro e fechou a porta, permanecendo do lado de fora. E então bateu de novo freneticamente.

— Issa!

Pôde ouvir a mulher gritando e sentiu que ela tentava abrir a porta. Karou xingou e a manteve fechada. Se ela se abrisse, a magia do portal não poderia se conectar. Gritou, então, em árabe:

— Afaste-se da porta!

Ela olhou por cima do ombro. Havia um alvoroço na rua, braços acenando, pessoas gritando. O burro continuava inabalável. Nada do anjo. Será que ela o havia matado? Não. Seja lá o que tivesse acontecido, ela sabia que ele não estava morto. Ele viria.

Ela socou a porta de novo.

— Issa, Brimstone, por favor!

Nada além de palavras iradas em árabe. Karou mantinha a porta fechada com o pé e continuava batendo.

— Issa! Ele vai me matar! Issa! Deixe-me entrar!

Por que estava demorando tanto? Os segundos se esvaíam como scuppies em um colar, sumindo um após o outro. A porta estremecia contra seu pé, alguém tentava abri-la de qualquer jeito — será que era Issa? — e então ela sentiu uma rajada de calor em suas costas. Ela não hesitou dessa vez; virou-se, pressionando as costas na porta para mantê-la fechada, e levantou as mãos como se quisesse deixar que suas tatuagens vissem. Não houve nenhuma explosão dessa vez, somente um crepitar de energia que ergueu seu cabelo como as serpentes da Medusa.

O anjo andava de maneira arrogante em sua direção, cabeça baixa de forma a olhar para ela do alto de seus olhos flamejantes. Ele não se movia com facilidade, mas como se estivesse contra o vento. Qualquer que fosse o poder nas tatuagens de Karou que o havia arremessado contra a parede, estava dificultando seus movimentos agora, mas não o detinha. As mãos dele estavam fechadas em punho dos lados do corpo, e o rosto, feroz, preparado para suportar a dor.

Ele parou a alguns passos de distância e olhou para Karou, olhou mesmo, os olhos já não mais mortos, mas percorrendo o rosto e o pescoço dela, e então atraídos de volta para seus hamsás e mais uma vez para seu rosto. De um lado para o outro, como se alguma coisa não fizesse sentido.

— Quem é você? — perguntou ele, e Karou quase não reconheceu a língua que o anjo falava como quimera, tão suave era o som que vinha dele.

Quem ela era?

— Você não costuma descobrir isso antes de tentar matar alguém?

Ela voltou, então, a sentir uma pressão na porta às suas costas. Se não fosse Issa, seria seu fim. O anjo deu mais um passo na direção de Karou, e ela se moveu para o lado para permitir que a porta abrisse.

— Karou! — Era a voz de Issa, aguda.

E ela se virou e pulou através do portal, fechando-o assim que passou.

* * *

Akiva se lançou atrás dela e abriu a porta de novo com força, mas apenas deu de cara com uma mulher aos berros, que empalideceu e deixou cair uma vassoura aos pés dele.

A garota já havia desaparecido.

Ele ficou lá parado por um momento, quase alheio à loucura ao seu redor. Seus pensamentos estavam em disparada. A garota iria avisar Brimstone. Ele deveria tê-la impedido, poderia tê-la matado sem problemas. Em vez disso, ele a atacara lentamente, dando-lhe tempo de desviar, de se mover livremente. Por quê?

Era simples. Ele queria olhar para ela.

Tolo.

E o que ele vira, ou pensava ter visto? O vislumbre de algum passado que nunca mais poderia voltar — o fantasma da garota que lhe ensinara o que era misericórdia, há muito tempo, só para que o próprio destino dela desfizesse todos os seus gentis ensinamentos? Akiva achava que qualquer centelha de misericórdia estivesse morta dentro dele a essa altura, mas não tinha conseguido matar a garota. E então, o inesperado: os hamsás.

Uma humana marcada com os olhos do demônio! *Por quê?*

Só havia uma resposta possível, tão simples quanto perturbadora.

Que ela na verdade não era humana.

15
A OUTRA PORTA

No vestíbulo, Karou caiu de joelhos. Respirando com dificuldade, ela se recurvou sobre as voltas do corpo de serpente de Issa.

— Karou! — Issa a acolheu em um abraço que deixou as duas grudentas de sangue. — O que houve? Quem fez isso com você?

— Você não o viu?

Karou estava espantada.

— Ver quem?

— O anjo...

A reação de Issa foi intensa. Ela se empinou para trás, como uma serpente pronta para atacar, e sibilou:

— *Anjo?*

Todas as suas cobras — em seu cabelo, em volta de sua cintura e de seus ombros — se retorceram com ela, sibilando. Karou gritou, seus ferimentos repuxados pelo movimento rápido.

— Oh, minha querida, meu docinho. Por favor, me perdoe.

Issa voltou a se acalmar, aninhando Karou como uma criança.

— O que você quer dizer com anjo? Certamente não...

Karou olhou para ela, piscando. As sombras estavam se fechando ao seu redor.

— Por que ele quis me matar?

— Querida, querida — disse Issa, preocupada. Ela afastou o cachecol e o casaco cortados pela espada para ver suas feridas, mas ainda estavam sangrando muito, e a luz no vestíbulo era fraca. — Tanto sangue!

Karou sentiu como se as paredes estivessem girando lentamente à sua volta. Esperava que a porta interna se abrisse, mas ela continuava fechada.

— Não podemos entrar? — Sua voz soava fraca. — Quero ver Brimstone.

Lembrou-se de como ele a havia levantado e segurado quando ela chegara sangrando de São Petersburgo. Como ela havia se sentido completamente calma e confiante, sabendo que ele a ajudaria a se recuperar. E ele havia mesmo, e faria de novo...

Issa pegou o cachecol ensopado de sangue e tentou estancar as feridas de Karou.

— Ele não está aqui agora, doce criança.

— Onde ele está?

— Ele... Ele não pode ser perturbado.

Karou choramingou. Ela queria Brimstone. Precisava dele.

— Perturbe-o — pediu, e então ela começou a perder a consciência.

Caindo.

A voz de Issa, muito distante.

E depois, nada.

Aos poucos, algumas imagens começaram a piscar, como um filme mal emendado: os olhos de Issa e de Yasri, bem perto, ansiosos. Mãos macias, água fresca. Sonhos: Izíl e a coisa nas costas dele, sua cara inchada num tom marrom-arroxeado de fruta pisada, e o anjo encarando Karou, como se pudesse fazê-la pegar fogo com o olhar.

A voz de Issa, abafada e misteriosa.

— O que pode significar o fato de estarem no mundo dos humanos?

E então Yasri:

— Eles devem ter encontrado uma forma de voltar. Demorou bastante, considerando o quanto se acham espertos.

Isso não era parte do sonho. Karou tinha voltado à consciência como quem nada até uma praia distante — com grande esforço — e estava deitada em silêncio, ouvindo. Estava na cama que usava quando era criança nos fundos da loja; sabia disso sem nem abrir os olhos. Seus ferimentos doíam, e o cheiro de unguento cicatrizante no ar era pungente. As duas quimeras estavam de pé no fim do corredor de estantes de livros, sussurrando.

— Mas por que atacar Karou? — sibilou Issa.

Yasri:

— Você não acha...? Eles não devem saber sobre ela.

Issa:

— É claro que não. Não seja ridícula.

— Não, não, é claro que não. — Yasri suspirou. — Ah, gostaria que Brimstone voltasse. Você acha que devemos ir buscá-

lo?

— Você sabe que ele não pode ser interrompido. Mas não deve demorar muito mais.

— Não.

Depois de uma pausa tensa, Issa arriscou:

— Ele vai ficar furioso.

— Vai — concordou Yasri, um tremor de medo na voz dela. — Ah, vai.

Karou sentiu que as duas quimeras olhavam para ela e tentou ao máximo parecer inconsciente. Não era difícil. Ela se sentia letárgica, e a dor se espalhava pelo peito, ombro e braço. Marcas de corte para fazer companhia a suas cicatrizes de bala. Ela estava com sede, e sabia que bastava murmurar qualquer coisa para que Yasri corresse até ela com água e uma mão reconfortante, mas ficou em silêncio. Tinha muito em que pensar.

Yasri tinha dito: “Eles não devem saber sobre ela.”

Saber *o quê?*

Era enlouquecedor, todos aqueles segredos. Ela queria se sentar e gritar “Quem sou eu?”, mas não fez isso. Fingiu que dormia, porque havia outra coisa perturbando seus pensamentos.

Brimstone não estava ali.

Ele sempre estava ali. Nunca haviam permitido que ela entrasse na loja em sua ausência, e somente a circunstância extraordinária de estar quase morrendo possibilitou essa exceção.

Essa oportunidade.

Karou esperou até ouvir Issa e Yasri se afastarem, dando uma espiada com os olhos entreabertos para ter certeza de que tinham ido embora. Ela sabia que, assim que deslocasse seu peso de lugar para se levantar, as molas da cama iriam ranger e denunciá-la, então pegou o cordão de scuppies que trazia em volta do pulso.

Outro uso para desejos quase inúteis: silenciar o rangido das molas de uma cama.

Ela ficou de pé e se firmou, a cabeça girando, as feridas ardendo, sem emitir um ruído. Yasri e Issa tinham tirado suas botas, além de seu casaco e seu suéter, então ela estava usando apenas ataduras, além da combinação e de jeans sujos de sangue. Caminhou descalça até perto de dois armários e embaixo de cordões pendurados com dentes de camelo e girafa, então parou, apurou os ouvidos e deu uma olhada na loja.

A escrivaninha de Brimstone estava escura, e também a de Twiga, nenhum lampião aceso para as mariposas-beija-flor tremularem em volta. Issa e Yasri estavam na cozinha, fora do campo de visão, e a loja toda estava em meio à penumbra, o que fazia a outra porta se destacar ainda mais, com uma fresta de luz saindo dela.

Pela primeira vez na vida de Karou, a porta estava entreaberta.

Com o coração acelerado, ela se aproximou. Parou por um instante com a mão na maçaneta, depois abriu um pouco a porta e deu uma olhada.

DECAÍDOS

Akiva encontrou Izíl encolhido atrás de uma pilha de lixo na Jemaa el-Fna, a criatura ainda presa às suas costas. Um semicírculo de humanos assustados se amontoava ao redor deles, ameaçadores, mas, quando Akiva desceu do céu em uma explosão de centelhas, as pessoas fugiram em todas as direções, gritando como porcos assustados.

A criatura estendeu a mão para Akiva.

— Meu irmão — sussurrou ele. — Sabia que viria me buscar.

Akiva trincou os dentes. Ele se forçou a olhar para a coisa. Mesmo inchado como estava seu rosto, suas feições ainda guardavam o eco de uma beleza de muito tempo atrás: olhos amendoados, um nariz fino de ponte alta e lábios sensuais que pareciam perversos num rosto tão desprezível. Mas a chave para sua verdadeira natureza estava em suas costas. Das escápulas, projetavam-se os vestígios destruídos de articulações de asas.

Inacreditavelmente, aquela coisa era mesmo um serafim. Só podia ser um dos Decaídos.

Akiva conhecia a história como lenda e nunca se perguntara se seria verdade, não até aquele momento, diante da comprovação. De que havia serafins, exilados em outra era por traição e por colaborar com o inimigo, lançados no mundo humano para sempre. Bem, ali estava um deles, que se tornara algo muito diferente do que já fora um dia. O tempo tinha curvado sua coluna, e sua carne, retesada, parecia se repuxar em cada aresta de cada vértebra. Suas pernas pendiam inúteis atrás dele — o que não tinha sido ação do tempo, mas de violência. Tinham sido pulverizadas, proposital e cruelmente, para que ele nunca mais caminhasse. Como se não fosse punição o bastante que suas asas tivessem sido arrancadas — não cortadas, mas arrancadas —, suas pernas foram destruídas também, deixando-o como uma criatura rastejante em um mundo estranho.

Ele tinha vivido assim por mil anos, e estava transtornado de alegria ao ver Akiva.

Izíl não estava tão feliz. Ele se agachava contra o monte fedorento de lixo, com mais medo de Akiva do que da aglomeração. Enquanto Razgut não parava de balbuciar “Meu irmão, meu irmão” em um cântico de êxtase, o velho homem tremia e tentava se afastar, mas não tinha para onde ir.

Akiva aproximou-se dele, o fulgor de suas asas reveladas iluminando o ambiente como luz do dia.

Razgut, ansioso, estendeu a mão para Akiva.

— Minha sentença acabou e você veio para me levar de volta. É isso, não é, meu irmão? Você vai me levar para casa e me fazer inteiro novamente, para que eu possa andar. Para que eu possa voar...

— Isso não tem nada a ver com você — cortou Akiva.

— O que... O que você quer? — indagou Izíl com voz sufocada, na língua dos serafins aprendida com Razgut.

— A garota — disse Akiva. — Quero que me fale sobre a garota.

17
MUNDO À PARTE

No lado oposto da outra porta, Karou descobriu uma passagem de pedras pretas opacas. Ao dar uma olhada, pôde ver que o corredor seguia por uns três metros antes de sumir de vista. Um pouco antes disso, havia uma janela — um nicho estreito e fechado, no ângulo errado para permitir que visse de onde estava. Uma luz branca vinha de lá, pintando retângulos pelo chão. *Luz da lua,* pensou Karou, e se perguntou que paisagem veria caso fosse até lá pé ante pé e olhasse para fora. Onde ficava esse lugar? Como a porta da frente da loja, será que essa porta dos fundos se abria para diversas cidades, ou era completamente diferente, alguma profundeza do Outro Lugar de Brimstone que ela mal conseguiria começar a imaginar? Alguns passos e ela poderia descobrir pelo menos isso. Mas será que ousaria?

Ela prestou atenção. Havia sons, mas pareciam muito distantes, chamados ecoando na noite. A passagem em si estava silenciosa.

Então ela foi em frente. Seguiu pela porta. Deu passos rápidos e silenciosos, na ponta dos pés descalços, e chegou à janela. Espiou através das pesadas barras de ferro. Viu o que havia lá.

Seus músculos faciais, tensos de ansiedade, de repente relaxaram em total admiração, e ela literalmente ficou de boca aberta. Isso um pouco antes de perceber e fechá-la, encolhendo-se quando o barulho agudo dos dentes batendo quebrou o silêncio. Ela se inclinou para a frente, absorvendo a cena à frente e abaixo dela.

Onde quer que estivesse, de uma coisa tinha certeza: aquele não era seu mundo.

Havia duas luas no céu. Essa era a primeira coisa. Duas luas. Nenhuma delas estava cheia. Uma era um semicírculo radiante bem no alto, a outra um pálido crescente que, ao se erguer, iluminava um trecho de montanha. Quanto à paisagem que iluminavam, ela reparou que estava numa imensa fortaleza. Gigantescas muralhas com bermas se encontravam em bastiões hexagonais; uma grande cidade se localizava no centro de tudo isso, e torres com ameias — em uma das quais Karou calculou que devia estar, dado o seu ponto de vista elevado — se erguiam acima daquilo tudo, com silhuetas de guardas marchando no alto delas. Não fosse pelas luas, poderia ser uma cidade fortificada da Europa antiga.

Eram as barras que a tornavam diferente.

O extraordinário era que a cidade era coberta por barras de ferro. Ela nunca tinha visto nada como aquilo. Elas se arqueavam sobre todo o lugar de uma extensão de paredes de terra socada até a outra, negras e feias, encerrando até mesmo as torres. Um exame rápido não revelava nenhuma lacuna; as barras ficavam tão próximas que ninguém poderia se espremer para passar entre elas. As ruas e praças da cidade ficavam completamente encobertas, como se estivessem dentro de uma gaiola, e a luz da lua projetava sombras riscadas sobre tudo.

Para que servia aquilo? O objetivo das barras era manter alguma coisa *do lado de dentro ou do lado de fora?*

E então Karou viu uma figura alada descendo do céu e se encolheu, pensando que descobrira a resposta. Um anjo, um serafim — esse foi seu primeiro pensamento, seu coração começou a martelar e seus ferimentos a pulsar. Mas não era. A figura passou no alto e sumiu de vista, e ela viu claramente que a forma era animal — algum tipo de cervo alado. Um quimera? Ela sempre achou que devia haver mais deles, embora até então só tivesse visto seus quatro, que nunca diriam se havia outros.

Ocorreu-lhe então que toda aquela cidade devia ser habitada por quimeras, e que, além de seus muros, se estendia um mundo inteiro, um mundo com duas luas, também habitado por quimeras, e ela teve de se agarrar às barras para se manter de pé enquanto o universo parecia vibrar e se expandir à sua volta.

Havia outro mundo.

Outro mundo.

De todas as teorias com que tinha sonhado com relação à outra porta, ela nunca havia imaginado isso: um mundo à parte, com tudo, até mesmo os próprios continentes, montanhas, luas. Já estava um pouco zonza pela perda de sangue, e a descoberta a fez cambalear, e precisou se agarrar com força às barras da janela.

Foi então que ouviu vozes. Próximas. E também familiares. Ela tinha ouvido seus murmúrios a vida inteira enquanto suas cabeças incongruentes se aproximavam em discussões sobre dentes. Eram Brimstone e Twiga, e estavam dobrando a esquina.

— Ondine trouxe Thiago — dizia Twiga.

— Que tolo — sussurrou Brimstone. — Ele acha que os exércitos podem se dar ao luxo de perdê-lo em tempos como esse? Quantas vezes preciso dizer a ele que um general não precisa lutar na frente de batalha?

— É por sua causa que ele desconhece o medo — disse Twiga, fazendo Brimstone apenas bufar, e o som pareceu perigosamente próximo.

Karou quase entrou em pânico. Seus olhos dispararam de volta para a porta de onde tinha vindo. Ela não se achava capaz de alcançá-la. Em vez disso, imprensou-se no nicho da janela e ficou imóvel.

Eles passaram por ela, tão perto que ela poderia tocá-los. Karou ficou com medo de que entrassem na loja e fechassem a

porta, deixando-a presa naquele lugar estranho. Já estava pronta para chamá-los e impedir que isso acontecesse, mas eles passaram direto pela porta. A sensação de pânico passou. Em seu rastro, outra coisa se inflamou: raiva.

Raiva dos anos de segredos, como se ela não fosse digna de confiança ou até mesmo de conhecer os detalhes de sua própria existência. Sua raiva a deixou destemida, e ela decidiu descobrir mais — tanto quanto pudesse enquanto estivesse ali. Suspeitava de que jamais teria uma chance como aquela de novo. Então, quando Brimstone e Twiga se viraram em direção a uma escadaria, ela os seguiu.

Eram escadas de uma torre, estreitas e que desciam em espiral. A descida fez Karou se sentir zonza: descendo, girando, descendo, girando... Era hipnótico, até parecer que ela estava presa em um purgatório de escadas e que conti-nuaria a descer assim para sempre. Havia pequenas janelas durante um tempo, e depois elas desapareceram. O ar ficou frio e parado, e Karou teve a impressão de estar no subsolo. Ela ouvia fragmentos da conversa entre Brimstone e Twiga, e não conseguia entender nada.

— Vamos precisar de mais incenso em breve — disse Twiga.

— Vamos precisar de mais tudo. Não há um ataque violento assim há décadas — murmurou Brimstone.

— Você acha que estão de olho na cidade?

— Quando não estão?

— Até quando? — perguntou Twiga, com um tremor na voz. — Até quando conseguiremos detê-los?

— Não sei — respondeu Brimstone.

E, bem quando Karou achou que não aguentaria mais ficar dando voltas, eles chegaram à base. Foi ali que as coisas ficaram interessantes.

Muito interessantes.

As escadas davam para um salão vasto e reverberante. Karou teve de se conter até ter certeza de que Brimstone e Twiga tinham seguido em frente, mas, quando ouviu a voz deles se afastando, muito baixas devido à imensidão do espaço que os engolia, ela os seguiu sorrateiramente.

Parecia que estava numa catedral — isso, é claro, se a própria terra fosse capaz de formar uma catedral a partir de água pingando sobre as pedras por milhares de anos. Era uma imensa caverna natural que se elevava até um arco gótico quase perfeito. Estalagmites muito antigas foram entalhadas em pilares na forma de feras, e candelabros pendiam de tão alto que eram como aglomerados de estrelas. Havia um cheiro forte no ar, ervas e enxofre, e uma fumaça se espiralava entre os pilares, transformada em filetes por brisas que emanavam de aberturas invisíveis nas paredes entalhadas.

E abaixo daquilo tudo, onde Brimstone e Twiga andavam pela longa nave da catedral, não havia bancos de igreja para orações, mas mesas — mesas de pedra gigantescas como menires, tão grandes que deviam ter sido levadas até ali por elefantes. Na verdade, eram largas o bastante para acomodar um elefante, embora apenas uma delas tivesse um, *de fato*.

Um elefante, estendido sobre uma mesa.

Ou... não. Não era um elefante. De pés com garras, uma cabeça de urso-pardo gigantesco e presas, era outra coisa. Quimera.

E estava morto.

Em cada uma das mesas, havia um quimera morto, e havia dezenas deles. Dezenas. O olhar de Karou correu, errático, de uma mesa a outra. Não havia dois mortos iguais. A maioria tinha alguma característica humana, cabeça ou torso, mas não todos. Havia um macaco com juba de leão; uma criatura parecida com uma iguana, mas tão grande que só poderia ser chamada de dragão; uma cabeça de jaguar no corpo nu de uma mulher.

Brimstone e Twiga caminhavam entre eles, tocando-os, examinando- os. Ficaram parados por mais tempo diante de um homem.

Ele também estava nu. E era o que Karou e Zuzana teriam chamado, com sorrisos convencidos de quem entende das coisas, de um "espécime físico". Ombros largos que se estreitavam até quadris perfeitos, abdômen definido, todos os músculos que Karou sabia identificar das aulas de desenho de modelo-vivo vigorosamente pronunciados. Em seu peito forte havia um tufo de puros pelos brancos, e o cabelo da cabeça também era branco, longo e sedoso, espalhado pela mesa de pedra.

Um ar abafado de incenso pairava denso em volta dele. Vinha de um tipo de lampião de prata ornamentado, suspenso em um gancho acima de sua cabeça, que exalava um vapor constante. *Um turíbulo,* pensou Karou, como aqueles que são agitados em missas católicas. Brimstone estendeu uma das mãos sobre o peito do homem morto, deixou-a ficar lá por um momento, em um gesto que Karou não pôde decifrar. Afeto? Tristeza? Quando ele e Twiga se moveram e desapareceram na parede obscurecida no outro extremo da nave, ela saiu furtivamente do lugar onde estivera escondida e foi até a mesa.

De perto, viu que o cabelo branco do homem era uma incongruência. Ele era jovem, o rosto sem linhas de expressão. Era muito bonito, embora a morte o tivesse deixado pálido como cera e não parecesse muito real.

Também não era exatamente humano, embora estivesse mais perto disso do que a maioria dos quimeras ali. A carne e a musculatura das pernas sofriam uma transição na altura do meio da coxa, transformando-se nas ancas de pelos brancos de um lobo, com longos pés caninos recurvados na parte de trás e garras negras. E suas mãos, reparou Karou, eram híbridas: grandes e peludas na parte de trás, como patas, com dedos humanos que se afunilavam em garras. Estavam viradas com as palmas para cima, como se tivessem sido colocadas daquela maneira, e foi assim que Karou viu o que estava gravado na pele dele.

No meio de cada palma da mão havia um olho tatuado, idêntico aos dela.

Assustada, ela deu um passo para trás.

Isso era algo. Algo crítico, algo primordial, mas o que significava? Ela se virou para a mesa seguinte, a criatura com juba de leão. Suas mãos eram simiescas, a carne, escura, mas ainda assim ela conseguiu identificar hamsás nelas.

Foi até a mesa seguinte, e depois a outra. Até mesmo a criatura parecida com um elefante: as solas de suas patas dianteiras de mamute estavam marcadas. Cada uma daquelas criaturas mortas tinha hamsás, assim como ela. Os pensamentos martelavam em sua cabeça da mesma forma que seu coração batia forte dentro do peito. O que estava acontecendo? Havia ali dezenas de quimeras, e eles estavam nus e mortos — sem, ela notou, nenhum ferimento visível — e deitados e frios sobre placas em algum tipo de catedral subterrânea. Seus próprios hamsás a ligavam a eles de alguma forma, mas ela não conseguia imaginar como.

Retornou à primeira mesa, em que estava o homem de cabelos brancos, e se inclinou sobre ela. Ciente da fumaça aromatizada que saía do turíbulo, sentiu um momento de ansiedade quando percebeu que seu cabelo ficaria com aquele cheiro e a denunciaria para Yasri e Issa quando se esgueirasse de volta para a loja. A loja. Só de pensar em subir de volta aquela interminável escada em espiral sentiu vontade de se encolher em posição fetal. Suas feridas latejavam. Estavam exsudando através das ataduras, e o bálsamo de Yasri estava indo embora. Ela sentia *dor*.

Mas... aquele lugar. Aqueles mortos. Confusa, Karou se sentia incapaz de compreender aquele mistério. A mão do homem de cabelo branco estava bem à sua frente, com o hamsá a provocá-la. Ela colocou o próprio hamsá ao lado para comparar as marcas, mas o do homem estava à sombra do corpo dele, então ela a estendeu para erguer o símbolo até a luz.

As marcas eram idênticas. Ela observou isso enquanto sua mente trabalhava em alguma outra coisa, um alerta muito lento vindo de seus sentidos entorpecidos.

A mão dele, aquela mão morta... estava quente. A mão não estava morta.

Ele não estava morto.

Um movimento veloz e um estalo, e ele ficou de pé, girando em seus joelhos. Sua mão, que havia repousado inerte na dela, pegou-a pelo pescoço e tirou-a do chão, jogando-a sobre a mesa de pedra. A cabeça dela. Contra a pedra. A visão de Karou ficou borrada. Quando conseguiu ver direito novamente, ele estava sobre ela, olhos pálidos como gelo, lábios repuxados revelando presas. Ela não conseguia respirar. A mão dele ainda agarrava seu pescoço com força. Karou agarrou a mão dele, lutou para se desvencilhar, conseguiu colocar os joelhos entre eles dois e desferiu um chute.

Ele afrouxou a mão, e Karou arfou em busca de ar, tentou gritar, mas ele já estava de volta em cima de seu corpo, pesado, nu e selvagem, e ela lutou contra ele com todas as forças, lutou com uma impetuosidade que os arremessou da ponta da mesa para o chão. Foi tudo caos e destruição, e membros desnudos tão fortes que Karou não conseguia se libertar. Ele estava sobre ela, mantendo-a com as pernas afastadas, olhando-a fixamente, e algum tipo de fúria insana parecia emanar de seus olhos. Os lábios dele relaxaram o rosnado, e ele pareceu humano novamente, quase, e bonito, mas ainda assustador e... confuso.

Ele a agarrou pelos punhos, abriu as mãos dela à força para ver os hamsás, depois olhou rispidamente para o rosto dela. Seu olhar a percorreu por inteiro, fazendo-a se sentir como se ela é que estivesse nua, e então soltou um rosnado grave, que a fez estremecer.

— Quem é você?

Ela não conseguia responder. Estava com o coração disparado. Seus ferimentos ardiam como fogo. E, como sempre, ela não tinha uma resposta para aquela pergunta.

— *Quem é você?*

Ele a colocou de pé, puxando-a pelos pulsos e lançou-a de volta sobre a mesa de pedra, colocando-se sobre ela de novo.

Os movimentos dele eram fluidos e animalescos, os dentes afiados o bastante para rasgar sua garganta, e subitamente Karou percebeu como terminaria sua transgressão de atravessar a outra porta: em uma poça de sangue. Ela conseguiu respirar.

E gritou.

18
NÃO LUTARAS COM MONSTROS

Garota? — Izíl olhou para Akiva estreitando os olhos. — Você quer dizer... Karou?

Karou? Akiva conhecia aquela palavra. Significava esperança na língua do inimigo. Então ela não só carregava os hamsás, como também tinha um nome quimera.

— Quem é ela? — perguntou.

Claramente apavorado, o velho homem aprumou um pouco o corpo.

— Por que quer saber, *anjo?*

— Sou eu que faço as perguntas — disse Akiva. — E sugiro que você responda.

Ele estava impaciente para ir se juntar aos outros, mas odiaria ir embora com aquele mistério pairando sobre ele. Se não descobrisse agora quem era a garota, jamais saberia.

Ansioso por ajudar, Razgut informou:

— Ela tem gosto de néctar e sal. Néctar, sal e maçãs. Pólen, estrelas e dobradiças. Tem gosto de contos de fadas. Donzela cisne à meia-noite. Creme na ponta da língua de uma raposa. Ela tem gosto de *esperança.*

Akiva estava impassível, irracionalmente perturbado pelo pensamento de que aquela abominação havia provado a garota. Esperou até Razgut parar de tagarelar antes de falar, com a voz baixa na garganta.

— Não perguntei que gosto ela tem. Perguntei quem ela é.

Izíl deu de ombros, agitando as mãos num esforço para parecer indiferente.

— É só uma garota. Ela faz desenhos. E é gentil comigo. O que mais posso lhe dizer?

Falava de forma loquaz, e Akiva percebeu que ele achava que podia protegê-la. Uma atitude nobre, e ridícula. Como não tinha tempo a perder com aqueles joguinhos, optou por uma abordagem mais drástica. Agarrou Izíl pela frente da camisa e Razgut por um de seus esporões ósseos irregulares e saltou no ar com os dois, carregando o peso combinado deles como se não fosse nada.

Bastou que batesse as asas algumas vezes para conseguirem vislumbrar toda Marrakech abaixo deles. Izíl gritou, com os olhos bem fechados, mas Razgut ficou em silêncio, o rosto revelava uma nostalgia tão inexprimível que lançou no coração de Akiva a piedade como se fosse uma farpa — mais dolorosa, na verdade, do que quando Karou o havia acertado com a lança de madeira. Aquilo o surpreendeu. Através dos anos, ele havia aprendido a se anestesiar, e vivera tanto tempo com aquele entorpecimento que acreditava que a piedade e a misericórdia estavam extintas dentro de si, mas naquela noite ele fora atingido por ambas.

Descendo lentamente em espiral como uma ave de rapina, ele levou os dois para descansar no domo do minarete mais alto da cidade. Eles tentaram se segurar, mas não conseguiram, deslizando pela superfície escorregadia, buscando freneticamente um apoio para as mãos e para os pés antes de conseguirem se firmar contra um parapeito baixo decorativo que era tudo o que os impedia de cair da beirada, a vários metros do topo do telhado da mesquita abaixo.

O rosto de Izíl estava pálido; sua respiração, difícil. Quando Razgut mudou de posição nas costas do velho, eles oscilaram perigosamente perto da beirada. Izíl soltou uma enxurrada de comandos apavorados para que ele ficasse quieto, não se mexesse, se agarrasse a alguma coisa.

Akiva estava parado acima dos dois. Atrás dele, a cadeia serrilhada das Montanhas Atlas resplandeciam à luz da lua. As brisas provocavam as penas flamejantes que formavam suas asas, fazendo-as dançar, e seus olhos tinham a incandescência muda das brasas.

— Agora, se deseja viver, me diga o que quero saber. Quem é a garota?

Izíl, olhando completamente aterrorizado para além da beirada do telhado, respondeu depressa:

— Ela não é importante para você, é inocente...

— Inocente? Ela possui os hamsás, negocia dentes para o demônio feiticeiro. Não parece inocente para mim.

— Você não sabe. Ela é inocente. A garota apenas realiza tarefas para ele. É só.

Será que era só isso o que ela era, um tipo de criada? Isso não explicava os hamsás.

— Por que ela?

— Ela é a filha adotiva do Mercador de Desejos. Ele a criou desde que era um bebê.

Akiva pensou sobre aquilo.

— De onde ela veio? — Ele se ajoelhou para aproximar o rosto do de Izíl. Parecia muito importante para ele saber a resposta.

— Eu não sei. Não sei! Um dia ela estava lá, aninhada nos braços dele, e depois desse dia estava sempre lá, sem nenhuma explicação. Você acha que Brimstone me conta as coisas? Se contasse, talvez eu ainda fosse um homem, em vez de uma mula! —

Ele indicou Razgut com um gesto e caiu em uma gargalhada enlouquecida. — "Tome cuidado com o que deseja", Brimstone disse, mas eu não dei ouvidos, e agora olhe para mim!

Lágrimas brotaram dos cantos enrugados de seus olhos enquanto ele ria sem parar.

Akiva estava petrificado. O problema era que ele acreditava no que o corcunda tinha dito. Por que Brimstone contaria alguma coisa a seus servos humanos, principalmente a tolos malucos como aquele? Mas, se Izíl não sabia, que esperanças tinha Akiva de descobrir? O velho era sua única pista, e ele já perdera tempo demais ali.

— Então me diga onde encontrá-la — disse Akiva. — Ela foi cordial com você. Com certeza você sabe onde ela mora.

Angústia brilhou nos olhos do velho.

— Não posso lhe dizer isso. Mas... Mas... Mas posso lhe dizer outras coisas. Segredos! Sobre os seres como você. Graças a Razgut, sei bem mais sobre serafins que sobre quimeras.

Ele estava barganhando, ainda com a esperança de proteger Karou.

— Você acha que existe alguma coisa que possa me contar sobre minha própria espécie?

— Razgut conhece histórias...

— A palavra dos Decaídos. Ele por acaso já lhe contou por que foi exilado?

— Oh, eu sei por quê — disse Izíl. — Eu me pergunto se você sabe.

— Conheço minha história.

Izíl riu. Uma bochecha estava achatada contra o domo do minarete, e sua risada saiu como um chiado.

— Como mofo nos livros, os mitos crescem sobre a história. Talvez você devesse perguntar a alguém que esteve lá, tantos séculos atrás. Talvez devesse perguntar a Razgut — disse ele.

Akiva lançou um olhar frio sobre Razgut, que tremia e sussurrava incessantemente.

— Por favor, me leve para casa, irmão, me leve para casa. Eu me arrependi, já fui castigado o suficiente, me leve para casa... — pedia ele.

— Não preciso perguntar nada a ele — disse Akiva.

— Ah, não? Entendo. Um homem disse uma vez: "Tudo o que é necessário nesta vida é ignorância e autoconfiança; então o sucesso está garantido." Foi Mark Twain, conhece? Ele tinha um bigode bonito. Homens sábios geralmente têm.

Alguma coisa estava mudando no velho homem enquanto Akiva o observava. Ele o viu erguer a cabeça para dar uma olhada sobre a estreita faixa de pedra que o impedia de escorregar para a morte. Sua loucura parecia ter amainado, se é que tudo não tinha sido um fingimento, para início de conversa. Ele estava reunindo os farrapos de sua coragem, o que, naquelas circunstâncias, era bem impressionante. Também estava protelando.

— Facilite as coisas, velho — aconselhou Akiva. — Não vim aqui para matar humanos.

— Então por que você veio? Nem mesmo os quimeras ultrapassam esses limites. Este mundo não é lugar para monstros...

— Monstros? Bem, eu não sou um monstro.

— Não? Razgut também não acha que ele seja. Ou acha, monstro meu?

Ele perguntou isso de maneira quase carinhosa.

— Não sou um monstro. Sou um serafim, um ser de fogo sem fumaça, forjado em outra era, em outro mundo. — Olhava com raiva para Akiva. — Sou como você, irmão. Sou exatamente como você — arrulhou Razgut.

Akiva não gostou da comparação.

— Não sou como você, seu aleijado — disse em um tom ácido que fez Razgut se encolher.

Izíl levantou a mão para dar um tapinha no braço que se prendia como um torno de mesa em volta de seu próprio pescoço.

— Calma, calma — pediu ele, sua voz soando desprovida de compaixão. — Ele não consegue ver. Os monstros não conseguem se ver como monstros. Um dragão devorava donzelas agachado numa aldeia e, quando ouviu os moradores do lugar gritarem "Monstro!", olhou para trás, procurando.

— Eu sei quem são os monstros.

Os olhos de tigre de Akiva escureceram. Ele sabia muito bem. Os quimeras tinham reduzido o significado de vida a guerra. Surgiam em milhares de formas bestiais, e não importava quantos deles você matasse, sempre havia mais, e mais.

— Um homem disse uma vez: "Aquele que luta com monstros deve tomar cuidado para não se tornar um monstro também, e quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo também olha para você."

Nietzsche, sabia? Bigode excepcional.

— Apenas me conte... — começou Akiva, mas Izíl o interrompeu.

— Você já se perguntou alguma vez se os monstros fazem as guerras ou se as guerras é que fazem os monstros? Eu já vi coisas, anjo. Existem exércitos guerrilheiros que fazem garotinhos matarem a própria família. Tais atos arrancam a alma e abrem espaço para que bestas cresçam do lado de dentro. Exércitos precisam de bestas, não precisam? Bestas de estimação para fazerem seu trabalho terrível! E o pior é que é quase impossível resgatar uma alma que foi arrancada. Quase. — Ele lançou um olhar penetrante para Akiva. — Mas pode ser feito, se alguma vez... se alguma vez você decidir ir à procura da sua.

A fúria tomou conta de Akiva. Choveram fagulhas de suas asas, que foram carregadas pelas brisas por sobre os telhados de Marrakech.

— Por que eu faria isso? De onde eu venho, velho, uma alma é tão inútil quanto dentes para os mortos.

— Diz alguém, acredito, que ainda se lembra de como era ter uma.

Akiva se lembrava. Suas memórias eram lâminas, e ele não gostava de tê-las apontadas contra si.

— Você devia se preocupar com sua própria alma, não com a minha.

— Minha alma é pura. Nunca matei ninguém. Mas você, ah, você. Olhe para suas mãos.

Akiva não mordeu a isca, mas fechou os punhos instintivamente. As barras tinham sido gravadas na parte de cima de seus dedos: cada uma representando um inimigo morto, e suas mãos exibiam uma soma terrível.

— Quantos? — perguntou Izíl. — Você ao menos sabe ou já perdeu a conta?

O homem desequilibrado e assustado que Akiva havia arrancado da calçada da praça desaparecera por completo. Izíl agora estava sentado, ou o mais perto que conseguia disso carregando Razgut, que olhava para a frente e para trás angustiado entre sua mula humana e o anjo que esperava ter vindo para salvá-lo.

Na verdade, Akiva sabia o número exato de mortes que haviam sido registradas em suas mãos.

— E quanto a você? — disparou de volta para Izíl. — Quantos dentes através dos anos? Não acredito que você venha mantendo a contagem.

— Dentes? Ah, mas eu só tiro dentes dos mortos!

— E os vende para Brimstone. Sabe o que isso faz de você? Um cúmplice.

— Cúmplice? São apenas dentes. Ele faz colares, eu já vi. Apenas dentes em cordões!

— Você acha que ele está fazendo colares? Tolo. Você teve tudo a ver com nossa guerra, mas é idiota demais para perceber isso. Você me diz que lutar com monstros fez de mim um monstro? Negociar com demônios fez de você o quê?

Izíl olhou para ele, a boca aberta, então declarou, de repente compreendendo:

— Você sabe. Você sabe o que ele faz com os dentes.

Amargamente, Akiva sussurrou.

— Sim, eu sei.

— Conte para mim...

— Cale a boca! — ordenou Akiva, sua paciência chegando ao fim. — Diga-me onde encontrá-la. Sua vida não é nada para mim. Você entende?

Ele ouviu a brutalidade na própria voz e se viu como se estivesse de fora, pairando sobre aquelas pobres e fracas criaturas. O que Madrigal pensaria se pudesse vê-lo agora? Mas não podia, não é? E essa era a questão.

Madrigal estava morta.

O velho estava certo. Ele era um monstro, mas, se era, a culpa era do inimigo. Não apenas de uma vida inteira na guerra — isso não tinha conseguido fazer de Akiva o que ele era. Fora um ato que havia provocado isso, um ato inexprimível que ele nunca poderia esquecer ou perdoar, e pelo qual, em vingança, ele tinha jurado destruir um reino.

— Você acha que não consigo fazer você falar? — sibilou Akiva.

— Não, anjo. Não acho que você consiga — replicou Izíl com um sorriso.

E então se lançou do minarete, carregando Razgut junto, para cair por sessenta metros antes de se espatifar nas telhas do teto abaixo.

19

NÃO QUEM, MAS O QUE

A catedral conduziu o grito de Karou e o estilhaçou em uma sinfonia de gritos que ecoaram e colidiram de forma que o imenso espaço abobadado se encheu com sua voz. E, em seguida, nada mais. O quimera a silenciou com um golpe, e ela escorregou da placa de pedra, derrubando o gancho de metal e o turíbulo, que emitiu um tinido. Ele saltou atrás dela, e ela achou que fosse rasgar sua garganta com os dentes, o rosto tão perto do dela, mas então... ele foi arrastado para trás como se tivesse sido puxado e empurrado para longe.

E Brimstone estava lá.

Karou nunca tinha ficado tão feliz em vê-lo.

— Brimstone... — conseguiu dizer, engasgada, e depois parou. Seu alívio vacilou ao ver as pupilas de crocodilo dele reduzidas a fendas negras, como sempre ficavam quando estava furioso, mas, se Karou achava que o via irritado agora, estava prestes a receber uma aula sobre fúria.

O mundo pareceu parar enquanto ele tentava se recuperar do choque de vê-la ali, mas para Karou uma eternidade revolveu no espaço entre as batidas do coração.

— Karou? — rosnou ele, incrédulo, lábios repuxados para trás numa careta horrível.

Sua respiração estava rápida, e ele sibilou entre os dentes enquanto estendia a mão para alcançá-la, as garras flexionadas.

Atrás dele, o quimera lobo de pelo branco perguntava:

— Quem é essa?

— Essa não é ninguém — rosnou Brimstone.

Karou achou que talvez devesse correr.

Tarde demais.

Uma investida e Brimstone pegou o braço dela, bem em cima da bandagem tingida de sangue do último golpe do anjo, e o agarrou firme, esmagando-o. Uma luz tremia por trás das pálpebras de Karou, e ela arfou. Ele pegou o outro braço e a levantou, deixando seu rosto a poucos centímetros do dele. Os pés descalços se agitaram em busca de apoio, mas não encontraram nada. Os braços estavam presos, as garras de Brimstone perfurando sua pele. Ela não conseguia se mexer. Não podia fazer nada além de olhar de volta nos olhos dele, que nunca durante a vida dela tinham parecido tão estranhos, tão animais, como pareciam agora.

— Dê a garota para mim — disse o homem.

— Você precisa descansar, Thiago — aconselhou Brimstone. — Você ainda deveria estar dormindo. Vou cuidar dela.

— Cuidar dela? Como? — perguntou Thiago.

— Ela não voltará a nos perturbar.

Pela visão periférica, Karou visualizou a forma familiar de Twiga, com seu pescoço longo e encurvado sobre ombros arqueados, e se virou em sua direção, mas o olhar no rosto dele era pior do que o de Brimstone, porque parecia ao mesmo tempo chocado e assustado, como se estivesse prestes a testemunhar alguma coisa que preferiria não ver. Karou começou a entrar em pânico.

— Espere — disse ela, arfando, contorcendo-se nas garras de Brimstone. — Espere, espere...

Mas ele já estava se movendo, carregando-a para as escadas, saindo rapidamente, em saltos e investidas. Não estava sendo nada cuidadoso com ela, e Karou soube como uma boneca devia se sentir nas mãos de uma criança pequena, enquanto seguia sendo chicoteada pelas esquinas e jogada contra as paredes, sacudindo de um lado para o outro como uma coisa inanimada. Mais cedo do que ela havia achado possível — ou talvez ela tivesse perdido a consciência por algum tempo —, estavam de volta à porta da loja, e ele atirou Karou por ela. A garota não aterrissou sobre os pés, caindo esparramada e atingindo uma cadeira com a bochecha, e parecia que fogos de artifício estavam sendo detonados atrás de seus olhos.

Brimstone bateu a porta e assomou sobre ela.

— O que você estava pensando? — trovejou ele. — Você não poderia ter feito nada pior. Criança tola! E vocês! — Ele se virou para Yasri e Issa, que vieram correndo da cozinha e estavam boquiabertas, horrorizadas. Elas se encolheram de medo. — Concordamos que, se fôssemos mantê-la aqui, haveria regras. Regras invioláveis. Não foi?

Issa tentou responder.

— Sim, mas...

Mas Brimstone se virara para Karou de novo e a levantara do chão.

— Ele viu suas mãos?

Ela nunca havia ouvido a voz dele se erguer àquela altura. Era como pedra arranhando pedra. Karou pôde sentir aquilo contra seu crânio. Ele estava segurando o braço dela com muita força. Um clarão iluminou sua visão, e ela achou que fosse desmaiar.

— Viu? — repetiu ele, mais alto.

Ela sabia que não era a resposta certa, mas não podia mentir.

— Sim. Sim! — respondeu, ofegante.

Ele deu um tipo de uivo que provocou nela um calafrio pior do que qualquer outra coisa acontecida durante aquela noite horrível.

— Você sabe o que fez? Karou não sabia.

— Brimstone! — guinchou Yasri. — Brimstone, ela está ferida!

Os braços da mulher-papagaio batiam como asas. Ela tentou tirar as mãos do Mercador de Desejos do machucado de Karou, mas ele se afastou. Ele arrastou Karou para a porta da frente e a abriu com força, empurrando-a à frente, para dentro do vestíbulo.

— Espere! — gritou Issa. — Você não pode expulsá-la desse jeito...

Mas ele não ia ouvir.

— Saia daqui, agora! — disse ele para Karou, rangendo os dentes. — Vá embora!

Abriu então com violência a porta externa do vestíbulo, o que também dava uma ideia de sua raiva; as portas nunca eram abertas ao mesmo tempo, nunca; era um mecanismo de proteção contra invasões. A última coisa que ela viu foi o rosto dele contorcido de fúria antes de empurrá-la com força e bater a porta.

Jogada para fora assim tão repentinamente, ela deu três ou quatro passos vacilantes para trás antes de tropeçar no meio-fio e cair, e lá permaneceu sentada, atordoada, descalça e sangrando, zonza e arfante, em um rio de neve derretida. Ela estava dividida entre o alívio por ele tê-la deixado ir — por um momento, havia temido que pudesse acontecer algo muito pior do que isso — e a descrença por ele tê-la expulsado, ferida e quase nua, atirando-a no frio.

Tonta e confusa, ela nem sabia direito o que fazer. Começou a tremer. Fazia frio, e ela estava ensopada com lama de neve derretida, além de sangue. Ela se levantou e ficou lá parada, sentindo-se perdida. Seu apartamento ficava a uma caminhada de dez minutos dali. Seus pés já queimavam com o frio. Ela olhou para a porta — sem ficar surpresa agora ao ver uma marca negra de mão em sua superfície — e pensou que certamente ela se abriria. E, no mínimo, Issa traria seu casaco e seus sapatos.

Certamente.

Mas a porta não se abriu, não se abriu, não se abriu.

Um carro passou rugindo no fim do quarteirão, e aqui e ali risadas e discussões saíam das janelas, mas não havia ninguém por perto. Os dentes de Karou batiam. Ela se abraçou com força e ficou olhando sem piscar para a porta, sem conseguir acreditar que Brimstone simplesmente iria deixá-la ali fora. Momentos congelantes e horríveis se passaram, e por fim, com lágrimas raivosas brotando dos olhos, Karou se virou, abraçando-se, e começou a mancar com pés dormentes em direção ao seu apartamento. Ela percebeu alguns olhares surpresos pelo caminho, e recebeu algumas ofertas de ajuda, que ignorou, e apenas quando chegou à porta, tremendo convulsivamente, e estendeu a mão para o bolso do casaco que não estava lá, ela percebeu que estava sem as chaves. Sem casaco, sem chaves, e sem shings também, que poderia ter usado para pedir que a porta se abrisse.

— Droga, droga, droga — praguejou Karou, as lágrimas geladas em suas bochechas.

Tudo o que tinha eram os scuppies em volta do pulso. Ela pegou um entre os dedos e desejou, mas nada aconteceu. Abrir portas excedia o pequeno poder de um scuppy.

Ela estava prestes a acordar um vizinho tocando o interfone quando percebeu, atrás dela, um movimento furtivo.

Karou já não estava mais pensando. Sentiu alguém pousar uma das mãos sobre seu ombro, e foi toda coragem e impulso. Agarrou a mão e jogou o peso de seu corpo para frente. A figura atrás dela foi erguida — Karou reconheceu um segundo tarde demais a voz, preocupada, dizendo: "Céus, Karouzinha, você está bem?" — e catapultada sobre seu ombro e através da placa de vidro da porta.

O vidro se estilhaçou quando Kaz o atravessou e atingiu o chão com um grunhido explosivo. Karou ficou parada, dando-se conta de que ele não tinha nem tentado assustá-la dessa vez, e agora Kaz estava caído na soleira da porta cercado de vidro. Ela achou que devia sentir alguma coisa — remorso? —, mas não sentia nada.

O problema da porta trancada, pelo menos, estava resolvido.

— Você se machucou? — perguntou a ele, sem emoção na voz.

Ele apenas piscou, aturdido, e ela avaliou a cena com um olhar apressado. Sem sangue. O vidro tinha quebrado em pedaços grandes e retangulares. Ele estava bem. Ela passou por cima dele e foi em direção ao elevador. Atirar Kaz lhe custara o restante de suas forças, e ela duvidava que conseguiria subir os seis lances de escada. As portas do elevador se abriram, e ela entrou, virando-se para ver Kaz, que ainda não se mexera. Ele olhava fixamente para ela.

— O que *é você?* — perguntou ele.

Não quem, mas o quê.

Ela não respondeu. As portas do elevador se fecharam, e ela ficou sozinha com seus pensamentos, nos quais viu o que Kaz tinha visto. Ela estava usando nada além de um jeans ensopado e uma fina combinação branca, que ficava transparente onde grudava na pele. Seu cabelo estava preso em volta do pescoço, como as serpentes de Issa, e bandagens manchadas de sangue pendiam soltas de seus ombros. Contra o sangue, sua pele parecia transparente, quase azul, e ela estava curvada, abraçando- se com força e tremendo como um drogado. Tudo isso já era ruim o suficiente, mas foi seu rosto que a surpreendeu. Sua bochecha estava inchando, por ter batido contra a cadeira quando Brimstone a arremessara, e sua cabeça estava inclinada para a frente, de maneira que seus olhos pareciam cobertos de sombra. Ela parecia alguém de quem você desviaria muito para evitar passar perto, pensou.

Ela parecia... não inteiramente humana.

O elevador apitou, e as portas se abriram, e ela se arrastou pelo corredor. Teve de sair por uma janela para conseguir entrar em sua varanda, e quebrou a vidraça da varanda para entrar em seu apartamento, e conseguiu fazer tudo isso antes que sua força se esvaísse ou sua tremedeira a incapacitasse, e finalmente ela estava do lado de dentro, tirando as roupas molhadas. Arrastou-se até a cama, puxou um cobertor para cima, encolheu-se toda e chorou, soluçando.

Quem é você?, perguntou ela a si mesma, lembrando-se da pergunta do anjo e do lobo. Mas era a de Kaz que reverberava através dela, um eco que não morreria.

O que é você?

O quê?

20
HISTÓRIA VERÍDICA

Karou passou o fim de semana sozinha em seu apartamento, febril, machucada, com ferimentos e infeliz. Levantar da cama no sábado foi uma tortura. Seus músculos pareciam ter sido esticados, retesados a ponto de arrebentarem. Tudo doía. Tudo. Era difícil distinguir uma dor da outra, e ela parecia até ilustrar um cartaz sobre violência doméstica, a bochecha quase do tamanho de um coco e de um azul que rivalizava com seu cabelo.

Ela pensou em pedir ajuda a Zuzana, mas desistiu da ideia quando percebeu que não tinha o número dela. Estava com o casaco e os sapatos, bolsa, carteira, chaves e caderno de desenhos lá na loja. Ela poderia ter mandado um e-mail, mas enquanto ligava o computador pensou em como Zuzana reagiria ao vê-la daquele jeito, e sabia que sua amiga não deixaria as coisas por isso mesmo dessa vez. Karou teria de contar alguma coisa. Estava cansada demais para inventar uma mentira, então acabou tomando Tylenol e chá e passando o fim de semana aturdida por suor e calafrios, dor e pesadelos.

Acordava várias vezes imaginando ouvir sons e olhava para as janelas, esperando, como nunca esperara antes, ver Kishmish com um bilhete, mas ele não apareceu, e o fim de semana passou sem que ninguém viesse ver como ela estava — nem Kaz, que ela havia atirado pelo vidro da porta, nem Zuzana, que ela havia condicionado a aceitar suas ausências com um silêncio desconfiado. Ela nunca se sentira tão sozinha.

A segunda-feira chegou, e Karou ainda não tinha deixado o apartamento. Continuou a tomar Tylenol e chá de vez em quando. O sono era um carrossel de pesadelos, as mesmas criaturas surgindo o tempo todo — o anjo, a coisa nas costas de Izíl, o quimera lobo, Brimstone furioso —, e quando abria os olhos a luz tinha mudado, mas nada mais mudava além disso, a não ser, talvez, o fato de que se sentia ainda mais infeliz.

Estava escuro quando a campainha tocou. E tocou. E tocou. Ela foi até a mesinha perto da porta e grasnou:

— Alô?

— Karou? — Era Zuzana. — Karou, mas que diabos! Aperte o botão para me deixar entrar, sua gazeteira.

Karou ficou tão feliz ao ouvir a voz da amiga, tão feliz por alguém ter ido ver como ela estava, que desatou a chorar. Quando Zuzana entrou pela porta, encontrou Karou sentada na beirada da cama, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto machucado. Ela parou de repente, do alto de seus quase um metro e meio de altura mais as botas plataforma de desenho animado e disse:

— Ah. Ah, meu Deus, Karou.

Ela atravessou o cômodo minúsculo como um raio. Suas mãos estavam frias do ar de inverno, e sua voz era suave, e Karou colocou a cabeça sobre o ombro da amiga e chorou por vários minutos sem parar.

As coisas melhoraram depois disso.

Zuzana a acalmou sem fazer perguntas, depois foi buscar os suprimentos de que precisava: sopa, bandagens, curativos especiais para fechar os cortes no ombro e no braço, onde a espada do anjo a atingira.

— Vão ficar umas cicatrizes bem grandes — disse Zuzana, curvada sobre ela, cuidando da amiga com a mesma concentração que dedicava a construir marionetes. — Quando isso aconteceu? Você devia ter ido imediatamente para o hospital.

— Eu fui — disse Karou, pensando no bálsamo de Yasri. — Mais ou menos.

— E o que são... essas marcas de garras?

A parte de cima dos braços de Karou estava arroxeada, mais escura onde os dedos de Brimstone tinham pressionado, e com cascas de ferida onde a pele havia sido perfurada.

— Hum — disse Karou.

Zuzana a observou em silêncio, depois se levantou e esquentou a sopa que havia trazido. Ela se sentou numa cadeira ao lado da cama e, quando Karou acabou de comer, colocou os pés — agora sem botas — em cima do colchão e juntou as mãos sobre o colo.

— Ok — disse Zuzana. — Estou pronta.

— Para quê?

— Para uma história muito boa que eu espero que seja a verdade.

A verdade. Karou tentou mudar de assunto.

— Primeiro me conte o que aconteceu no sábado com o garoto do violino — disse, enquanto refletia sobre a ideia de contar a verdade.

Zuzana bufou.

— Acho que não. Bem, o nome dele é Mik, mas é tudo o que você vai saber até falar alguma coisa.

— O nome dele! Você descobriu o nome dele!

Aquele bocadinho de vida normal deixou Karou quase absurdamente feliz.

— Karou, estou falando sério. — Ela estava séria. Seus escuros olhos eslavos adquiriram uma intensidade prática que Karou lhe dissera uma vez que seria muito útil caso ela desejasse se tornar uma interrogadora da polícia.

— Quer fazer o favor de me contar que diabos aconteceu com você?

A questão era que Karou dizia a verdade o tempo todo, mas com aquele sorriso sardônico, como se estivesse contando algo absurdo. Será que tinha alguma expressão facial que combinasse com a verdade dita a sério? E o que iria dizer? Aquela não era uma história que desse para se contar facilitando as coisas, como mergulhar primeiro a ponta do pé na água fria. Teria que pular de uma vez.

— Um anjo tentou me matar — disse ela.

Um segundo e então:

— Sei...

— Não, sério.

Karou estava consciente, muito consciente, de sua expressão. Parecia que estava fazendo um teste para o papel de "contadora da verdade" e se esforçando demais.

— Foi o panaca que fez isso?

Karou riu rápido demais e com muita força, então estremeceu e segurou a bochecha inchada. A ideia de Kaz machucá-la era muito boba. Bem, machucá-la fisicamente, embora agora até mesmo a ideia de que ele pudesse ferir seu coração parecia tola, com tudo o mais com que precisava se preocupar.

— Não, não foi Kaz. Os cortes foram feitos por uma espada, quando um anjo tentou me matar na sexta à noite. No Marrocos. Céus, isso deve ter aparecido no noticiário. Então, tinha um cara-lobo, que pensei que estivesse morto, mas não estava mesmo. O restante foi Brimstone quem fez. E, hã, tudo no meu caderno de desenhos é verdade. — Ela estendeu os pulsos, alinhando suas tatuagens de forma que se podia ler: história verídica. — Está vendo só? É uma dica.

Zuzana não achou graça.

— Jesus, Karou...

Karou seguiu em frente. A verdade, ela descobriu, fluía fácil, como água escorrendo pela mão.

— E meu cabelo? Eu não pinto. Desejei que ele fosse dessa cor. E falo vinte e seis línguas, e aprendi a maioria através de desejos também. Você nunca achou estranho eu falar tcheco? Quero dizer, quem fala tcheco além dos tchecos? Brimstone me deu essa língua de presente quando fiz quinze anos, logo antes de eu vir para cá. Ah, e se lembra da malária? Eu peguei a doença em Papua-Nova Guiné, e foi horrível. E levei um tiro também, e acho que matei o cretino, e não lamento, e por alguma razão um anjo tentou me matar, e ele era a coisa mais bonita que já vi e também a mais assustadora, embora aquele cara-lobo também fosse muito assustador. E na noite passada eu tirei Brimstone do sério e ele me expulsou, e quando voltei aqui Kaz estava esperando e eu o arremessei contra a porta de vidro, o que foi ótimo, porque eu estava sem a chave. — Pausa. — Então acho que ele não vai tentar me assustar de novo, o que deve ser o único resultado positivo disso tudo.

Zuzana não disse nada. Arrastou a cadeira para trás e calçou as botas, colocando um pé e depois o outro com força no chão, e ela com certeza teria ido embora — provavelmente para sempre — se não fosse pelo barulho que sacudiu a vidraça da porta da varanda.

Karou soltou um grito sufocado e pulou da cama, sem se preocupar com seus diversos ferimentos. Ela disparou em direção à porta. Era Kishmish.

Era Kishmish, e ele estava pegando fogo.

* * *

Ele morreu em suas mãos. Ela apagou as chamas e o aninhou, e ele estava em carne viva e queimado, a fúria das batidas de seu coração de beija-flor dando lugar a grandes pausas enquanto Karou se curvava sobre ele.

— Não, não, não, não, não... — A língua bifurcada dele entrava e saía do bico, e seu chilrear frenético foi diminuindo de intensidade assim como as batidas de seu coração. — Não, não, não. Kishmish, não...

E então ele morreu. Karou ficou ali encurvada em sua varanda, segurando-o. Sua enxurrada de nãos perdeu a força até se transformar em sussurros, mas ela não parou de falar até Zuzana dizer, com a voz fraca:

— Karou?

Karou olhou para cima.

— Isso é...? — Zuzana fez um gesto tenso com a mão indicando a forma sem vida de Kishmish. Ela parecia perplexa. — Isso é... Hum. Isso parece com...

Karou não a ajudou.

Ela olhou de volta para Kishmish e tentou entender aquela repentina invasão da morte. Ele voou até aqui em chamas, pensou ela. Ele veio atrás de mim. Ela viu que alguma coisa estava presa ao pé dele: um pedaço queimado do grosso papel de carta de Brimstone, que se desfez em cinzas quando ela o tocou, e... alguma outra coisa. Seus dedos tremiam enquanto desamarrava o objeto, e então o segurou na palma da mão. Seu coração disparou com o despertar de um profundo medo infantil: ela não podia tocar aquilo.

Era o osso da sorte de Brimstone.

Kishmish o havia levado até ela. Em chamas.

Uma sirene gemeu na cidade, apressando uma conexão que sua mente estava demorando a fazer. Queimando. Marca negra de mão. O portal. Ela se esforçou para ficar de pé e correu para dentro, onde vestiu correndo uma jaqueta e calçou as botas. Zuzana não parava de perguntar.

— O que é isso, Karou? O que é? O que...?

Mas Karou mal a ouvia.

Ela saiu pela porta e desceu as escadas, com Kishmish ainda aninhado em seu braço, o osso da sorte na palma da mão. Zuzana a seguiu até a rua e por todo o caminho até Josefov, para a porta de serviço que até então vinha sendo o portal de Brimstone em Praga.

Agora era um inferno azul e branco imune aos jatos das mangueiras de incêndio.

Ao mesmo tempo, embora Karou não soubesse disso, por todo o mundo, o fogo tomava conta de cada porta com a marca escura de mão. E ele não podia ser apagado, mas também não se espalhava. As chamas destruíam as portas e a mágica ligada a elas e então se consumia, deixando buracos queimados em dezenas de prédios. Portas de metal derretiam, tão quente era o fogo, e testemunhas que observavam as chamas viam, no halo de suas retinas ofuscadas, silhuetas de asas.

Karou as viu e entendeu. A passagem para Outro Lugar tinha sido destruída, e ela havia ficado à deriva.

Era uma vez uma garotinha
que foi criada por monstros.

Mas anjos queimaram a entrada para o seu mundo,
e ela ficou completamente sozinha.

21
A ESPERANÇA FAZ A SUA PRÓPRIA MAGIA

Uma vez, quando Karou ainda era uma garotinha, usou um punhado de scuppies para tirar o amassado de um desenho em que Yasri havia se sentado. Dobra por dobra, desejo a desejo — um processo meticuloso executado com total concentração, a ponta da língua para fora no canto da boca.

— Pronto!

Ela o levantou e mostrou, orgulhosa.

Brimstone fez um som que a fez se lembrar de um urso decepcionado.

— O quê? — perguntou ela, aos oito anos de idade, cabelos e olhos pretos, e magra como a sombra de uma árvore nova. — É um desenho muito bom. Merecia ser recuperado.

Era *mesmo* um desenho muito bom. Era uma representação dela como quimera, com asas de morcego e cauda de raposa.

Issa aplaudiu satisfeita.

— Ah, você ficaria encantadora com uma cauda de raposa. Brimstone, ela pode ter uma cauda de raposa, só por hoje?

Karou teria preferido as asas de morcego, mas tampouco as teria. O Mercador de Desejos sussurrou um aborrecido não.

Issa não insistiu. Apenas deu de ombros, beijou Karou na testa e pregou o desenho em um lugar de destaque. Mas Karou tinha ficado atraída pela ideia, então perguntou:

— Por que não? Era só usar um lucknow.

— Só? — ecoou ele. — E o que você entende do valor dos desejos?

Ela recitou a escala de um só fôlego.

— Scuppy, shing, lucknow, gavriel, bruxis!

Mas aparentemente não era o que ele queria dizer. Mais sons de urso desapontado, como rosnados produzidos pelo nariz, e disse:

— Desejos não são para tolices, criança.

— Bem, para que você usa os desejos?

— Para nada — respondeu ele. — Eu não faço desejos.

— *O quê?* — Isso a surpreendeu. — Nunca? — Toda aquela mágica ao alcance dos dedos dele! — Mas você poderia ter tudo o que quisesse...

— Não tudo. Há coisas maiores que qualquer desejo.

— Como o quê?

— A maioria que realmente importa.

— Mas um bruxis...

— Um bruxis tem seus limites, como qualquer desejo.

Um beija-flor com asas de mariposa vacilou na luz, e Kishmish se lançou do chifre de Brimstone, pegou-o no ar e engoliu-o inteiro — e, simples assim, a criatura deixou de existir. Ela existia, e depois não existia mais. O estômago de Karou se revirou com a possibilidade de deixar de existir assim tão de repente.

Observando-a, Brimstone acrescentou:

— Eu tenho esperança, criança, mas não desejo nada. É diferente.

Ela pensou sobre o assunto, acreditando que, se pudesse descobrir a diferença, iria impressioná-lo. Algo lhe ocorreu, e ela se esforçou para colocar aquilo em palavras.

— É diferente porque a esperança vem de dentro de você, e os desejos são só magia.

— Desejos são falsos. A esperança é verdadeira. A esperança faz sua própria magia.

Karou assentiu como se tivesse entendido, mas não tinha na época, e não entendia agora, três meses depois de os portais pegarem fogo e amputarem metade da sua vida. Ela havia voltado à entrada em Josefov pelo menos uma dezena de vezes. A porta tinha sido substituída, junto com toda a parede em volta, e pareciam muito limpas e muito novas em relação aos arredores. Karou tinha batido e aguardado com esperança; tinha gastado toda a sua esperança, e nada. Tentara inúmeras vezes: nada.

Qualquer que fosse a magia em se ter esperança, pensou ela, não era nada comparada a um bom e sólido desejo.

Agora estava parada em frente a outra porta; esta pertencia a uma cabana de caça em um lugar qualquer do Idaho, e não se importou em bater. Foi logo abrindo.

— Olá — cumprimentou ela. Sua voz era clara e dura, assim como seu sorriso. — Já faz algum tempo.

Do lado de dentro, o caçador Bain olhou para ela, surpreso. Ele estava limpando uma espingarda em sua mesa de centro, e ficou de pé num instante.

— Você? O que você quer?

Infelizmente ele estava sem camisa, revelando uma abundância de barriga branca e molenga, a extraordinária barba cerrada jogada para trás dos ombros em tufos. Karou podia sentir seu cheiro do outro lado da sala, azedo como o de um ninho de rato.

Ela entrou na cabana sem ser convidada. Estava vestida de preto: calças justas de lã com botas, e um casaco vintage de couro amarrado na cintura. Usava uma bolsa cruzada no ombro, o cabelo preso em uma trança às costas, e estava sem nenhuma maquiagem.

Ela parecia cansada. Estava cansada.

— Matou alguma coisa interessante ultimamente?

— Você sabe de alguma coisa? — perguntou Bain. — As portas voltaram a se abrir?

— Ah, não. Nada disso.

Karou manteve a voz leve, como se estivesse fazendo uma visita social. Era uma farsa, claro. Mesmo quando fazia tarefas para Brimstone, nunca tinha ido ali. Bain sempre ia pessoalmente até a loja.

— Não foi fácil encontrar você — disse ela.

Ele morava num lugar isolado; no que dizia respeito à internet, ele não existia. Karou tinha gastado vários desejos para localizá-lo — desejos dos tipos mais simples que pegara de outros negociantes.

Ela examinou a sala. Um sofá xadrez, algumas cabeças de alce com olhos vidrados penduradas na parede e uma poltrona reclinável de couro artificial remendada com fita adesiva. Um gerador zumbia do lado de fora da janela, e a sala estava iluminada por uma lâmpada nua. Ela balançou a cabeça.

— Você pode brincar com gavriéis e mora numa espelunca como essa? Homens.

— O que você quer? — perguntou Bain, desconfiado. — Você quer dentes?

— Eu? Não. — Ela se empoleirou na beirada da poltrona reclinável. Ainda com o sorriso duro e claro, disse: — O que eu quero não são dentes.

— O quê, então?

O sorriso de Karou desapareceu, como se tivessem desligado um interruptor.

— Acho que você pode imaginar o que quero.

Um segundo. E então Bain disse:

— Não tenho nenhum. Já usei todos.

— Bem. Acho que não vou confiar em sua palavra.

Ele fez um gesto que abarcou a sala inteira.

— Pode olhar, então. Boa sorte.

— Sabe, a verdade é que... eu sei onde você os guarda.

O caçador ficou imóvel, e Karou pensou na espingarda sobre a mesa. Estava desmontada, não era uma ameaça. A questão era se ele tinha alguma outra arma ao alcance das mãos. Provavelmente. Não era do tipo que teria uma arma só.

Os dedos dele se mexeram de forma quase imperceptível.

Karou sentiu a pulsação vibrar em suas mãos.

Bain disparou em direção ao sofá. Ela já estava se movendo. Suave como em uma dança, Karou pulou a mesinha de centro, pegou a cabeça dele com a palma de sua mão e a empurrou contra a parede. Com um resmungo, ele desabou no sofá, e por um instante ficou livre para revirar as almofadas do sofá com as mãos, freneticamente, até achar o que estava procurando.

Ele se virou de repente, com a pistola levantada. Karou pegou o pulso dele com uma das mãos e agarrou um punhado de barba com a outra. Uma explosão; uma bala passou voando acima da sua cabeça. Ela firmou um pé contra o sofá, levantou-o pela barba e o atirou ao chão. A mesa pendeu para o lado, e pedaços da espingarda se espalharam. Ainda segurando o pulso de Bain com firmeza, a pistola apontada para longe, ela desceu o joelho com força sobre o antebraço dele e ouviu ossos se quebrarem. Ele gemeu e soltou a arma. Karou a pegou e pressionou o cano da arma na órbita ocular dele.

— Vou perdoá-lo por isso — disse ela. — Percebo que, pelo seu ponto de vista, isto é uma droga. Só não me sinto muito mal a respeito.

Bain estava respirando com dificuldade e olhando com fúria para ela. De perto, o cheiro dele era rançoso. Ainda com a arma apontada para o olho dele, Karou se encheu de coragem e estendeu a mão para fuçar sua barba espessa e engordurada. Na mesma hora, encontrou metal. Então era verdade. Ele guardava os desejos na barba.

Ela pegou a faca que trazia na bota.

— Quer saber como fiquei sabendo? — perguntou Karou. Ele havia feito buracos nas moedas de desejo e passado os pelos sujos da barba através deles, prendendo-as. Ela as soltou uma por uma. — Foi Avigeth, a serpente. Ela teve que se enrolar em volta de seu pescoço fedido, não foi? Com certeza não a invejo por isso. Achou que ela não contaria a Issa o que você tinha escondido nessa sua moita nojenta?

Aquilo lhe provocou uma pontada de dor, lembrar-se daquelas noites à toa na loja, sentada de pernas cruzadas no chão, desenhando Issa e fofocando enquanto as ferramentas de Twiga zumbiam no canto e Brimstone fazia seus intermináveis colares de dentes. O que estaria acontecendo lá agora?

O quê?

A maioria dos desejos de Bain eram shings. No entanto, havia alguns lucknows, e, o melhor de tudo, pesados como martelos, havia dois gavriéis. Isso era bom. Isso era muito bom. Dos outros comerciantes que tinha visitado até então, ela só havia conseguido lucknows e shings.

— Eu tinha esperanças de que você ainda não tivesse usado estes — disse Karou. — Obrigada. De verdade. Obrigada. Você não sabe o que isso significa para mim.

— Vaca — resmungou ele.

— Bem, isso é corajoso — disse ela, em tom coloquial. — Quero dizer, falar isso para a garota com uma arma apontada para seu olho.

Ela continuou a cortar pedaços da barba enquanto Bain permanecia imóvel. Ele provavelmente tinha o dobro do peso dela, mas não lutou. Havia um brilho selvagem nos olhos dela, e aquilo o assustou. Além disso, ele tinha ouvido rumores sobre o que acontecera em São Petersburgo, e sabia que ela não hesitava em usar a faca. Karou acabou com o estoque de desejos do homem e, sentando-se sobre seus calcanhares, usou o cano da arma para puxar o lábio inferior dele. Ela fez uma careta quando viu seus dentes. Eram tortos e escuros. Eram reais. Nenhuma esperança de ter um bruxis, então.

— Sabe, você é o quinto negociante de Brimstone que encontro, e é o único com os dentes verdadeiros.

— É, bem, eu gosto de carne.

— Você gosta de carne. É claro que gosta.

Todos os outros negociantes que ela havia "visitado" já tinham adquirido um bruxis, e todos já os usaram, a maioria em troca de uma vida longa. Uma, a velha matriarca de um clã de caçadores ilegais no Paquistão, tinha arruinado o desejo, esquecendo de incluir juventude e saúde, e era um desastre de carne em decomposição, uma prova da advertência de Brimstone de que até mesmo um bruxis tem seus limites.

Bem, um bruxis teria sido uma aquisição e tanto, mas era de dois gavriéis que Karou realmente precisava, e agora ela os tinha. Recolheu todos os desejos, junto com os pelos sujos de barba presos a eles, e colocou todo aquele emaranhado em sua bolsa. Deixou um shing na palma da mão; precisaria dele para sair dali.

— Você acha que pode fazer isso sem mais nem menos? — perguntou Bain, baixinho. — Quando alguém prejudica um caçador, passa a viver como uma presa, garotinha, sempre se perguntando quem está caçando você.

— Humm — disse Karou, com um gesto de quem estava pensando sobre o assunto. — Não podemos deixar isso acontecer, podemos? — Ela levantou a pistola e mirou nele, viu os olhos de Bain se arregalarem e depois se apertarem com força quando ela fez um entusiástico e infantil "Pow!" e depois baixou novamente a arma. — Bobinho. Sorte sua que não sou esse tipo de garota.

Ela colocou a arma no sofá e, quando Bain começou a se sentar, desejou que ele dormisse. A cabeça dele atingiu o chão com um baque surdo, e o shing desapareceu de sua mão. Karou não olhou para trás. Seus pés estavam pesados quando saiu pela varanda, e ainda por todo o caminho de cascalhos escuros que levava até onde ela havia deixado um táxi esperando perto de umas caixas de correio.

Ela chegou às caixas de correio. Não havia nenhum táxi.

Karou suspirou. O motorista devia ter ouvido o tiro e ido embora. Ela nem podia culpá-lo. Era como uma cena de filme noir: uma garota lhe paga uma quantia absurda para levá-la de Boise até aquela terra de ninguém, onde desaparece em uma cabana de caça e um tiro é disparado. Quem em sã consciência ficaria por perto para ver como aquilo terminaria?

Com outro suspiro, ela fechou os olhos e quase os esfregou, então se lembrou de que tinha segurado a barba imunda de Bain e, em vez disso, limpou as mãos na calça. Estava muito cansada. Colocou a mão dentro da bolsa. Pensando que precisaria de um lucknow para fazer o táxi voltar, pegou um, e já estava prestes a fazer o pedido quando parou de repente.

— Onde estou com a cabeça?

Uma covinha se formou em sua bochecha quando seus lábios se abriram em um sorriso.

E, em vez do lucknow, pegou um gavriel.

— Olá — sussurrou para ele.

Examinando-o na palma da mão, inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu.

22
UM PEDAÇO DE DOCE VAZIO

Três meses.

Fazia três meses que os portais haviam queimado, e Karou não tivera nenhuma notícia em todo aquele tempo. Quantas vezes seus pensamentos, ainda que ocupados com outra coisa, de repente se voltavam para o bilhete queimado nas garras de Kishmish? Como o arranhado de um disco, o bilhete tinha deixado uma marca em sua mente. O que estava escrito? O que Brimstone queria lhe dizer quando os portais pegaram fogo?

O que o bilhete dizia?

E havia também o osso da sorte, que agora ela usava preso ao pescoço, como Brimstone sempre usara. Tinha lhe ocorrido, é claro, que aquilo podia ser um desejo, um ainda mais poderoso que um bruxis, e ela o havia segurado e feito um pedido — tinha desejado que um portal se abrisse para Outro Lugar —, mas nada aconteceu. No entanto, havia algo de reconfortante em senti-lo em sua mão. Suas pontas frágeis se encaixavam entre os dedos como se tivesse sido feito para ser segurado. Mas, se aquilo era mais do que um osso, ela não conseguia imaginar o quê, e temia nunca descobrir por que Brimstone o enviara. O medo tomou conta dela, junto com todas as suas perguntas sem resposta, e com essas perguntas vieram novos medos, estranhos e indefiníveis.

Alguma coisa estava acontecendo com ela.

Às vezes, quando se olhava no espelho agora, vivia um momento de estranhamento, como se estivesse encontrando os olhos de um desconhecido. Quando chamavam seu nome, nem sempre entendia que era com ela, e até mesmo o contorno de sua sombra poderia surpreendê-la como se fosse algo estranho. Recentemente tinha se pegado testando a sombra com gestos rápidos para ver se era mesmo dela. Karou estava certa de que aquele comportamento não era normal.

Zuzana discordava.

— Provavelmente é um transtorno de estresse pós-traumático — dizia ela. — Estranho seria se você estivesse bem. Quero dizer, você perdeu sua família inteira.

Karou ainda se surpreendia com a maneira como Zuzana tinha aceitado toda a sua história bizarra. Sua amiga não era, na prática, alguém que acreditava nas coisas, mas, depois de ver Kishmish e uma pequena demonstração do que um scuppy podia fazer, tinha aceitado tudo aquilo. E isso era ótimo. Karou precisava dela. Zuzana era a âncora para sua vida normal. Ou, enfim o que restava dela.

Ela ainda ia à escola, pelo menos em princípio. Depois dos incêndios provocados pelos anjos, levara cerca de uma semana para seus ferimentos cicatrizarem o suficiente para que a coloração amarelo-esverdeada pudesse ser disfarçada com maquiagem. Ela havia voltado a estudar por alguns dias, mas era uma causa perdida. Não conseguia se concentrar, e sua mão, segurando lápis ou pincel, parecia incapaz de realizar gestos delicados. Uma energia selvagem tomava conta dela, e mais do que nunca era atormentada por aquela estranha sensação de que deveria estar fazendo outra coisa.

Outra coisa. Outra coisa. Outra coisa.

Ela entrou em contato com Esther e outros dos parceiros menos desprezíveis de Brimstone pelo mundo para confirmar que o fenômeno era global: os portais haviam sido destruídos, cada um deles.

E, no processo, Karou também descobriu algo bastante inesperado: ela era rica. Brimstone, como ficou sabendo, tinha aberto contas bancárias para ela durante toda a vida. Contas bancárias bem gordas, transbordando de zeros. Tinha até bens imobiliários, como os prédios em que, até recentemente, os portais estavam. E terras. Um pântano, por incrível que pareça. Uma cidade medieval abandonada em uma montanha no caminho de lava do monte Etna. Um flanco de montanha nos Andes onde um paleontologista amador alegou — para a alegria científica generalizada — ter descoberto uma provisão de "esqueletos monstruosos".

Brimstone tinha assegurado que Karou nunca se preocuparia com dinheiro, o que foi uma sorte, uma vez que ela teve de pagar por suas "visitas sociais" da maneira como fazem os humanos comuns: aviões, passaporte, homens de negócio excessivamente cordiais, e tudo mais.

Ela conseguiu ir à escola só esporadicamente depois disso, alegando emergências familiares. Se não fosse pelo trabalho extra que fazia, os vários desenhos de seu novo caderno — o de número noventa e três, que começava de onde o de número noventa e dois, deixado para trás na loja de Brimstone, havia sido tão abruptamente interrompido —, ela com certeza já teria sido expulsa a esta altura. Estava por um fio.

Na última vez em que estivera na escola, a professora Fiala tinha sido crítica e intolerante. Ao folhear o caderno de Karou, ela parou em um desenho em particular, uma representação do anjo em Marrakech, feito de memória. Era do momento em que Karou o vira de perto pela primeira vez, no beco.

— Essa aula é de desenho de modelo-vivo, Karou — disse Fiala. — Não de desenho de fantasia.

Karou conferiu o desenho. Tinha certeza de que havia deixado as asas de fora, e de fato, viu, tinha mesmo.

— Fantasia? — perguntou.
— Ninguém é tão perfeito — disse a professora, passando a página sem dar importância.
Karou não discutiu, porém mais tarde disse para Zuzana:
— O engraçado é que nem chega aos pés dele. Aqueles olhos. Talvez uma pintura pudesse capturar aqueles olhos, mas um desenho nunca conseguiria.
— É, bem, ele é uma porcaria de um galã assustador, é isso que ele é.
— Eu sei. Você tinha que ter visto o cara.
— Bem, eu espero nunca precisar ver.
— Eu meio que espero vê-lo de novo, na verdade — disse Karou, que não mais cometia o erro de sair desarmada.
Tinha deixado uma péssima impressão de si mesma naquela luta, e se encolhia ao pensar na forma como havia fugido. Se ela visse o anjo de novo, iria se manter firme.
Com relação à escola, entretanto, não havia como se manter. Não tinha nenhum projeto de semestre para mostrar e não dava mais para se safar com o caderno de desenhos e os trabalhos febris feitos na última hora, e, por mais que fosse difícil desistir, tinha coisas mais importantes com que se preocupar.
Depois dos incêndios, sua primeira viagem tinha sido para Marrakech. Ficava se lembrando do que Izíl tinha gritado para ela: "Você deve ir até Brimstone. Diga a ele que os serafins estão aqui. Eles voltaram. Você deve avisá-lo!"
Ele sabia de alguma coisa. Era exatamente o que havia pedido com seu bruxis: conhecimento. E, apesar de Karou sempre ter se perguntado o que ele havia descoberto, agora precisava urgentemente saber. Então tinha ido atrás dele, mas descobrira, para sua grande tristeza, que ele havia se jogado do minarete Koutoubia na mesma noite em que ela o havia deixado. Havia se jogado? Pouco provável, pensou ela, lembrando-se com clareza da fisionomia do anjo, do golpe de sua lâmina e das cicatrizes que ele havia deixado nela para que não se esquecesse dele.
Zuzana tinha imprimido uma camiseta para Karou na escola com os seguintes dizeres: CONHECI UM ANJO NO MARROCOS E TUDO O QUE TROUXE FORAM ESSAS CICATRIZES HORROROSAS. TINHA FEITO OUTRA TAMBÉM: EU VI UM ANJO E VOCÊ NÃO: TOMA ESSA, PESSOAL DO ARREBATAMENTO!
A ideia era dar uma resposta ao fervor mundial que se seguiu às visões dos anjos. Embora os relatos dos encontros tivessem sido rejeitados a princípio como delírios de bêbados e crianças, as evidências acabaram se tornando intrigantes demais para serem ignorados. Vídeos com imagens granuladas e algumas fotografias fizeram grande sucesso na internet e até ultrapassaram suas barreiras e foram parar na grande mídia, com manchetes como ANJOS DA MORTE: ARAUTOS OU EMBUSTES?, anunciadas com vozes piegas de horário nobre. A melhor filmagem tinha vindo do telefone de um mercador de tapetes e mostrava o ataque a Karou, embora, felizmente, ela aparecesse apenas como uma silhueta não identificável ao fundo, borrada pela cintilação causada pelo calor das asas do anjo.
Pelo que ela sabia, aquela tinha sido a única vez em que os anjos — e havia mais de um — revelaram suas asas, mas várias testemunhas alegavam tê-los visto voar, ou pelo menos terem visto suas sombras aladas. Uma freira na Índia tinha uma queimadura no formato de uma pena na palma da mão, que estava atraindo multidões de peregrinos de todas as partes do mundo, que esperavam ser abençoados por ela. Pessoas que acreditavam no arrebatamento haviam feito as malas e estavam se reunindo em grandes vigílias, à espera do fim. As mídias sociais eram recheadas diariamente com novas visões dos anjos, mas nenhuma delas parecia verdadeira para Karou.
— Tudo falso — disse a Zuzana. — Apenas loucos esperando pelo Apocalipse.
— Porque seria ótimo, não é? — Zuzana esfregou as mãos numa alegria fingida. — Ah, uau, o Apocalipse!
— Pois é. Quão terrível tem que ser a vida de alguém para ela desejar o Apocalipse?
E, com isso, elas passaram uma noite inteira no Veneno — com Mik, o "garoto do violino" de Zuzana e, agora, seu namorado oficial — bebendo chá de maçã e brincando de "Quão terrível teria que ser a sua vida para você querer o Apocalipse?
— Teria que ficar ruim a ponto de seus únicos amigos serem suas pantufas de coelho.
— Teria que ficar ruim a ponto de seu cachorro balançar o rabo quando você vai embora.
— A ponto de você saber todas as músicas da Celine Dion.
— A ponto de você desejar que o mundo inteiro acabe para que não tenha que acordar mais um dia em sua casa horrível, que, a propósito, não tem nenhuma arte de nenhum tipo, alimentar seus filhos mal-educados e ir para um trabalho monótono, para onde alguém com certeza levou donuts para fazer seu traseiro ficar ainda mais gordo. Isso é o quão terrível sua vida tem que ficar para você desejar o Apocalipse.
Essa ideia vitoriosa foi de Zuzana.
Ah, Zuzana.
Agora, naquele território descampado do Idaho, enquanto Karou usava seu primeiro gavriel para a realização do desejo de uma vida inteira — o gavriel desapareceu, e ela se elevou suavemente acima do chão —, seu primeiro pensamento foi: Zuzana precisa ver isso.
Ela estava flutuando. Assobiou de prazer e abriu os braços em busca de equilíbrio, remando o ar como se estivesse boiando no mar, mas... não era o mar. Era o ar. Ela estava voando. Bem, talvez não exatamente voando — ainda —, mas flutuando no limiar de todo aquele céu. Que por acaso envolvia todo aquele mundo. Acima dela, a noite era imensa e estava por toda parte, repleta de estrelas e coisas fantásticas — uma esfera infinitamente profunda, infinitamente penetrável, e ela subiu cada vez mais, reivindicando-a.

Ela podia ver o teto da cabana de Bain agora, de um ponto mais alto que a copa das árvores. A brisa soprava em seus ouvidos, fria mas divertida, parecendo pronta a recebê-la nos lugares mais altos. Ela não conseguia deixar de rir. Uma vez que começou, não conseguia parar. Era uma enxurrada de risadas incrédulas e inevitáveis que soavam um pouco malucas, mas quem não soaria um pouco maluco num momento como aquele?

Ela estava *voando*.

Nossa, como ela gostaria que houvesse alguém ali para compartilhar aquele momento!

Ela iria compartilhar aquilo com alguém em breve, mas não era, para dizer o mínimo, o... hã, indivíduo... que ela escolheria para compartilhar qualquer coisa, se tudo o mais ainda fosse igual. Mas todo o resto não era mais o mesmo. Só havia um indivíduo no mundo inteiro que poderia ajudá-la a fazer o que precisava fazer, e esse, infelizmente, era Razgut.

Só de pensar na criatura de Izíl, Karou estremeceu, mas seu destino agora estava ligado ao dele.

Em Marrakech, depois de saber da morte de Izíl, ela ficara vagando pelas vielas ao redor da mesquita numa desolação decepcionada. Tinha certeza de que Izíl poderia lhe dizer o que estava acontecendo. Estava contando tanto com aquilo! Ela desmoronou contra uma parede e se entregou às lágrimas, que eram uma mistura de pesar pela morte do pobre homem atormentado e de frustração por si mesma.

E então, reverberando acima do chão, surgiu uma risada profana. Algo se mexeu embaixo de uma carroça de burro quebrada, e Razgut se arrastou em direção à luz.

— Olá, minha linda — ronronou ele, e, como prova do estado mental em que Karou se encontrava, ela realmente ficou feliz ao vê-lo.

— Você sobreviveu à queda — observou ela.

Mas não ileso. Destituído de seu humano, ele havia caído estatelado no chão. Um braço tinha sido esmagado; ele o mantinha junto ao peito e se arrastava com o outro, as pernas imprestáveis atrás dele. E sua cabeça, a horrível cabeça arroxeada, estava achatada na têmpora, coberta de sangue seco, e ainda incrustada de pedras e vidro quebrado.

Ele fez um gesto impaciente com a mão.

— Eu já caí de lugares mais altos.

Karou ficou cética. O minarete se erguia em direção ao céu, a mais alta estrutura da cidade. Ao perceber que ela olhara em direção à construção, Razgut riu novamente. Era um som coalhado, que misturava sofrimento e rancor.

— Isso não é nada, minha beldade azul. Mil anos atrás eu caí do paraíso.

— Paraíso. Não existe paraíso.

— Questão de escolha da palavra. O céu, então, se você tem tanta certeza. E eu não caí exatamente. Isso me faz parecer desajeitado, não é? Como se eu tivesse tropeçado e caído no seu mundo. Não. Eu fui atirado. Expulso. Exilado.

E foi assim que Karou ficou sabendo sobre a origem de Razgut. Era difícil de acreditar, olhando para ele e se lembrando do anjo — aquele ser mítico e perfeito —, que eles tivessem a mesma origem, mas, quando ela se forçou a olhar com atenção para Razgut, começou a ver. E as juntas estilhaçadas das asas que havia perdido não podiam ser ignoradas. Ele não era uma criatura deste mundo.

Ela também tinha entendido, finalmente, a concretização distorcida do pedido do bruxis de Izíl. Quando desejou conhecimento sobre o outro mundo, ele acabou servindo de montaria para Razgut, que poderia contar tudo o que Brimstone não lhe diria.

— O que aconteceu com Izíl? — perguntou ela. — Ele não se matou de verdade, não foi? O anjo...

— Ah, bem, você pode culpá-lo, afinal ele nos arrastou até o alto do minarete, mas o corcunda tolo se jogou de lá, tudo para proteger você.

— Para *me* proteger?

— Meu irmão serafim estava procurando por você, minha linda. Garoto levado, com todas aquelas perguntas. Imagino o que ele quer com você.

— Não sei. — Karou sentiu um calafrio. — Izíl não disse a ele onde eu moro?

— Ah, não, nobre tolo. Ele dançou com o céu em vez disso, e o céu o deixou cair como uma ameixa estragada.

— Oh, meu Deus! — Karou desmoronou contra a parede e se envolveu com os braços. — Pobre Izíl.

— Pobre Izíl? Não tenha pena dele, tenha pena de mim. Ele se libertou, mas olhe para mim! Você acha que mulas são tão fáceis de se arrumar? Não consegui nem enganar um mendigo.

Razgut se aprumou e usou o braço bom para puxar as pernas para a frente. Seu rosto se contorceu de dor, mas, tão logo Karou começou a sentir o menor sinal de pena dele, sua expressão deu lugar a um olhar malicioso.

— Mas você vai me ajudar, não vai, doçura? — perguntou a ela, sorrindo. Seus dentes eram incongruentemente perfeitos. — Posso montar em você? — Ele podia estar querendo dizer "montar" como o que fazia com Izíl, mas seu tom trazia uma insinuação mais libidinosa. — Afinal de contas, a culpa é sua.

— *Minha* culpa? Fala sério.

— Vou lhe contar segredos, como contei para Izíl — ronronou ele, na tentativa de persuadi-la.

— Peça alguma outra coisa — rebateu Karou. — Não vou carregar você. Nunca.

— Ah, mas eu vou mantê-la aquecida. Vou trançar seu cabelo. Você nunca mais vai se sentir sozinha.

Sozinha? Karou se sentiu nua naquele momento, ao ver aquela criatura chegar à sua essência daquela forma. Ele prosseguiu, sussurrando:

— Toda essa beleza está embalada em solidão. Acha que não senti o gosto? Você é praticamente oca. Um pedaço de doce vazio para se lamber, mas, ah, você tem um gosto tão bom. — A cabeça de Razgut se inclinou para trás, e ele deu um gemido, olhos entreabertos, relembrando o prazer. Karou se sentiu mal. — Eu poderia lamber seu pescoço para sempre, minha linda — gemeu ele. — Para sempre.

Karou estava muito, muito longe de se sentir desesperada o suficiente para aceitar aquela proposta. Ela se afastou da parede e começou a ir embora.

— Foi uma ótima conversa. Adeus.

— Espere! — Razgut chamou por ela. — Espere!

E ela não achava que houvesse nada que ele pudesse dizer para fazê-la parar. Mas então ele disse:

— Você quer ver seu Mercador de Desejos de novo? Posso levar você lá. Conheço um portal!

Ela se virou para olhar para ele, desconfiada. O olhar malicioso não estava mais lá, tinha sido substituído pela emoção singular que o sustentava. Era algo que ela reconhecia, e, por um breve instante, ela sentiu uma ligação com a coisa perturbada que ele era. Era saudade o que havia em seu rosto. Se sua essência era a solidão, a de Razgut era saudade.

— O portal pelo qual eles me empurraram há mil anos. Sei onde ele está. Vou lhe mostrar, mas tem que me levar com você. — Com a respiração entrecortada, sussurrou: — Só quero ir para casa.

O coração de Karou cantarolou de emoção. Outro portal.

— Então vamos — disse ela. — Agora mesmo.

Com uma expressão satisfeita, Razgut perguntou:

— Se fosse assim tão fácil, você acha que eu ainda estaria aqui?

— O que você quer dizer?

— O portal fica no céu, garota. Temos que voar até lá.

E agora, graças a dois gavriéis ensebados pilhados da barba de um caçador — um para ela, o outro para Razgut —, eles iriam.

23
PACIÊNCIA INFINITIVA

Cidade de contos de fada. Do alto, telhados vermelhos se projetam sobre um rio escuro como se abraçassem suas marolas, e à noite as colinas cobertas de florestas parecem imensos vazios negros contra o deslumbramento do castelo iluminado, as torres góticas pontudas, as cúpulas de todos os tamanhos. O rio se apossa das luzes e as devolve, longas e oscilantes, e a chuva que o vento espalha faz tudo ficar desfocado como num sonho.

Era a primeira vez que Akiva via Praga; não tinha sido ele quem havia marcado aquele portal. Tinha sido Hazael, que comentou sobre o lugar depois, já de volta ao mundo deles. Ele dissera que a cidade era bonita, e era mesmo. Akiva imaginou que Astrae deveria ter sido parecida em sua era de outro, antes de ser destruída por feras. A Cidade das Cem Torres Espiraladas, como a capital dos serafins costumava ser chamada — uma torre para cada um dos deuses da luz —, e os quimeras tinham destruído todas elas.

Muitas cidades humanas tinham sido destruídas durante guerras também, mas Praga tivera sorte. Continuava linda e fantasmagórica, suas pedras lisas e rachadas, amaciadas por séculos de tempestades, milhões de filetes de chuva. Era fria e úmida, pouco hospitaleira, mas isso não incomodava Akiva. Ele produzia seu próprio calor. A umidade sibilava em suas asas invisíveis e evaporava, destacando a forma delas contra a noite em um halo difuso. Não havia nenhum encanto que pudesse fazer algo a respeito, como também nada que pudesse ocultar as asas em sua sombra, mas não havia ninguém ali para ver.

Ele estava encarapitado sobre um telhado do Centro Histórico. As torres da Igreja Tyn se erguiam como os chifres do diabo atrás da fileira de prédios do outro lado da rua, em um dos quais ficava o apartamento de Karou. A janela dela estava escura. Tinha estado assim, e o apartamento, vazio, pelos dois últimos dias, desde que ele o havia encontrado.

Dobrada em seu bolso, suas arestas já alisadas de tanto manuseá-la, estava uma página rasgada do caderno de desenhos — o de número noventa e dois, como estava impresso na lombada. Na página, que era a primeira do caderno, havia um desenho que mostrava Karou com as mãos unidas em súplica, acompanhado das seguintes palavras: Se encontrar, por favor, devolva no seguinte endereço: Krâlodvorskâ 59, n° 12, Praga. Você será recompensado com benevolência cósmica e dinheiro vivo. Obrigada.

Akiva não tinha levado o caderno todo com ele, somente aquela página de margem irregular. Ele não estava atrás de benevolência cósmica ou dinheiro vivo.

Só de Karou.

Com a paciência infinita de alguém que tinha aprendido a viver dilacerado, ele esperou pela volta dela.

24
VOAR É FACIL

Voar, como Karou descobriu para sua felicidade, era fácil. A alegria mandou seu cansaço embora, e com ele a apatia que tinha tomado conta dela após tantos encontros com os negociantes de dentes de Brimstone. Ela voava alto, maravilhando-se com as estrelas e sentindo como se estivesse entre elas, que eram praticamente inacreditáveis. Tinha de dar esse crédito a Bain, pelo menos. Ele podia não ter nenhum jeito para decoração, mas vivia em companhia das estrelas. O céu parecia açucarado.

Ela deixou a cabana para trás e seguiu a estrada de volta na direção de Boise. Mergulhava para cima e para baixo, através de camadas de vento. Brincava com velocidade — sem esforço, embora aquilo fizesse seus olhos derramarem lágrimas geladas. Não demorou muito para alcançar o táxi que a havia abandonado naquele lugar ermo. Alguns cenários tortuosos passaram pela sua mente. Ela podia voar ao lado do táxi, bater na janela e agitar o punho antes de se lançar para cima de novo.

Que garota má, pensou ela, e ouviu mais uma vez a voz de Brimstone em sua cabeça, condenando aquela travessura como impulsiva. Bem, talvez fosse um pouco.

O que ele pensaria do desejo em si — voar — e do plano do qual isso fazia parte? O que ele acharia quando Karou aparecesse na sua porta, o cabelo bagunçado pelo vento de dois mundos? Ele ficaria feliz ao vê-la, ou ainda estaria furioso, e rugiria dizendo que ela era uma tola, e a expulsaria mais uma vez? Ela devia mesmo tentar encontrá-lo, ou ele queria que ela seguisse em frente como uma borboleta que sai pela janela, sem olhar para trás, como se nunca tivesse integrado uma família de monstros?

Se ele esperava isso dela, não a conhecia mesmo.

Ela iria para Marrocos encontrar Razgut embaixo de qualquer monte de lixo ou carroça de burros em que estivesse se escondendo e, juntos — juntos! Ela se encolhia só de pensar na palavra que a ligava a ele —, eles voariam através de uma fenda no céu e emergiriam em "Outro Lugar".

Então lhe ocorreu que era isso que Brimstone queria dizer com "a esperança faz sua própria magia". Ela não tinha conseguido simplesmente desejar que um portal se abrisse, mas pela força de sua vontade, de sua esperança, quando podia ter dado seus quimeras por perdidos, tinha encontrado um meio. Ali estava ela, voando, e um guia a esperava para levá-la aonde queria ir. Ela estava orgulhosa, e acreditava que Brimstone ficaria também, quer ele demonstrasse isso ou não.

Karou estremeceu. Estava frio no céu, e sua alegria por estar voando começava a dar lugar aos dentes batendo e ao retorno de sua exaustão, então desceu no meio da estrada, fazendo sua primeira aterrissagem tão facilmente como se tivesse feito aquilo mil vezes, e esperou que o táxi a alcançasse.

É desnecessário dizer que o motorista ficou surpreso ao vê-la. Ele olhou para Karou como se ela fosse um fantasma, e passou mais tempo olhando-a pelo retrovisor no caminho de volta ao aeroporto do que prestando atenção à estrada. Karou estava cansada demais até mesmo para achar aquilo engraçado. Deixou os olhos se fecharem e levou a mão até o osso da sorte debaixo da gola do casaco, prendendo as pontas dele harmoniosamente entre seus dedos.

Estava quase dormindo quando seu telefone tocou. O nome de Zuzana apareceu no visor. Karou atendeu.

— Alô, fada raivosa.

Zuzana bufou.

— Cala a boca. Se alguém aqui é uma fada, é você.

— Não sou uma fada. Sou um monstro. E adivinha só. Por falar em fadas, tenho mesmo uma surpresa para você.

Karou tentou imaginar a cara de Zuzana quando a visse subir no ar. Ela devia lhe contar ou fazer uma surpresa? Talvez pudesse fingir cair de uma torre... ou era maldade?

— O quê? — perguntou Zuzana. — Você comprou um presente para mim?

Foi a vez de Karou bufar.

— Você parece uma criança quando os pais voltam para casa de uma festa, procurando nos bolsos para ver se acha algum pedaço de bolo.

— Hum, bolo. Vou aceitar o bolo. Mas não se você tiver colocado no bolso, porque eca, né?

— Não tenho nenhum pedaço de bolo.

— Ai. Que tipo de amiga é você, afinal? Além do tipo sempre ausente?

— Neste momento, sou do tipo quase sempre cansada. Se você ouvir algum ronco, não fique ofendida.

— Onde você está?

— Idaho, a caminho do aeroporto.

— Ah, viva, aeroporto! Você está voltando para casa, não está? Você não se esqueceu. Eu sabia que não ia esquecer.

— Por favor. Tenho esperado ansiosamente por isso há semanas. Você nem imagina. É mais ou menos assim: caçador nojento, caçador nojento, caçador nojento, show de marionete!

— E como vão os caçadores nojentos?
— Nojentos. Mas esqueça os caçadores. Você está preparada?
— Estou. Totalmente. Preparada. A marionete está pronta e magnífica, se me permite dizer. Agora só preciso que você faça sua mágica.
— Ela fez uma pausa. — Quero dizer, sua mágica não mágica. Sua feitiçaria comum de Karou. Quando você vai estar de volta?
— Na sexta, eu acho. Só preciso dar uma passadinha rápida em Paris...
— Dar uma passadinha rápida em Paris — repetiu Zuzana. — Sabe, alguém com uma alma menor que a minha poderia acabar com nossa amizade sob a alegação de que você diz coisas insolentes como "só preciso dar uma passadinha rápida em Paris".
— Existem almas menores que a sua? — reagiu Karou.
— Ei! Meu corpo pode ser pequeno, mas minha alma é grande. É por isso que uso salto plataforma. Para ficar à altura da minha alma.
Karou riu, um som vivo de sinos que atraiu o olhar do motorista para o espelho retrovisor.
— E também para beijar — acrescentou Zuzana. — Senão, eu só poderia sair com anões.
— Como está Mik, por falar nisso? Além do fato de não ser um anão?
A voz de Zuzana imediatamente ficou melosa.
— Ele está booom — disse ela, esticando a palavra como se fosse um caramelo.
— Alô? Quem está falando? Por favor, coloque Zuzana de volta na linha. Zuzana? Tinha uma garota esquisita na linha fingindo ser você...
— Ah, cala a boca — disse Zuzana. — Só venha para casa, ok? Eu preciso de você.
— Estou indo.
— E me traga um presente.
— Tsc. Como se você merecesse um presente.
Karou desligou o telefone, sorrindo. Zuzana merecia um presente, e era por isso que ia passar em Paris antes de voltar para casa em Praga.
Casa. A palavra ainda podia ter aspas no ar em volta dela, mas metade da vida de Karou tinha sido destruída, e a outra metade — a metade normal — ficava em Praga. Seu minúsculo apartamento, com as fileiras e fileiras de cadernos de desenho; Zuzana e as marionetes; escola, cavaletes, homens velhos nus com echarpes de penas; Sabor de Veneno, estátuas com máscaras de gás, tigelas de goulash fumegantes sobre tampas de caixão; até mesmo o panaca de seu ex-namorado espreitando pelas esquinas vestido de vampiro.
Certo. *Mais ou menos normal.*
E, embora uma parte dela estivesse ansiosa para ir direto para Marrocos, pegar seu companheiro de viagem nojento e pôr-se a caminho de Outro Lugar, ela não podia suportar a ideia de apenas desaparecer, não com tudo que já havia perdido. Ela achava que estava voltando para se despedir, e para se reabastecer de normalidade pela última vez no futuro próximo.
Além disso, ela não podia perder o show de marionetes de Zuzana.

25
NUNCA EM PAZ

Karou voltou a Praga na sexta à noite. Deu seu endereço para o motorista do táxi, mas, quando se aproximou de onde morava, mudou de ideia e lhe pediu que a deixasse em Josefov, perto do antigo Cemitério Judeu. Era o lugar mais assombrado que ela conhecia, o terreno elevado após séculos de mortos, as lápides irregulares como dentes ruins. Corvos malignos faziam seus ninhos ali, e os galhos das árvores eram como dedos encarquilhados.

Ela adorava desenhar por lá, mas estava fechado, é claro, e não era seu destino. Ela caminhou ao longo do muro torto ao redor do cemitério, sentindo o peso do silêncio do lugar, e seguiu até o portal de Brimstone ali perto. Ou o que costumava ser o portal. Ela ficou em pé do outro lado da rua, desafiando-se a ir até lá e bater. Imagina se a porta apenas se abrisse, pensou ela. Imagina se ela abrisse com um rangido e Issa estivesse lá com um sorriso exasperado no rosto.

"Brimstone está de mau humor", ela poderia dizer. "Você tem certeza de que quer entrar?"

Como se tudo tivesse sido algum engano bobo. E aquilo não era ainda possível?

Ela atravessou a rua. Com o coração pulsando de esperança, ela levantou a mão e bateu, três batidas distintas. Nem bem tinha acabado e sua esperança já aumentava dolorosamente. Ela inspirou fundo e prendeu o ar enquanto seu coração batia, por favor, por favor, por favor, e seus olhos ardiam cheios de lágrimas. Não importava se a porta se abrisse ou não, ela iria chorar. As lágrimas estavam preparadas tanto para a decepção quanto para o alívio.

Silêncio.

Por favor, por favor, por favor.

E... nada.

Karou inspirou de novo, e desmoronou numa expiração que desencadeou um único fio de lágrimas de cada olho, e ela continuou esperando, encolhendo-se para se proteger do frio durante vários minutos, minutos e mais minutos, antes de finalmente desistir e ir para casa.

* * *

Naquela noite, Akiva observou-a dormir. Os lábios dela estavam delicadamente separados, as duas mãos curvadas de forma infantil sob uma bochecha, a respiração profunda. Ela é inocente, tinha dito Izíl. Adormecida, parecia mesmo. Será que era?

Akiva se sentira assombrado por ela nos últimos meses — seu rosto adorável virado para cima para olhar para ele enquanto se encolhia à sua sombra, achando que ia morrer. A lembrança o castigava. Por vezes, ficava pensando quão perto chegara de matá-la. E o que o havia impedido?

Alguma coisa nela evocava outra garota de muito tempo atrás e há muito tempo perdida, mas o quê? Não eram os olhos. Eles não eram castanhos como a cor do barro ou quentes como a terra; eram negros — negros como os de um cisne, nítidos contra o creme de sua pele. E em suas feições ele não conseguia apontar nenhuma semelhança com aquele outro rosto, amado, visto pela primeira vez através da neblina, muito tempo atrás. Ambos eram bonitos, era tudo, mas alguma coisa estabelecera uma associação e detido a mão dele.

Finalmente ele descobriu. Foi um gesto: o modo parecido com o de um pássaro com que ela inclinara a cabeça para olhar para ele. Foi isso que a salvou. Uma coisa tão pequena.

De pé na varanda dela, olhando pela janela, Akiva se perguntou: E agora?

Lembranças da última vez que ele havia observado alguém dormir surgiram de forma espontânea em sua mente. Na ocasião, não havia nenhum vidro separando-os, embaçado pela respiração dele; não estava do lado de fora olhando para dentro, mas aquecido ao lado de Madrigal, apoiado em um cotovelo e se testando para ver quantos minutos conseguia ficar sem estender a mão para tocá-la.

Nem mesmo um minuto inteiro. Sentia uma dor nas pontas dos dedos que só era aliviada ao tocá-la.

Ele carregava bem menos marcas em suas mãos naquela época, embora não estivesse livre da tinta mortal. Já era um assassino, mas Madrigal havia beijado suas mãos marcadas, em cada nó dos dedos, e o absolvido.

— A guerra é tudo o que nos ensinaram, mas há outras maneiras de se viver — sussurrara ela. — Podemos descobri-las, Akiva. Podemos inventá- las. Isto aqui é o começo. — Ela colocou a palma da mão sobre o peito nu de Akiva, o coração dele disparando ao seu toque, e colocou a mão dele sobre seu próprio coração, pressionando-a contra sua pela acetinada. — Nós somos o começo.

Parecera mesmo um começo, a partir da primeira noite roubada com ela — como a invenção de uma nova forma de viver.

Akiva nunca tinha usado as mãos de maneira tão suave como quando contornava as pálpebras de Madrigal com a ponta do dedo enquanto ela dormia, imaginando quais sonhos se passavam por trás delas, fazendo-as se agitarem.

Ela havia confiado nele o suficiente para deixá-lo tocá-la enquanto ela dormia. Mesmo quando se lembrava, aquilo o surpreendia — que desde o começo ela houvesse confiado que ele se deitasse ao seu lado e contornasse as linhas de seu rosto adormecido, o pescoço gracioso, os braços esguios e fortes e as articulações de suas poderosas asas. Às vezes ele sentia a pulsação dela aumentar com sonhos tumultuados; outras vezes, ela murmurava alguma coisa e procurava por ele, acordando quando ela o puxava contra seu corpo e então, suavemente, para dentro de si.

Akiva se virou na janela. O que fazia com que aquelas lembranças de Madrigal surgissem tão intensa e rapidamente?

O princípio de uma ideia estava se desenrolando nas partes mais profundas de sua mente, começando a procurar por conexões — uma forma de tornar o impossível possível —, mas ele não admitia isso para si mesmo. Ele não teria nem mesmo acreditado que em algum lugar dentro dele se escondia a capacidade de ter esperança.

O que, ele se perguntava, tinha feito com que ele abandonasse seu regimento no meio da noite, sem nem mesmo contar a Hazael e Liraz, e voltar para este mundo?

Seria muito fácil quebrar o vidro da janela, ou derretê-lo. Em questão de segundos, ele podia estar ao lado de Karou, levando-a dali com a mão sobre sua boca. Ele podia exigir saber... o quê, exatamente? Achava que ela seria capaz de lhe dizer por que tinha ido até ali? Além disso, a ideia de assustá-la fazia com que ele se sentisse mal. Virando-se de costas, aproximou-se da balaustrada em silêncio e olhou para fora em direção à cidade.

Hazael e Liraz já teriam notado sua ausência.

— De novo — murmurariam um para o outro, mesmo enquanto acobertavam sua ausência com alguma história inventada às pressas.

Hazael era seu meio-irmão; Liraz, a meia-irmã deles. Eles eram filhos do harém, descendentes do imperador serafim, cujo passatempo era gerar bastardos para lutar na guerra. O "pai" deles — e eles falavam a palavra entre os dentes cerrados — visitava uma concubina diferente a cada noite, mulheres dadas como presente ou escolhidas pessoalmente quando chamavam sua atenção. Seus secretários mantinham uma lista de sua prole em duas colunas, meninas e meninos. Bebês estavam sempre sendo acrescentados, e quando cresciam e morriam no campo de batalha, eram riscados sem cerimônia.

Akiva, Hazael e Liraz haviam sido acrescentados à lista no mesmo mês. Haviam crescido juntos, bebês naquele lugar de mulheres, e entregues para o treinamento aos cinco anos. Eles tentaram ficar juntos desde então, sempre lutando nos mesmos regimentos, voluntariando-se para as mesmas missões, incluindo a última: marcar os portais de Brimstone com as impressões de mão incendiárias que pegariam fogo todas no mesmo instante para destruir o portal do feiticeiro.

Essa era a segunda vez que Akiva desaparecia sem dar explicações. A primeira tinha sido anos atrás, e ele havia sumido por tanto tempo que seu irmão e irmã pensaram que tivesse morrido.

Uma parte dele realmente morrera.

Ele nunca tinha contado a eles nem a ninguém onde estivera naqueles meses em que ficara longe, ou o que tinha acontecido para fazer com que ele se transformasse no que era agora.

Izíl o havia chamado de monstro, e ele não era? Imaginava o que Madrigal pensaria se pudesse vê-lo hoje, e ver o que ele tinha feito com a "nova forma de viver" sobre a qual tinham sussurrado, há tanto tempo, no mundo sereno de suas próprias asas em concha.

Pela primeira vez desde que a havia perdido, sua memória falhou em lembrar o rosto de Madrigal. Outro rosto se intrometeu: o de Karou. Os olhos dela eram negros e apavorados, refletindo as chamas de suas asas enquanto Akiva assomava sobre ela.

Ele era um monstro. As coisas que tinha feito, nada poderia absolver.

Abriu as asas e levantou voo na noite. Era errado ficar ali na janela, uma ameaça à espreita enquanto Karou dormia tão tranquila. Ele recuou para o outro lado da rua para dormir também e, quando finalmente conseguiu, sonhou que estava do outro lado do vidro. Karou — não Madrigal, mas Karou — sorria para ele e pressionava os lábios contra os nós dos dedos dele, um por um, cada beijo apagando linhas pretas até suas mãos estarem limpas.

Inocente.

— Há outras formas de se viver — sussurrou ela, e ele acordou com bile na garganta, porque sabia que não era verdade.

Não havia esperança; somente o machado do carrasco e vingança. E não havia paz. Nunca estaria em paz. Ele esfregou a base das palmas das mãos nos olhos enquanto a frustração crescia nele como um grito.

Por que tinha ido até ali? E por que não conseguia se obrigar a ir embora?

26
UMA SENSAÇÃO DE ESTRANHAMENTO

No sábado de manhã, Karou acordou na própria cama pela primeira vez em semanas. Ela tomou banho, preparou o café, procurou na despensa alguma coisa para comer, saiu de lá com as mãos vazias e deixou o apartamento com os presentes de Zuzana numa bolsa de compras. Ela enviou uma mensagem para a amiga a caminho — *Surpresa! Grande dia. Estou levando café da manhã* — e comprou alguns croissants na padaria da esquina.

Recebeu uma mensagem em resposta — *Se não tiver chocolate, não é café da manhã* —, sorriu e se virou para voltar à padaria e comprar alguns *kolaches*.

Foi então que, ao dar meia-volta na rua, ela começou a achar que alguma coisa estava esquisita. Era uma leve sensação de estranhamento, mas foi o suficiente para que seus pés vacilassem e ela parasse para olhar em volta. Lembrou-se do que Bain dissera sobre viver como uma presa, sempre se perguntando quem a estaria seguindo, e sentiu um arrepio. Sua faca estava na bota, firme contra seu tornozelo, o desconforto lhe reconfortando.

Ela comprou os *kolaches* de Zuzana e seguiu em frente, desconfiada. Manteve os ombros rígidos e várias vezes olhou para trás, mas não viu nada fora do comum. Em pouco tempo, chegou à Ponte Carlos.

Símbolo de Praga, a ponte medieval cruzava o Vltava entre a Cidade Velha e o Bairro Pequeno. Torres góticas se erguiam dos dois lados da ponte, e toda a extensão — em que só circulavam pedestres — estava repleta de estátuas monumentais de santos. Àquela hora da manhã, estava quase deserta, e por causa da inclinação do jovem sol, as estátuas lançavam suas sombras longas e esguias.

Vendedores e artistas estavam chegando com carrinhos de mão para assumir as terras mais cobiçadas da cidade, e, bem na metade, diante do pano de fundo perfeito, como uma foto do Castelo de Praga na colina, estava o titereiro gigante.

— Ai, meu Deus, é impressionante — disse Karou para ninguém.

O titereiro estava sozinho, seus três metros de altura e aura sinistra, o rosto cruel entalhado e as mãos de madeira do tamanho de pás de neve. Karou espiou atrás dele — que estava usando um imenso casaco —, e não havia ninguém lá também.

— Alô? — chamou ela, surpresa por ver que Zuzana havia deixado sua criação sozinha. Mas então ouviu:

— Karou!

Alguém gritara de dentro da coisa, e a costura de trás do casacão se abriu como uma tenda indígena. Zuzana saiu de lá de dentro.

E pegou a sacola de guloseimas da mão de Karou.

— Graças a Deus — disse ela, e enfiou a mão na sacola.

— Bem, é bom ver você também.

— Hum-hum.

Mik emergiu depois dela e deu um abraço em Karou.

— Serei o tradutor dela — disse ele. — O que ela está dizendo, na língua de Zuzana, é "obrigada".

— Sério? — perguntou Karou, cética. — Parece mais com auf auf.

— Exatamente.

— Hum-hum — concordou Zuzana, assentindo.

— Nervosa — disse Mik.

— Tão ruim assim?

— Terrível. — Colocando-se atrás de Zuzana, ele se curvou para envolvê-la num abraço. — Assustadora e completamente horrível. Ela está insuportável. Fique com ela. Já aguentei o suficiente.

Zuzana bateu nele, depois gritou quando ele enterrou o rosto na curva do pescoço dela e fez barulhos exagerados de beijo.

Mik tinha cabelos bem louros e a pele clara, com costeletas e cavanhaque e o tipo de olhos cortantes que sugeriam ancestrais que invadiam as planícies da Ásia Central. Ele era bonito e talentoso, ficava ruborizado por qualquer coisa, cantarolava quando estava concentrado e tinha uma fala mansa, mas interessante — uma boa combinação. Mik ouvia de verdade, em vez de fingir que ouvia enquanto esperava um intervalo apropriado até ser sua vez de falar de novo, como Kaz fazia. E o melhor de tudo, estava todo derretido por Zuzana, que também estava derretida por ele. Eles eram cartunescos, a forma como coravam e sorriam, e observá-los fazia Karou tanto profundamente feliz quanto primorosamente infeliz. Ela achava que podia quase ver as borboletas deles — *Papilio stomachus* — dançando o doce tango de um novo amor.

Quanto a ela, era cada vez mais difícil imaginar qualquer coisa ganhando vida em seu interior. Mais do que nunca, era uma garota oca por dentro, o vazio parecendo uma entidade, malicioso, zombando dela com todas as coisas que nunca experimentaria.

Não. Ela baniu esse pensamento. Ela iria experimentar. Estava a caminho de experimentar.

Seu sorriso foi sincero quando Mik começou a beijar o pescoço de Zuzana, mas depois de um momento começou a parecer

um sorriso do Senhor Cabeça de Batata, plástico e grudado.

— Eu comentei que trouxe presentes? — disse ela, limpando a garganta.

Funcionou.

— Presentes? — gritou Zuzana, desengatando. Deu um pulo e bateu as mãos. — Presentes, presentes!

Karou lhe entregou a bolsa de compras. Dentro dela, havia três pacotes embrulhados com um papel marrom grosso e amarrados com barbante. No alto, o maior deles, um cartão em velino, anunciava: MME. V. VEZERIZAC, ARTEFATOS. Os pacotes eram elegantes e, de alguma forma, importantes. Quando Zuzana os tirou da bolsa, fez um trejeito com a sobrancelha.

— O que é isso tudo? — perguntou ela, ficando séria. — Artefatos? Karou. Quando falei em presente, quis dizer, tipo, uma boneca matrioshka do aeroporto ou coisa parecida.

— Anda, abre logo — disse Karou. — O maior primeiro.

Zuzana abriu. E começou a gritar.

— Ai, meu Deus, ai, meu Deus — sussurrou Zuzana, abraçando o conteúdo contra o peito em uma onda de tule.

Era uma roupa de balé, mas não uma roupa de balé qualquer.

— Foi usada por Anna Pavlova em Paris, em 1905 — disse Karou, empolgada.

Dar presentes era bem divertido. Ela nunca tivera festas de aniversário ou de Natal quando era pequena, mas, desde que tinha idade suficiente para deixar a loja sozinha, adorava levar lembrancinhas para Issa e Yasri: flores, frutas exóticas, lagartos azuis, leques espanhóis.

— Ok, não faço a menor ideia de quem seja essa...

— *O quê?* Ela é só a bailarina mais famosa *de todos os tempos*.

Sobrancelha.

— Deixa pra lá — disse Karou, suspirando. — Ela era conhecida por ser pequena, então deve servir em você.

Zuzana segurou a roupa, observando-a.

— É tão... tão... tão... é tão Degas — gaguejou.

Karou sorriu.

— Eu sei. Não é incrível? Tem essa mulher no mercado de pulgas Les Puces que vende coisas vintage de balé...

— Mas quanto custou isto? Deve ter sido uma fortuna...

— Shh — disse Karou. — Fortunas já foram gastas em coisas piores. E, além disso, eu sou rica, está lembrada? Absurdamente rica. Magicamente rica.

Uma consequência das providências de Brimstone a seu favor era que podia se permitir comprar presentes. Tinha comprado um para ela em Paris também, outro artefato, embora não fosse de balé. As facas haviam brilhado para ela de uma caixa de vidro e, no instante em que as vira, sabia que teria de comprá-las. Eram lâminas chinesas em forma de lua crescente, uma de suas armas favoritas. Seu próprio jogo, as lâminas com que tinha treinado, ainda estava em Hong Kong com seu sensei, para onde ela não voltou desde que os portais pegaram fogo. De qualquer forma, essas eram muito melhores do que as outras.

— Século XIV.

Madame Vezerizac tinha começado a fazer sua abordagem de vendas, mas Karou não precisava nem ouvir. Parecia desrespeitoso com as facas tentar pechinchar, então ela pagou o preço pedido sem pestanejar.

Cada faca tinha duas lâminas, como luas crescentes que se entrelaçavam, daí o nome. A empunhadura ficava no meio e, quando utilizadas com destreza, as facas garantiam várias pontas perfurantes e cortantes e, talvez o mais importante, pontos de defesa. As luas crescentes eram a melhor arma para enfrentar vários oponentes, principalmente se tivessem armas longas como espadas. Se ela as tivesse no Marrocos, o anjo não a teria vencido com tanta facilidade.

Também havia comprado para Zuzana um par de sapatilhas vintage e um adorável arranjo de cabelo de botões de rosa de seda, também da virada do século parisiense.

— Quer se aprontar? — perguntou Karou, e Zuzana, emocionada, assentiu.

Elas se espremeram dentro do titereiro, e Zuzana deixou de lado suas roupas comuns.

Uma hora depois os turistas estavam andando em grupos pela ponte, indo em direção ao castelo com seus guias embaixo dos braços, e um número significativo deles tinha formado um semicírculo em volta do titereiro gigante em expectativa. Karou e Zuzana se comprimiam dentro dele.

— Pare de se contorcer — disse Karou, esperando com seu pincel de maquiagem enquanto Zuzana travava um combate nada feminino por baixo do tutu.

— Minha meia-calça está torta — ponderou Zuzana.

— Você quer que suas bochechas acabem tortas também? Fique quieta.

— Está bem.

Zuzana ficou parada enquanto Karou pintava perfeitos círculos rosados de ruge em suas bochechas. O rosto dela estava branco com pó de arroz, e os lábios haviam sido pintados em forma de um minúsculo coração, como uma boca de boneca, com duas linhas pretas finas saindo dos cantos, para simular a mandíbula articulada de uma marionete. Cílios falsos enfeitavam seus olhos escuros, e ela usava o tutu, que cabia mesmo direitinho, e as sapatilhas, que já viram dias melhores. Sua meia-calça branca tinha fios repuxados e estava remendada nos joelhos; uma das tiras de seu corpete estava arrebentada; e o cabelo estava preso em um coque bagunçado coroado por botões de rosa desbotados. Ela parecia uma boneca deixada de lado em um baú de brinquedos durante anos.

E realmente havia um baú de brinquedos aberto e pronto para recebê- la assim que sua fantasia estivesse arrumada.

— Tudo pronto — disse Karou, inspecionando seu trabalho. Bateu as mãos de alegria e se sentiu como Issa quando enfeitava Karou com chifres temporários feitos de pastinacas, ou um rabo de espanador de penas. — Perfeito. Você está adoravelmente patética. Com certeza alguns turistas vão querer levá-la para casa como souvenir.

— Os turistas que não ousem — disse Zuzana, levantando seu tutu e continuando a luta com a meia-calça com rude determinação.

— Quer deixar a pobre da meia-calça em paz? Está legal.

— Odeio meia-calça.

— Bem, vou acrescentar isso à lista. Esta manhã você odeia, deixe-me ver, homens de chapéu, cachorros salsicha...

— *Donos* de cachorros salsicha — corrigiu Zuzana. — Você teria que ter, tipo, uma lentilha no lugar da alma para odiar cachorros salsicha.

— *Donos* de cachorros salsicha, spray de cabelo, cílios falsos e agora meia-calça. Já acabou?

— O quê, de odiar as coisas? — Ela fez uma pausa, verificando algum medidor interno. — Sim, acho que sim. Por enquanto.

Mik deu uma espiada pela abertura.

— Já temos uma multidão — anunciou ele.

Tinha sido ideia dele levar o projeto semestral de Zuzana para a rua. Mik às vezes tocava violino por alguns trocados, usando um tapa-olho sobre o olho esquerdo perfeitamente bom para dar um ar mais "romântico", e prometera a Zuzana que ela conseguiria alguns milhares de coroas em uma manhã. Estava usando o tapa-olho agora, e parecia de alguma forma ao mesmo tempo malandro e encantador.

— Meu Deus, você está adorável — disse ele, o olho visível em Zuzana.

Normalmente *adorável* não era uma palavra de que Zuzana gostava. "Bebês são adoráveis", rebateria ela. Mas, quando se tratava de Mik, tudo podia acontecer. Ela ficou vermelha.

— Está me fazendo pensar besteira — disse ele, deslizando para dentro do espaço apertado e deixando Karou presa contra a armação da marionete. — É estranho eu ficar excitado com uma marionete?

— É — confirmou Zuzana. — Muito estranho. Mas explica por que você trabalha em um teatro de marionetes.

— Não todas as marionetes. Só você.

Ele a agarrou pela cintura. Ela guinchou.

— Cuidado! — advertiu Karou. — A maquiagem!

Mik não ligou. Beijou Zuzana demoradamente em sua boca pintada de boneca, borrando o vermelho de seu batom e o branco da maquiagem do rosto, e por fim ficou com os próprios lábios manchados de rosa. Sorrindo, Zuzana limpou o rosto dele. Karou pensou em retocar a maquiagem de Zuzana, mas o borrado combinava perfeitamente com todo o aspecto bagunçado, então deixou como estava.

O beijo também operou milagres nos nervos de Zuzana.

— Acho que é hora do show — anunciou, animada.

— Muito bem, então — disse Karou. — Para dentro da caixa de brinquedos.

E o show começou.

A história que Zuzana contou com seu corpo — de uma marionete deixada de lado tirada de seu baú para uma última dança — era muito tocante. Ela começava atrapalhada e desconjuntada, como uma coisa enferrujada que estivesse acordando, desmoronando várias vezes numa pilha de tule. Karou, observando os rostos arrebatados da plateia, via como eles queriam dar um passo à frente e ajudar a pequena dançarina infeliz a ficar de pé.

Acima dela, o titereiro assomava sinistro, e quando Zuzana girava, os braços e dedos dele se agitavam nervosos como se ele a estivesse controlando, e não o contrário. Toda a engenharia da coisa era muito inteligente e não chamava atenção, de forma que a ilusão era completa. Havia uma parte, quando a boneca começava a redescobrir sua graciosidade, em que Zuzana se erguia lentamente até ficar na ponta dos pés, como se estivesse sendo puxada pelas cordas, e ela se esticava, um brilho de alegria no rosto. Uma sonata Smetana saía das cordas do violino de Mik, dolorosamente doce, e o momento foi além do teatro de rua para tocar algo real.

Karou sentiu lágrimas inundarem seus olhos enquanto assistia. Dentro dela, o vazio latejava.

No final, quando Zuzana era forçada a voltar para a caixa, lançava para a plateia um olhar de nostalgia desesperada e estendia um braço suplicante antes de sucumbir à vontade de seu dono. A tampa do baú batia com força, e a música acabava com um acorde agudo.

A multidão adorou. A caixa do violino de Mik logo se encheu de notas e moedas, e Zuzana se curvou cumprimentando o público uma meia dúzia de vezes e posou para algumas fotos antes de desaparecer dentro do casacão do titereiro com Mik. Karou não tinha dúvidas de que eles fariam grandes estragos em seu trabalho de maquiagem, e se sentou no baú para esperar.

Foi então, no meio daquele cardume de turistas na Ponte Carlos, que o estranhamento se insinuou de volta, lenta e sutilmente, como a sombra quando uma nuvem encobre o sol.

27
NÃO PRESA, MAS PODER

Você vai passar a viver como uma presa, garotinha.

As palavras de Bain voltaram aos ouvidos de Karou enquanto ela olhava em volta, observando rostos na multidão. Sentindo- se exposta no meio da ponte, olhou para os telhados nas duas margens do rio, sua imaginação fazendo-a pensar no caçador olhando para ela através da mira do rifle.

Tentou parar de pensar naquilo. Ele não seria capaz, seria? A sensação esvaneceu, e ela se convenceu de que tinha sido apenas paranoia, mas durante o restante do dia aquela sensação ia e voltava em calafrios esporádicos enquanto Zuzana dançava mais uma dezena de vezes, ganhando confiança a cada performance, e a caixa do violino de Mik voltava a se encher várias vezes, excedendo bastante o valor que ele havia imaginado que conseguiriam.

Os dois tentaram convencer Karou a jantar fora com eles, mas ela recusou gentilmente, alegando ainda estar com jet lag, o que não era mentira, mas não era o que preenchia sua mente.

Karou tinha certeza de que estava sendo observada.

As pontas de seus dedos se agitavam contra as palmas de suas mãos. Um formigamento começava lá e subia pelos braços, e, enquanto ela saía da ponte e entrava no labirinto pavimentado da Cidade Velha, sabia que estava sendo seguida. Ela parou e se ajoelhou, fingindo ajeitar a bota enquanto puxava sua faca — a comum; as novas, em forma de lua crescente, estavam na embalagem, no apartamento — e a deslizava para dentro da manga, olhando com atenção para a frente e para trás.

Não viu ninguém, então continuou andando.

Na primeira vez que tinha ido a Praga, ficara completamente perdida explorando aquelas ruas. Tinha passado por uma galeria de arte e, alguns quarteirões depois, voltou, tentando encontrá-la, mas... não conseguiu. A cidade engolira a galeria. Na verdade, ela nunca mais a encontrou. Havia um emaranhado confuso de becos que dava a impressão de um mapa que se movia atrás de você, gárgulas andando na ponta dos pés, pedras como peças de quebra-cabeças que se rearranjavam em novas configurações quando você não estava olhando. Praga hipnotizava, atraía você como os seres míticos que enganam os viajantes, levando-os para o coração da floresta até ficarem completamente perdidos. Mas ficar perdido ali era uma agradável aventura, com lojas de marionete e absinto, e as únicas criaturas à espreita pelas esquinas eram Kaz e seus colegas com maquiagem de vampiro, tramando um susto bobo.

Geralmente.

Naquela noite, Karou sentia uma ameaça real e, a cada passo que dava, calmo e preciso, desejava que o perigo se revelasse logo. Ela queria lutar. Seu corpo era uma mola retesada. Assim como ele frequentemente a provocava com o fantasma de outras coisas que estaria fazendo, neste momento, Karou tinha certeza de que em sua vida fantasma ela iria lutar.

— Anda logo — sussurrou ela para o perseguidor invisível, abaixando a cabeça e acelerando o passo. — Tenho uma surpresa para você.

Ela estava em Karkova, a maior passagem de pedestres entre a ponte e a praça da Cidade Velha, e ainda havia uma multidão de turistas. Ela andou entre eles, movendo-se de forma rápida e errática, olhando para trás por sobre o ombro, mais para produzir a ilusão de medo do que na esperança de conseguir ver quem estava atrás dela. Na interseção de um beco tranquilo, ela virou para a esquerda, mantendo-se perto da parede.

Conhecia bem aquele território. Era muito usado por Kaz em seus tours, porque tinha vários lugares para se esconder. Mais à frente, o contorno de um prédio medieval criava um nicho escondido onde ela havia ficado à espera várias vezes fantasiada de fantasma. Então se escondeu nas sombras.

E deu de cara com um vampiro.

— Ei! — disse uma voz aguda, enquanto Karou tentava reverter rapidamente o movimento e cambaleava para trás, saindo das sombras. — Ah, céus! — exclamou a voz. — É você.

O vampiro se reclinou contra a parede e cruzou os braços em uma atitude de entediada superioridade.

Svetla. Karou cerrou o maxilar quando viu a garota. Ela era alta e magra como uma modelo, com uma beleza cruel que certamente se tornaria assustadora com o tempo. Estava usando uma pintura branca no rosto e delineador gótico, com presas falsas e um respingo de sangue no canto de seus lábios cor de rubi. A perversa vampira sexy de Kaz, de capa preta e tudo, estava inconvenientemente entocada onde Karou queria se esconder.

Idiota, Karou se repreendeu. Estava na hora do tour. É claro que os esconderijos de Kaz estariam cheios de atores. Às vezes achava divertido, quando caminhava pelo Centro Histórico à noite, ver fantasmas entediados apoiados contra as paredes, escrevendo mensagens de texto ou no Twitter enquanto esperavam que o próximo grupo de turistas fosse levado até ali.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Svetla.

Ela curvou os lábios como se tivesse sentido algum cheiro ruim. Era uma dessas garotas bonitas com um talento especial

para se fazerem ficar feias.

Karou olhou para trás em direção a Karlova, depois para frente, para a próxima curva no beco que poderia servir de esconderijo. Ficava muito longe; não podia arriscar. Ela quase podia sentir seu perseguidor se aproximando.

— Se está procurando por Kaz, nem se dê ao trabalho — disse Svetla lentamente. — Ele me contou o que você fez.

Céus, pensou Karou. Como se alguma dessas coisas importasse agora!

— Svetla, cala a boca — disse, e se enfiou no vão junto com ela, empurrando a garota em direção às pedras.

Svetla arfou e tentou empurrá-la para fora.

— O que você está fazendo, sua maluca?

— Eu disse para calar a boca — sibilou Karou e, quando Svetla não obedeceu, puxou a faca da manga e a ergueu.

Era curva como a garra de um gato, e sua borda brilhou, refletindo um fio de luz. Svetla perdeu o fôlego e ficou quieta, mas não por muito tempo.

— Ah, tá bom. Até parece que você vai me esfaquear.

— Preste atenção — disse Karou, baixinho. — Fique quieta só por um minuto e eu conserto suas sobrancelhas idiotas.

— *O quê?* — indagou a vampira em tom áspero, após um silêncio espantado.

Svetla estava com uma franja longa e pesada, tão comprida que chegava aos olhos, e tão cheia de spray de cabelo que mal se movia, tudo para esconder as sobrancelhas em que Karou tinha desperdiçado um shing, num ataque de fúria perto do Natal. Pretas e cerradas embaixo do cabelo, elas provavelmente não estavam ajudando muito em sua carreira de modelo.

A expressão de Svetla pairou em algum lugar entre a confusão e o ultraje. Não havia como Karou saber sobre suas sobrancelhas, sempre tão cuidadosamente ocultadas. Ela deve ter achado que Karou a espionava. Karou não ligava para o que ela pensava. Só queria silêncio.

— Estou falando sério — disse baixinho. — Mas só se eu ainda estiver viva para fazer isso, então cala a boca.

Podiam ouvir o som de vozes que vinham de Karlova, junto com a música dos cafés mais próximos e o ronronar de máquinas. Karou não conseguia ouvir o barulho de passos, mas aquilo não queria dizer nada. Caçadores sabiam ser furtivos.

Svetla continuava perplexa, mas pelo menos momentaneamente estava quieta. Karou estava rígida e não se mexia, com os olhos bem atentos, e ouvindo com atenção.

Alguém estava vindo. Passos como fantasmas de passos. Lá fora, no beco, uma sombra se infiltrou em seu campo de visão. Karou observou-a se alongar no chão em frente a ela, enquanto seu perseguidor se aproximava. As palmas de suas mãos pulsaram; agarrou a faca com mais força e deu uma olhada na sombra, tentando ver quem era.

Ela piscou, e algumas palavras lhe vieram à memória. Não as palavras de Bain, mas as de Razgut.

Meu irmão serafim estava procurando por vocêê minha linda.

A sombra. A sombra tinha asas.

Ah, meu Deus, o anjo. A pulsação de Karou ficou irregular. A distração do aviso de Bain se dissipou como fumaça para revelar o que estivera lá o tempo todo: nas palmas de suas mãos, uma energia que fluía. Seus hamsás estavam em brasas. Como ela não percebera isso antes? Ela dirigiu um olhar selvagem de advertência para Svetla e balbuciou: Silêncio. Svetla deixou a rixa de lado. Ela parecia assustada.

A sombra avançou e, atrás dela, o anjo. Ele tinha o olhar intenso, concentrado à frente. Suas asas estavam enfeitiçadas, os olhos brilhavam na penumbra, e Karou teve uma clara visão de seu perfil. A beleza dele era tão surpreendente quanto da primeira vez em que o vira. Fiala, pensou na professora de desenho, se você pudesse ver isso... Embora houvesse um par de espadas embainhadas cruzadas em suas costas, os braços estavam passivos ao longo do corpo, as mãos levemente erguidas e os dedos abertos como que para demonstrar que estava desarmado.

Que bom para você, pensou Karou, segurando a faca com ainda mais firmeza. Eu não estou.

Ele chegou perto do nicho.

Karou se preparou.

E pulou.

Ela teve de se arremessar para cima para conseguir agarrar o pescoço dele — o anjo era alto, pelo menos um metro e noventa — e o atingiu com força, fazendo-o cambalear. Grudou nele, sentindo na mesma hora o que não podia ver: o calor e o volume das asas, invisíveis mas reais. Percebeu também o calor e a amplitude de seus ombros e braços, e teve uma noção aguda da vitalidade poderosa de seus músculos quando levou a lâmina à garganta do anjo.

— Procurando por mim?

— Espere... — pediu ele, sem fazer nenhum movimento para lutar com ela ou afastá-la.

— *Esperar* — zombou Karou, e por impulso pressionou o olho pintado na palma de sua outra mão na pele exposta do pescoço do anjo.

Como no Marrocos, quando ela havia direcionado pela primeira vez a magia desconhecida de seus hamsás contra ele, algo aconteceu. Naquela vez, ele tinha sido atirado pelo ar. Agora, a força incrível dos hamsás não o havia acertado nem arremessado — foi para dentro dele. Onde a tatuagem de Karou o tocou, ela sentiu um silvo na pele do anjo que fez o corpo dele estremecer e reverberou pelo braço dela, até o seu âmago, até mesmo as raízes dos dentes dela. Era lancinante. Assustador. E isso para ela.

Para ele, foi muito pior. Espasmos atravessavam sua forma poderosa, ameaçando fazer Karou cair. Ela aguentou firme. Ele se engasgou. A magia o arrasara. Algo estava errado — o que aquilo estava fazendo com ele? Akiva recuou, com espasmos

violentos, e tentou tirar a mão dela, mas os dedos se atrapalharam e ele não conseguiu. Sob a mão de Karou, a pele dele estava lisa e quente, tão quente, tão quente, e o calor só aumentava. O calor de suas asas também, como uma fogueira fora de controle.

Fogo, fogo invisível.

Karou não podia suportar aquilo. A palma de sua mão perdeu contato com o pescoço dele. Quando a mão dela se afastou, ardendo com o calor, o anjo se recompôs. Ele a agarrou pelo pulso e girou-a com força, atirando- a para longe.

Ela aterrissou suavemente e se virou para encará-lo.

Ele estava encurvado, respirando com dificuldade, uma das mãos no pescoço enquanto a encarava com seus olhos de tigre. Ela se sentiu presa no lugar em que se encontrava e por algum tempo só conseguiu olhar de volta. Ele parecia sofrer. Franziu a sobrancelha, perplexo, como se estivesse tentando desvendar um mistério.

Como se *ela* fosse seu mistério.

Então ele se mexeu, e o instante, que antes parecia congelado, prosseguiu. Ele levantou as mãos, de forma apaziguadora. A proximidade dele pulsou em Karou. Seus hamsás pulsaram. Seu coração, as pontas de seus dedos, suas lembranças: o ataque de uma espada, Kishmish em chamas, os portais incinerados, Izíl, da última vez em que o vira, gritando: *Malak!*

E, quando ela ergueu as mãos, não foi em sinal de paz. Uma pegou sua faca; a outra mostrou o olho.

O serafim se encolheu, e o hamsá o impeliu vários passos para trás.

— Espere — pediu ele, lutando contra aquela força. — Não vou machucar você.

Karou sentiu uma risada na garganta. Quem estava correndo o risco de se machucar ali? Ela se sentiu poderosa. Sua vida fantasma tinha parado de provocá-la, tinha deslizado, em vez disso, para dentro de sua pele e a possuído. Essa era ela: não uma presa, mas o *poder*.

Ela se arremessou em direção a ele, que retrocedeu. Ela atacava; ele fugia. Em todo treinamento de luta que tinha feito durante anos de prática, ela sempre se controlava um pouco. Mas não agora. Sentia-se forte, livre, fez um kata rodopiando, desferindo golpes contra o peito dele, as pernas e até mesmo contra as mãos que erguia em sinal de paz, e a cada contato ela era lembrada da solidez dele — sua presença física firmemente enraizada. Anjo ou não — o que quer que isso quisesse dizer —, não havia nada de etéreo nele. Ele era feito de carne.

— Por que está me seguindo? — rosnou em quimera.

— Eu não sei — respondeu ele.

Karou riu. Era mesmo meio engraçado. Ela se sentia leve como o ar e viva como o perigo. Atacou numa fúria indiferente e, ainda assim, ele mal se defendeu; apenas se desviava dos golpes da faca e se contraía sob a força do hamsá que ela exibia.

— Lute — sibilou, quando acertou outro golpe, e ele não fez nada além de neutralizá-lo.

Ele não lutou. Em vez disso, quando ela o atacou novamente, ele juntou o ar embaixo dele e levantou voo, saindo do chão e se colocando fora do alcance dela.

— Só quero falar com você — disse, acima dela.

Ela jogou a cabeça para trás e olhou para onde ele pairava no ar. O vento provocado pela batida de suas asas fez os cabelos dela esvoaçarem em volta de seu rosto em ondas azuis selvagens.

Ela sorriu, de forma cruel, e se agachou.

— Então fale — disse ela, e se lançou no ar para encontrá-lo.

28
POSIÇÃO DE ORAÇÃO

Em seu esconderijo, a vampira Svetla por um momento se esqueceu de como respirar.

Mais à frente no beco, na junção com Karlova, um pequeno grupo turístico virou a esquina e parou espantado. Chicletes caíram de bocas abertas. Kaz, que usava uma cartola e carregava uma estaca de madeira alegremente sob o braço, percebeu que sua ex- namorada estava no ar.

Para ser sincero, ele não ficou tão surpreso assim.Havia alguma coisa em Karou que ativava uma credulidade incomum. Havia coisas que você nem sonharia que pudessem acontecer com outras pessoas, mas, quando se tratava de Karou, passavam a ser não tão difíceis de imaginar. Karou voando? Bem, por que não?

O que Kaz sentiu não foi surpresa. Foi ciúme. Karou estava voando, é claro, mas não estava voando sozinha. Estava com um homem, um homem que até mesmo Kaz — que alegava ser "gay" reconhecer que outro homem era atraente — tinha de admitir para si mesmo que tinha uma beleza que beirava o absurdo. Uma beleza que beirava o exagero.

Isso não élegal, pensou ele, cruzando os braços.

O que os dois estavam fazendo não podia ser descrito exatamente como voar. Estavam mais alto até do que os telhados, mas mal se moviam — rodeavam-se como gatos, encarando um ao outro com extraordinária intensidade. O ar pulsava entre eles, e Kaz sentiu aquilo como um soco no estômago.

Então Karou atacou o cara, e ele se sentiu muito melhor.

Mais tarde, ele diria que a luta aérea fazia parte de seu tour, e arrecadaria uma gorjeta recorde. Também se referiria a Karou como sua namorada, enfurecendo Svetla, que seguiria para casa para encarar furiosa suas sobrancelhas — que ainda pareciam lagartas — no espelho. Mas no momento todos eles apenas observavam, perplexos, as duas lindas criaturas lutando no ar com os telhados de Praga às suas costas.

Bem, Karou estava lutando, pelo menos. Seu oponente apenas se esquivava, com grande graça e um tipo estranho de... suavidade?... e parecia se afastar assustado dela e se encolher como se tivesse sido golpeado mesmo quando ela não o tocava.

Continuou assim por alguns minutos, enquanto a multidão se avolumava no chão, até que ela atacou novamente, e o cara agarrou as mãos dela fazendo-a soltar a faca — que caiu pelo ar até aterrissar com a ponta para baixo entre as pedras da pavimentação e ficou presa lá — e a segurou. Foi estranho: ele uniu as palmas das mãos dela em uma posição de oração. Ela lutou, mas ele claramente era muito mais forte e a segurou com tranquilidade, suas mãos pressionadas sobre as dela, como se estivesse forçando-a a orar.

Ele falou com ela, e suas palavras chegaram aos espectadores, estranhas e ricamente tonais, ásperas e de alguma forma um pouco... animais. O que quer que ele tivesse dito a Karou fez com que ela gradualmente parasse de lutar. Ainda assim, ele manteve as mãos dela encerradas nas dele por bastante tempo. Na praça do Centro Histórico, os sinos da Igreja Tyn bateram nove horas, e foi somente quando a batida da nona hora ecoou no silêncio que ele a soltou e remou para trás no ar, tenso e alerta, como alguém que tivesse libertado uma coisa selvagem de uma gaiola e não soubesse se ela o atacaria.

Karou não o atacou. Ela se afastou. Os dois falaram, gesticularam. Os movimentos de Karou no ar eram lânguidos, suas pernas longas dobradas embaixo dela, os braços se movendo no ritmo das marés, como se ela estivesse se mantendo à tona. Parecia tudo tão fácil — tão possível — que vários turistas cuidadosamente testaram o ar com seus próprios braços, perguntando-se se eles não tinham ido parar em algum lugar do mundo onde... bem, onde as pessoas podiam voar.

E então, no momento em que estavam se acostumando com a visão impressionante da garota de cabelo azul e do homem de cabelo preto flutuando no ar como parte de uma arte performática magnífica, a garota fez um movimento repentino. O homem sucumbiu e começou a cair aos trancos e barrancos, lutando para se manter no alto.

Ele perdeu a luta e ficou inerte. Sua cabeça girou para trás, frouxa em seu pescoço, e, com um crepitar de faíscas que deram a breve impressão da cauda de um cometa, ele mergulhou em direção à terra.

29
LUZ DE UMA ESTRELA

Quando o anjo pensou que podia escapar erguendo-se três metros do chão, Karou sentiu um prazer diabólico em surpreendê-lo. Mas, se ele ficou surpreso, não demonstrou. Ela se ergueu no ar em frente a ele, e ele olhou para ela. Só olhou. Seu olhar atingiu com calor as bochechas, os lábios dela. Era toque. Os olhos dele eram hipnóticos, e as sobrancelhas, negras e aveludadas. Ele era cobre e sombra, mel e ameaça, a severidade das maçãs do rosto afiadas e o bico de viúva no cabelo, como a ponta de uma adaga. Tudo isso e o estalo abafado do fogo invisível e, encarando-o, Karou parecia ser jogada para dentro de uma melodia de sangue e magia, e mais alguma coisa.

Em sua barriga: um tremular de coisas aladas se agitando intensamente para a vida.

Isso a fez corar. A ousadia das borboletas de virem perturbá-la agora. O que era ela, alguma garota frívola que desfalecia diante da beleza?

— Beleza — zombara Brimstone uma vez. — Os humanos são loucos por ela. Tão indefesos quanto mariposas que se atiram no fogo.

Karou não seria uma mariposa. Nos momentos em que eles rodearam um ao outro, ela se lembrou de que, embora o serafim não quisesse lutar com ela agora, já havia derramado seu sangue antes. Ele lhe deixara cicatrizes. Pior, havia queimado os portais e a deixara *sozinha.*

Ela vestiu sua raiva como se fosse uma armadura e o atacou de novo, partindo para cima dele no ar, e por alguns minutos conseguiu se convencer de que era páreo para ele, que poderia... o quê? Matá-lo? Ela mal estava tentando usar sua faca. Ela não queria matá-lo.

O *que* ela queria? O que *ele* queria?

E então o anjo agarrou as mãos dela e, em um movimento suave, a desarmou e a desiludiu de qualquer impressão que pudesse ter tido de que estivesse vencendo. Ele uniu e pressionou as palmas das mãos dela de forma que ela não conseguisse atacar com seus hamsás outra vez — de perto, ela viu que o pescoço dele estava marcado de branco onde ela o tocara —, e ele era tão forte que ela não conseguia se libertar. As mãos dele eram quentes e envolviam as dela completamente. Sua magia estava presa nas palmas de suas mãos, uma tatuagem quente contra a outra, e sua faca tinha caído na rua lá embaixo. Fora pega. Em um momento frenético, lembrou-se da forma como ele a observara no Marrocos, a indiferença de sua expressão. Mas não havia nada de indiferente agora. Muito longe disso.

Ele poderia ser alguém totalmente diferente; seu olhar estava cheio de sentimento. Que sentimento? Dor. Ele reluzia com um brilho febril. Seu rosto suportava a tensão de uma agonia prolongada, e sua respiração era irregular. Mas não era tudo. Ele ardia com intensidade, inclinando-se para Karou no ar, olhando, olhando vividamente em uma procura surpresa e abrasadora.

Seu toque, seu calor, seu olhar a envolveram por completo, e, em um instante, não eram as borboletas o que ela sentia. Isso era pouco, a agitação de uma garota frívola.

Essa nova coisa que surgiu entre eles era... astral. Transformou o ar, e estava nela também — uma atração, quente e suave — e por um momento, suas mãos nas dele, Karou se sentiu tão sem poder quanto a luz de uma estrela puxada em direção ao sol na imensa e estranha trama do espaço. Ela lutou contra isso, tentando fugir.

— Não vou machucar você. Sinto muito pelo que aconteceu antes.

Por favor, acredite em mim, Karou. Eu não vim aqui para machucar você — disse o anjo, com a voz baixa e rouca.

Ela se assustou ao ouvir seu nome e parou de lutar. Como ele sabia o nome dela?

— Por que veio? No rosto dele, um olhar indefeso.

Ele repetiu:

— Eu não sei. — E dessa vez ela não achou engraçado. — Só... Só para conversar. Para tentar entender esse... esse...

Ele se atrapalhou buscando as palavras e parou de falar, confuso, mas Karou achava que sabia o que ele queria dizer, porque ela também queria entender tudo aquilo.

— Não consigo mais suportar sua magia — completou ele, e ela ficou ciente de novo do esforço que ele fazia. Ela havia mesmo ferido o anjo. Como devia, disse a si mesma. Ele era seu inimigo. O calor em suas mãos lhe dizia isso. Suas cicatrizes também, e a vida que havia sido arrancada dela também. Mas seu corpo não estava ouvindo. Estava concentrado no contato da pele deles, as mãos dele nas dela. — Mas não quero segurá-la. Se quiser me machucar, é só o que eu mereço.

Ele a soltou. O calor dele a abandonou, e a noite se precipitou entre eles, mais fria que antes.

Mantendo os hamsás escondidos nas mãos em punhos, Karou se afastou, mal se dando conta de que ainda estava flutuando.

Céus. O que *foi isso?*

De forma distraída, ela percebeu que estava voando bem à vista de um grupo de pessoas, e que mais curiosos vinham aos montes, como se a rota turística de Karlova tivesse sido desviada para lá. Ela sentiu que as pessoas apontavam, espantadas, viu os

flashes das câmeras, ouviu os gritos, mas estava tudo abafado, abafado, abafado, como se estivesse passando em uma tela, menos real que o momento que estava vivendo.

Ela estava a ponto de entender alguma coisa inefável. Quando o serafim tinha segurado suas mãos, e depois as soltara, foi como se ela tivesse sido preenchida, sem perceber até ele se afastar e o vazio voltar depressa. E aquela ausência pulsava dentro dela agora, fria e dolorosa, vazia e carente — carente —, e uma parte desesperada dela tinha de ser impedida de se lançar para frente para agarrar as mãos dele de novo. Preocupada com essa compulsão extraordinária que pulsava dentro de si, ela se forçou a resistir. Era como lutar contra a maré, e na luta havia o mesmo medo: de ser arrastada para águas profundas, para além de qualquer segurança.

Karou entrou em pânico.

Quando o anjo fez um movimento em sua direção, ela levantou as mãos entre eles, ambos ao mesmo tempo, e à queima-roupa. Os olhos dele se arregalaram, e ele cambaleou no ar, uma ruptura em sua graça perfeita. Karou prendeu a respiração. Ele tentou se firmar na padieira de uma janela do quarto andar, mas não conseguiu.

Seus olhos se reviraram, e ele caiu um pouco, soltando faíscas. Ele estava perdendo a consciência?

— Você está bem? — Karou perguntou, com um nó apertado na garganta.

Mas ele não estava, e caiu.

* * *

Akiva percebeu fracamente que não estava mais no ar. Abaixo dele, havia pedra. Em flashes, viu alguns rostos olhando para ele. Consciência estroboscópica. Vozes em línguas que ele não conseguia entender, e no limite da visão: azul. Karou estava lá. Ouviu um barulho se elevar e se forçou a se endireitar, e o barulho era... o som de aplausos.

Karou, de costas para ele, fez uma reverência teatral. Com um floreio, ela tirou a faca de onde tinha ficado presa entre as pedras do pavimento e a guardou de volta em sua bota. Olhou para ele por cima do ombro, parecendo aliviada por vê-lo consciente, e então deu um passo para trás e... pegou a mão dele. Cuidadosamente, apenas as pontas de seus dedos nos dele, para que suas marcas não o queimassem. Ela o ajudou a ficar de pé, e disse, baixinho em seu ouvido:

— Curve-se.

— O quê?

— Apenas cumprimente a plateia, ok? Deixe que pensem que foi uma performance. Será mais fácil escapar. Deixe que fiquem se perguntando como fizemos isso.

Ele fez algo parecido com um cumprimento e os aplausos retumbaram.

— Consegue andar? — perguntou Karou.

Ele assentiu.

Mesmo assim, não foi fácil conseguir sair dali. As pessoas ficavam no caminho, tentando falar com eles. Karou falava; ele não entendia o que estava sendo dito, não conhecia a língua, mas as respostas dela eram curtas. Os espectadores estavam admirados e maravilhados — menos um deles, um jovem usando uma cartola que olhava furioso para Akiva e tentava pegar o cotovelo de Karou. Seu ar de posse despertou uma fúria antiga em Akiva e o fez querer atirar o humano na parede, mas Karou não precisava de intervenção. Ela empurrou o rapaz para o lado e conduziu Akiva para longe da multidão. Seus dedos ainda tocavam os dele; eram pequenos e frios, e ele lamentou quando, ao dobrarem uma esquina em uma praça com barraquinhas vazias, ela se afastou.

— Você está bem? — perguntou ela, afastando-se ainda mais.

Ele se firmou contra uma parede nas sombras embaixo de um toldo.

— Não que eu não merecesse — disse ele. — Mas sinto como se um exército tivesse passado por cima de mim.

Ela andou de um lado para o outro, uma energia ansiosa vibrando com clareza dentro dela.

— Razgut me disse que você estava à minha procura. Por quê?

— Razgut? — Akiva espantou-se. — Mas achei que ele estivesse...

— Morto? Ele sobreviveu. Mas Izíl, não.

Akiva olhou para o chão.

— Eu não sabia que ele ia pular.

— Bem, ele pulou. Mas isso não responde à minha pergunta. Por que estava procurando por mim?

De novo, sentiu-se indefeso. Ele procurou uma explicação.

— Eu não entendia quem você era. É. Uma humana, marcada com os olhos do demônio.

Karou olhou para as palmas de suas mãos, depois para ele, uma vulnerabilidade confusa em seu rosto.

— Por que elas... fazem isso? Com você?

Ele estreitou os olhos. Como ela podia não saber?

As tatuagens de olhos eram apenas um exemplo da crueldade de Brimstone. A magia funcionava como uma parede de vento, uma que carregava a fúria da doença e da fraqueza, e Akiva tinha treinado para resistir a ela — todos os soldados serafins treinavam —, mas ele só podia resistir até certo ponto. Se ele estivesse numa batalha, teria cortado as mãos do inimigo antes de deixá-lo focar tanto de sua energia maligna nele. Mas Karou... A última coisa que ele queria era machucá-la de novo, então resistira o máximo que pôde.

Agora mais do que nunca ela o fulminava como uma fada em um conto infantil — uma história de assombração, com olhos sombrios e um ferrão como o de um escorpião. A queimadura do toque no pescoço dele parecia um borrifo de ácido, acompanhando a náusea embotada e turbulenta de seu ataque implacável. Ele se sentia enfraquecido, e temia desmoronar de novo.

— São as marcas dos espectros. Você devia conhecê-las — esclareceu ele, cuidadosamente.

— Espectro?

— Você realmente não sabe? — perguntou ele, estudando seu rosto.

— Saber o quê? O que é um espectro? Não é um fantasma?

— É um soldado quimera — disse ele, o que em parte era verdade. — Os hamsás são destinados a eles. — Pausa. — Apenas.

Ela cerrou os punhos de repente, com força.

— Obviamente não apenas a eles.

Ele não respondeu.

Tudo estava entre eles, tudo o que ele havia sentido se espalhar pelo ar enquanto se encaravam acima dos telhados. Estar perto dela era como se equilibrar em um mundo inclinado, tentando manter-se firme enquanto o chão queria jogá-lo para frente, lançá-lo em uma espiral da qual não havia retorno, somente impacto, e era um impacto desejado, uma colisão doce e atraente.

Ele tinha sentido aquilo antes e nunca mais queria voltar a sentir. Só ia enfraquecer a lembrança de Madrigal; já enfraquecia. Novamente sua memória não conseguiu evocar o rosto dela. Era como tentar se lembrar de uma melodia enquanto outra música tocava. O rosto de Karou era tudo que ele conseguia ver — olhos brilhantes, bochechas macias, a curva de lábios delicados pressionados em consternação.

Ela estava à distância de uma asa, ainda andando de um lado para o outro.

Vagavam à beira de uma compulsão mútua, ambos com medo de se aproximar.

— Por que você queimou os portais? — perguntou ela.

Akiva respirou fundo. O que poderia dizer? Por vingança? Pela paz? As duas coisas eram verdadeiras, de certa forma. Com muito cuidado, ele disse:

— Para acabar com a guerra.

— *Guerra?* Existe uma guerra?

— Sim, Karou. A guerra é tudo o que existe.

Ela foi pega de surpresa, de novo, pelo uso de seu nome.

— Brimstone e os outros... Eles estão bem? — Pelo jeito como ficou sem ar ao falar, Akiva percebeu que estava com medo... medo da resposta.

Sob a náusea turbulenta que ele sentia em função dos hamsás, sentiu outro mal-estar ainda mais profundo — o princípio do temor.

— Eles estão na fortaleza negra — disse ele.

— Fortaleza. — A voz dela se encheu de esperança. — Com as barras. Eu estive lá, eu vi esse lugar, na noite em que você me atacou.

Akiva desviou o olhar. Uma onda de náusea passou por ele. Era difícil se concentrar com aquela pulsação em sua cabeça; só uma vez antes ele havia sofrido um trauma tão prolongado causado pelas marcas do demônio, uma tortura a que ele não tinha esperado sobreviver, e ainda não entendia por que havia conseguido. Estava tendo dificuldade em manter os olhos abertos, e seu corpo parecia uma âncora tentando arrastá-lo para baixo. Vozes.

A cabeça de Karou girou para olhar em volta. Akiva fez o mesmo. Parte da plateia tinha conseguido localizá-los e estava apontando.

— Venha comigo — convidou Karou.

Como se ele pudesse ter feito qualquer outra coisa!

30
VOCÊ

Ela o levou até seu apartamento, pensando o tempo todo, *Idiota, idiota, o que você está fazendo?*

Respostas, disse a si mesma. *Estou conseguindo respostas.*

Karou hesitou no elevador, insegura por ficar em um espaço tão pequeno com o serafim, mas ele não estava em condições de subir escadas, então ela apertou o botão. Ele a seguiu, parecendo desconhecer o princípio dos elevadores, e se assustou um pouco quando o mecanismo fez barulho e ganhou vida.

No apartamento, ela deixou as chaves em uma cesta perto da porta e olhou em volta. Na parede estavam suas asas do Anjo da Extinção, estranhamente parecidas com as asas dele. Se ele notou a semelhança, seu rosto não demonstrou. O espaço era pequeno demais para que as asas pudessem ficar abertas em toda sua envergadura, então ficavam suspensas como um dossel, cobrindo parcialmente a cama, que tinha uma base em teca e colchões de pena empilhados no estilo "a princesa e a ervilha". Estava desfeita e soterrada em uma avalanche de cadernos de desenho velhos que Karou ficara folheando na noite anterior, aproveitando a companhia de sua família da única forma possível.

Um dos cadernos estava aberto em um retrato de Brimstone. Ela percebeu que o anjo trincou os dentes ao ver o desenho, então agarrou o caderno e o apertou com força contra o peito. Ele foi até a janela e olhou para fora.

— Qual é o seu nome?

— Akiva.

— E como sabe o meu?

Um longo segundo.

— O velho.

Izîl. É claro. Mas... um pensamento lhe ocorreu. Razgut e Izîl não tinham pulado para a morte para protegê-la?

— Como me encontrou? — perguntou ela.

Estava escuro do lado de fora, e os olhos de Akiva refletiam tons de laranja no vidro da janela.

— Não foi difícil — foi tudo o que ele disse.

Ela ia pedir que fosse mais específico, mas ele fechou os olhos e apoiou a testa contra o vidro.

— Você pode sentar — disse ela, indicando com um gesto sua poltrona de veludo verde-escuro. — Se não for queimar nada.

Os lábios dele se curvaram amargamente e sem alegria no que parecia o parente distante de um sorriso.

— Não vou queimar nada.

Ele afrouxou a fivela das tiras de couro que cruzavam seu peito, e as espadas, embainhadas entre suas duas escápulas, caíram no chão com dois baques surdos de que Karou não achava que seus vizinhos de baixo fossem gostar. Então Akiva sentou, ou melhor, desabou, na poltrona. Karou empurrou os cadernos de desenho para o lado, abrindo espaço para si na cama, e se sentou em posição de lótus, de frente para ele.

O apartamento era minúsculo — só tinha espaço para a cama, a poltrona e um conjunto de mesas entalhadas empilháveis; o único luxo era um tapete persa, que havia sido barganhado enquanto ainda estava no tear em Tabriz. Uma parede era toda coberta por estantes de livros, de frente para uma das janelas, e o hall de entrada dava para uma cozinha minúscula, um armário ainda menor e um banheiro que mal chegava a ter o tamanho de um boxe. O teto ficava a ridículos três metros e meio de altura, de maneira que o aposento principal era mais alto do que largo, então Karou tinha construído uma espécie de sótão acima das estantes de livros — que precisava escalar para alcançar —, apenas profundo o suficiente para que pudesse se reclinar em almofadas turcas e observar a vista do lado de fora das grandes janelas: uma linha direta sobre os telhados da Cidade Velha até o castelo.

Ela observou Akiva. Ele havia deixado a cabeça tombar para trás; seus olhos estavam fechados. Parecia muito cansado. Estava mexendo um ombro com cuidado, retraindo-se, como se aquilo lhe causasse dor. Karou pensou em oferecer chá — ela bem que poderia beber um pouco —, mas parecia demais bancar a anfitriã, então se esforçou para se lembrar da dinâmica entre os dois: eram inimigos.

Certo?

Ela o estudou, corrigindo mentalmente os desenhos que fizera de memória. Seus dedos coçavam para arrumar um lápis e desenhá-lo ao vivo. Dedos idiotas.

O anjo abriu os olhos e a flagrou olhando. Ela corou.

— Não se sinta confortável demais — disse ela, transtornada.

Ele procurou se endireitar.

— Desculpe-me. É assim depois de uma batalha.

Batalha. Ele observou com cautela enquanto ela processava a ideia.
— Batalha. Com quimeras. Porque vocês são inimigos — falou ela.
Ele assentiu.
— Por quê?
— Por quê? — repetiu ele, como se a noção de inimigos não precisasse de justificativa.
— Sim. Por que são inimigos?
— Sempre fomos. A guerra vem acontecendo há mil anos...
— Isso não é explicação. Duas raças não podem ter nascido inimigas, podem? Teve de começar em algum lugar.
Lento assentimento.
— Sim, começou em algum lugar. — Ele esfregou o rosto com as mãos. — O que você sabe sobre os quimeras?
O que ela sabia?
— Não muito — admitiu. — Até aquela noite, quando você me atacou, eu nem sabia que havia outros além deles quatro. Eu não sabia que eram uma raça.
Ele balançou a cabeça.
— Eles não são uma raça. São muitas, aliadas.
— Ah. — Karou achou que aquilo fazia sentido, já que eram tão diferentes. — Isso quer dizer que há outros como Issa, como Brimstone?
Akiva assentiu. A ideia deu novas nuances de realidade ao mundo que Karou tinha vislumbrado. Ela imaginou tribos dispersas em vastas paisagens, uma aldeia inteira de Issas, famílias de Brimstones. Ela queria vê-los. Por que a mantiveram afastada deles?
— Não entendo como foi sua vida — disse Akiva. — Brimstone a criou, mas apenas na loja? Não na fortaleza?
— Eu nem sabia o que havia do outro lado da porta interna até aquela noite.
— Ele a levou até lá, então?
Karou comprimiu os lábios, lembrando-se da fúria do Mercador de Desejos.
— Claro. Digamos que foi isso o que aconteceu.
— E o que você viu lá?
— Por que eu deveria lhe contar isso? Vocês são inimigos e, nesse caso, você é meu inimigo também.
— Não sou seu inimigo, Karou.
— Eles são minha família. Os inimigos deles são meus inimigos.
— Família — repetiu Akiva, balançando a cabeça. — Mas de onde você veio? Quem é você realmente?
— Por que todo mundo me pergunta isso? — indagou Karou, motivada por um lampejo de raiva, embora fosse algo que ela tivesse se perguntado quase todos os dias desde que tinha idade o bastante para entender a extrema peculiaridade de sua situação. — Eu sou eu. Quem é você?
Era uma questão retórica, mas ele levou a sério.
— Sou um soldado.
— Então o que está fazendo aqui? Sua guerra é lá. Por que veio para cá?
Ele respirou fundo, estremecendo um pouco, e afundou mais uma vez na poltrona.
— Eu precisava de... alguma coisa. Alguma coisa diferente. Tenho vivido essa guerra por meio século...
— Você tem *cinquenta* anos? — perguntou Karou, interrompendo-o.
— As vidas são longas no meu mundo.
— Bem, você tem sorte — disse Karou. — Aqui, se quiser uma vida longa, você tem que arrancar todos os seus dentes com um alicate.
Falar sobre dentes fez surgir um brilho perigoso nos olhos dele, mas Akiva disse apenas:
— Uma vida longa é um fardo quando é vivida em sofrimento.
Sofrimento. Ele estava falando de si mesmo? Ela ficou se perguntando.
Os olhos de Akiva se fecharam como se ele estivesse lutando para mantê-los abertos e de repente desistisse. Ele ficou em silêncio por tanto tempo que Karou pensou que havia adormecido, e desistiu da pergunta. De qualquer forma, parecia que estava se intrometendo. E ela sentiu que Akiva estava sim falando de si mesmo. Karou pensou na forma como ele havia olhado para ela em Marrakech. O que fazia a vida se apagar daquele jeito dos olhos de alguém?
Sentiu de novo o impulso de cuidar dele, de oferecer alguma coisa, mas resistiu. Ficou olhando para ele — as formas de suas feições, as sobrancelhas e os cílios muito pretos, as linhas pintadas em suas mãos, que estavam abertas nos braços da poltrona. Como sua cabeça estava inclinada para trás, ela podia ver a marca no pescoço e, um pouco mais para cima, a pulsação constante de sua jugular.
Mais uma vez, a fisicalidade dele a impressionava, o fato de ele ser de carne e osso, embora fosse diferente de qualquer ser que ela já tivesse visto ou tocado. Ele era uma mistura de elementos: fogo e terra. Ela achara que um anjo teria alguma coisa de etéreo, mas ele não tinha. Era todo substância: poderoso, vigoroso e real.
Os olhos dele se abriram, e ela deu um pulo; tinha sido apanhada olhando mais uma vez. Quantas vezes ela ainda iria corar?
— Sinto muito — disse ele, com a voz fraca. — Acho que adormeci.
— Humm. — Ela não conseguiu se conter. — Quer um pouco de água?

— Por favor.
Ele soou tão agradecido que ela sentiu uma pontada de culpa por não ter oferecido antes.
Descruzou as pernas, saindo da posição de lótus, se levantou e trouxe um copo de água, que ele bebeu de uma só vez.
— Obrigado — disse ele, de maneira estranhamente sentida, como se estivesse agradecendo por alguma coisa muito mais profunda que um copo de água.
— Ah, tá — disse ela, sem jeito.
Sentia como se estivesse pairando no ar, ali parada. Não havia mesmo outro lugar no cômodo para ficar, a não ser a cama, então correu de volta para lá. Ela quase quis tirar as botas, mas era algo que não se faz quando há alguma chance de se ter que fugir às pressas ou chutar alguém. A julgar pelo estado de exaustão de Akiva, não achava que corria nenhum dos dois riscos. O único risco mesmo era ter chulé.
Ela não tirou as botas.
— Ainda não entendo por que você queimou os portais. Como isso acaba com sua guerra?
Akiva apertou as mãos em volta do copo de água vazio.
— Havia magia saindo pelos portais. Magia negra — disse ele.
— *Daqui?* Não há magia aqui.
— Olha só quem fala... a garota voadora.
— Tudo bem, mas isso foi por causa de um desejo, do seu mundo.
— De Brimstone.
Ela assentiu, concordando.
— Então você sabe que ele é um feiticeiro.
— Eu... hã. E.
Na verdade, ela nunca tinha pensado em Brimstone como um feiticeiro. Ele fazia mais do que fabricar desejos? O que ela sabia de fato e quantas coisas não sabia? Sua ignorância era como estar em pé na mais absoluta escuridão, que poderia tanto ser um armário quanto a imensidão de uma noite sem estrelas.
Um caleidoscópio de imagens passou por sua mente. O silvo de magia quando ela entrava na loja. As séries de dentes e pedras preciosas, as mesas de pedra na catedral subterrânea, com os mortos deitados nela... Os mortos que não estavam mortos de verdade, como Karou descobriu da pior maneira. E ela se lembrou de Issa advertindo-a para que não tornasse a vida de Brimstone ainda mais difícil — sua vida "triste", como ela dissera. Seu trabalho "implacável". Que trabalho?
Ela pegou um caderno de desenhos qualquer e folheou rapidamente os desenhos de seus quimeras, criando uma animação irregular.
— Que magia era essa? — perguntou ela. — A magia negra?
Akiva não respondeu, e ela esperava, quando levantou os olhos, ver que tinha adormecido de novo, mas ele estava observando as imagens de seu caderno passarem rapidamente. Karou fechou o caderno, e os olhos dele se fixaram nela. De novo, aquela vívida procura.
— O quê? — perguntou ela, desconcertada.
— Karou — disse ele. — *Esperança.*
Ela ergueu as sobrancelhas como se dissesse *E daí?*
— Por que ele lhe deu esse nome?
Ela deu de ombros. Estava ficando cansativo não saber nada.
— Por que seus pais lhe deram o nome de Akiva?
Ao ouvir falar de seus pais, o rosto de Akiva se endureceu, e a vigilância vívida de seu olhar foi substituída pela fadiga.
— Eles não me deram esse nome. Um intendente tirou meu nome de uma lista. Outro Akiva tinha sido morto. O nome ficou disponível.
— Ah.
Karou não sabia bem o que dizer. Comparada a isso, sua própria criação estranha parecia aconchegante e familiar.
— Fui criado para ser um soldado — disse Akiva com uma voz vazia, e fechou os olhos de novo, com mais força dessa vez, como se estivessem tomados por uma onda de dor.
Ele ficou em silêncio por um bom tempo e, quando falou de novo, disse bem mais do que Karou esperava:
— Fui tirado da minha mãe quando tinha cinco anos. Não me lembro do rosto dela, só que ela não fez nada para impedir quando vieram me buscar. É minha lembrança mais antiga. Eu era tão pequeno que aqueles soldados ameaçadores eram apenas pernas me cercando. Eram guardas do palácio, então suas caneleiras eram prateadas, e eu pude ver meu reflexo nelas, em todas elas, meu rosto apavorado para todos os lados. Eles me levaram para o campo de treinamento, onde eu era apenas um de uma legião de crianças apavoradas. — Ele engoliu em seco. — Onde eles nos castigavam pelo nosso medo e nos ensinavam a escondê-lo. E essa se tornou a minha vida, esconder o medo, até não sentir mais isso, ou nenhuma outra coisa.
Karou não conseguia evitar imaginá-lo quando criança, assustado e abandonado. A ternura brotou de seus olhos na forma de lágrimas.
— Eu só existo por causa da guerra... uma guerra que começou há mil anos, com o massacre do meu povo — explicou ele, com a voz falhando.
— Bebês, idosos, ninguém foi poupado. Em Astrae, a capital do Império, os quimeras se ergueram para massacrar os

serafins. Somos inimigos porque os quimeras são monstros. Minha vida é sangue porque meu mundo é feito de feras.

"E então eu vim aqui, e os humanos... — E um espanto onírico mudou seu tom. — Os humanos andavam livremente, sem armas, reunindo-se ao ar livre, sentando-se em praças, rindo, envelhecendo. E eu vi uma garota... uma garota com olhos negros e cabelo de pedra preciosa e... tristeza. Tinha uma tristeza que era tão profunda, mas que também podia se iluminar num segundo, e quando vi seu sorriso me perguntei como seria fazê-la sorrir. Pensei... Pensei que seria como a descoberta do sorriso. Ela estava ligada ao inimigo e, embora a única coisa que eu quisesse fazer fosse olhar para ela, fiz o que fui treinado e eu... a machuquei. E, quando fui para casa, não conseguia parar de pensar em você, e fiquei muito feliz por você ter se defendido. Por não ter deixado que eu a matasse."

Você. Karou não deixou de notar a mudança no pronome. Ela estava sentada sem piscar, mal respirando.

— Voltei para encontrá-la — disse Akiva. — Não sei por quê. Karou. Karou. Eu não sei por quê. — A voz dele soava tão fraca que ela mal conseguia ouvi-lo. — Só para encontrá-la e estar no mesmo mundo que você...

Karou esperou, mas ele não disse mais nada, e então... alguma coisa aconteceu no ar ao redor dele.

Um brilho, a princípio como uma aura, aumentou de intensidade e se transformou em asas — abertas e erguidas a partir das escápulas dele, espalhando-se pela poltrona e tocando o tapete em grandes arabescos de fogo. O encanto fora desfeito, e Karou quase perdeu o fôlego ao ver suas asas reveladas, mas a chama não queimava. Não havia fumaça, pois, de alguma forma, era contida em si mesma. Os movimentos sutis das penas de fogo eram hipnóticos, e Karou respirou fundo mais uma vez, e ficou observando-as por vários minutos enquanto as feições de Akiva relaxavam, dando lugar a algo como tranquilidade. Dessa vez, ele estava mesmo dormindo.

Ela se levantou e pegou o copo de água das mãos dele. Desligou a luz. As asas garantiam uma iluminação suficiente, até mesmo para desenhar. Ela pegou o caderno e um lápis, e desenhou Akiva adormecido em meio às asas imensas, e depois, de memória, desenhou-o com os olhos abertos. Ela tentou captar a forma exata deles; usou carvão para o kohl bem preto que os contornava e os fazia parecer tão exóticos, e ela não podia deixar suas íris flamejantes sem cor. Pegou uma caixa de aquarela e pintou. Ela desenhou e pintou por um bom tempo, e ele não se mexeu a não ser pelo suave subir e descer de seu peito e o brilho de suas asas, que lançava no aposento um reflexo como a luz de uma vela.

Karou não planejava dormir, mas acabou cedendo em algum momento depois da meia-noite, ainda em cima da avalanche de seus cadernos de desenho, para "descansar os olhos" por um instante. Ela começou a sonhar e, quando acordou pouco antes do amanhecer — algo a acordou, um som nítido e rápido —, o cômodo ao redor dela estava, por um segundo, completamente diferente. Somente as asas na parede acima dela não lhe eram estranhas, e lhe provocaram uma sensação de prazer, e então tudo desapareceu, como acontece nos sonhos. Ela estava em seu apartamento, é claro, na sua cama, e o som que a havia acordado era Akiva.

Ele estava de pé perto dela, e seus olhos pareciam fundidos em metal. Estavam arregalados, suas íris alaranjadas contornadas de branco, e ele estava segurando, uma em cada mão, suas facas de lua crescente.

31
CERTO

Karou sentou tão depressa que derrubou os cadernos de desenho da cama. O lápis ainda estava em sua mão, e lhe ocorreu um pensamento: estava sempre com uma arma ridícula, quando se tratava daquele anjo. Mas, quando tentava segurar melhor o lápis, pronta para apunhalar, Akiva se afastou, abaixando as facas.

Ele as colocou de volta onde havia encontrado, onde Karou as deixara, no estojo, no alto das mesas empilháveis. Elas deviam estar praticamente embaixo do nariz dele quando acordou.

— Sinto muito — desculpou-se ele. — Não quis assustar você.

E então, iluminada apenas pela luz tremeluzente de suas asas, sua imagem era tão... certa, de alguma forma. Ele era certo. Aquilo não fazia o menor sentido, mas o sentimento inundou Karou, e o que quer que fosse era tão doce quanto um pedacinho de sol sobre um chão brilhante e, como um gato, ela queria se enroscar nele.

Ela tentou fingir que não estivera a ponto de apunhalá-lo com um lápis.

— Bem — disse ela, espreguiçando-se e deixando o lápis cair casualmente. — Não conheço seus costumes, mas aqui, se você não quer assustar alguém que está dormindo, é melhor não aparecer do lado da pessoa com *facas*.

Aquilo era um sorriso? Não. Ele apenas tinha curvado ligeiramente os cantos de sua boca austera; não chegava a ser um sorriso.

Karou viu o caderno aberto diante dela, a prova de sua sessão de desenhos da madrugada bem ali para ele ver. Ela o fechou em um átimo, embora, é claro, ele deva ter visto enquanto ela estava dormindo.

Como ela podia ter adormecido com um estranho em seu apartamento? Como podia ter levado aquele estranho para o seu apartamento?

Ele não parecia um estranho.

— Elas são incomuns — disse Akiva, indicando o estojo das facas.

— Acabei de comprá-las. Uma beleza, não é?

— Uma beleza — concordou ele, e poderia estar falando sobre as facas, mas estava olhando diretamente para ela.

Ela corou, pensando de repente em sua aparência — cabelo bagunçado, baba de sono? —, então ficou irritada. O que importava como ela estava? O que estava acontecendo ali? Ela se sacudiu e desceu da cama, tentando encontrar um espaço no cômodo minúsculo fora da aura radiante dele. Era impossível.

— Volto já — disse ela, e andou até o hall e depois foi para o pequeno banheiro. Longe dele, sentiu medo de voltar e ver que ele havia ido embora. Ela se aliviou, perguntando a si mesma se os serafins estavam acima dessas necessidades mundanas — embora, a julgar pela barba por fazer, Akiva ainda precisava de uma gilete —, então jogou água no rosto e escovou os dentes. Penteou o cabelo e, quanto mais demorava, mais aumentava a ansiedade de que, quando voltasse, pudesse encontrar apenas um cômodo vazio, a porta da varanda aberta e todo o universo de céu acima, não deixando nenhuma dúvida de para onde ele havia ido.

Mas ele ainda estava lá. Suas asas sumiram novamente pelo encanto, as espadas estavam presas no lugar, em suas costas, inofensivas nas bainhas decorativas.

— Humm — disse ela —, o banheiro é ali, se, hã....

Ele assentiu e passou por ela, tentando, desajeitado, conseguir fazer as asas invisíveis entrarem no espaço apertado, e fechou a porta.

Karou se trocou depressa, colocando roupas limpas, depois foi até a janela. Ainda estava escuro lá fora. O relógio marcava cinco horas. Ela estava morrendo de fome, e sabia pela busca por comida do dia anterior que não havia nada nem remotamente comestível na cozinha. Quando Akiva apareceu, ela perguntou:

— Está com fome?

— A ponto de morrer.

— Vamos, então.

Ela pegou o casaco e as chaves e se dirigiu para a porta, depois parou e mudou de direção. Foi até a varanda, subiu na balaustrada, olhou por sobre o ombro para Akiva e deu um passo para fora.

Seis andares até a rua, e ela aterrissou suavemente como se estivesse brincando de amarelinha, incapaz de conter um sorriso. Akiva estava bem ao lado dela, sem sorrir, como sempre. Ela não conseguia imaginá-lo sorrindo; ele era tão sombrio, mas havia alguma coisa na forma como ele olhava para ela. Lá, naquele olhar pelo canto do olho: um toque de curiosidade? Pensou nas coisas que ele dissera durante a noite, e agora, ver lampejos de sentimento interferirem na austeridade triste do seu rosto fazia com que ela sentisse uma pontada no coração. Como tinha sido a vida dele, após ter sido entregue tão cedo para a guerra? *Guerra*. Era uma abstração para ela. Ela não conseguia conceituar sua realidade, nem mesmo chegar perto disso, mas, pelo jeito como Akiva era —

com os olhos mortos —, e pela maneira como olhava para ela agora, Karou sentia como se ele estivesse retornando dos mortos *por ela*, e parecia algo incrível, e profundo. Na vez seguinte em que os olhos deles se encontraram, teve de desviar o olhar.

Ela o levou até a padaria da esquina. Ainda não estava aberta, mas o padeiro vendeu pães quentes para eles pela janela — cheiro de mel e lavanda, saídos fresquinhos do forno e ainda fumegantes nas sacolas marrons amassadas —, e então Karou fez o que qualquer um faria se pudesse voar e estivesse nas ruas de Praga ao amanhecer com pães quentinhos para comer.

Ela voou, fazendo um gesto para que Akiva a seguisse, para o alto, passando sobre o rio e se encarapitando na cúpula alta e fria da torre do sino da catedral, para ver o sol nascer.

* * *

Akiva ficou bem perto dela, observando a vivacidade de seu cabelo, suas longas madeixas enfrentando a umidade da aurora. Karou se enganara ao pensar que não o havia surpreendido quando voara. O fato é que ele tinha aprendido ao longo de muitos anos a suprimir qualquer emoção, qualquer reação. Ou achou que tivesse. Na presença daquela garota, ao que parecia, nada era certo.

Havia certa delicadeza na forma como ela cortava o ar. Era mágico — sem asas encantadas, só a vontade de voar manifestada. Um desejo, pensou ele, do próprio estoque de Brimstone. Brimstone. O pensamento sobre o feiticeiro o atingiu como um respingo de tinta, um pensamento escuro contra o resplendor de Karou.

Como poderia algo tão leve quanto o voo gracioso de Karou vir de algo tão maligno como a magia de Brimstone?

Eles voaram para fora do campo de visão dos passantes, sobre o rio e desviando para o castelo, onde deram a volta descendo rumo à catedral no meio dele. Era uma fera gótica, entalhada e desgastada como um penhasco torturado, atingido por anos de tempestades. Karou desceu sobre a cúpula da torre do sino. Não era um lugar tranquilo. O vento soprava com força, gelado e cheio de fúria, e Karou teve de segurar o cabelo com as mãos para mantê-lo afastado do rosto. Ela encontrou um lápis — o mesmo com o qual o havia ameaçado? —, deu um nó no cabelo e passou o lápis através dele; um utensílio com várias utilidades. Fios azuis escapavam do penteado e dançavam sobre sua testa, voavam sobre seus olhos e ficam presos em seus lábios, que estavam sorrindo com um prazer descomplicado e infantil.

— Estamos na catedral — disse a ele.

Ele assentiu.

— Não. *Estamos na catedral* — repetiu ela, e ele achou que estava perdendo alguma coisa, alguma nuance da língua que não entendia, mas então percebeu: ela estava apenas maravilhada. Maravilhada por estar empoleirada no topo da catedral, na colina no alto de Praga, com tudo aos seus pés. Ela passou os braços em volta do saco de pão quente e ficou olhando à frente, e em seu rosto havia um claro assombro, mais potente do que Akiva podia se lembrar de já ter sentido, mesmo quando voar era uma novidade. Ele provavelmente nunca sentira nada parecido. Seus primeiros voos não foram oportunidade para assombro ou alegria — apenas disciplina. Mas ele queria ser parte do momento que estava fazendo o rosto dela brilhar daquele jeito, então foi para seu lado e olhou também.

Era uma vista extraordinária, o céu começando a clarear na base, todas as torres banhadas em um brilho suave, as ruas da cidade ainda escuras e faiscantes com postes que pareciam vaga-lumes, e a trama dos feixes de luz cintilantes dos faróis dos carros.

— Você nunca tinha vindo aqui antes? — perguntou Akiva.

Ela se virou para ele.

— Ah, claro, trago todos os rapazes aqui.

— E, se não gostar deles, você sempre pode atirá-los daqui. Foi a coisa errada de se dizer. A expressão de Karou se entristeceu. Sem dúvida, estava pensando em Izíl. Akiva se repreendeu por tentar fazer uma piada. E claro que não daria certo. Fazia muito tempo que ele não sentia vontade de brincar com alguém.

— A verdade é que só desejei voar faz alguns dias — explicou Karou, deixando a tristeza passar. — Ainda não tive a chance de aproveitar.

De novo, ele estava surpreso, e deve ter demonstrado isso dessa vez, porque Karou percebeu seu olhar e disse:

— O que foi? Ele balançou a cabeça.

— Você estava tão graciosa no ar, e a maneira como saiu da varanda sem pensar duas vezes, como se voar fizesse parte de você.

— Sabe, não me ocorreu que o desejo pudesse ter desaparecido. Que poderia haver alguma punição por me exibir, sabe? Cataploft. — Ela riu, sem se preocupar com aquele pensamento. — Eu devia ser mais cuidadosa.

— Os desejos desaparecem? — perguntou ele.

Ela deu de ombros.

— Não sei. Acho que não. Meu cabelo nunca voltou a ser como antes.

— Isso foi um pedido? Brimstone a deixa usar magia... nessas coisas?

— Bem. Ele não aprovou exatamente. — Olhou para Akiva de soslaio, de um jeito ao mesmo tempo envergonhado e desafiador. — Ele nunca me deixa usar desejos de verdade. Só o suficiente para travessuras sem importância... Ah. — Um pensamento lhe ocorreu. — Opa!

— O quê?

— Fiz uma promessa ontem à noite e me esqueci completamente. — Ela procurou no bolso do casaco e pegou uma pequena moeda, na qual Akiva vislumbrou a imagem de Brimstone. Estava em sua palma quando ela fechou a mão; quando a abriu, tinha desaparecido. — Mágica — disse ela. — Puf.

— O que você desejou?

— Só uma coisa idiota. Uma garota má lá embaixo vai acordar feliz. Não que ela mereça. Petulante. — Ela mostrou a língua em direção à cidade, um lampejo de capricho infantil. — Ah, aqui. — Ela se virou para Akiva e empurrou uma das sacolas da padaria para ele. — Sabe, para você não morrer.

Enquanto comiam, ele viu que ela estava tremendo, e abriu as asas — invisíveis — para que o vento absorvesse seu calor e o soprasse em volta dela. Pareceu ajudar. Ela se sentou, balançando as pernas para fora da beirada e chutando o ar despreocupada, enquanto beliscava pequenos pedaços de pão e comia. Ele se agachou ao seu lado.

— Como você está se sentindo, aliás? — perguntou ela.

— Isso depende — respondeu ele, de um jeito astucioso, como se o capricho de Karou fosse contagioso.

— Do quê?

— Se você está me perguntando porque está preocupada com meu bem-estar ou porque quer me manter fraco e indefeso.

— Ah, fraco e indefeso. Sem dúvida.

— Nesse caso, eu me sinto horrível.

— Que bom!

Ela disse aquilo muito séria, mas com um brilho no olhar. Akiva percebeu que ela estava tomando cuidado com seus hamsás, para não virá- los sem querer em sua direção. Ficou comovido, como ficara quando havia acordado e a encontrara dormindo a poucos metros dele, tão linda e vulnerável, e a confiança dela, assim como a de Madrigal, tão desmerecida.

— Estou me sentindo melhor — disse ele suavemente. — Obrigado.

— Não me agradeça. Fui eu que o machuquei.

A vergonha tomou conta dele.

— Não... Não como eu a machuquei.

— Não — concordou Karou. — Não desse jeito.

O vento estava rancoroso; com uma rajada rebelde, libertou o cabelo dela, e depois dançou através dele para dominá-lo; em um instante, seu cabelo estava por toda parte, como se uma revoada de elementais do ar estivesse tentando fugir com ele, para construir ninhos com sua seda azul; ela lutou para contê-lo; o lápis tinha caído da beirada do telhado, mergulhando entre arcobotantes, então ela segurou o cabelo com as duas mãos.

Akiva esperou que ela dissesse que estava pronta para descer e sair do vento, mas ela não falou nada. O sol se erguia acima das colinas, e ela observava enquanto seu brilho recolhia a noite para as sombras, parecendo mais escuras de tão densas — toda a noite agrupada nos lugares oblíquos além do alcance da aurora.

Depois de algum tempo, ela disse:

— Noite passada você disse que sua lembrança mais antiga é a dos soldados indo buscá-lo...

— Eu contei isso?

Akiva ficou perplexo.

— O quê? Você não lembra?

Karou se virou, erguendo as duas sobrancelhas castanho-escuras de surpresa.

Ele balançou a cabeça, procurando em sua mente. Tinha ficado mal por causa das marcas do demônio, mas ele não podia acreditar que tinha falado sobre sua infância, e daquele dia em especial. Isso o fez sentir como se tivesse trazido aquele menino abandonado lá do passado — como se, em um momento de fraqueza, tivesse voltado a ser ele.

— O que mais eu disse?

Karou inclinou a cabeça. Era o gesto que a salvara em Marrakech, a inclinação rápida, como um pássaro, para olhá-lo quase de lado, e o coração de Akiva disparou.

— Não muito mais — respondeu ela, depois de um instante. — Você adormeceu depois disso.

Ela claramente estava mentindo.

O que ele teria dito durante a noite?

— De qualquer forma — continuou ela, sem encará-lo —, você me fez pensar, e eu estava tentando descobrir qual é a minha lembrança mais remota.

Ela se levantou do telhado, colocando-se de pé de novo, e o movimento exigiu que soltasse o cabelo, que voltou a balançar, selvagem, ao vento.

— E?

— Brimstone. — Respirou com dificuldade, e deu um sorriso terno e infinitamente triste. — E Brimstone. Eu, sentada no chão atrás de sua escrivaninha, brincando com o tufo de sua cauda.

Brincando com o tufo de sua cauda? Aquilo não combinava com a imagem que Akiva fazia do feiticeiro, que havia sido forjada por sua angústia mais profunda, marcada a ferro quente em sua pele.

— Brimstone — disse ele, com amargor. — Ele foi bom para você?

Karou foi ardorosa em sua resposta. Seu cabelo, uma torrente azul, seus olhos, ávidos.

— Sempre. Não importa o que você pensa que sabe sobre os quimeras, você não o conhece.

— Não é possível, Karou, que seja você que realmente não o conheça?
— perguntou ele, devagar.
— O quê? O que exatamente eu não sei?
— A magia dele, por exemplo — disse Akiva. — Seus desejos. Você sabe de onde eles vêm?
— De onde vêm?
— Não é de graça, Karou. A magia tem um preço. O preço é a *dor*.

32
LUGAR E PESSOA

Dor.

Karou se sentiu mal enquanto Akiva explicava. Pensou em cada desejo sem sentido que já tinha feito — por que Brimstone nunca lhe contara? A verdade teria conseguido o que todos os olhares irritados dele nunca conseguiram. Ela nunca teria feito outro pedido se soubesse.

— Para receber algo do universo, você deve dar algo em troca — esclareceu Akiva.

— Mas... por que dor? Não poderíamos dar outra coisa? Tipo... alegria?

— E um equilíbrio. Se fosse algo fácil de dar, não teria sentido.

— Você realmente acha que a alegria é mais fácil de conseguir do que a dor? Qual das duas você sentiu mais?

Ele a observou durante um bom tempo.

— E uma boa questão. Mas eu não criei o sistema.

— Quem criou?

— O meu povo acha que foram os deuses da luz. E cada raça dos quimeras tem uma história diferente.

Perturbada, Karou perguntou:

— Bem... de onde vem a dor? E a dor dele mesmo?

— Não, Karou. Não é a dor dele.

Ele enunciou cada palavra com cuidado, e a implicação disso ficou lá: se não era a dor dele, de quem era?

Karou se sentiu enjoada. Uma imagem de corpos estendidos sobre mesas veio até ela. Não. Aquilo podia ser uma coisa completamente diferente. Ela conhecia Brimstone, não conhecia? Podia não saber... bem, nada sobre ele... mas ela o conhecia, confiava nele, não naquele anjo.

Engolindo o nó em sua garganta, ela disse:

— Não acredito em você.

— Karou, quais eram as tarefas que você realizava para ele? — perguntou, sem ser indelicado.

Ela abriu a boca para responder e fechou novamente. Uma lenta onda de compreensão começou a atingi-la, e ela queria afastá-la. Dentes: um dos maiores mistérios de sua vida. Carcaças, alicates, morte. As garotas russas com as bocas ensanguentadas. Durante todo o tempo em que sabia do tráfico de Brimstone, ela se apegava à ideia de que ele precisava dos dentes para algo vital, e aquela dor era uma terrível e triste consequência disso. Mas... e se a dor fosse toda a questão? Se fosse como Brimstone pagava pelo seu poder, pelos desejos, por tudo?

— Não — disse ela, e balançou a cabeça, mas a convicção a havia abandonado.

Um pouco depois, quando ela saiu da catedral em direção ao ar, seu prazer de voar havia desaparecido. A dor de quem, ela se perguntava, tinha pagado por isso?

Eles foram a uma casa de chá em Nerudova, a longa e sinuosa estrada que descia a partir do castelo, e Akiva continuou a falar sobre seu mundo. Império e civilização, insurreição e massacre, cidades perdidas e tomadas, terras queimadas, muros derrubados, cercos em que crianças morriam de fome primeiro, ainda que seus pais lhes dessem tudo o que tinham, morrendo logo depois.

Ele falou de derramamento de sangue e terror em uma terra de beleza decadente.

— As antigas florestas foram destruídas para se construírem barcos e mecanismos para derrubar os cercos; ou queimadas para não serem transformadas em barcos e mecanismos para derrubar os cercos.

De gigantescas cidades arruinadas, túmulos coletivos, traição.

Exércitos de feras que nunca paravam de chegar, sem nunca diminuir, sem nunca desistir.

Havia outras coisas — coisas épicas, terríveis — que ele não contou a ela, contornando o assunto como quem toca as bordas de uma ferida, hesitante, para ver se há dor.

Karou, ouvindo com os olhos arregalados, tomada de horror com a brutalidade, desejou que em algum momento nos últimos dezessete anos Brimstone tivesse achado apropriado lhe dar uma aula sobre Outro Lugar. Ocorreu-lhe, então, perguntar:

— Como o seu mundo é chamado?

— Eretz — respondeu Akiva, o que fez Karou erguer as sobrancelhas.

— Quer dizer *Terra* — disse ela. — Em hebraico. Por que os nossos mundos têm o mesmo nome?

— Houve uma época em que os magos acreditaram que os mundos tinham camadas, como sedimentos de rocha, ou os anéis de árvores.

— Hã, está bem — disse Karou, franzindo a sobrancelha. E então: — Magos?

— Os feiticeiros serafins.

— Você disse "uma época". No que eles acreditam agora?

— Não acreditam em nada. Os quimeras massacraram todos eles.

— Ah. — Karou comprimiu os lábios. O que se poderia dizer sobre algo assim? — Bem. — Ela refletiu sobre a ideia dos mundos. — Talvez a gente tenha apenas roubado o nome Eretz de vocês muito tempo atrás, da mesma forma que construímos nossas religiões a partir de vocês. — Era o que Brimstone chamava de colcha de retalhos de contos de fada, que os humanos haviam costurado a partir de vislumbres. — A beleza corresponde à bondade; chifres e escamas, à maldade. Simples assim.

— E, nesse caso, verdade.

Atrás do balcão, a garçonete olhava de um para o outro. Karou queria perguntar o que ela estava olhando, mas desistiu.

— Então, basicamente — disse ela a Akiva, tentando reunir tudo que ele lhe contara —, os serafins querem governar o mundo, os quimeras não querem ser governados, e isso os torna malvados.

A mandíbula dele se retesou; não tinha gostado da simplificação.

— Eles não eram nada a não ser bárbaros em aldeias cobertas de lama. Nós demos a eles a luz, a engenharia, a palavra escrita...

— E não levaram nada em troca, tenho certeza.

— Nada que não fosse razoável.

— Hã-rã. — Karou gostaria de ter prestado mais atenção em suas próprias aulas de história humana para que pudesse imaginar melhor um contexto para a ampla extensão de coisas que ele estava contando. — Então, há mil anos, sem motivo nenhum, os quimeras se ergueram e massacraram seus senhores, e assumiram de volta o controle das terras.

Ele objetou.

— A terra nunca foi deles. Eles tinham pequenas propriedades agrárias, cabanas de pedra. No máximo, aldeias. As cidades foram construídas pelo Império, e não apenas cidades. Viadutos, portos, estradas...

— Mas era onde eles tinham nascido e morrido desde, tipo, o começo de tudo? Onde se apaixonaram, criaram seus bebês, enterraram seus idosos? E daí se não tinham construído cidades ali? Não continuava a ser deles? Quero dizer, a menos que você esteja seguindo a regra de que o que é seu é aquilo que você pode defender, nesse caso qualquer um está no seu direito de, a qualquer tempo, tentar tomar qualquer coisa de outra pessoa. Isso dificilmente é civilização.

— Você não entende.

— Não, não entendo.

Akiva respirou fundo.

— Nós construímos o mundo de boa-fé. Nós vivemos ao lado deles...

— Como iguais? — perguntou Karou. — Você vive chamando-os de "feras", então eu fico na dúvida.

Ele não respondeu de imediato.

— O que você viu deles, Karou? Você disse quatro quimeras, e nenhum deles guerreiro. Quando você tiver visto seus irmãos e irmãs feridos pelos chifres de minotauros, surrados por cães-leão, feitos em pedaços por dragões, quando tiver visto... — O que quer que ele fosse dizer, evitou, com um olhar de agonia. — Quando você tiver sido torturada e forçada a testemunhar a execução de... entes queridos... então poderá falar comigo sobre o que faz uma fera.

Entes queridos? Ele não estava falando de irmãos e irmãs, pelo tom de sua voz. Karou sentiu uma pontada de... com certeza não era ciúme. O que importava quem ele amava, ou tinha amado? Ela engoliu em seco. O que podia dizer? Não podia negar nada do que ele havia contado. Seu desconhecimento era completo, mas isso não queria dizer também que tinha de acreditar nele sem questionar.

— Gostaria de ouvir a versão de Brimstone — disse ela, serenamente. Uma coisa lhe ocorreu então, uma coisa importante. — Você poderia me levar lá. Você poderia me levar de volta.

Ele piscou, surpreso, então balançou a cabeça.

— Não. Não é lugar para humanos.

— E aqui é lugar para anjos?

— Não é a mesma coisa. É seguro aqui.

— Ah, sério? Diga para minhas cicatrizes como é seguro aqui. — Ela puxou a gola da camisa para revelar a cicatriz enrugada no ombro. Akiva estremeceu quando viu aquilo, uma cicatriz feia que ele mesmo fizera, e Karou colocou a gola de volta no lugar. — Além disso, existem coisas mais importantes que segurança — argumentou. — Como... entes queridos.

Ela se sentiu cruel ao usar as palavras dele, como se estivesse torcendo uma faca na ferida.

— Entes queridos — repetiu ele.

— Eu disse a Brimstone que nunca iria simplesmente abandoná-lo, e não vou. Irei mesmo sem a sua ajuda.

— Como planeja fazer isso?

— Existem algumas formas — disse ela, cautelosa. — Mas seria mais fácil se você me levasse.

Bem mais fácil. Akiva seria um companheiro de viagem muito melhor do que Razgut.

— Não posso levá-la. O portal é vigiado. Você seria morta imediatamente.

— Vocês, serafins, fazem muito isso, matar imediatamente.

— Os monstros nos fizeram o que somos.

— Monstros.

Karou pensou nos olhos sorridentes de Issa, na agitação animada e no toque tranquilizador de Yasri. Ela algumas vezes os

tinha chamado de monstros, mas com carinho, da mesma forma como chamava Zuzana de raivosa. Saindo da boca de Akiva, a palavra era simplesmente feia.

— Feras, demônios, monstros. Se você tivesse conhecido algum quimera, não seria capaz de menosprezá-los desse jeito.

Akiva abaixou os olhos e não respondeu, e o fio da conversa se perdeu em um silêncio tenso. Ela achou que ele parecia pálido, ainda indisposto. As canecas de chá eram grandes, de barro e sem alças, e Karou envolveu a sua com as mãos em concha. Ela manteve as palmas grudadas na caneca, tanto para aquecê-las depois do frio no alto da catedral quanto para evitar lançar inadvertidamente alguma magia dolorosa em Akiva. Do outro lado da mesa, ele estava na mesma posição que ela, as mãos também em volta da caneca, de forma que ela não conseguia evitar olhar as tatuagens dele: as diversas barras pretas na parte de cima de seus dedos.

Cada uma delas sobressaía levemente, como cicatrizes, e Karou pensou que, ao contrário das dela, as dele eram apenas cortes que haviam sido esfregados em fuligem — um procedimento primitivo. Quanto mais olhava para elas, mais era dominada por uma sensação estranha de saber alguma coisa, ou quase. Era como se ela estivesse a ponto de perceber algo, vibrando entre saber e não saber, tão rápido que não conseguia entender o que era — como tentar ver as asas de uma abelha em pleno voo. Ela não conseguia se fixar direito naquilo.

Akiva viu que ela olhava com atenção, e ficou constrangido. Ele mudou de posição, cobrindo uma das mãos com a outra, como se pudesse esconder as tatuagens.

— As suas também têm alguma magia? — perguntou Karou.

— Não — respondeu, um pouco rispidamente, na opinião dela.

— O que são, então? Significam alguma coisa?

Ele não respondeu, e Karou estendeu a mão, sem pensar, para passar os dedos sobre elas. Tinham um padrão clássico de contagem a cada cinco barras: a cada quatro linhas, a quinta as cortava na diagonal.

— É uma contagem — disse ela, enquanto a ponta de seu dedo se movia suavemente de um grupo de cinco para o próximo no indicador direito dele.

Cinco, dez, quinze, vinte... E cada vez que ela o tocava havia uma faísca e um chamado, um chamado para entrelaçar seus dedos nos dele, e mesmo — meu Deus, o que havia de *errado* com ela? — para levar as mãos dele até seus lábios e beijar as marcas que havia ali...

E então, de repente, ela soube. Soube que contagem era aquela e puxou a mão de volta. Ela o encarou, e ele ficou lá sentado, desprotegido, pronto para aceitar qualquer julgamento que ela fosse fazer dele.

— São mortes — disse ela, com a voz fraca. — São quimeras.

Akiva não negou. Como quando ela o havia atacado, ele não se defenderia. As mãos dele continuaram onde estavam, imóveis, e Karou sabia que ele estava lutando contra o impulso de escondê-las.

Ela estava tremendo, olhando para aquelas marcas, pensando naquelas em que havia tocado — vinte em apenas um dedo indicador.

— Tantos — disse ela. — Você matou tantos.

— Sou um soldado.

Karou imaginou seus próprios quatro quimeras mortos e levou uma das mãos à boca, com medo de passar mal. Quando ele falara sobre a guerra, tudo tinha parecido distante. Mas Akiva era real e estava bem na sua frente, e o fato de ser um assassino agora também era real. Como os dentes espalhados sobre a mesa de Brimstone, todas aquelas marcas significavam sangue, morte — não de lobos e tigres, mas sangue e morte de quimeras.

Ela estava olhando para ele, fixamente, e... viu alguma coisa. Como se o momento se quebrasse como uma casca de ovo para revelar outro momento lá dentro, quase indistinguível deste — quase —, e então tinha passado, e o tempo permanecia intacto. Akiva estava como antes e nada havia acontecido, mas aquele vislumbre...

Karou se ouviu dizendo, com uma voz vaga que podia ter emanado de dentro daquele momento da casca de ovo:

— Você tem mais agora.

— O quê? — Akiva olhou para ela, de forma inexpressiva, depois, como se tivesse sido atingido por um raio, nada inexpressivo. Ele se sentou bem para frente, os olhos arregalados e faiscantes, o movimento repentino derramando o chá. — O quê? — perguntou de novo, mais alto.

Karou recuou. Akiva agarrou sua mão.

— O que você quer dizer com eu ter mais agora?

Ela balançou a cabeça. Mais marcas, foi o que quis dizer. Havia visto alguma coisa naquele momento entrelaçado. Havia o Akiva real, sentado à frente dela, e havia um flash do impossível também: Akiva sorrindo. Nada de lábios curvados amargamente, mas quentes de encanto, um sorriso tão lindo que doía. Havia rugas nos cantos dos olhos dele, que estavam felizes e oblíquos com uma alegria inconsciente. A mudança era profunda. Se ele era bonito quando estava sério — e estava —, quando sorria não era nada menos que glorioso.

Mas Karou podia jurar que ele não tinha sorrido.

E naquele Akiva impossível, que tinha existido naquele instante, havia também outra coisa: as mãos dele carregavam menos marcas; alguns de seus dedos estavam limpos.

Sua mão ainda estava na dele, apoiada sobre a poça de chá derramado. A garçonete veio de trás do balcão e ficou parada em frente a eles com uma toalha, meio sem saber se devia fazer alguma coisa. Karou soltou a mão e recuou para deixá-la limpar a

bagunça, o que ela fez, ainda olhando de um para o outro. Quando terminou, a garçonete perguntou:

— Eu estava só me perguntando... estava me perguntando como vocês fizeram.

Karou olhou para ela, sem entender. A garçonete era uma garota mais ou menos da sua idade, bochechuda e corada.

— Na noite passada — explicou ela. — O voo.

Ah. O voo.

— Você estava lá? — perguntou Karou.

Parecia uma estranha coincidência.

— Bem que eu gostaria — disse a garota. — Vi na TV. Esteve nos noticiários durante toda a manhã.

Oh, pensou Karou. Oh. Levou a mão ao telefone, que estava emitindo zumbidos e barulhos cortados há mais ou menos uma hora, e deu uma olhada na tela. Chamadas perdidas e mensagens de texto explodiram, a maioria de Zuzana e Kaz. Droga.

— Havia arames? — perguntou a garçonete. — Eles não conseguiram encontrar nenhum arame nem nada.

— Nenhum arame. Estávamos mesmo voando — disse Karou, então deu seu sorriso torto característico.

A garota sorriu de volta, achando que estava participando da piada.

— Não me conte, então — disse ela, fingindo estar zangada, e os deixou em paz, a não ser quando levou mais chá para Akiva.

Ele ainda estava lá parado, olhando Karou com aqueles olhos arregalados faiscantes e aquela cautela vívida, à procura de alguma coisa.

— O quê? — perguntou ela, envergonhada. — Por que está me olhando desse jeito?

Ele levantou as mãos e passou as unhas pelo cabelo espesso e curto, segurando a cabeça por um segundo.

— Não consigo evitar — disse ele, desconcertado.

Karou experimentou uma sensação de prazer. Ela percebeu que, ao longo da manhã, toda a severidade havia desaparecido do rosto dele, ou quase. Os lábios dele estavam levemente separados, o olhar, desprotegido, e agora que ela havia visto — imaginado? — aquele lampejo impossível de um sorriso, não era tão difícil imaginar que poderia voltar a acontecer, e de verdade dessa vez.

Para ela, talvez.

Oh, meu Deus. Seja aquele gato!, tentou se lembrar. Aquele que ficava fora de alcance, e nunca — nunca — ronronava. Cruzando os braços, procurou mostrar em seu rosto o que ela esperava que fosse a versão humana do desdém felino. Explicou a ele o principal do que a garçonete havia lhe falado, embora não tivesse certeza se ele entendia alguma coisa sobre televisão, muito menos sobre internet. Ou telefones, aliás.

— Pode me dar um minuto? — perguntou a ele, e ligou para Zuzana, que atendeu ao primeiro toque. A voz dela explodiu nos ouvidos de Karou.

— Karou?

— Sou eu...

— Oh, meu Deus! Você está bem? Vi você no noticiário. Eu o vi. Eu o vi... Minha nossa, Karou, você percebe que estavam voando?

— Eu sei. Não é incrível?

— *Não* é incrível! É des-incrível! Achei que estivesse morta em algum lugar.

Ela estava à beira de um ataque histérico, e Karou levou alguns minutos para conseguir acalmá-la, todo o tempo atenta ao olhar de Akiva sobre ela, e tentando manter-se indiferente como um felino.

— Você está mesmo bem? — perguntou Zuzana. — Ele não está, tipo, com uma faca no seu pescoço, obrigando-a a dizer isso?

— Ele nem fala tcheco — assegurou Karou, então fez um rápido resumo para ela dos acontecimentos da noite anterior, contando que ele não tinha tentado machucá-la, que tinha chegado ao extremo da passividade para não machucá-la, e terminou com: — Nós, hum, vimos o nascer do sol do alto da catedral.

— Mas que diabos? Isso foi um encontro?

— *Não,* não foi um encontro. Para ser sincera, não sei o que foi. O que é. Não sei o que ele está fazendo aqui...

Sua voz falhou quando olhou para ele. Não era só o sorriso, ou as marcas nas mãos dele. Ela sabia, de alguma maneira, que o ombro direito dele era um aglomerado de cicatrizes. Ele o protegia; ela vira aquilo. Devia ser por isso que sabia. Por que, então, sabia como eram as cicatrizes?

Sabia qual era a sensação de tocá-las.

— Karou? Alô? Karou?

Karou piscou e limpou a garganta. Tinha acontecido de novo: seu próprio nome, passando por ela, sem que estabelecesse nenhuma ligação consigo mesma. Ela percebeu pela agitação de Zuzana que ficara perdida em pensamentos por alguns segundos além de qualquer tempo aceitável para alguém ficar divagando.

— Estou aqui.

— *Onde?,* é o que eu quero saber. Onde você está? Karou tinha se esquecido, por um momento.

— Hã. Ah. A casa de chá em Nerudova.

— Senta. Fica. Estou indo até aí.

— Não, você não...
— Sim, eu vou.
— Zuze...
— *Karou*. Não me faça machucar você com meus punhos minúsculos.
— Tá — disse Karou, mais suave. — Venha, então.
Zuzana vivia com uma tia viúva em Hradcany, não muito longe dali.
— Chego aí em dez minutos — disse ela.
Karou não resistiu.
— Leva menos tempo voando.
— Maluca. Não ouse sair daí. E não deixe que ele vá embora também. Tenho ameaças a fazer. Opiniões a emitir.
— Não acho que ele vá a lugar algum — disse Karou, e olhou diretamente para Akiva enquanto falava isso, e ele olhou de volta, congelado, e ela sabia que era verdade, mas não sabia por quê.
Ele não era humano. Não era nem do seu mundo. Era um soldado com uma contagem de mortes nas mãos, e era inimigo de sua família. E, ainda assim, alguma coisa os ligava, mais forte do que tudo isso, algo com o poder de conduzir seu sangue e respiração como uma sinfonia, de forma que qualquer coisa que ela fizesse para lutar contra isso parecia em desacordo, uma desarmonia com seu eu.
Até onde podia se lembrar, uma vida fantasma havia debochado dela com sua impenetrável "alguma outra coisa", mas agora era o oposto. Ali, na presença de Akiva, mesmo quando falavam de guerra, cerco e hostilidade permanente, ela sentia que era atraída para a sensação calorosa despertada por ele de que aquela era a coisa certa e a única a se fazer, como se ele fosse lugar e pessoa e, algo contrário a toda razão, exatamente onde ela deveria estar.

ABSURDO

Minha amiga pequena e assustadora está vindo para cá — disse Karou a Akiva, tamborilando os dedos na mesa.

— Aquela da ponte.

Karou se lembrou de que ele a seguira no dia anterior, e devia ter visto a performance de Zuzana. Ela assentiu.

— Ela sabe sobre o seu mundo, um pouco. E sabe que você tentou me matar. Então...

— Devo ficar com medo? — perguntou Akiva, e por um segundo Karou achou que ele estivesse falando sério.

Sempre parecia tão sério, mas era outra pitada de humor sarcástico, como no alto da catedral, quando ele a surpreendera com sua piada sobre empurrar caras com quem tivesse encontros ruins.

— Muito — replicou ela. — Todos têm medo dela. Você vai ver.

A caneca dela estava vazia, mas Karou manteve as mãos onde estavam, menos agora por medo de lançar alguma magia em Akiva do que para evitar que suas mãos fizessem incursões não permitidas até o outro lado da mesa para tocar as dele. Ela devia ter sentido repulsa pelas mãos dele com sua contagem de mortes, e de fato tinha sentido, mas não só isso. Lado a lado com o horror, havia... *atração.*

Sabia que ele sentia aquilo também, que as mãos dele estavam travando uma luta própria para não procurar as dela. Ele continuava olhando para Karou, e ela continuava corando, e a conversa seguia titubeante até a porta se abrir e Zuzana entrar como um furacão.

Ela foi direto para a mesa e ficou encarando Akiva. Estava feroz, pronta para repreender, mas, quando o viu, quando o viu de verdade, ela vacilou. Sua expressão lutou consigo mesma — ferocidade com surpresa — e a surpresa venceu. Ela lançou um olhar de soslaio para Karou e disse, em um estado de impotência e espanto.

— Ah, mas que diabos! Precisa. Cruzar. Imediatamente!

Foi tão inesperado, e Karou já estava tão tensa, que irrompeu numa gargalhada. Ela afundou na cadeira e deixou que aquilo transbordasse: uma gargalhada leve e resplandecente que operou outra mudança no semblante de Akiva enquanto ele a observava atenta e esperançosamente, de uma forma que a fez sentir um formigamento; ela se sentiu tão... olhada.

— Não, sério — disse Zuzana. — Agora mesmo. E, tipo, um imperativo biológico, certo, conseguir o melhor material genético? E isto — ela mostrou Akiva com as mãos como modelos anunciando um produto — é o melhor material genético que eu já vi. — Ela puxou uma cadeira ao lado de Karou e ficaram as duas observando o serafim. — Fiala ia ter que engolir suas palavras. Você devia levá-lo para servir de modelo na segunda.

— Claro — disse Karou. — Tenho certeza de que ele não iria se importar de ficar pelado na frente de um bando de humanos...

— *Despir-se* — disse Zuzana, de maneira formal. — Pela arte.

— Você vai nos apresentar? — perguntou Akiva.

A língua quimera, que eles vinham usando o tempo todo, agora parecia deslocada, como um eco áspero de outro mundo.

Karou assentiu, afastando as risadas.

— Desculpe — disse ela, e fez uma apresentação apressada. — E claro que eu terei que traduzir se quiserem dizer alguma coisa um para o outro.

— Pergunte se ele está apaixonado por você — disse Zuzana imediatamente.

Karou quase engasgou. Virou todo o corpo na cadeira para encarar Zuzana, que levantou a mão antes que ela pudesse protestar.

— Eu sei, eu sei. Você não vai perguntar isso a ele. E nem precisa. Ele está, com certeza. Olha só! Tenho até medo de que ele ateie fogo em você com esses olhos cor de laranja malucos dele.

Parecia isso mesmo, Karou tinha de admitir. Mas amor? Era absurdo. Era o que dizia a si mesma.

— Quer saber o que é absurdo? — indagou Zuzana, ainda observando Akiva, que parecia confuso com a apreciação dela. — Aquele bico de viúva é absurdo. Meu Deus. Faz com que a gente lamente a triste escassez dos bicos de viúva no cotidiano. Poderíamos, tipo, usá-lo como reprodutor para propagar bicos de viúva pela população.

— Meu Deus! O que deu em você com todo esse papo de acasalamento e reprodução?

— Estou só falando — disse Zuzana, de forma racional. — Sou louca pelo Mik, ok, mas isso não significa que não faria minha parte pela proliferação dos bicos de viúva. Como um favor para o acervo genético. Você faria também, não é? Ou talvez... — Ela olhou de soslaio para Karou.

— Você já *fez?*

— O quê? — Karou parecia perplexa. — Não! O que você acha que eu sou?

Ela estava certa de que Akiva não podia entender, mas havia algo de singular em sua boca, como se estivesse se divertindo.

Ele perguntou o que Zuzana tinha dito, e Karou sentiu seu rosto arder de vergonha.

— Nada — respondeu a ele em quimera. E acrescentou em tcheco, com severidade: — Ela. Não disse. Nada.

— Disse, sim — silvou Zuzana e, como uma criança repreendida por travessuras impertinentes, repetiu alegremente: — Acasalamento! Reprodução!

— Zuze, pare, por favor — implorou Karou, impotente e muito feliz pelo fato de os dois não falarem a mesma língua.

— Está bem — concordou a amiga. — Posso ser educada. Observe.

— Ela se dirigiu a Akiva. — Seja bem-vindo ao nosso mundo — disse com gestos exagerados. — Espero que esteja gostando da visita.

Disfarçando um sorriso, Karou traduziu.

Akiva assentiu.

— Obrigado. — Então falou para Karou: — Você pode dizer a ela, por favor, que sua performance foi muito bonita?

Karou disse.

— Eu sei — concordou Zuzana. Era sua reposta padrão a um elogio, mas Karou podia ver que estava contente. — Foi ideia de Karou.

Karou não traduziu essa parte. Em vez disso, falou:

— Ela é uma artista incrível.

— Assim como você — replicou Akiva, e foi a vez de Karou ficar contente.

Ela contou a Akiva que as duas frequentavam uma escola de artes, e ele disse que não havia nada parecido em seu mundo; apenas aulas para aprendizes. Ela lhe contou que Zuzana era uma espécie de aprendiz, que vinha de uma família de artesãos, e perguntou se ele vinha de uma família de soldados.

— Por assim dizer — respondeu ele.

Seus irmãos eram soldados, e seu pai também tinha sido em sua época. Ele disse a palavra pai em um tom áspero. Karou sentiu animosidade e não insistiu, voltando a falar sobre arte. A conversa, filtrada por Karou — e Zuzana, mesmo se comportando da melhor forma possível, exigia um alto nível de filtragem —, foi surpreendentemente fácil. Fácil demais, ela pensou.

Por que era tão fácil para ela rir com aquele serafim, e esquecer a imagem do portal em chamas, e o corpo de Kishmish em carne viva enquanto o coração dele disparava e depois parava de bater? Ela precisava ficar se lembrando, se disciplinando, e mesmo assim, quando olhava para Akiva, tudo aquilo parecia escapulir — toda a sua cautela e seu autocontrole.

Depois de algum tempo, indicou Zuzana com um gesto.

— Ela não é muito assustadora, na verdade. Você tinha me deixado preocupado.

— Bem, você a desarma. Você provoca esse efeito.

— Provoco? Não pareceu funcionar com você ontem.

— Eu tinha mais motivos para lutar contra isso — informou ela. — Preciso ficar me lembrando de que somos inimigos.

Foi como se uma sombra caísse sobre eles. O olhar de Akiva ficou distante de novo, e ele colocou as mãos embaixo da mesa, tirando as tatuagens da frente dela.

— O que você disse a ele agora? — perguntou Zuzana.

— Lembrei a ele que somos inimigos.

— *Tsc.* O que quer que sejam, Karou, vocês não são inimigos.

— Mas somos — declarou ela, e eles *eram,* não importa o quanto seu corpo tentasse convencê-la do contrário.

— Então o que você está fazendo, vendo o nascer do sol e bebendo chá com ele?

— Você está certa. *O que* eu estou fazendo? Não sei o que estou fazendo.

Ela pensou no que deveria estar fazendo: indo para o Marrocos encontrar Razgut; voando através daquela fenda no céu até... Eretz. Um calafrio percorreu seu corpo. Ela estivera tão focada em conseguir os gavriéis que tinha evitado pensar muito sobre o que seria ir de fato, e agora, com a descrição de Akiva sobre seu mundo fresca na memória — devastado pela guerra, sombrio —, o medo tomou conta dela; de repente, não queria mais ir para lugar nenhum.

O que ela deveria fazer quando chegasse lá, afinal? Voar até as barras daquela fortaleza assustadora e perguntar educadamente se Brimstone estava em casa?

— Por falar em inimigos — disse Zuzana. — O panaca estava na TV hoje de manhã.

— Que bom para ele — disse Karou, ainda perdida em seus pensamentos.

— Não. Nada bom. *Mau.* Ele é um panaca mau.

— Ah, não. O que ele fez?

— Bem, enquanto você via o nascer do sol com seu inimigo, o noticiário só falava sobre você, e certo ator foi bastante prestativo, posando todo exibido para a câmera e contando para o mundo tudo a seu respeito. Tipo, hã, marcas de bala? Ele fez você parecer uma namorada de gângster...

— *Namorada?* Ah, faça-me o favor. No mínimo, eu sou a gângster...

— *Enfim* — disse Zuzana, interrompendo-a. — Lamento dizer que qualquer anonimato que você possa ter tido, garota do cabelo azul, sua façanha voadora deu um fim nisso. A polícia provavelmente está no seu apartamento...

— *O quê?*

— Isso mesmo. Estão dizendo que sua luta foi uma "perturbação" e que querem apenas conversar com as, hã, pessoas

envolvidas, se alguém souber do seu paradeiro.

Akiva, ao perceber a angústia dela, quis saber o que estava sendo dito; ela rapidamente traduziu. O semblante dele se fechou. Ele ficou de pé e foi até a porta, olhando para fora.

— Vão vir atrás de você aqui? — perguntou.

Karou viu a postura defensiva de Akiva, ombros tensos e encurvados, e percebeu que no mundo dele uma ameaça daquele tipo devia ser muito mais assustadora.

— Está tudo bem — assegurou ela. — Não é bem assim. Eles só vão fazer algumas perguntas. Sério. — Ele não se afastou da porta. — Não infringimos nenhuma lei. — Ela se virou para Zuzana e falou em tcheco:

— Não existe nenhuma lei que me proíba de voar.

— Existe, sim. A lei da *gravidade*. A questão é que você está sendo procurada. — Ela lançou um olhar em direção à garçonete que estava ali por perto, como quem não quer nada, e com certeza ouvia a conversa. — Não é isso?

A garçonete ficou vermelha.

— Não liguei para ninguém — disse ela, rapidamente. — Vocês podem ficar aqui. Querem... mais um pouco de chá?

Zuzana fez que não com um gesto.

— Você não pode ficar aqui para sempre, é claro — disse ela.

— Não.

— Então qual é o plano?

Plano. Plano. Karou *tinha* um plano, que estava bem perto de ser executado. Tudo o que precisava fazer agora era ir. Deixar a vida que tinha ali, a escola, o apartamento, Zuzana, Akiva... Não. Akiva não fazia parte de sua vida. Karou olhou para ele, alerta na entrada, pronto para protegê-la, e tentou imaginar se afastar da... sensação de pertencer... que ele lhe proporcionava, da sensação de que era a coisa certa, do pedacinho de luz do sol, da atração. Tudo o que ela precisava fazer era se levantar e sair. Certo?

Um momento se passou em silêncio, e o corpo de Karou não fez nada a não ser se contrair em resposta à ideia de ir embora.

— O plano — disse ela, fazendo um grande esforço e encarando o que deveria ser feito. — O plano é ir embora.

Akiva estivera parado na porta, olhando para fora, e só quando ele se virou para olhar para ela, foi que Karou percebeu que tinha falado em quimera, dirigindo-se a ele.

— Ir embora? Para onde?

— Eretz — disse ela, levantando-se. — Eu lhe disse. Vou encontrar minha família.

O rosto dele foi tomado por uma expressão de desalento quando começou a entender.

— Você tem mesmo uma forma de chegar lá.

— Tenho.

— Como?

— Existem outros portais além do seu.

— Havia. Tudo o que se sabia sobre eles se perdera junto com os magos. Levei anos para descobrir esse...

— Você não é o único que sabe das coisas, acho. Embora eu preferisse que você me mostrasse o caminho.

— A quem? — Ele estava pensando, tentando descobrir, e Karou notou, pelo lampejo de repulsa, quando conseguiu. — O Decaído. Aquela coisa. Você vai procurá-la.

— Não se você me levar.

— Realmente não posso, Karou. O portal é vigiado...

— Está bem, então. Talvez eu veja você do outro lado algum dia. Quem sabe?

Um farfalhar de suas asas invisíveis lançou fagulhas pelo chão.

— Você não pode ir até lá. Não há nenhum tipo de vida lá, confie em mim.

Karou se virou e pegou o casaco, vestindo-o às pressas, e fazendo seu cabelo — que estava meio úmido, como o de uma sereia — se abrir como um leque, e cair em cachos sobre seus ombros. Disse a Zuzana que estava deixando a cidade e tentava se esquivar das perguntas inevitáveis da amiga, quando Akiva pegou seu cotovelo.

— Você não pode ir com aquela criatura — disse, gentilmente. Sua expressão demonstrava reserva, e era difícil de entender. — Não sozinha. Se ele conhece outro portal, posso ir com você para ter certeza de que vai estar segura.

O primeiro impulso de Karou foi o de recusar. Seja aquele gato. Seja aquele gato. Mas a quem estava tentando enganar? Aquele não era o gato que ela queria ser. Ela não queria ir sozinha — ou sozinha com Razgut, o que era pior. Com o coração acelerado, respondeu:

— Está bem.

E, uma vez que a decisão tinha sido tomada, tirou um enorme peso do medo das costas.

Ela não teria de se separar de Akiva.

Pelo menos não ainda.

34
O QUE É UM DIA?

O que é uma manhã?, Karou se perguntou. Uma parte dela já estava voando para o futuro, imaginando como seria o reencontro com Brimstone, mas outra parte estava concentrada em sua pele, atenta ao calor do braço de Akiva em seu ombro. Estavam caminhando por Nerudova com Zuzana, contra o fluxo de turistas que seguia em direção ao castelo, e tinham de andar bem juntinhos para passar em meio a uma multidão de alemães usando sapatos confortáveis.

Ela estava com o cabelo preso em um chapéu, que pegou emprestado com a garçonete para esconder sua característica mais marcante. Akiva ainda atraía atenção demais, mas Karou achava que era principalmente por causa de sua beleza exagerada, e não por estar sendo reconhecido do noticiário.

— Preciso dar uma passada na escola — disse Zuzana. — Vem comigo.

Karou queria ir lá de qualquer jeito — fazia parte de seu programa de despedidas —, então concordou. De qualquer forma, ela teria de esperar até o anoitecer para voltar ao apartamento, se a polícia estivesse mesmo vigiando o lugar. Depois que escurecesse, ela poderia voltar pelo céu, entrando pela varanda, em vez de seguir pela rua e usar o elevador, para pegar as coisas de que precisaria em sua jornada.

O que é um dia?, Karou se perguntou, e havia uma alegria vibrante nela que, precisava admitir, tinha muito a ver com a maneira como Akiva havia se postado na entrada da casa de chá e com sua solidez ao lado dela agora, em tudo o que havia de certo naquilo.

Havia uma sensação de algo errado também, fraca e vacilante, mas ela atribuía isso ao nervosismo e, à medida que a manhã ia passando na vibração de uma alegria inesperada, continuava a repelir aquela sensação de que havia algo errado, inconscientemente, como alguém espantando uma mosca.

* * *

Karou se despediu do Liceu — apenas em sua cabeça, para não espantar Zuzana — e, depois, do Sabor de Veneno. Ela colocou a mão com carinho no flanco de mármore do Peste e passou os dedos pelo veludo ligeiramente puído do sofá. Akiva observou o lugar com um olhar perplexo, caixões e tudo mais, e disse que era "mórbido". Comeu uma tigela de *goulash* também, mas Karou achou que ele não estava com cara de que iria pedir a receita.

Ela viu os dois lugares que costumava frequentar com novos olhos, quando foi junto com ele, e foi humilde em pensar quão pouco ela havia internalizado sobre os fatos das guerras que moldara aqueles estabelecimentos. Na escola, algum engraçadinho tinha feito uma pichação em vermelho com a palavra *volnost* — liberdade — onde os combatentes da liberdade uma vez escreveram a mesma coisa com sangue nazista, e no Veneno ela teve de explicar as máscaras de gás para Akiva, e que elas eram de uma guerra diferente da do volnost.

— Essas são da Primeira Guerra Mundial — informou ela, colocando uma no rosto. — Há cem anos. Os nazistas vieram depois. — Ela olhou para ele de lado, de um jeito mordaz. — E, só para você saber, os invasores são sempre os caras maus. Sempre.

Mik se juntou a eles, e parecia um pouco tenso a princípio, porque não sabia nada sobre outros mundos e outras raças, e achava que Karou era apenas excêntrica. Ela lhe disse a verdade — que eles tinham mesmo voado, e que Akiva era um anjo de outro mundo —, mas de sua maneira habitual, de modo que ele achou que ela estava apenas brincando. Mas os olhos de Mik iam na direção de Akiva com a mesma apreciação atônita com que todas as outras pessoas o olhavam, e Karou, observando, viu que aquilo deixava Akiva desconfortável. Ocorreu-lhe que não havia nada em sua forma de agir que indicasse que ele sabia o poder de sua beleza.

Mais tarde, os quatro caminharam para a Ponte Carlos. Mik e Zuzana estavam alguns passos à frente, enroscados, como se nada pudesse separá- los, e Karou e Akiva seguiam atrás.

— Podemos partir para o Marrocos esta noite — disse Karou. — Eu ia pegar um avião, mas não acho que seja uma opção para você.

— Não?

— Não. Você precisaria de um passaporte, um documento que informa sua nacionalidade, e isso pressupõe que você seja deste mundo.

— Você ainda pode voar, não é?

Karou testou sua habilidade, erguendo-se alguns poucos centímetros do chão e descendo logo em seguida.

— Mas o caminho é longo.

— Vou ajudá-la. Ainda que você não pudesse voar, eu poderia carregá-la.

Ela se imaginou cruzando os Alpes e o Mediterrâneo nos braços de Akiva. Não era a pior coisa em que podia pensar, mas, ainda assim... Ela não era nenhuma donzela em apuros.

— Eu consigo — declarou ela.

Mais à frente, Mik segurou Zuzana pelas costas e a beijou, e Karou parou de repente, envergonhada com a exibição deles. Ela se virou para a grade da ponte e olhou para o rio.

— Deve ser estranho para você passar o dia sem fazer nada.

Akiva assentiu.

Ele estava olhando para o rio também, inclinado sobre a grade, o cotovelo contra o dela. Karou não deixou de notar que ele encontrava formas sutis de tocá-la.

— Fico tentando imaginar meu povo vivendo assim, e não consigo.

— Como eles vivem? — perguntou ela.

— A guerra é tudo. Se não estão lutando, estão se preparando para isso, e vivem assustados, sempre. Não há ninguém que não tenha sofrido uma perda.

— E os quimeras? Como é a vida deles?

Ele hesitou.

— A vida não é boa lá para ninguém. Não é um lugar seguro. — Ele colocou uma das mãos sobre o braço dela. — Karou, sua vida é aqui, neste mundo. Se Brimstone se preocupa com você, não pode querer que vá para aquele lugar horrível. Você deve ficar. — Suas palavras seguintes saíram num sussurro. Ela mal as ouviu, e depois não estava cem por cento certa de ter ouvido: — Eu podia ficar aqui com você.

Ele a segurava de um jeito firme e gentil; a mão dele em seu braço estava quente, e parecia certo. Karou se permitiu acreditar, só por um instante, que ela poderia ter o que ele havia sussurrado: uma vida com ele. Tudo o que ela sempre havia desejado estava bem ali: solidez, um ancoradouro, amor.

Amor.

A palavra, quando veio até ela, não parecia dissonante ou absurda, como quando Zuzana a proferira naquela manhã na casa de chá. Era tentadora. Karou não pensou. Ela pegou a mão de Akiva.

E emitiu uma pulsação para dentro dela.

Ela recuou. Seu hamsá. Ela o havia encostado por inteiro na pele dele. A palma de sua mão queimava, e Akiva tinha sido arremessado um passo para trás. Ele ficou lá parado, segurando a mão queimada pela magia contra o corpo enquanto um tremor o percorria. Tinha trincado os dentes para suportar a dor.

Dor, de novo.

— Não posso nem tocar em você — disse Karou. — O que quer que Brimstone queira para mim, não é você, ou ele não teria feito isso. — Suas próprias mãos, apertadas bem junto ao peito, naquele instante lhe pareceram ligadas a algo maligno. Karou colocou a mão por dentro da gola e pegou o osso da sorte, segurando-o com força, para se reconfortar.

— Você não precisa querer o que ele quer — sugeriu Akiva.

— Eu sei disso. Mas preciso saber o que está acontecendo por lá. Tenho que saber.

Sua voz falhava; queria que ele entendesse, e ele entendeu. Viu isso nos olhos dele, e também o desamparo e a angústia que via brilhar lá desde que ele havia aparecido em sua vida na noite anterior. Há apenas uma noite. Era inacreditável que tão pouco tempo tivesse se passado.

— Você não precisa vir comigo.

— E claro que eu vou com você. Karou... — A voz dele ainda soava como um sussurro. — *Karou.*

Ele estendeu a mão e levantou um pouco o chapéu na cabeça dela, fazendo com que seu cabelo transbordasse num mar azul, e prendeu um fio errante atrás da orelha dela. Tomou seu rosto nas mãos, e um raio de sol explodiu no peito de Karou. Ela se esforçou para permanecer parada e em silêncio, sua falta de movimentação escondendo a agitação dentro dela. Ninguém nunca tinha olhado para Karou do jeito como Akiva estava fazendo agora, os olhos dele arregalados como se quisessem absorver mais dela para dentro de si, como luz através de uma janela.

Uma das mãos dele deslizou para a nuca de Karou, enroscando-se em seus cabelos e provocando calafrios de desejo pelo seu corpo. Ela sentiu que estava cedendo, derretendo-se em direção a ele. Deslizou uma das botas para a frente, fazendo com que seu joelho tocasse o dele e se apoiasse contra ele, e o espaço restante entre eles — espaço negativo, como era chamado quando se tratava de desenho — clamava por ser eliminado.

Ele iria beijá-la?

Ah, meu Deus, será que ela estava com hálito de *goulash?*

Não importa. Ele também estava.

Ela *queria* que ele a beijasse?

O rosto dele estava tão próximo que ela podia ver o brilho do sol filtrado pelos cílios e o próprio rosto dela centrado no preto profundo das pupilas dele. Akiva olhava em seus olhos como se houvesse mundos dentro dela, maravilhas e descobertas.

Sim. Ela queria que ele a beijasse. Sim.

A mão dele deslizou pelo pescoço de Karou para encontrar a mão dela, que ainda apertava o osso da sorte no cordão.

As pontas do osso se projetavam para fora de seus dedos e, quando Akiva as sentiu, parou. Alguma coisa congelou em seu

olhar. Ele olhou para baixo. Ficou sem ar; inspirou com dificuldade e abriu a mão de Karou sem se preocupar com seus hamsás.

O osso da sorte estava lá, uma pequena relíquia esbranquiçada de outra vida. Ele deu um grito de espanto e... de quê? Algo profundo e doloroso foi arrancado de dentro dele como pregos lascando a madeira quando são retirados com força. Karou deu um pulo de susto.

— O que foi?

— Por que você tem isso?

Ele estava pálido.

— É de... é de Brimstone. Ele mandou para mim quando os portais foram incendiados.

— Brimstone — repetiu ele. Seu rosto estava cheio de fúria, e depois de compreensão. — *Brimstone* — disse mais uma vez.

— O quê? Akiva...

O que ele fez então deixou Karou em um silêncio hesitante. Ele caiu de joelhos. O cordão em volta do pescoço dela cedeu, e o osso da sorte se soltou na mão dele, e por um instante ela se sentiu desolada sem a relíquia. Mas então ele se curvou na direção dela. Apoiou o rosto contra suas pernas, e ela sentiu o calor dele através do jeans. Ela continuava atônita, olhando para os ombros fortes dele, enquanto Akiva se enroscava nela, esquecendo-se do encanto de suas asas, que se tornaram visíveis.

Ouviram-se gritos ao redor deles na ponte. As pessoas paravam onde estavam, boquiabertas. Zuzana e Mik deixaram de se abraçar e se viraram para olhar. Karou só os notou vagamente. Olhando para Akiva, viu que os ombros dele tremiam. Ele estava chorando? Suas mãos vacilaram, querendo tocar nele, mas com medo de machucá-lo. Ela se curvou sobre Akiva, com ódio de seus hamsás, e acariciou o cabelo dele com a parte de trás dos dedos; acariciou sua fronte muito, muito quente com as costas das mãos.

— O que foi? — perguntou ela. — O que há de errado?

Ele se aprumou, ainda de joelhos, e olhou para ela. Karou estava curvada sobre ele como um ponto de interrogação. Ele abraçou as pernas dela, e Karou sentiu que suas mãos trêmulas seguravam o osso da sorte atrás dos seus joelhos. As asas dele se abriram, envolvendo-os como um par de grandes leques, deixando os dois naquele espaço de fogo, mais do que nunca em um mundo só deles.

Ele procurou pelo rosto dela, parecendo atordoado e, na opinião de Karou, terrivelmente triste.

E então ele disse:

— Karou, eu sei quem você é.

35
A LÍNGUA DOS ANJOS

Eu sei quem voce é.

Akiva, olhando para o rosto de Karou, viu o efeito de suas palavras sobre ela. A esperança em conflito com o medo de sentir esperança, seus olhos negros brilhando devido às lágrimas e cintilando devido ao fogo. Só então, ao ver o reflexo nos olhos dela, ele percebeu que havia deixado de lado o encanto de suas asas. Houve um tempo em que esse descuido poderia ter lhe custado a vida. Agora simplesmente não se importava.

O quê? Os lábios de Karou se moveram, sem produzir nenhum som. Ela limpou a garganta.

— O que você disse?

Como ele poderia contar? Ele estava confuso.

Aquilo era impossível, e lindo, e terrível, e havia aberto seu peito para revelar que seu coração, entorpecido por tanto tempo, ainda estava lá e batia... apenas para que pudesse ser arrancado de novo, depois de todos aqueles anos?

Existe algum destino mais cruel do que conseguir o que você mais deseja quando já é tarde demais?

— Akiva — implorou Karou. Confusa, com os olhos arregalados, ela caiu de joelhos na frente dele. — Por favor, me conte.

— Karou — sussurrou ele.

O nome dela o provocava — esperança — e soava tão cheio de promessa e recriminação que ele quase desejava estar morto. Akiva não conseguia olhar para ela. Ele a recolheu em seus braços, e ela se permitiu, complacente como o amor. O cabelo dela, revolto pelo vento, parecia seda despenteada, e ele enterrou sua cabeça ali e tentou pensar no que iria lhe dizer.

Ao redor, uma trama de murmúrios e o peso de estarem sendo observados, e Akiva quase nem se dava conta de nada disso até um som impor sua presença. Alguém limpava a garganta, de forma cáustica e exageradamente alta. Uma sensação incômoda de inquietação e, antes que alguma palavra fosse dita, ele já havia começado a se virar.

— Akiva, por favor. Recomponha-se.

Tão deslocada ali — aquela voz, aquela língua. A língua *dele*.

Com as espadas embainhadas ao lado do corpo e expressões idênticas de consternação, lá estavam Hazael e Liraz.

Akiva não conseguiu nem manifestar surpresa. A chegada dos serafins era insignificante em face de todas as emoções que se seguiam uma após a outra durante aquela manhã: as facas em formato de lua crescente, a estranha reação de Karou às suas tatuagens, a música onírica da risada dela e agora o inegável: o osso da sorte.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou a eles.

Seus braços ainda estavam em volta de Karou, que havia levantado o rosto do ombro dele para encarar os intrusos.

— O que *nós* estamos fazendo aqui? — repetiu Liraz. — Acho que, considerando a situação, nós é que deveríamos fazer essa pergunta. O que, em nome dos deuses da luz, você está fazendo aqui?

Parecia perplexa, e Akiva se viu como ela o estava vendo: de joelhos, chorando, abraçado a uma garota humana.

E lhe ocorreu como era importante que eles pensassem que Karou era apenas isso: uma garota humana. Por mais estranho que pudesse parecer, era só isso: estranho. A verdade seria muito pior.

Ele se endireitou, ainda de joelhos, e se virou, colocando Karou atrás de si. Em voz baixa, para que seu irmão e irmã não o ouvissem falar a língua do inimigo, ele murmurou:

— Não os deixe ver suas mãos. Eles não entenderiam.

— Não entenderiam o quê? — murmurou Karou de volta, sem tirar os olhos deles, assim como eles não tiravam os olhos dela.

— Nós dois — disse ele. — Eles não entenderiam.

— Eu também não entendo.

Mas, graças ao osso da sorte, frágil em seu punho, Akiva finalmente entendia.

Karou mergulhou em um tenso silêncio, mantendo os olhos nos dois serafins. As asas dos dois estavam escondidas por encanto, mas, mesmo assim, a presença deles na ponte não parecia natural, e era um tanto quanto intimidante — Liraz, em especial. Embora Hazael fosse mais forte, Liraz era mais assustadora, sempre fora; talvez precisasse ser, já que era do sexo feminino. Seu cabelo claro estava preso para trás em tranças austeras, e sua beleza lembrava a frieza de um tubarão: uma apatia indiferente e letal. Hazael tinha os olhos mais vívidos, mas naquele instante mostravam, principalmente, uma perplexidade sincera enquanto examinava Akiva diante dele, ainda de joelhos.

— Levante-se — disse seu irmão, sem ser grosseiro. — Não suporto vê-lo -desta forma.

Akiva se levantou, erguendo Karou junto com ele e mantendo-a atrás da proteção de suas asas.

— O que está acontecendo? — perguntou Liraz. — Akiva, por que você voltou aqui? E... quem é essa? — Ela fez um gesto enfurecido de desgosto em direção a Karou.

— É só uma garota.

Akiva se ouviu repetir as palavras de Izíl, soando tão pouco convincente quanto o velho.

— É só uma garota que voa — corrigiu Liraz.

Após um instante, Akiva disse:

— Vocês andaram me seguindo.

— O que você achou — disparou Liraz —, que deixaríamos que desaparecesse de novo? Pela forma como você estava agindo depois de Loramendi, sabíamos que alguma coisa estava para acontecer. Mas... isso?

— O que é isso exatamente? — perguntou Hazael, claramente ainda esperando por alguma explicação que faria tudo ficar bem.

Akiva se sentiu dividido. Ali, diante dele, estavam seus maiores aliados, e se sentia diante de inimigos, e a culpa era sua.

Se Akiva tinha uma família, não era sua mãe, que lhe dera as costas quando os soldados foram buscá-lo; e com certeza não era o imperador. Sua família eram aqueles dois, e não havia resposta que pudesse dar a eles para que aquilo fizesse algum sentido. Não havia nada que pudesse dizer a Karou também, que estava parada atrás dele, desesperada para saber o que tinha sido escondido dela durante toda sua vida — um segredo tão grande e tão estranho que ele não conseguia encontrar as palavras para explicá-lo. Ele ficou lá, parado, as línguas de duas raças inúteis para ajudá-lo a esclarecer alguma coisa.

— Não o culpo por querer ir embora — argumentou Hazael, sempre condescente.

Ele e Liraz tinham uma semelhança que não compartilhavam com Akiva. Tinham cabelos claros e olhos azuis, e a pele cor de mel levemente rosada. Hazael tinha um jeito tranquilo, quase relaxado, e normalmente trazia um sorriso indolente no rosto que quase poderia levar alguém a uma interpretação equivocada a seu respeito. Ele era, sempre, um soldado — aço e reflexos —, mas no fundo havia conseguido, de algum jeito, preservar um ar infantil que o treinamento e os anos de guerra tentaram duramente reprimir. Ele era um sonhador.

— Eu também andei pensando em voltar para este mundo depois que tudo...

— Mas não voltou — rebateu Liraz, que nada tinha de sonhadora. — Você não despareceu no meio da noite, deixando os outros para trás para inventarem histórias e acobertá-lo, sem saber quando ou até mesmo se você voltaria desta vez.

— Não pedi que me acobertassem — ponderou Akiva.

— Não. Porque nesse caso teria que nos dizer que estava indo embora. Em vez disso, saiu sorrateiramente, como da outra vez. E devíamos esperar que você voltasse dilacerado de novo, e nunca nos contasse o que o havia deixado assim?

— Não dessa vez — disse ele.

Liraz lhe lançou um sorriso rígido, e Akiva sabia que, sob sua frieza, ela estava magoada. Ele poderia nunca ter voltado; eles poderiam nunca ficar sabendo o que havia acontecido. E quanto às décadas durante as quais tinham se protegido? Não tinha sido Liraz, anos atrás, que arriscara a vida para voltar ao campo de batalha em Bullfinch? Contra qualquer expectativa de que ele pudesse ainda estar vivo, e com os quimeras comemorando a vitória deles e espetando os feridos com lanças, ela voltara e o encontrara, e o levara embora dali. Tinha arriscado a vida por ele, e faria de novo sem hesitação, e Hazael faria o mesmo, e Akiva, por eles. Mas ele não podia lhes contar por que tinha ido até ali ou o que havia descoberto.

— Não dessa vez *o quê?* — perguntou Liraz. — Você não vai voltar dilacerado? Ou não vai voltar, e ponto?

— Não planejei nada. Só não podia ficar lá. — Ele tentou explicar; ele lhes devia o esforço, pelo menos. — Depois de Loramendi, chegamos a um fim, e era como estar na beira de um precipício. Não havia nada mais que eu quisesse, nada a não ser...

Ele não concluiu. Não precisava; eles o viram de joelhos. E fixaram os olhos em Karou.

— A não ser ela — disse Liraz. — Uma humana. Se é isso que *ela* é.

— O que mais ela seria? — retrucou ele, disfarçando uma pontada de medo.

— Tenho uma teoria — disse ela, e o coração de Akiva deu um pulo.

— Noite passada, quando ela o atacou, havia algo de estranho na luta, não é, Hazael?

— Estranho — concordou Hazael.

— Não estávamos perto o suficiente para sentir nenhuma... magia... mas parecia que você estava sentindo alguma coisa.

Os pensamentos se agitavam na cabeça de Akiva. Como ele conseguiria tirar Karou dali?

— Mas você parece tê-la perdoado por isso. — Liraz deu um passo para a frente. — Há alguma coisa que queira nos contar?

Akiva recuou, mantendo Karou atrás dele.

— Deixem-na em paz — disse ele.

Liraz se aproximou de novo.

— Se você não tem nada a esconder, deixe-nos vê-la.

Com uma voz pesarosa que era pior do que o tom afiado de Liraz, Hazael disse:

— Akiva, apenas nos diga que não é o que parece. Diga-nos que ela não é...

Akiva sentiu uma agitação à sua volta, anos de segredos atingindo-o como um vendaval — um vendaval, ele desejou com uma entrega avassaladora, que pudesse levá-lo dali junto com Karou para um lugar sem serafins e quimeras e sua inclinação para o ódio, sem humanos para ficarem em volta olhando, boquiabertos, sem ninguém que pudesse se colocar entre eles nunca mais.

— E claro que ela não é — afirmou ele.

Aquilo saiu como um rosnado, e Liraz tomou o que ele disse como um desafio — o de provar o que Karou era e o que não era —, e seus olhos brilharam de um jeito que Akiva conhecia muito bem, a fúria insensível que evocava no campo de batalha. Ela

se aproximou um pouco mais.

A adrenalina tomou conta dele enquanto cerrava os punhos, o osso da sorte se dobrando sob pressão, e Akiva se preparou para o que viria em seguida. Ele não conseguia acreditar que as coisas chegariam àquele ponto.

Mas, o que quer que ele esperasse acontecer, com certeza não era que Karou falasse, com uma voz clara e tranquila.

— O quê? O que eu não sou? — perguntou ela.

Liraz hesitou, sua fúria se transformando em choque. Hazael também parecia surpreso, e Akiva demorou um segundo para entender a razão, mas, com um sobressalto, ele percebeu.

As palavras de Karou. Eram tão harmoniosas quanto o correr da água. Tinham sido ditas em sua língua. Karou havia falado a língua dos anjos, que ela não tinha nenhuma forma, terrena ou outra qualquer, de saber. Em meio à hesitação causada pela sua pergunta, ela saiu do abrigo das asas dele e se colocou diante de Liraz e Hazael.

Então, com o mesmo brilho cruel com que tinha sorrido para Akiva quando o atacara na noite anterior, disse a Liraz:

— Se quiser ver minhas mãos, só precisa pedir.

36

ALGO ALÉM DE MATAR

Tudo o que precisou foi de um lucknow em seu bolso e de um desejo sussurrado, e as palavras dos serafins passaram de um fluxo melodioso para algo inteligível — outra língua para a coleção de Karou, e aquela era especial. Já sabia, pelo modo rápido como a garota serafim movia os olhos duros e pela postura defensora de Akiva, que falavam sobre ela.

— Diga-nos que ela não é... — disse o outro serafim, interrompendo- se em algum tipo de horror indizível, como se estivesse implorando a Akiva que refutasse suas suspeitas a respeito dela.

Quem eles pensavam que ela era? Devia ficar ali calada enquanto falavam sobre ela?

— O quê? — perguntou ela. — O que eu não sou?

Ela viu seus rostos se petrificarem de espanto enquanto saía de trás de Akiva. A serafim estava a apenas alguns passos de distância, encarando-a. Tinha os olhos frios de um jihadista, e Karou sentiu um tremor de vulnerabilidade sem ter mais Akiva entre eles. Pensou em suas facas em forma de lua crescente largadas sem utilidade em seu apartamento, e então percebeu que não precisava delas. Tinha uma arma feita sob medida contra os serafins.

Ela era um arma feita sob medida contra os serafins.

O sorriso surgiu de forma espontânea de seu ser fantasma, e ela disse, com um grande e sombrio entusiasmo:

— Se quiser ver minhas mãos, só precisa pedir. E então, lá na Ponte Carlos, bem à vista de curiosos, com telefones e câmeras erguidos capturando tudo para o mundo, e com a polícia se aproximando, séria e desconfiada, o mundo desabou.

* * *

— Não! — gritou Akiva, mas era tarde demais.

Liraz se moveu primeiro, rápida como uma lâmina cortante, mas Karou a enfrentou com uma velocidade à altura. Ela ergueu as mãos, e o ar se ondulou com a liberação da magia. Formou-se uma espécie de rendilhado em câmera lenta, que ficou suspenso no ar por um segundo como uma trama, e depois prosseguiu. Suas extremidades se fragmentaram e atingiram Hazael e Akiva, que ficaram atordoados. Liraz, no entanto, foi atirada para trás como se fosse um inseto levando um peteleco. Ela girou com uma acrobacia e aterrissou de pé com uma força violenta que sacudiu a ponte. Na sequência da explosão, apenas Karou continuava de pé direito. Seu cabelo foi atingido por uma rajada quente, sugado para a frente, e depois se soltou, flutuando no ar revolto.

Ela ainda sorria com frieza. Com os cabelos ao vento, e as palmas das mãos viradas para fora com seus olhos de tinta desafiadores, ela parecia malévola, até mesmo para Zuzana, como algumas espécies de deusas caídas sob a aparência pouco convincente de uma garota. Zuzana, Mik e os outros espectadores cambalearam para trás. Liraz deixou de lado o encanto de suas asas, e foi como se o véu que os ocultava tivesse sido retirado para revelar um fogo furioso. Hazael também desfez seu encanto e foi para o lado da irmã, e uma linha de batalha estava definida, os dois anjos encarando Karou, as cabeças abaixadas para evitar a dor que seus hamsás faziam pulsar neles.

Akiva ficou entre eles, aflito. Tinha de optar por um dos lados. Um ou dois passos em uma das direções, só isso, e a escolha mudaria sua vida para sempre. Ele olhou rapidamente de um lado para o outro, entre seus companheiros e Karou.

— *Akiva* — sibilou Liraz.

Ela esperava que ele fosse até os dois. Sempre tinha sido assim: eles três, avançando contra o inimigo, matando, e em seguida fazendo aquelas grosseiras barras de contagem nas mãos uns dos outros com pontas de faca e fuligem da fogueira do acampamento. Para eles, Karou era apenas outra tatuagem esperando para ser feita, uma linha a ser gravada. E agora havia Karou, disposta a erguer as mãos e lançar a magia nociva de Brimstone.

— Não precisa ser assim — argumentou Akiva, mas sua voz era fraca, como se nem mesmo ele acreditasse no que dizia.

— É assim — disse Liraz. — Não seja ingênuo, Akiva.

Akiva ainda estava entre eles, confuso entre dois futuros possíveis.

— Se não consegue matá-la você mesmo, então vá — disse Liraz. — Você não precisa ver isso. Nunca mais voltaremos a falar no assunto. Acabou. Está me ouvindo? *Vá para casa.*

Ela falava de um jeito urgente e decidido. Realmente acreditava estar cuidando dele, e que aquilo — aquela coisa com Karou, tão além de sua compreensão — era alguma loucura que deveria ser esquecida à força.

— Não vou para casa — declarou ele.

— Como assim não vai para casa? — perguntou Hazael. — Depois de tudo que já fez? Depois de tudo pelo que já lutou? É uma nova era, irmão. Paz...

— Isso não é paz. A paz é mais do que a ausência da guerra. Paz é concórdia. Harmonia.

— Harmonia com as feras, você quer dizer?

A desconfiança sombreou o rosto de Hazael, e o desgosto, e ainda, ainda a esperança de que tudo pudesse ser um mal-entendido.

Quando Akiva respondeu, sabia que estava cruzando uma fronteira definitiva, além de qualquer possibilidade de interpretação equivocada ou retorno. Era uma fronteira que ele deveria ter cruzado há muito tempo. Tudo tinha ficado bastante confuso; ele tinha ficado tão confuso.

— Sim. E isso o que eu quero dizer.

Karou desviou o olhar dos dois intrusos para olhar para ele. O sorriso duro já tinha deixado seu rosto, e então, ao perceber a perturbação dele, até suas mãos erguidas vacilaram. Pensamentos a respeito de si mesma, das respostas que queria ter, de seu vazio foram esquecidos, tudo ofuscado pela angústia de Akiva, que ela sentia como se fosse sua.

A polícia chegou. Eles hesitaram diante daquele cenário de outro mundo. Karou viu seus rostos desnorteados, as armas trêmulas e a forma como olhavam para ela. Havia anjos na Ponte Carlos, e ela era inimiga deles. Ela: inimiga dos anjos, com seu casaco preto e as tatuagens malignas, o cabelo azul chicoteando ao vento e os olhos negros. Eles: tão dourados, a própria imagem dos afrescos de igreja que ganhavam vida. Ela era o demônio naquela cena, e meio esperava, ao olhar para sua sombra nítida à frente, ver que havia chifres. Não havia. Sua sombra era a de uma garota e parecia naquele momento não ter nada a ver com ela.

Akiva, que alguns instantes atrás apoiara o rosto contra suas pernas e chorara, estava em pé, completamente imóvel, e Karou sentiu medo pela primeira vez desde que os dois anjos haviam chegado. Se ele ficasse ao lado dos dois...

— Akiva — sussurrou ela.

— Estou aqui — disse ele e, quando se moveu, foi em direção a ela. Nunca houvera nenhuma dúvida, somente uma esperança de que, de algum jeito, a escolha não fosse forçada, que não precisasse viver aquele momento, mas era tarde demais para isso. Então ele seguiu em direção ao seu futuro, colocando-se entre Karou e seu irmão e irmã, e disse a eles em voz baixa, mas firme: — Não vou deixar que vocês façam mal a ela. Há outras formas de se viver. A escolha está dentro de nós, e podemos fazer algo além de matar.

Hazael e Liraz olharam fixamente para ele. Por algum motivo inconcebível, ele havia escolhido a garota. O choque de Liraz logo se transformou em amargura.

— Está mesmo? — disparou para ele. — É uma posição conveniente para se tomar agora, não é?

Karou tinha abaixado as mãos quando Akiva ficou à sua frente. Ela apoiou apenas as pontas de seus dedos nas costas dele, porque não conseguia evitar.

— Karou, você precisa ir — aconselhou Akiva.

— *Ir?* Mas...

— Saia logo daqui. Vou impedir que eles sigam você. — Sua voz soava amarga com o que aquilo representaria, mas sua decisão estava tomada. Ele lhe lançou um rápido olhar por cima do ombro; o rosto estava tenso, mas resoluto. — Vou encontrá-la no lugar em que nos vimos pela primeira vez. Prometa que vai me esperar lá.

O lugar em que tinham se visto pela primeira vez. A Jemaa el-Fna, no coração de Marrakech, onde tinha sentido seu olhar abrasador através do caos da multidão, trespassando a alma dela.

— Prometa para mim — disse Akiva, a voz rouca de urgência. — Karou, prometa que não irá com Razgut até eu encontrá-la. Até eu explicar.

Karou queria prometer. Viu que ele havia demonstrado lealdade a ela, colocando-se inclusive contra os da própria espécie. Ele sem dúvida salvara sua vida — conseguiria ela ter sobrevivido ao ataque de dois serafins armados? —, e, além disso, ele a havia escolhido. Não era isso que ela sempre quisera, ser escolhida? Tratada com carinho? Ele tinha aberto mão de seu lugar em seu próprio mundo por ela, e estava pedindo que o esperasse em Marrakech.

Mas alguma coisa inflexível dentro dela se retraiu pela promessa. Ele podia tê-la escolhido, mas isso não significava que ela faria o mesmo se fosse confrontada com a mesma escolha — diante de Brimstone, Issa, Yasri, Twiga. Ela dissera a Brimstone que nunca iria simplesmente abandoná-lo, e não faria isso. Escolheria sua família. Qualquer outra coisa era impensável, embora mesmo agora a ideia de ir embora e deixar Akiva para trás lhe causasse dor física.

— Vou esperar por você o máximo que eu puder — disse ela. — E o melhor que posso fazer.

E ela achou que o brilho de suas asas flamejantes diminuíra um pouco.

— Então isso terá que ser bom o bastante — disse ele com a voz inexpressiva, ainda sem olhar para ela.

Liraz pegou sua espada, e Hazael logo fez o mesmo. A polícia reagiu recuando, levantando suas armas, falando em tcheco para os anjos largarem suas espadas. Os espectadores gritaram em um tipo de horror extático. Zuzana, afastada pelo tumulto, mantinha os olhos em Karou.

Akiva, cujas espadas estavam menos visíveis em suas bainhas cruzadas no meio das asas, estendeu as duas mãos por cima dos ombros e puxou-as com um som harmônico e vibrante. Sem olhar para trás, ele a impeliu:

— Karou. *Vá logo.*

Ela se agachou e, um pouco antes de se lançar para o alto e desaparecer no éter num rastro azul e preto, disse, com a voz embargada e suplicante:

— Venha me encontrar, Akiva.

E então ela se foi, e ele ficou sozinho para enfrentar as consequências de sua escolha devastadora.

Era uma vez um anjo que,
caído, morria no nevoeiro.

E um demônio se ajoelhou ao lado dele e sorriu.

37
PERDIDO EM SONHOS

Akiva era incapaz de manter o sangue em seu corpo. Ele pulsava sob seus dedos e escapava, seguindo a corrente das batidas do coração e deixando seu corpo em jorros quentes. Não conseguia deter o sangramento. A ferida latejava, e tentar segurá-la era quase como segurar um punhado de tiras de carne para jogar para um cachorro.

Ele iria morrer.

À sua volta, o mundo tinha perdido seus horizontes. A névoa do mar engolfou a praia de Bullfinch, e Akiva ouvia as ondas se quebrando, mas só conseguia ver os corpos perto dele, pequenos montes obscurecidos pela neblina. Podiam ser quimeras ou serafins — com exceção do que estava mais perto, ele não sabia dizer. Esse estava a apenas alguns metros de distância, e nele estava cravada a espada de Akiva. A besta era parte hiena, parte lagarto, uma monstruosidade, e tinha aberto um rasgo nele do ombro até os bíceps, dilacerando sua cota de malha tão facilmente quanto se fosse um tecido comum. O monstro o agarrara e afundara os dentes em seu ombro, mesmo depois de ele ter furado seu peito em forma de barril. Ele havia torcido a lâmina, enfiado mais fundo e torcido mais uma vez. A fera soltara um grito vindo do fundo da garganta, mas não o soltou até morrer.

Agora, enquanto Akiva permanecia ali deitado esperando a morte, o silêncio pós-batalha fora rompido por um rugido. Ele enrijeceu e apertou ainda mais a ferida. Mais tarde, ele se perguntaria por que havia feito aquilo. Devia ter entregado os pontos, tentado morrer antes que eles o alcançassem.

O inimigo estava irrompendo no campo, matando os feridos. Eles haviam dado o dia por encerrado, empurrado os serafins de volta para as fortalezas da baía Morwen, e não tinham nenhum interesse em prisioneiros. Akiva devia ter apressado sua morte, deixando-se esvair na tranquilidade da perda de sangue, como se adormecesse. O inimigo seria bem menos gentil.

O que o fez esperar? A esperança de matar mais um quimera? Mas, se fosse isso, por que não tentou se arrastar para recuperar a espada? Apenas permaneceu ali, segurando a ferida, vivendo aqueles poucos minutos a mais por nenhuma razão que pudesse entender.

E então ele a viu.

Ela era apenas uma silhueta a princípio. Grandes asas de morcego, longos chifres estriados de gazela afiados como lanças — as partes bestiais do inimigo. Akiva foi tomado pela aversão e a observou parar primeiro junto a um corpo, depois a outro. Ela se aproximou do corpo do lagarto- hiena e ficou lá imóvel por um bom tempo — o que estava fazendo? Ritos fúnebres?

Ela se virou e andou em direção a Akiva. Conseguia vê-la melhor a cada passo. Ela era magra, tinha as pernas longas — coxas humanas esguias que davam lugar, abaixo do joelho, a elegantes pernas finas de gazela, os belos cascos fendidos dando a impressão de que ela se equilibrava sobre alfinetes. Suas asas estavam fechadas, e seu caminhar era tanto gracioso quanto retesado de poder contido. Em uma das mãos, carregava uma lâmina em forma de lua crescente; outra igual àquela estava embainhada em sua coxa. Com a outra, ela ergueu um longo bastão que não era uma arma. Era curvo como o cajado de um pastor, com alguma coisa prateada — um lampião? — suspensa na ponta.

Não, não um lampião. Ele não emitia luz; soltava fumaça.

Alguns passos, cascos afundando na areia, e então a névoa revelou seu rosto para ele, e o dele para ela. Parou abruptamente quando percebeu que Akiva estava vivo. Ele se preparou para um rosnado, uma investida repentina, e uma nova dor quando fosse atingido por sua lâmina, mas a garota quimera não se moveu. Por um longo instante, eles apenas se entreolharam. Ela inclinou a cabeça para o lado, um gesto inquisidor que lembrava um pássaro, que transmitia não brutalidade, mas curiosidade. Nenhum rosnado saiu dos lábios dela. Seu rosto parecia solene.

Inexplicavelmente, ela era bonita.

Ela se aproximou. Ele observava seu rosto. Seu olhar deslizou pelo pescoço comprido dela até os sulcos de suas clavículas. Tinha uma linda constituição física, magra e elegante. Seu cabelo era curto como a penugem de um cisne, negro e macio, e bem rente, sem ocultar os traços de seu rosto; perfeita. Um tipo de tinta preta formava uma máscara em volta de seus olhos, que Akiva pôde ver que eram grandes — castanhos e brilhantes, vívidos e tristes.

Ele sabia que a tristeza era por seus companheiros mortos, e não por ele, mas ainda assim se viu paralisado pela compaixão em seu olhar. Isso o fez pensar que talvez nunca tivesse olhado de verdade para um quimera antes. Via escravos frequentemente, mas eles mantinham o olhar baixo, e guerreiros assim ele só tinha visto enquanto evitava ou desferia um golpe mortal, meio cego pela fúria violenta da batalha. Se ele ignorasse a espada ensanguentada e sua armadura negra justa, seus chifres e asas demoníacas, se ele se concentrasse apenas em seu rosto — tão inesperadamente lindo —, ela parecia uma garota, uma garota que havia encontrado um homem morrendo na areia.

Por um instante, era isso que ele era. Não um soldado, não o inimigo de ninguém, e sua morte iminente parecia insignificante. O fato de eles viverem como viviam, anjos e monstros presos numa torrente de assassinatos e mortes, mortes e assassinatos, parecia uma escolha arbitrária.

Como se eles também pudessem escolher não matar e morrer.

Mas não. Aquilo era tudo o que havia entre eles. E aquela garota estava ali pelo mesmo motivo que ele: matar o inimigo. E isso queria dizer ele.

Por que, então, ela não fizera isso?

Ela se ajoelhou ao seu lado, sem fazer nada para se proteger de qualquer movimento repentino que ele pudesse fazer. Ele se lembrou da faca em seu quadril. Era pequena, nada parecida com a fantástica faca em formato de crescente duplo, mas poderia matá-la. Com um impulso, ele poderia enfiá-la na curva delicada de sua garganta. Sua garganta perfeita.

Ele não se moveu.

Estava perdido como em sonhos àquela altura. Perdido em sangue. Olhando para o rosto acima dele, estava além de imaginar se aquilo era real. Poderia estar delirando, ou ela podia ser uma ceifadora enviada do além para levar sua alma. O incensório prateado preso ao cajado exalava uma fumaça com cheiro tanto de ervas quanto de enxofre, que, quando chegou a ele, fez Akiva sentir um puxão, uma atração. Zonzo, pensou que não se importaria em seguir aquela mensageira até o próximo reino.

Ele a imaginou guiando-o pela mão e, com essa imagem serena em sua mente, soltou sua ferida para alcançar os dedos dela e pegou-os entre os dele, que estavam escorregadios de sangue.

Os olhos dela se arregalaram, e ela puxou a mão com força.

Assustara a mulher; não fora essa a intenção.

— Eu vou com você — disse ele, falando em quimera, que conhecia o bastante para dar ordens aos escravos.

Era uma língua áspera, uma mistura de diversos dialetos tribais que o império tinha reunido sob o mesmo teto, e que haviam se fundido ao longo do tempo em um único idioma. Ele mal podia ouvir a própria voz, mas ela entendeu as palavras dele bem o suficiente.

Ela olhou para seu incensório, depois de volta para ele.

— Isto não é para você — disse ela, desprendendo o objeto e fincando-o na lama onde a brisa levaria a fumaça a favor do vento. — Não acho que você desejaria ir para onde estou indo.

Mesmo sob as inflexões animalescas da língua, sua voz era suave como uma música.

— Morte — disse Akiva. Sua vida se esvaía rapidamente agora que não segurava mais a ferida. Seus olhos só queriam se fechar. — Estou pronto.

— Bem, eu não estou. Já ouvi falar que estar morto é um tédio.

Ela disse isso de forma suave, divertida, e ele olhou em seu rosto. Ela havia feito uma piada? Ela sorriu.

Sorriu.

Ele sorriu também. Surpreso, sentiu aquilo acontecer, como se o sorriso dela tivesse provocado algum reflexo nele.

— Um pouco de tédio seria bom — brincou ele, deixando os olhos se fecharem. — Talvez eu consiga colocar a leitura em dia.

Ela abafou uma risada, e Akiva, perdendo a consciência, começou a achar que estava morto. Seria menos estranho do que se aquilo estivesse mesmo acontecendo. Ele já não conseguia mais sentir seu ombro dilacerado, então não percebeu que ela estava tocando nele, e sentiu uma dor forte. Ele arfou quando seus olhos se abriram. Será que ela o apunhalara afinal? Não. Tinha feito um torniquete acima de sua ferida. Foi isso que causara a dor. Ele olhou para ela, admirado.

— Eu recomendo viver — disse ela.

— Vou tentar.

Então, ouviram vozes se aproximando, guturais. Quimeras. A garota congelou, levou a mão aos lábios e sussurrou:

— Shhh.

Trocaram um último olhar. A neblina tornou o sol atrás dela difuso, desenhando o contorno de seus chifres e asas com o brilho da luz. Seu cabelo curto era uma penugem de veludo — parecia macio como o do pescoço de um potro —, e seus chifres eram lustrosos, resplandecendo como azeviche polido. Apesar da máscara maligna pintada, seu rosto era doce, o sorriso era doce. Akiva não estava familiarizado com a doçura; aquilo o atingiu no meio do peito, em algum ponto profundo que nunca dera nenhum sinal de guardar sentimentos. Era tão novo e estranho quanto se um olho tivesse brotado de repente na parte de trás de sua cabeça, enxergando em uma nova dimensão.

Ele quis tocar seu rosto, mas se conteve porque a mão estava coberta de sangue, e, além disso, mesmo seu braço intacto parecia tão pesado que não achava que conseguiria levantá-lo.

Mas ela teve o mesmo impulso. Estendeu a mão, hesitou, então passou as pontas dos dedos muito, muito frios por sua testa febril, sua face, indo descansar no ponto suave e pulsante de sua garganta. Deixou os dedos lá por um instante, como se quisesse ter certeza de que a vida ainda palpitava no sangue dele.

Será que ela sentiu como o pulso dele acelerara quando o tocou?

E então, com um pulo, ela se pôs de pé e sumiu. Aquelas pernas compridas como as de uma gazela e os longos músculos esguios a propeliram através do nevoeiro em saltos leves que eram quase um voo, suas asas meio dobradas e empinadas como pipas, fazendo com que cada descida parecesse um movimento de balé. A distância, Akiva viu sua forma sombreada encontrar outros em meio à neblina — feras enormes sem nada de sua ágil graciosidade. Algumas vozes chegaram até ele, cheias de rosnados, e a dela no meio, tranquilizadora. Imaginou que ela fosse levá- los para longe dele, e foi o que fez.

Akiva sobreviveu, e estava mudado.

— Quem prendeu este torniquete? — perguntou Liraz mais tarde, quando o encontrou e o levou para um lugar seguro. Ele

disse que não sabia.

Ele sentiu como se, até aquele momento, tivesse passado a vida vagando em um labirinto, e no campo de batalha de Bullfinch houvesse finalmente encontrado o centro. Seu próprio centro — aquele lugar de onde o sentimento havia pulsado, saindo do entorpecimento. Ele nunca sequer suspeitara de que o lugar pudesse existir até o inimigo se ajoelhar ao seu lado e salvar sua vida. Ele se lembrava dela com a suavidade de um sonho, mas ela não era um sonho.

Ela era real, e existia no mundo. Como olhos de um animal brilhando à noite em uma floresta, ela estava lá em algum lugar, como um pequeno brilho radiante em meio à escuridão que tudo preenchia.

Ela estava lá em algum lugar.

PROFANO

Depois de Bullfinch, a existência de Madrigal — ele levou dois anos para descobrir seu nome — chamava por Akiva como uma voz à deriva em meio a um grande silêncio. Enquanto ele esteve deitado, quase morto, no acampamento na baía Morwen, sonhou diversas vezes que a garota inimiga ajoelhava ao seu lado, sorrindo. Todas as vezes ele despertava para a ausência dela, para ver em seu lugar os rostos de seus amigos e parentes, e eles pareciam menos reais do que esse espectro que o assombrava. Mesmo enquanto Liraz rechaçava o médico que queria amputar seu braço, sua mente era levada de volta à praia enevoada em Bullfinch, para olhos castanhos e chifres lustrosos e aquele choque de doçura.

Ele havia treinado para resistir às marcas do demônio, mas não àquilo. Contra isso, descobriu que não tinha defesa.

É claro que não contou a ninguém.

Hazael veio até a cabeceira de sua cama com o kit de ferramentas de tatuagem para marcar as mãos de Akiva com suas mortes de Bullfinch.

— Quantos? — perguntou ele, aquecendo a lâmina da faca para esterilizá-la.

Akiva tinha matado seis quimeras em Bullfinch, incluindo a monstruosidade meio hiena que o ferira gravemente. Seis novas marcas preencheriam sua mão direita, que, graças a Liraz, ainda estava presa ao corpo. O braço jazia inútil ao seu lado. Nervos e músculos cortados haviam sido religados; ele ficaria algum tempo sem saber se seu braço voltaria a funcionar um dia.

Quando Hazael pegou a mão sem vida, com a faca preparada, tudo em que Akiva conseguia pensar era na garota inimiga, e em como ela acabaria se tornando uma marca negra nos dedos de algum serafim. O pensamento era insuportável. Com a mão boa, ele puxou com força o braço das mãos de Hazael e foi imediatamente inundado pela dor.

— Nenhum — disse, arfando. — Não matei nenhum.

Hazael estreitou os olhos.

— Matou, sim. Eu estava com você contra aquela falange de centauros-touro.

Mas Akiva não deixaria que fizesse as marcas, e Hazael foi embora.

Assim tinha começado o segredo que, ao longo dos anos, se transformou em uma rixa entre eles e que, nos céus do mundo humano, ameaçava separá-los para sempre.

* * *

Quando Karou decolou da ponte, Liraz a seguiu, e Akiva disparou para impedi-la. Suas lâminas se chocaram. Ele cruzou as duas espadas perto do punho e colocou toda sua força nelas com uma pressão firme que forçou sua irmã a recuar. Ele manteve Hazael à vista, com receio de que ele perseguisse Karou, mas o irmão ainda estava na ponte, olhando para cima, para a visão inimaginável de Akiva e Liraz com as espadas cruzadas.

Os braços de Liraz tremeram com o esforço de se manter de pé — manter-se voando —, e suas asas batiam para trás violentamente. Seu rosto estava lívido e tenso em razão da força que estava fazendo, e seus olhos tão arregalados que suas íris eram pontos em globos brancos, encarando-o.

Com o grito de uma banshee, ela conseguiu se livrar de Akiva, balançou a espada que conseguira soltar em um ciclone em volta da cabeça e a brandiu com toda a força.

Ele aparou o golpe. A força do impacto abalou seus ossos. Ela não estava pegando leve. A ferocidade de seu ataque o surpreendeu — iria mesmo tentar matá-lo? Ela desceu a espada novamente, e ele bloqueou o golpe outra vez, e Hazael finalmente saiu do estado de choque e saltou para onde os dois estavam.

— Parem! — gritou ele, perplexo.

Começou a se lançar em direção a eles, mas teve de se esquivar quando Liraz brandiu a espada enlouquecidamente. Akiva aparou o golpe, desequilibrando-a, e ela girou antes de conseguir se estabilizar no ar. Liraz olhou para ele cheia de malícia e, em vez de se atirar em sua direção de novo, voou para cima. Suas asas lançaram uma rajada de fogo que provocou um grito sufocado coletivo dos espectadores, e então ela foi a toda velocidade atrás de Karou.

O céu não dava nenhuma pista do paradeiro de Karou, mas Akiva não duvidava de que Liraz pudesse encontrá-la. Saiu em disparada atrás dela. Abruptamente, os telhados ficaram para trás, e a humanidade também. Havia apenas o ar agitado e o refulgir das asas, e — ele alcançou a irmã e agarrou seu braço — conflito.

Ela se virou para ele novamente, cortando o ar, e suas espadas ressoaram repetidas vezes. Como em Praga, quando Karou o atacara, Akiva apenas se desviava dos golpes, se esquivava, e não atacava de volta.

— Parem! — gritou Hazael outra vez, indo em direção a Akiva e lhe dando um grande empurrão que o afastou de Liraz. Eles estavam muito acima da cidade agora, o tinir das espadas ecoando no ar silencioso. — O que vocês estão fazendo? —

perguntou Hazael, incrédulo. — Vocês dois, lutando...

— Eu não estou — disse Akiva, recuando. — Não vou lutar.

— Por que não? — sibilou Liraz. — Você pode muito bem cortar minha garganta assim como me apunhala pelas costas.

— Liraz, não quero machucar você...

Ela riu.

— Você não quer, mas vai se for preciso? É o que está dizendo?

Seria isso? O que ele faria para proteger Karou? Ele não podia fazer nenhum mal à irmã ou ao irmão; jamais poderia viver com isso. Mas tampouco poderia deixar que ferissem Karou. Como essas podiam ser suas duas únicas opções?

— Apenas... esqueçam-na — disse ele. — Por favor. Deixem que ela vá embora.

Sua voz cheia de emoção fez Liraz estreitar os olhos de desprezo. Olhando para ela, Akiva pensou que poderia muito bem suplicar a ela ou a uma espada; dava no mesmo. E não fora para isso que os três haviam sido criados, e também todos os outros bastardos do imperador? Armas forjadas em carne. Instrumentos irracionais de uma antiga inimizade.

Ele não podia aceitar que as coisas fossem assim. Eram mais do que isso, todos eles. Pelo menos era o que esperava. Decidiu se arriscar. Embainhou as espadas. Liraz observou em silêncio, os olhos como lâminas.

— Em Bullfinch, você perguntou quem prendeu meu torniquete — disse ele.

Ela esperou. Hazael também.

Akiva pensou em Madrigal, lembrou-se da sensação de sua pele, da maciez surpreendente de suas asas e da luz de sua risada — tão parecida com a de Karou —, e se lembrou do que Karou lhe dissera naquela manhã: se ele tivesse conhecido algum quimera, não poderia menosprezá-los como se fossem monstros.

Mas ele tinha vivido as duas coisas. Tinha conhecido e amado Madrigal, e ainda assim se tornara o que se tornou — o invólucro vazio que quase matara Karou por impulso. O pesar fizera crescer coisas terríveis dentro dele, como o ódio, a vingança e a cegueira. Madrigal teria se arrependido para sempre de salvar a pessoa que ele era agora. Mas com Karou ele tinha uma nova chance — para a paz, quer dizer. Não para a alegria, não para Akira. Era tarde demais para ele.

— Foi uma quimera — disse a seus irmãos. Engoliu em seco, sabendo que isso soaria profano para eles. Tinham sido ensinados desde o berço que os quimeras eram criaturas vis e desprezíveis, demônios, animais. Mas Madrigal... ela conseguira libertá-lo de sua intolerância em um instante, e era hora de ele tentar fazer o mesmo. — Uma quimera salvou minha vida. E eu me apaixonei por ela.

39

OS LAÇOS DE SANGUE VÃO SE REVELAR

Depois de Bullfinch, tudo mudou para Akiva. Quando ele mandou Hazael embora sem que as tatuagens fossem feitas, uma ideia se apoderou dele: quando visse a garota quimera de novo, poderia lhe dizer que não tinha usado a vida que ela lhe proporcionara para matar mais nenhum ser da sua espécie.

Era pouquíssimo provável que ele voltasse a vê-la, mas aquela ideia tomou conta de sua mente — uma coisa esquiva e fugidia que Akiva parecia não conseguir afugentar —, e ele se acostumou com sua presença à espreita. Acabou se sentindo confortável com aquilo, e a coisa se transformou de uma ideia impetuosa em uma esperança — uma esperança constante, e a que mudaria o curso de sua vida: a de ver a garota de novo e agradecer a ela. Quando imaginava esse momento, sua mente não ia adiante.

Era o suficiente para fazê-lo seguir em frente.

Ele não ficou por muito tempo na baía Morwen depois do confronto. Os cirurgiões do campo de batalha o enviaram de volta a Astrae para ver o que os médicos de lá podiam fazer por ele.

Astrae.

Até o Massacre, mil anos antes, os serafins tinham governado o império a partir de Astrae. Por trezentos anos, ela foi, sem dúvida, a luz do mundo, a cidade mais bonita já construída. Palácios, galerias, fontes, tudo em mármore perolado extraído de Evorrain, amplas avenidas pavimentadas em quartzo, perfumadas pelos galhos de gileade, que tinham aroma de mel. Assentada acima do porto em penhascos estriados, com a costa de esmeralda de Mirea até onde a vista alcançava. Como em Praga, torres apontavam para os céus, uma para cada um de seus deuses da luz — os deuses da luz que haviam ordenado os serafins como guardiães da terra e de todas as suas criaturas.

Os deuses da luz que observaram enquanto a cidade mergulhava no caos.

Durante trezentos anos, pensou Akiva, os cidadãos de Astrae devem ter achado que a cidade sempre fora e sempre seria aquela preciosidade. Agora, dez séculos depois, sua era de ouro parecia o longínquo piscar de olhos de algum deus morto, e pouco restava da cidade original. O inimigo a arrasara: tinha derrubado as torres e queimado tudo que fosse inflamável. Teriam destruído até as estrelas do céu se pudessem. Tamanha selvageria não tinha precedentes na história. Ao fim do primeiro dia, os magos estavam mortos, até mesmo os mais jovens aprendizes, e a biblioteca havia sido engolida pelo fogo, como todos os textos mágicos de toda Eretz.

Estrategicamente, fazia sentido. Os serafins tinham passado a contar tanto com a magia que, após o Massacre, sem nenhum mago poupado, estavam praticamente indefesos. Todos os anjos que não haviam fugido de Astrae foram sacrificados em um altar sob a luz da lua cheia, com o imperador serafim, ancestral do pai de Akiva, entre eles. Tantos anjos perderam a vida naquele altar que seu sangue escorreu pelos degraus do templo como chuvas de monção e afogou pequenas criaturas nas ruas.

As feras dominaram Astrae por séculos, até Joram — o pai de Akiva — empreender uma empreitada desesperada no início de seu reinado e reconquistar o território até as montanhas Adelphas. Ele havia consolidado o poder e começado a reconstruir o império, centrando seu coração, como dissera, no lugar ao qual pertencia: em Astrae.

Mas Joram não conseguira fazer muito progresso com a magia. Com a biblioteca queimada e os magos mortos, os serafins tinham sido levados de volta às manipulações mais básicas e, em todos os séculos desde então, não tinham progredido muito.

Akiva nunca dera muita atenção à magia. Era um soldado; sua educação era limitada. Achava que aquilo era um mistério para outras mentes, mais evoluídas. Mas sua permanência em Astrae mudou isso. Tivera tempo para descobrir que sua mente, embora de soldado, era mais brilhante que a da maioria, e que ele possuía alguma coisa que os aspirantes a magos de Astrae não tinham. Na verdade, duas coisas que eles não possuíam. Tinha o sangue para isso, embora tivesse sido necessário um comentário maldoso do pai para descobrir. E tinha a coisa mais importante, o crucial.

Tinha dor.

A dor em seu ombro era uma constante, assim como seu espectro, a garota inimiga, e os dois estavam ligados. Quando seu ombro ardia, pouco a pouco voltando à vida, não conseguia deixar de pensar nas mãos delicadas sobre sua pele, prendendo o torniquete que o salvara.

Os curandeiros de Astrae menosprezaram os remédios dos cirurgiões do campo de batalha, que não haviam sido de muita ajuda, e o fizeram usar o braço. Um escravo — quimera — era encarregado de alongá-lo para manter os músculos flexíveis, e Akiva fora enviado para o campo de treinamento para trabalhar o braço esquerdo no manejo da espada, caso o direito nunca se recuperasse por completo. Contra as expectativas, o braço se recuperou, embora a dor não diminuísse, e dentro de alguns meses ele era um espadachim mais formidável do que antes. Ele procurou o armeiro do palácio para pedir um par de lâminas semelhantes, e logo reinava no campo de treinamento. Atraía multidões para as competições matinais, interessadas em vê-lo lutando com as duas mãos, inclusive o próprio imperador.

— Um dos meus? — perguntou Joram, apreciando-o.

Akiva nunca estivera na presença direta do pai. Os bastardos de Joram eram legiões; não se podia esperar que conhecesse a todos.

— Sim, meu Senhor — disse Akiva, curvando a cabeça.

Seus ombros ainda oscilavam enquanto arfava pelo esforço da luta, o direito ardendo com as chamas da agonia que faziam parte de sua vida agora.

— Olhe para mim — ordenou o imperador.

Akiva olhou, e não viu nada de si no serafim diante dele. Hazael e Liraz, sim. Seus olhos azuis vinham de Joram, assim como o conjunto de suas feições. O imperador era bonito, o cabelo dourado ficando grisalho, e, embora tivesse os ombros largos, sua estatura era modesta, e ele precisava erguer os olhos para encarar Akiva.

Seu olhar era penetrante.

— Eu me lembro de sua mãe — disse ele.

Akiva piscou. Ele não esperava aquilo.

— São os olhos — completou o imperador. — São inesquecíveis, não são?

Era uma das poucas coisas que Akiva se lembrava da mãe. O restante de seu rosto era um borrão, e ele nunca ficara sabendo sequer o nome dela, mas sabia que tinha os mesmos olhos. Joram parecia esperar que ele respondesse, então Akiva confirmou:

— Eu me lembro.

E sentiu uma pontada de perda, como se, ao admitir, estivesse entregando a única coisa que tinha dela.

— Foi terrível o que houve com ela — declarou Joram.

Akiva ficou parado. Nunca soubera de nada a respeito de sua mãe desde que fora tirado dela, como o imperador certamente sabia. Joram estava lhe provocando, querendo que perguntasse: *O quê? O que aconteceu com ela?* Mas Akiva não perguntou, apenas trincou os dentes.

— Mas o que podemos esperar dos Stelian? Tribo selvagem. Quase tão ruins quanto as feras. Cuide para que os laços de sangue não acabem se revelando, soldado — disse Joram, sorrindo maliciosamente.

E foi embora, deixando Akiva com o ombro ardendo e uma nova urgência de descobrir algo com que nunca se preocupara antes: que sangue?

Sua mãe poderia ter sido uma Stelian? Não fazia nenhum sentido que Joram tivesse uma concubina Stelian; ele não mantinha relações diplomáticas com a "tribo selvagem" das Ilhas Distantes, serafins renegados que nunca teriam dado suas mulheres como tributo. Como, então, ela teria ido parar ali?

Os Stelian eram conhecidos por duas coisas. A primeira era sua independência feroz — não faziam parte do império, tendo se recusado terminantemente, ao longo dos séculos, a se reunir a seus irmãos serafins.

A segunda era sua afinidade com a magia. Acreditava-se, nas trevas profundas da história, que os primeiros magos tinham sido Stelian, e havia rumores de que eles ainda praticavam um nível aprimorado de magia, desconhecido no restante de Eretz. Joram os odiava porque não podia nem conquistá-los, nem se infiltrar entre eles, pelo menos não enquanto precisasse concentrar suas forças na Guerra Quimérica. Não havia dúvida, no entanto, segundo os boatos que corriam pela capital, sobre para onde ele voltaria a atenção quando as feras fossem derrotadas.

Quanto ao que acontecera com sua mãe, Akiva nunca descobriu. O harém era um mundo fechado, e ele não conseguiu nem confirmar se houvera uma concubina Stelian, muito menos o que havia acontecido a ela. Mas, quanto a ele, algo se originou daquele encontro com seu pai: uma afinidade com aqueles estranhos com o mesmo sangue que o seu e uma curiosidade quanto à magia.

Ele permaneceu em Astrae por mais de um ano e, além de fisioterapia, boxe, e algumas horas por dia no campo de treinamento ensinando jovens soldados a lutar, tinha um tempo só para ele. Depois daquele dia, fez uso desse tempo. Sabia sobre o dízimo da dor e, graças ao seu ferimento, ele agora tinha uma reserva constante de dor a que recorrer. Observando os magos — para quem ele, um rude soldado, era praticamente invisível —, aprendeu as manipulações básicas, a começar pela invocação. Ele praticou com os corvos-morcego e as mariposas-beija- flor na escuridão da noite, direcionando o voo deles, alinhando-os em Vs como os gansos no inverno, trazendo-os para baixo para se empoleirarem em seus ombros ou nas mãos em concha.

Era fácil; ele prosseguiu. Chegou rapidamente à fronteira do conhecimento, o que não dizia muito — o que se passava por magia nessa época era pouco mais que truques de salão, ilusões. E ele nunca se enganou de que era um mago, ou qualquer coisa parecida, mas era criativo e, ao contrário dos almofadinhas da corte que se intitulavam tal coisa, não tinha de se açoitar, se queimar ou se cortar para invocar poder — ele o tinha, fraco e constante. Mas o motivo real pelo qual ele os superou não era nem a dor, nem a criatividade. Era a motivação.

A ideia que se transformara de uma ousadia em uma esperança — a de ver a garota quimera de novo — havia virado um plano.

E esse plano tinha duas partes. Somente a primeira era mágica: aperfeiçoar um encanto que pudesse esconder suas asas. Havia uma manipulação para camuflagem, mas era rudimentar, apenas um tipo de "salto" no espaço que podia fazer com que o olho — a distância — não percebesse o objeto em questão. Invisibilidade é que não era. Se Akiva esperava passar despercebido entre os inimigos — e era exatamente o que ele esperava —, precisaria de algo melhor do que aquilo.

Então trabalhou. Levou meses. Aprendeu a acessar sua dor como se fosse um lugar. De dentro dela, as coisas pareciam diferentes — mais afiadas — e eram sentidas e soavam de forma diferente também, metálicas e frias. A dor era como uma lente

que afiava todas as coisas, seus sentidos e instintos, e foi assim, através de tentativas e repetições incessantes, que ele conseguiu. Alcançou a invisibilidade. Era um triunfo que teria lhe rendido fama e as mais altas honras do imperador, e ele sentia uma fria satisfação em guardar a conquista para si mesmo.

Os laços de sangue vão se revelar, pai., pensou ele.

A outra parte de seu plano era a língua. Para dominar quimera, ele se encarapitou no telhado dos alojamentos dos escravos e ouviu as histórias que contavam à luz da fedida fogueira de estrume. As histórias eram inacreditavelmente ricas e bonitas, e, ao ouvi-las, não conseguia deixar de imaginar sua garota quimera sentada junto a uma fogueira de acampamento de batalha em algum lugar, contando as mesmas histórias.

Sua. Ele se pegou pensando nela como sua, e nem mesmo parecia estranho.

Quando foi enviado de volta ao regimento da baía Morwen, achou que seria bom se tivesse utilizado um pouco mais de tempo para aperfeiçoar seu sotaque quimera, mas chegou à conclusão de que estava mais ou menos pronto para o que viria a seguir, em toda a sua incrível loucura.

40
QUASE COMO MÁGICA

Naqueles tempos, era a existência de Madrigal que clamava por ele através do espaço. Agora era a de Karou. No passado, Loramendi havia sido seu destino, a cidade engaiolada das feras. Agora era Marrakech. Mais uma vez, ele deixou Hazael e Liraz para trás, mas agora não os deixava na ignorância. Eles conheciam a verdade a respeito dele.

O que fariam com relação a isso, ele não podia imaginar.

Liraz o havia chamado de traidor, dissera que ele a deixava enojada. Hazael ficou só olhando, pálido e cheio de repulsa.

Mas tinham deixado que eles fossem embora sem derramamento de sangue — de nenhum dos lados —, e isso era o melhor que podia ter esperado. Se iriam contar para o comandante — ou mesmo para o imperador —, ir atrás dele ou acobertá-lo, não saberia dizer. Não podia pensar nisso. Sobrevoando o Mediterrâneo com o osso da sorte na mão, seus pensamentos pertenciam a Karou. Akiva a imaginava esperando por ele na agitada praça marroquina onde se entreolharam pela primeira vez. Podia imaginá-la tão claramente, até a forma como ela ficaria levando a mão à garganta, à procura do osso da sorte, antes de se lembrar, com uma nova pontada de sofrimento, de que não o tinha mais.

Ele estava com o osso. Tudo o que aquilo significava, para o passado, para o futuro, estava bem ali na sua mão — quase como mágica, como Madrigal lhe dissera uma vez.

Até a noite em que finalmente voltara a ver Madrigal, ele nem sabia para que servia um osso da sorte. Ela o usava num cordão em volta do pescoço, uma coisa tão incongruente contra seu vestido de seda, sua pele sedosa.

— É um osso da sorte — dissera ela, estendendo a mão para mostrar.

— Você segura uma das pontas, assim, e cada um de nós faz um pedido e puxa. Quem ficar com a parte maior tem o seu desejo realizado.

— Mágica? — perguntara Akiva. — De que ave vêm esses ossos, que fazem mágica?

— Ah, não é mágica. Os desejos não se realizam de verdade.

— Então por que fazer isso?

Ela deu de ombros.

— Esperança? A esperança pode ser uma força poderosa. Talvez não haja magia real nele, mas, quando você sabe o que mais deseja e mantém isso aceso como uma chama dentro de si, pode fazer as coisas acontecerem, quase como mágica.

Ele se perdera nela. O brilho dos olhos dela acendia alguma coisa dentro dele que o fazia perceber que havia passado a vida em meio a uma névoa, que vivia pela metade, na melhor das hipóteses, que sentia pela metade.

— E o que você mais deseja? — perguntou ele, querendo dar aquilo, não importava o que fosse, a ela.

Ela ficou com vergonha.

— Não se deve dizer. Vamos, faça um pedido comigo.

Akiva estendeu a mão e prendeu um dedo em volta do esporão mais fino. O que ele mais queria era algo que nunca havia desejado antes, não até conhecê-la. E tornou-se realidade naquela noite, e por muitas noites depois daquela. Um período curto e radiante de felicidade, que era o centro em volta do qual toda sua vida girava. Tudo o que fizera desde então era porque tinha amado Madrigal, e a perdido, e se perdido.

E agora? Estava voando em direção a Karou com a verdade em sua mão, aquela coisa tão frágil, "quase como mágica".

Quase? Não dessa vez.

O osso da sorte fervilhava de magia. A marca de Brimstone era tão poderosa nele quanto nos portais que abalavam os nervos de Akiva. No osso, estava a verdade, e com ela, o poder de fazer Karou odiá-lo.

E se ele desparecesse — se uma coisa tão pequena caísse no oceano —, e então? Karou nunca precisaria saber de nada. Ele poderia ficar com ela; poderia amá-la. E principalmente, se não houvesse osso da sorte, ela poderia amá-lo. Era um pensamento tóxico, e encheu Akiva de ódio por si mesmo. Tentou reprimi-lo, mas o osso o provocava.

Ela nunca precisa saber, o osso parecia dizer em sua mão aberta. E o Mediterrâneo lá embaixo, matizado, ofuscado pelo sol e tão profundo, confirmava.

Ela nunca precisa saber.

41
ALEPH

Karou estava exatamente onde Akiva tinha imaginado que estaria, sentada à mesa de um café na ponta da praça Jemaa el-Fna, e, também como tinha imaginado, estava inquieta com a ausência do osso da sorte. Antes, seus dedos não precisariam de outra ocupação que não fosse segurar o lápis. Agora o caderno de desenhos estava aberto à sua frente, páginas brancas ofuscantes ao sol do norte da África, e ela tamborilava os dedos, dispersa, sem conseguir tirar os olhos da praça, à procura de Akiva.

Ele virá, dizia a si mesma, e trará de volta o osso da sorte. Virá, sim.

Se estivesse vivo.

Será que aqueles outros serafins lhe teriam feito algum mal? Já fazia dois dias. E se...? Não. Ele estava vivo. Karou não conseguia imaginar o contrário. De maneira absurda, ficava se lembrando de Kishmish, anos atrás, engolindo aquela mariposa-beija-flor — a total subitaneidade daquilo: vivo, não vivo. Simples assim.

Não.

Seus pensamentos se desviaram, concentrando-se no osso da sorte. O que significava o fato de ter causado aquela reação em Akiva? E... o que seria a coisa que ele tinha para lhe contar, que o fizera cair de joelhos? O mistério do seu eu adquiriu um tom sombrio, e ela sentiu um calafrio de apreensão. Não podia deixar de pensar em Zuzana e Mik, o olhar em seus rostos — aturdido e assustado. Por causa dela. Ela havia ligado para Zuzana durante uma escala no aeroporto de Casablanca. As duas tinham discutido.

— O que você vai fazer? — Zuzana exigiu saber. — Não vamos voltar para o tempo das tarefas misteriosas, Karou.

Não havia muita razão para ser cautelosa agora, então ela contou. Zuzana, como era de se esperar, usou o mesmo argumento que Akiva, de que era muito perigoso, e que Brimstone não iria querer isso.

— Quero que fique com meu apartamento — disse Karou. — Já liguei para o proprietário. Ele tem uma chave para você, e está pago pelo resto do...

— Não quero o seu maldito apartamento — interrompeu Zuzana. A mesma que se hospedava com uma tia idosa que adorava repolho, e que vivia brincando sobre matar Karou só por causa do apartamento. — Porque você mora ali. Você não vai desaparecer assim, Karou. Isso não é um maldito livro sobre Nárnia.

Não havia como argumentar com ela. A conversa não terminou nada bem, e Karou acabou sentada com o telefone quente nas mãos e sem ninguém mais para quem ligar. Atingiu-lhe com uma clareza terrível o pensamento de quão poucas pessoas havia em sua vida. Pensou em Esther, sua avó falsa, e isso só a deixou triste, que sua mente retornasse para uma pessoa que havia atuado como substituta. Ela quase jogou o telefone na lixeira — estava sem o carregador mesmo —, mas ficou muito feliz na manhã seguinte por não ter jogado. O celular vibrou em seu bolso quando estava no café, no final da carga, e exibiu a mensagem:

*Sem. Comida. Em. Lugar. Nenhum. Muito obrigada por me matar de fome. *último suspiro **

Ela riu, levou as mãos ao rosto e até chorou um pouco, e quando um velho lhe perguntou se estava bem, não teve muita certeza.

Estava sentada ali havia dois dias; duas noites em que havia tentado dormir no quarto alugado ali perto. Havia procurado Razgut, só para saber onde ele estaria quando ela estivesse pronta para partir, e o deixara novamente, choramingando por seu gavriel, que ela não deu. Ela faria o desejo para ele quando chegasse a hora de ir.

De ir. Com ou sem Akiva, com ou sem seu osso da sorte.

Por quanto tempo ela esperaria?

Dois dias e duas noites intermináveis, e seus olhos estavam agitados, procurando, ansiosos. Seu coração arfava, vazio. Não importa quanto pudesse ter resistido antes, já havia se rendido. Suas mãos sabiam o que queriam: queriam Akiva, a centelha e o calor dele. Mesmo naquele dia quente de primavera no Marrocos, ela sentia frio, como se a única coisa com alguma chance de aquecê-la fosse ele. Na terceira manhã, passando pelas feiras em direção à Jemaa el-Fna, ela fez uma compra curiosa.

Luvas sem dedo. Ela as viu na barraca de um vendedor, tricotadas de forma compacta com lã berbere listrada, reforçadas com couro nas palmas. Comprou-as e as colocou. Cobriam completamente os hamsás, e ela não podia se enganar dizendo que havia comprado as luvas para se aquecer. Sabia o que queria. Queria o que suas mãos queriam: tocar Akiva, e não apenas com as pontas dos dedos, e não com cuidado, e não com medo de machucá-lo. Ela queria abraçá-lo e ser abraçada, em uma harmonia suave e perfeita, como dançar uma música lenta. Queria se preparar para ele, respirá-lo, ganhar vida de encontro a ele, descobri-lo, segurar seu rosto como ele havia segurado o dela, com ternura.

Com amor.

— O amor vai chegar, e você saberá reconhecê-lo — prometera Brimstone uma vez.

Embora ele certamente nunca tivesse sonhado que o amor chegaria na forma do inimigo, ela sabia agora que ele não estivera errado. Sabia mesmo. Era simples e completo, como a fome ou a felicidade, e quando ela levantou os olhos de seu chá na terceira

manhã e viu Akiva na praça, parado a uns vinte metros de distância e olhando para ela, aquilo a fez estremecer como se seus nervos estivessem canalizando a luz das estrelas. Ele estava bem.

Estava ali. Ela levantou da cadeira.

Ela percebeu a forma como ele estava lá, simplesmente parado a distância.

E, quando ele foi até ela, devagar, de maneira relutante, seu andar era pesado, e seu rosto estava sério. A certeza que sentia desapareceu. Ela não foi ao encontro de Akiva, nem mesmo saiu de trás da mesa. Toda a luz das estrelas se recolhera de volta em suas terminações nervosas, deixando-a fria, e ela o encarou — a lentidão pesada, a insipidez do olhar —, e se perguntou se tinha imaginado tudo entre eles.

— Oi — disse ela em voz baixa, hesitante e com uma esperança crescente de que pudesse tê-lo interpretado de forma equivocada, de que ele ainda pudesse refletir de volta a ela a explosão que havia despertado.

Era o que ela sempre quisera, e tinha achado que encontrara: alguém que fosse para ela, como ela era para ele, cujo sangue e borboletas cantassem para os dela e respondessem a eles, nota por nota.

Mas Akiva não respondeu nada. Deu um aceno contido com a cabeça e não fez nenhum movimento para se aproximar.

— Você está bem — disse ela, e sua voz não transmitiu sua alegria.

— Você esperou — murmurou ele.

— Eu... disse que esperaria.

— O máximo que pudesse.

Será que ele estava chateado por ela não ter prometido? Karou queria lhe contar que não sabia então o que sabia agora — que “o máximo que ela pudesse” era um tempo muito longo, na verdade, e que ela sentia como se tivesse ficado esperando por ele a vida inteira. Mas foi silenciada por sua expressão grave.

— Aqui — disse ele, estendendo a mão, e lá estava seu osso da sorte, balançando no cordão.

Ela o pegou e conseguiu sussurrar um obrigada enquanto o passava por cima da cabeça. O osso voltou ao lugar, na base de sua garganta.

— Trouxe isso também — disse Akiva, e colocou na mesa o estojo com suas facas em forma de lua crescente. — Você vai precisar delas.

Aquilo soou duro, quase como uma ameaça. Karou ficou ali parada, tentando conter as lágrimas.

— Ainda quer saber quem você é? — perguntou Akiva.

Ele não estava nem olhando para ela. Estava olhando através dela, para o nada.

— É claro que quero — respondeu ela, embora não fosse o que tinha andado pensando.

O que ela queria naquele exato instante era voltar no tempo, para Praga. Ela acreditara na época, com uma certeza que era tanto emoção quanto refúgio, que Akiva estava voltando de alguma noite escura da alma por ela. Agora era como se ele estivesse morto de novo e, embora ela tivesse seu osso da sorte de volta, e estivesse prestes a saber, finalmente, a resposta para a pergunta no âmago de seu ser, sentia-se morta também.

— O que aconteceu? — perguntou ela. — Com os outros?

Ele i gnorou as perguntas.

— Existe algum lugar para onde possamos ir?

— Ir?

Akiva indicou a multidão na praça com um gesto, os vendedores construindo suas pirâmides de laranjas, os turistas carregando câmeras e pacotes de compra.

— Você vai querer ficar sozinha para isso — disse ele.

— O que... O que você tem para me contar que vou querer ficar sozinha para ouvir?

— Não vou lhe contar nada. — Akiva estivera olhando através dela, disperso, o tempo todo, e Karou começara a sentir como se estivesse desfocada, mas ele então fixou os olhos nela. Seu fulgor era como o sol em topázio, e ela viu, antes que ele desviasse o olhar de novo, o brilho débil de um anseio tão profundo que doía contemplar. Seu coração deu um pulo.

— Nós vamos partir o osso da sorte.

* * *

E então ela saberia tudo, e o odiaria. Akiva estava tentando se preparar para a maneira como Karou o olharia quando entendesse. Ele a observara da praça durante vários segundos antes que ela levantasse os olhos, e testemunhou a forma como o rosto dela se transformou ao vê-lo — de ansioso e desesperançoso em... luz. Era como se ela tivesse emitido um pulso de radiação que o alcançou mesmo onde estava, que o banhou e o queimou.

Tudo o que ele não merecia e nunca poderia ter estava lá naquele instante. Tudo o que queria agora era envolvê-la em seus braços, deixar suas mãos se perderem no cabelo dela — que estava limpo e penteado, liso como rios sobre seus ombros —, perder-se no perfume e na maciez dela.

Ele se lembrou de uma história que Madrigal lhe contara uma vez: a lenda humana do golem. Era uma coisa feita de barro na forma humana, trazido à vida quando se entalhava o símbolo aleph em sua testa. Aleph era a primeira letra de um alfabeto ancestral humano, e a primeira letra da palavra hebraica verdade; era o começo. Enquanto observava Karou se levantar, radiante com sua cascata de cabelo lápis-lazúli, um vestido cor de tangerina, um colar de contas prateadas no pescoço e um olhar de alegria

e alívio e... amor... em seu lindo rosto, Akiva sabia que ela era seu aleph, sua verdade e seu começo. Sua alma.

As articulações das asas doeram com a vontade de bater uma vez, para lançá-lo em direção a ela, mas, em vez disso, ele andou, triste e deprimido. Seus braços pareciam presos por ferro, impedindo-o de estendê-los para tocá-la. A maneira como a luz se apagou dela por causa do jeito frio como ele se aproximou, a hesitação e a esperança em sua voz — isso o estava matando aos poucos. Era melhor assim. Se ele cedesse e se permitisse ter o que queria, ela apenas o odiaria ainda mais quando soubesse o que realmente era. Então se manteve distante, sofrendo, preparando-se para o momento que sabia que iria chegar.

— Parti-lo? — perguntou Karou então, olhando surpresa para o osso da sorte. — Brimstone nunca...

— Não era dele — disse Akiva. — Nunca foi dele. Estava apenas guardando-o. Para você.

Ele não tinha conseguido jogá-lo no oceano. E se sentia mal só de pensar que havia chegado a pensar nisso — mais uma prova de que não servia para ela. Karou merecia saber de tudo, em toda sua dor e brutalidade, e, se ele estivesse certo sobre o osso da sorte, saberia em breve. Ela parecia sentir alguma coisa da magnitude do momento.

— Akiva — sussurrou. — O que é?

E, quando olhou para ele com seus olhos negros de pássaro, assustados e suplicantes, Akiva teve de desviar o olhar novamente, tão forte era o anseio que o torturava. Não tocá-la naquele momento foi uma das coisas mais difíceis que já tinha feito.

* * *

E as coisas poderiam ter acontecido entre eles daquela maneira falsa e terrível, mas Karou vira o que tinha visto, e sentido também — o anseio de Akiva, encontrando o dela em algum lugar profundo —, e quando ele se virou ela sentiu um impulso repentino, como se uma corda arrebentasse e ela não pudesse mais se conter e suportar tudo aquilo. Estendeu a mão para tocá-lo. Com a mão parcialmente coberta pela luva, os hamsás escondidos, pegou o braço dele, tocando a pele completa e gentilmente, e o virou em sua direção. Ela se aproximou, inclinando a cabeça para olhar em seus olhos, e pegou seu outro braço.

— Akiva — murmurou, seu tom já não mais temeroso, porém baixo, ardente e doce. — O que foi? — Subiu as mãos pelo corpo dele, sobre o aço dos braços e ombros, sobre rampas de trapézios em direção à garganta, pelo maxilar áspero e macio, e então as pontas dos dedos dela estavam em seus lábios, tão macios em comparação aos dela. Ela sentiu que eles tremiam. — Akiva — repetiu. — Akiva. Akiva.

Ela parecia estar dizendo: Chega disso; *pare de fingir*.

E então, com um tremor, ele parou. Deixou o fingimento de lado e abaixou a cabeça, deixando a testa descansar contra a dela, quente por causa do sol. Ele a envolveu nos braços e a trouxe para junto dele, e Karou e Akiva eram como dois fósforos riscados um contra o outro para inflamar como a luz das estrelas. Com um suspiro, ela relaxou, e era como voltar para casa, derreter-se nele e descansar. Ela sentiu a aspereza do pescoço não barbeado em seu rosto, enquanto ele experimentava, contra o seu, a maciez perfeita do rosto dela. Ficaram daquele jeito por um longo tempo, e estavam tranquilos, mas seu sangue, nervos e borboletas não — estavam vivos e loucos, agitando-se e zumbindo numa melodia selvagem e perfeita, que combinava nota por nota.

O osso da sorte — pequeno, mas afiado — pendia entre eles.

42
DESEJO, SAL E COMPLETUDE

Aqui — disse Karou, levando Akiva até uma porta azul-celeste em meio a uma parede empoeirada.

Seus dedos estavam entrelaçados. Eles não conseguiam deixar de se tocar e, guiando-o pela medina, Karou se sentia como se estivesse flutuando. Eles podiam ter se apressado, mas em vez disso caminharam tranquilamente, parando para observar um tapeceiro, dar uma olhada em uma cesta de filhotes de cachorro, testar o fio de adagas ornamentais com a ponta dos dedos — tudo sem a menor pressa.

Mas, por mais lentamente que tivessem caminhado, acabaram chegando ao destino. Akiva seguiu Karou por uma passagem escura, saindo em seguida para a luz de um pátio, um mundo escondido aberto somente para o céu. Era adornado por tamareiras e azulejos zelij brilhantes, e uma fonte borbulhando no centro. Havia uma varanda em volta do segundo andar, e o quarto de Karou ficava após um lance de escadas. Era maior do que o apartamento, com um teto alto com vigas de madeira. As paredes eram de um tadelakt vermelho forte e profundo, e um cobertor berbere na cama trazia alguma bênção misteriosa em uma linguagem de símbolos.

Akiva fechou a porta e soltou a mão de Karou, e o momento que ela vinha adiando, evitando — a quebra do osso da sorte... chegara.

Então era agora.

Era agora.

Akiva se afastou, olhou pela janela, levantou as mãos e passou os dedos pelos cabelos em um gesto que estava se tornando familiar, depois se virou para ela:

— Você está pronta, Karou?

Não.

De repente, não. Ela não estava pronta. Pânico, como um caos de asas em sua caixa torácica.

— Podemos esperar — disse ela, com uma vivacidade artificial. — Afinal, não queremos mesmo voar até o anoitecer.

O plano era buscar Razgut quando o sol se pusesse, e voar com ele sob o manto da escuridão até o portal, onde quer que fosse. Akiva voltou a andar em sua direção, alguns passos vacilantes, e parou fora de seu alcance.

— Poderíamos esperar — concordou ele, parecendo atraído pela ideia. Depois, acrescentou suavemente: — Mas não vai ficar mais fácil.

— Você me diria, não diria, se fosse alguma coisa terrível?

Ele se aproximou, estendeu a mão e acariciou o cabelo dela uma vez, lentamente. Felina, ela se debruçou ao toque.

— Você não precisa ter medo, Karou. Como poderia ser terrível? É você. Você só pode ser linda.

Um sorriso tímido brotou em seus lábios. Ela respirou fundo e disse, determinada:

— Está bem, então. Eu devo, hã, me sentar?

— Se quiser.

Ela subiu na cama, sentou-se bem no meio e dobrou as pernas para baixo do corpo, prendendo ali a barra de seu vestido laranja, que tinha comprado na feira, querendo que Akiva a visse com ele. Tinha comprado roupas mais práticas também, para a jornada e o que quer que pudesse vir depois. Estava tudo guardado em uma bolsa nova, pronta para quando fosse partir, junto com outras coisas triviais necessárias que tivera de comprar, uma vez que precisara deixar Praga tão de repente, sem levar nada. Ela estava contente por Akiva ter trazido as facas — contente por tê- las, quer dizer, e com medo de precisar delas.

Ele estava sentado olhando para ela, pernas esticadas e relaxadas, ombros inclinados para a frente de um jeito que os fazia parecer ainda mais largos.

Foi então que Karou teve outro lampejo, uma fissura na superfície do tempo, e, dentro dele, um vislumbre de Akiva. Ele estava sentado daquele mesmo jeito, os ombros relaxados daquela forma exata, mas... estava sem camisa, e ele era um conjunto de músculos bronzeados, o ombro direito um emaranhado de cicatrizes. Novamente, viu no rosto dele o sorriso que causava dor de tão belo. Novamente, por apenas um instante, e tudo aquilo desapareceu.

Ela piscou, inclinou a cabeça para o lado e murmurou:

— Ah.

— O quê? — perguntou Akiva.

— Às vezes penso que vejo você em outra época ou coisa assim... Não sei. — Ela balançou a cabeça como se quisesse esquecer. — Seu ombro. O que aconteceu com ele?

Ele o tocou, observando-a atentamente.

— O que você viu?

Ela corou. Houvera algo de tão sensual naquele momento, ele ali sentado, feliz e sem camisa.

— Você... sorrindo. Ainda não o vi sorrir daquele jeito, não de verdade — disse apenas.

— Já faz muito tempo.

— Gostaria que sorrisse — disse ela. — Por mim.

Ele não sorriu. A dor perpassou seu rosto, e ele olhou para os nós de seus dedos e depois de novo para ela.

— Vem aqui — disse ele, e estendeu a mão, tirando o osso da sorte do pescoço dela. Ele prendeu um dedo em volta do osso. — Assim.

Ela não segurou.

— Não importa o que aconteça, não precisamos ser inimigos. Não se não quisermos ser. Só depende de nós, não é? — disse ela, às pressas.

— Vai depender de você — perguntou ele.

— Mas eu já sei...

Ele balançou a cabeça, pesaroso.

— Você não pode saber. Não pode saber até descobrir.

Ela soltou um suspiro exasperado.

— Você está parecendo o Brimstone — resmungou, e tentou se compor.

E então, finalmente, ela levantou a mão para prender o dedo mindinho em volta do esporão livre. O nó de seu dedo encostou no de Akiva, e até mesmo aquele pequeno contato provocou uma efervescência por todo o seu corpo.

Agora, tudo o que tinham de fazer era puxar. Karou esperou um pouco, pensando que Akiva iria tomar a iniciativa, mas então achou que ele estava esperando por ela. Ela olhou nos olhos dele — estavam nos dela, abrasadores — e tensionou a mão. A única forma de fazer aquilo era fazendo. Começou, então, a puxar.

Dessa vez, foi Akiva quem afastou a mão.

— Espera — disse ele. — Espera.

Ele tocou seu rosto, e Karou cobriu a mão com a dela, pressionando-a contra sua bochecha.

— Quero que você saiba... — Ele engoliu em seco. — Preciso que saiba que fui atraído até você... até você, Karou... antes do osso da sorte. Antes de eu saber, e acho... acho que sempre a encontraria, não importa quão bem estivesse escondida. — Ele a olhava fixamente, com extraordinária intensidade. — Sua alma canta para a minha. Minha alma é sua, e sempre será, em qualquer mundo. Não importa o que aconteça... — Sua voz falhou, e ele respirou fundo. — Preciso que você se lembre de que eu amo você.

Amor. Karou se sentiu banhada em luz. A palavra doce pulou para seus próprios lábios para responder, mas ele suplicou:

— Diga que vai se lembrar. Prometa para mim.

Aquela era uma promessa que ela podia fazer, e fez. Akiva ficou em silêncio, e Karou, inclinada para frente, sem fôlego, achou que aquilo era tudo — que ele iria apenas dizer aquelas coisas e depois não iria beijá-la.

O que era absurdo, e ela teria protestado se tivesse sido assim, mas não foi.

Uma das mãos dele já estava em seu rosto; ele levantou a outra. Aninhou o rosto de Karou, e então foi tranquilo e inevitável: os dois deslizaram um em direção ao outro. A boca de Akiva tocou a dela de leve. Um mergulho, um toque como um sussurro — um roçar muito, muito suave do lábio inferior dele sobre os de Karou em um ritmo ascendente, e depois havia espaço entre eles de novo, um espaço bem pequeno, seus rostos muito próximos. Eles respiraram a respiração um do outro enquanto uma força irresistível aumentava entre os dois, e em volta, e dentro deles, uma força astral, e então o espaço desapareceu mais uma vez, e tudo que havia era o beijo.

Doce e quente e trêmulo.

Suave e forte e profundo.

Menta no hálito de Karou, sal na pele de Akiva.

As mãos no cabelo dela, mergulhadas até os pulsos como se fossem água; as palmas das mãos dela sobre seu peito, o osso da sorte esquecido em meio à descoberta das batidas do coração.

A doçura deu lugar a alguma outra coisa. Pulsação. Prazer. O que a impressionava era a concretude, a realidade física profunda de Akiva — sal e almíscar e músculos, chama e carne e coração batendo —, a sensação de completude. O gosto dele e a sensação contra seus lábios — a boca, depois o maxilar, o pescoço e a pele macia atrás da orelha, e como ele estremecia quando ela o beijava ali, então de algum jeito suas mãos deslizaram por baixo da camisa dele e para cima, de forma que apenas suas luvas sem dedo estavam entre suas mãos e o peito dele. As pontas de seus dedos dançaram sobre Akiva, e ele estremeceu e a pressionou contra seu peito, e o beijo foi muito mais que um beijo então.

Foi Karou quem se inclinou para trás, puxando-o para baixo com ela, sobre ela, e a sensação de seu corpo inteiro sobre o dela era total e ardente e... familiar também, e ela era ela mesma, mas não ela mesma, arqueando- se em direção a ele com um suave gemido lascivo.

E Akiva se afastou.

Foi rápido como um estilhaçar — uma guinada e ele estava de pé, deixando para trás tudo que havia de estranho naquele momento. Karou se sentou depressa. Não sabia onde tinha ido parar sua respiração. Seu vestido estava embolado na altura das coxas; o osso da sorte, abandonado em cima do cobertor, e Akiva estava de pé perto da cama, olhando para o outro lado, com as mãos nos quadris e a cabeça abaixada. Sua respiração estava no mesmo ritmo que a dela. Karou ficou sentada em silêncio, envergonhada pela força do que a havia tomado. Nunca sentira nada como aquilo. Com espaço entre eles agora, ela se repreendia

— o que a fizera ir tão longe? —, mas também queria tudo de volta: o desejo, o sal e a completude.

— Sinto muito — desculpou-se Akiva, constrangido.

— Não, fui eu, e está tudo bem. Akiva, eu também amo você...

— Não está tudo bem — disse ele, virando-se, os olhos de tigre intensos e incandescentes. — Não está tudo bem, Karou. Não queria que isso acontecesse. Não quero que você me odeie mais do que já...

— Odiar você? Como eu poderia...

— Karou — interrompeu-a. — Você precisa saber a verdade, e precisa saber agora. Precisamos partir o osso da sorte.

* * *

E então, finalmente, o partiram.

43
CREC

Uma coisa tão pequena, e frágil, e o som que fez: um nítido e claro *crec*.

44

NÃO QUEM, MAS O QUÊ

Crec.

Irrompendo, como o vento por uma porta, e Karou era a porta, o vento estava voltando para casa, e ela também era o vento. Ela era tudo: vento e casa e porta. Ela correu para dentro de si mesma e se preencheu. Ela se deixou entrar e estava plena. Ela se fechou de novo. O vento se acalmou. Foi simples assim.

* * *

Ela estava completa.

45 MADRIGAL

Ela é uma criança. Está voando. O ar é rarefeito e difícil de respirar, e o mundo está tão lá embaixo que até mesmo as luas, brincando de pega-pega pelo céu, são vistas de cima, como coroas brilhantes na cabeça de crianças.

* * *

Ela já não é mais uma criança. Desliza para baixo no céu, através dos galhos das árvores de réquiem. Está escuro, e o bosque está vivo com o shh-shh das evangelinas, os pássaros-serpente noturnos que bebem nas flores de réquiem. São atraídos para ela — shh-shh — e voam em volta de seus chifres, revolvendo as flores e deixando cair o pólen, dourado, em seus ombros.

* * *

Mais tarde, o pólen vai entorpecer os lábios de seu amante enquanto ele se delicia com ela.

* * *

Está em batalha. Serafins caem do céu deixando um rastro de fogo.

* * *

Está apaixonada. Seu interior brilha como se ali houvesse uma estrela.

* * *

Sobe em um cadafalso. Mil milhares de rostos a encaram, mas ela vê apenas um.

* * *

Ajoelha no campo de batalha ao lado de um anjo agonizante.

* * *

Asas envolvem-na. Pele febril, amor abrasador.

* * *

Sobe no cadafalso. Suas mãos estão presas às costas, suas asas, imobilizadas. Mil milhares de rostos a encaram; batidas de pés, de cascos; vozes gritam e zombam, mas uma se destaca entre todas as outras. E a de Akiva. E um grito capaz de expulsar os fantasmas de seus refúgios.

* * *

Ela é Madrigal Kirin, que ousou imaginar uma nova forma de viver.

* * *

A lâmina é grande e brilhante, como uma lua que cai. E, de súbito...

SÚBITO

Karou arquejou. Suas mãos voaram até o pescoço e o envolveram. Estava intacto. Ela olhou para Akiva, piscou, e quando sussurrou o nome dele havia uma nova riqueza em sua voz, uma infusão de assombro, amor e súplica que fez parecer que tinha vindo de outro tempo. E tinha.

— Akiva — sussurrou ela, com a plenitude de seu ser.

Com anseio, com angústia, ele a observava, e esperava.

As mãos de Karou deixaram seu pescoço e tremiam enquanto ela tirava as luvas para revelar as duas palmas. Olhou para elas.

Elas olharam de volta.

Elas olharam de volta — dois olhos planos em um tom de índigo —, e Karou entendeu o que Brimstone havia feito.

* * *

Ela finalmente entendeu tudo.

Era uma vez duas luas,
que eram irmãs.

Nitid era a deusa das lágrimas e da vida, e o céu era dela.
Ninguém adorava Ellai, a não ser os amantes secretos.

47
EVANESCENCIA

Madrigal subiu na plataforma do cadafalso. Suas mãos estavam amarradas às costas, suas asas presas para que não pudesse voar. Era uma precaução desnecessária: no alto arqueavam-se as barras de ferro da Gaiola. As barras estavam lá para manter os serafins do lado de fora, e não os quimeras do lado de dentro, mas naquele dia teriam servido para esse propósito. Madrigal não iria a lugar algum a não ser à sua morte.

— Isso é desnecessário — objetara Brimstone, quando Thiago ordenou que prendessem as asas dela.

Sua voz saíra arranhada, quase baixa demais para se ouvir, como alguma coisa sendo arrastada pelo chão.

Thiago, o Lobo Branco, o general, o filho e braço direito do Comandante, o ignorara. Sabia que era desnecessário. Queria humilhar Madrigal. A morte não bastava. Ele a queria submissa, penitente. Queria que ficasse de joelhos.

Mas ele se decepcionaria. Podia prender as mãos e as asas dela, podia forçá-la a se ajoelhar, e podia vê-la morrer, mas não estava em seu poder fazê-la sentir arrependimento.

Madrigal não lamentava o que tinha feito.

Na varanda do palácio, o Comandante estava sentado com toda a pompa. Ele tinha cabeça de veado, os chifres com pontas douradas. Thiago ocupava seu lugar ao lado do pai. O assento à esquerda do Comandante pertencia a Brimstone, e estava vazio.

Um milhão de olhos estavam em Madrigal, e a cacofonia da multidão ficava mais intensa, sombria; as vozes elevando-se em escárnio. Pés batiam no chão com estrondo. Não havia uma execução na praça desde quando podiam lembrar, mas os que estavam lá reunidos sabiam o que fazer, como se o ódio fosse um atavismo esperando apenas para ressurgir.

"Amante de anjo!", acusou alguém, numa voz aguda.

Alguns em meio à multidão estavam aflitos, vacilantes. Madrigal era uma beldade, uma joia — poderia mesmo ter feito aquela coisa impensável?

E então Akiva foi trazido para fora. Era ordem de Thiago que ele fosse forçado a assistir. Os guardas colocaram-no de joelhos em uma plataforma de frente para a dela, de onde a visão seria perfeita. Mesmo ensanguentado, algemado e enfraquecido pela tortura, ele parecia glorioso. Suas asas resplandeciam, radiantes; seus olhos eram fogo, e estavam ferozes e fixos nela, e Madrigal se sentia preenchida pelo calor das lembranças e da ternura, e lamentava profundamente porque seu corpo jamais voltaria a conhecer o dele, sua boca jamais reencontraria a dele, e os sonhos dos dois jamais se realizariam.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Sorriu para ele a distância, e foi um olhar de um amor tão inequívoco que ninguém que estava ali assistindo poderia continuar a duvidar de sua culpa.

Madrigal Kirin fora acusada de traição — de amar o inimigo —, sentenciada à morte e, pior, a algo que não era decretado havia centenas de anos: a evanescência.

Desfazer-se.

Estava sozinha na plataforma com o carrasco encapuzado. Cabeça erguida, ela caminhou em direção ao cadafalso e ficou de joelhos, e foi então que Akiva começou a gritar. A voz destacou-se no pandemônio — um grito capaz de afugentar as almas de todos ali reunidos, um som de tirar os fantasmas de seus túmulos.

Seu grito perfurou o coração de Madrigal, e ela desejava poder envolvê-lo em seus braços. Sabia que Thiago queria que vacilasse, gritasse e implorasse, mas ela não faria isso. Não adiantaria. Não havia a menor esperança de vida. Não para ela.

Um último olhar para seu amor e ela abaixou a cabeça no cadafalso. Era de rocha negra, como tudo em Loramendi, e estava quente como uma bigorna encostada em seu rosto. Akiva gritou, e o coração de Madrigal respondeu. A pulsação dela acelerou — estava prestes a morrer —, mas ela manteve a calma. Tinha um plano, e foi a ele que se agarrou quando o carrasco levantou a lâmina — grande e brilhante, como uma lua que cai — , porque tinha trabalho a fazer, e não podia se permitir perder o foco. Ela não havia acabado ainda.

Depois que morresse, iria salvar a vida de Akiva.

48 PURA

Madrigal Kirin era Madrigal dos Kirin, uma das últimas tribos aladas das montanhas Adelphas. As Adelphas eram o bastião natural entre o império serafim e as terras livres — o território quimera defendido —, e havia séculos que não se podia morar com segurança em seus picos. Os Kirin, rápidos como raios e excelentes arqueiros, haviam permanecido por mais tempo que os outros. Foram aniquilados apenas uma década antes, quando Madrigal era uma criança. Ela cresceu em Loramendi, uma criança de torres e telhados, não de montanhas.

Loramendi — a Gaiola, a Fortaleza Negra, o Ninho do Comandante — era lar de alguns milhões de quimeras, criaturas de todos os aspectos que nunca teriam vivido juntas ou lutado lado a lado, ou sequer falado a mesma língua, não fosse pelos serafins. Antigamente, as raças viviam espalhadas, isoladas, às vezes negociando umas com as outras, às vezes combatendo — um Kirin como Madrigal não tinha mais em comum com um Anolis de Iximi, por exemplo, do que um lobo com um tigre —, mas o Império tinha mudado tudo isso. Nomeando-se os guardiães do mundo, os anjos tinham dado às criaturas da terra um inimigo comum, e agora, há séculos em sua luta, eles compartilhavam herança e língua, história, heróis, uma causa. Eles eram uma nação — da qual o Comandante era o líder, e Loramendi, a capital.

Era uma cidade portuária, seu amplo cais cheio de navios de guerra, barcos de pesca e uma grande frota comercial. Ondas na superfície da água eram os indícios das criaturas anfíbias que, como parte da aliança, escoltavam os navios e lutavam ao lado deles. A cidade em si, dentro das gigantescas paredes pretas e das barras da fortaleza, era compartilhada por uma população variada, e, embora eles tivessem sido levados a se agrupar ao longo dos séculos, ainda tendiam a se estabelecer em bairros, cada qual com seu igual, ou perto o suficiente, e um sistema de castas prevaleceu, baseado na aparência.

Madrigal tinha uma aparência altamente humana, como eram definidas as raças com a cabeça e o torso de homem ou mulher. Seus chifres eram de gazela, pretos e estriados, fluindo para cima a partir da testa e indo para trás em uma curva de cimitarra. Suas pernas mudavam na altura dos joelhos de pele para pelo, a parte gazela dando-lhes um comprimento elegante e exagerado, fazendo com que ela chegasse a quase um metro e oitenta em sua altura máxima, sem incluir os chifres, e uma porção desmedida disso era de pernas. Ela era esguia como o caule de uma flor. Seus olhos castanhos, bem espaçados, eram tão grandes e brilhantes quanto os de um cervo, mas com um olhar vazio. Eram penetrantes, diretos e inteligentes, brilhantes como faíscas. Seu rosto era oval, macio e bonito, sua boca, generosa e elástica, feita para sorrir.

Todos achavam que era bonita, embora ela fizesse o mínimo possível com relação à sua beleza, mantendo o cabelo curto como pelo e não usando nenhuma pintura ou enfeite. Não importava. Ela era bonita, e a beleza seria notada.

Thiago tinha notado.

* * *

Madrigal estava se escondendo, embora fosse negar se alguém dissesse isso. Estava no telhado dos alojamentos do norte, deitada de costas, como se tivesse caído do céu. Talvez não do céu. Se ela tivesse caído do céu, teria aterrissado em barras de ferro. Ela estava dentro da Gaiola, em um telhado, as asas estendidas bem abertas atrás de si.

Por toda a volta, ela sentia os ritmos frenéticos da cidade, e os ouvia e sentia seus cheiros também — agitação, preparativos. Carne sendo assada; instrumentos, afinados. Um teste de fogos de artifício passou chiando como um anjo bastardo. Ela devia estar se preparando também. Em vez disso, estava deitada de costas, se escondendo. Não estava vestida para festa, mas usando suas roupas de couro usuais, de soldado — calças que se ajustavam como uma pele até os joelhos, e um colete amarrado nas costas, com lugar para as asas. Suas lâminas, moldadas em homenagem às luas irmãs, estavam de cada lado de seu corpo. Ela parecia relaxada, até mesmo sem energia, mas seu estômago estava agitado, e os punhos, cerrados.

A lua não estava ajudando. Embora o sol tivesse ido embora — era a tarde em sua plena refulgência —, Nitid já tinha aparecido no céu, como se Madrigal precisasse mesmo de um sinal. Nitid era a lua brilhante, a irmã mais velha, e houvera uma crença entre os Kirin que dizia que, quando Nitid se levantava cedo, era porque estava ansiosa e alguma coisa iria acontecer. Bem, naquela noite certamente alguma coisa iria acontecer, mas Madrigal ainda não sabia o quê.

Dependia dela. Tensa, sua decisão não tomada parecia um arco bem — retesado.

Uma sombra, um vento agitado por asas, e sua irmã Chiro estava deslizando para se sentar ao seu lado.

— Aí está você — disse ela. — Se escondendo.

— Não estou... — Madrigal começou a protestar, mas Chiro não estava ouvindo.

— Levante daí. — Ela chutou os pés de Madrigal. — Ande, ande, ande. Vim levá-la para os banhos.

— Banhos? Está tentando me dizer alguma coisa? — Madrigal cheirou o próprio corpo. — Tenho quase certeza de que não estou fedendo.

— Talvez não, mas entre *esplendorosamente limpa e não estar fedendo* há uma grande diferença.

Como Madrigal, Chiro tinha asas de morcego; ao contrário dela, sua aparência era de criatura, com a cabeça de um chacal. Elas não eram irmãs de sangue. Quando Madrigal ficou órfã após uma incursão escravagista que tomou sua tribo, os sobreviventes foram para Loramendi — um punhado de idosos com os poucos bebês que haviam conseguido esconder nas cavernas, e Madrigal. Ela tinha sete anos, e não fora levada apenas porque não estava lá na hora. Estivera sobre o pico de uma montanha recolhendo as mudas de pele dos elementais do ar de seus ninhos abandonados, e havia voltado para a ruína, os corpos, a perda. Seus pais estavam entre os que haviam sido levados, não os mortos, e durante muito tempo ela havia sonhado que os encontraria e os libertaria, mas o império era imenso e engolia seus escravos por inteiro, e ficava cada vez mais difícil se agarrar a esse sonho conforme crescia.

Em Loramendi, a família de Chiro, da raça do deserto Sab, tinha sido escolhida para adotá-la principalmente porque, sendo alados, poderiam acompanhá-la. Ela e Chiro haviam crescido lado a lado, como irmãs em tudo, a não ser pelo sangue.

As ancas de Chiro eram felinas, mais precisamente de caracal, e quando ela se agachou ao lado de Madrigal, sua pose parecia a de uma esfinge.

— Para o baile, espero que você prefira estar esplendorosamente limpa — disse ela.

Madrigal suspirou.

— O baile.

— Você não esqueceu — advertiu Chiro. — Não finja que esqueceu.

Ela estava certa, é claro. Madrigal não tinha esquecido. Como poderia?

— Levanta. — Chiro chutou seu pé novamente. — Vamos, vamos, vamos.

— Pare com isso — murmurou Madrigal, ficando onde estava e chutando-a de volta de maneira desanimada.

— Diga-me que você pelo menos arrumou um vestido e uma máscara — falou Chiro.

— Em que momento eu teria arrumado um vestido e uma máscara? Só voltei de Ezeret há...

— Há *uma semana,* o que é tempo suficiente. Sinceramente, Mad, não é como se fosse só mais um baile.

Exatamente, pensou Madrigal. Se fosse, ela não estaria se escondendo no telhado, tentando esquecer aquilo que pairava sobre ela e que fazia seu coração disparar como ratos-escorpião sempre que pensava no assunto. Estaria se arrumando, empolgada com o maior festival do ano: o aniversário do Comandante.

— Thiago vai estar de olho em você — disse Chiro, como se aquilo pudesse ter escapado à irmã.

— Vai estar babando em cima de mim, você quer dizer. Olhando maliciosamente, lambendo os dentes e esperando por um gesto.

— Como você merece ser olhada. Ah, vamos lá, é o Thiago. Não me diga que não fica animada?

Ficava? O general Thiago — "o Lobo Branco" — era invencível, fulgurante e letal, a ruína dos anjos e arquiteto de vitórias impossíveis. Ele também era bonito, e o corpo de Madrigal sempre ficava inquieto quando ele estava por perto, embora ela não soubesse dizer exatamente se era desejo ou medo. Thiago havia anunciado que estava pronto para se casar novamente, e quem era sua candidata preferida: ela. Sua atenção fazia com que ela se sentisse cálida e nervosa, dócil e inconsequente e ao mesmo tempo rebelde, como se a presença opressiva dele fosse algo contra o qual se precisasse lutar, para não se perder em meio à grande sombra que era ele, consumindo tudo ao seu redor.

Cabia a ela encorajar ou não a corte — que não era romântica, mas que Madrigal não podia dizer que não era estimulante.

Thiago era poderoso e tinha músculos perfeitos como uma estátua, de aparência altamente humana, com pernas que se modificavam na altura dos joelhos não para pernas de antílope como as dela, mas para imensas patas almofadadas de lobo, cobertas por um sedoso pelo branco. O cabelo dele também era branco e sedoso, embora seu rosto fosse jovem, e Madrigal uma vez vira seu peito, através de uma abertura na cortina de sua barraca de acampamento, e sabia que também era coberto de pelos brancos.

Estava passando quando um intendente irrompeu da barraca, e vira então o general sendo vestido com sua armadura. Ladeado por criados, os braços estendidos um pouco antes que o peitoral de couro fosse ajustado no lugar — seu torso era um estonteante V de força masculina, estreitando-se em quadris esguios; a calça baixa, presa logo abaixo de seus músculos abdominais perfeitos. Ela só viu de relance, mas a imagem dele meio vestido ficara em sua mente desde então. Sentiu um leve arrepio ao pensar nele.

— Bem, talvez um pouco — admitiu, e Chiro riu.

O som atingiu uma nota falsa, e Madrigal pensou, com uma pontada de dor, que sua irmã estava com ciúme. Isso a fez ter mais consciência em relação à honra de ser a escolhida de Thiago. Ele poderia ter quem quisesse, e ele a queria.

Mas ela o queria? Se quisesse, sinceramente, não seria fácil? Ela já não estaria nos banhos, passando óleos e perfumes, e sonhando com o toque dele? Um suave tremor percorreu seu corpo, e ela se convenceu de que só estava nervosa.

— O que você acha que ele faria se... se eu o rejeitasse? — arriscou ela. Chiro ficou chocada.

— Rejeitá-lo? Você deve estar doente. — Ela tocou a testa de Madrigal. — Você já comeu hoje? Está bêbada?

— Ah, pare com isso — disse Madrigal, empurrando a mão de Chiro.

— É só que... quero dizer, você consegue se imaginar, sabe... com ele?

Quando Madrigal pensava nisso, imaginava Thiago pesado e arfante, e... mordendo; isso a fazia querer se encolher num canto. Mas, por outro lado, ela não tinha muita experiência; talvez só estivesse nervosa e completamente equivocada em relação a ele.

— Por que eu imaginaria isso? — perguntou Chiro. — Ele não me escolheria.

Não havia nenhum rancor detectável em sua voz. Na verdade, foi um pouco radiante demais.

Ela estava falando, é claro, de sua aparência — as raças de quimera casavam entre si, embora os limites dessas uniões estivessem ligados à aparência —, mas era mais do que isso. Mesmo que ela fosse altamente humana, Chiro não satisfaria o outro critério de Thiago. Não era uma questão de casta. Era seu próprio fetiche, e era a sorte de Madrigal — se boa ou má sorte, ela ainda não havia decidido — corresponder às exigências. Diferente de Chiro, suas próprias mãos não eram marcadas pelos hamsás, com tudo o que significavam. Ela nunca tinha acordado em uma mesa de pedra ao cheiro persistente de fumaça espectral. As palmas de suas mãos não tinham nada.

Ela ainda era "pura".

— É tanta hipocrisia — disse Madrigal. — Esse fetiche dele por pureza. Ele mesmo não é puro! Não é nem...

Chiro a interrompeu:

— Sim, bem, ele é o Thiago, não é? Ele pode ser quem quiser. Ao contrário de alguns de nós.

Havia uma farpa nisso, direcionada a Madrigal, que conseguiu o que todos os chutes não tinham conseguido. Madrigal se sentou de um pulo.

— *Alguns* de nós deviam aprender a apreciar o que têm — replicou.

— Brimstone disse...

— Ah, Brimstone disse isso, Brimstone disse aquilo. O todo-poderoso Brimstone se dignou a lhe dar algum conselho sobre Thiago?

— Não — respondeu Madrigal. — Não deu.

Ela achava que Brimstone devia saber que Thiago a estava cortejando, se é que aquilo poderia se chamar assim, mas não tinha tocado no assunto, e ela estava feliz por isso. Havia um caráter sagrado na presença de Brimstone, uma pureza de propósito que ninguém mais possuía. Toda a sua vida era dedicada ao trabalho, seu incrível, belo e terrível trabalho. A catedral subterrânea, a loja com o ar cheio de poeira, impregnado pelas vibrações sussurrantes de milhares de dentes, e principalmente seu portal tentador, e o mundo ao qual ele levava. Tudo isso exercia grande fascínio sobre Madrigal.

Ela passava o máximo de seu tempo livre com Brimstone. Após anos de insistência, tinha conseguido que ele lhe ensinasse — uma novidade para ele —, e ela sentia muito mais orgulho da confiança dele que do desejo de Thiago.

— Bem, talvez você devesse perguntar a ele, se não consegue mesmo decidir o que fazer — aconselhou Chiro.

— Não vou perguntar a ele — disse Madrigal, irritada. — Eu mesma vou cuidar disso.

— Cuidar disso? Pobre de você com seus problemas. Nem todo mundo tem uma chance como essa, Madrigal. Ser a esposa de Thiago? Trocar couro por seda, e alojamentos por um palácio, estar segura, se sentir amada, ter status, ter filhos e envelhecer...

A voz de Chiro estava vacilando, e Madrigal sabia o que ela iria dizer em seguida. Queria que ela não falasse; já estava envergonhada. O problema dela não era nada, não para Chiro, que tinha os hamsás. Chiro, que sabia o que era morrer.

Chiro levou a mão trêmula até o peito, onde a flecha de um serafim a havia perfurado no cerco de Kalamet no ano anterior, e a matara.

— Mad, você tem a chance de envelhecer na pele em que nasceu. Alguns de nós só têm mais morte a esperar. Morte, morte e morte.

Madrigal olhou para as próprias mãos limpas e disse:

— Eu sei.

49 DENTES

Era o segredo no coração da resistência quimera, a coisa que atormentava os anjos, que os mantinha acordados à noite, que atormentava os anjos, que os mantinha acordados à noite, que martelava em suas mentes e dilacerava suas almas. Era a resposta ao mistério dos exércitos de feras, que, como pesadelos, não paravam de surgir, sem nunca diminuir, não importando quantos deles os serafins abatessem.

Quando Chiro levou a flechada em Kalamet, um ano antes, Madrigal estava a seu lado. Abraçou a irmã enquanto ela morria, o sangue espumando pelos caninos afiados enquanto ela se debatia, até finalmente parar de se mexer. Madrigal fez o que tinha sido treinada a fazer, e o que fizera várias vezes antes, embora nunca com um amigo tão próximo.

Com mãos firmes, ela acendeu o incenso no turíbulo que pendia, como uma lanterna, na ponta de seu bastão de colher — o cajado longo e curvo que os soldados quimeras carregavam amarrados às costas — e esperou enquanto a fumaça envolvia Chiro. Choviam flechas, muitas delas, e perigosamente próximas, mas ela não saiu até que acabasse. Dois minutos para ter certeza; aquele era o padrão. Dois minutos pareceram duas horas em meio a tantas flechas, mas Madrigal não recuou. Podia não haver outra chance. Um violento ataque serafim estava fazendo com que se afastassem da muralha de Kalamet. Poderia levar o corpo de Chiro com ela, ou completar a coleta e deixá-lo para trás.

O que não era uma opção era deixá-lo ali com a alma de Chiro presa nele.

Quando Madrigal finalmente recuou, levou a alma da irmã consigo, segura dentro do turíbulo, apenas uma das muitas almas que colheria naquele dia. Os corpos eram deixados para apodrecer. Corpos eram apenas corpos, apenas coisas.

De volta a Loramendi, Brimstone já estaria fazendo novos.

* * *

Brimstone era um ressurreicionista.

Ele não insuflava a vida de volta nos corpos dilacerados; ele fazia corpos. Essa era a magia realizada na catedral sob a terra. A partir das relíquias mais triviais — dentes —, Brimstone conjurava novos corpos para serem preenchidos com as almas dos guerreiros mortos. Desse jeito, o exército quimera se erguia, ano após ano, contra o poder superior dos anjos.

Sem Brimstone, e sem dentes, os quimeras não resistiriam. Não havia dúvida. Seria o fim.

* * *

— Esse é para Chiro — dissera Madrigal, entregando um colar de dentes para Brimstone.

Humanos, de morcego, caracal e chacal. Ela havia trabalhado naquilo por horas a fio, sem dormir nem comer desde que tinha voltado de Kalamet. Suas pálpebras pesavam como chumbo. Segurara cada dente de chacal do pote e o ouvira até estar certa de ter os melhores — os mais limpos, lisos, afiados, fortes. Fez o mesmo com os outros dentes e as pedras preciosas unidas no mesmo cordão: jade para graciosidade, diamantes para força e beleza. Diamantes eram um luxo nem sempre concedido a um soldado comum, mas Madrigal, ousada, os havia usado, e Brimstone permitira.

Ele só precisou segurar o colar por um instante para ver que estava correto. Como havia lhe ensinado, ela prendera dentes e pedras em uma configuração cuidadosa para a conjuração de um corpo. Se fossem presos em outra ordem, o corpo se manifestaria de acordo: cabeça de morcego, em vez da de chacal, pernas humanas em vez das de caracal. Era parte receita, parte intuição, e Madrigal tinha certeza de que o colar estava perfeito.

Ressuscitada, Chiro pareceria quase igual ao que era em seu corpo original.

— Muito bom — elogiou Brimstone.

Então fez uma coisa rara: tocou-a. Uma enorme mão veio pousar brevemente atrás de seu pescoço antes de se afastar.

Ela corou, orgulhosa; Issa viu e sorriu. Um "muito bom" de Brimstone era bastante incomum; o toque era algo especial. Tudo entre os dois era incomum, na verdade, e conquistado a duras penas por Madrigal.

Brimstone era um eremita, raramente visto fora de seus domínios na torre oeste de Loramendi. Quando aparecia em algum lugar, era ao lado esquerdo do Comandante, e inspirava idêntica reverência, ainda que de um tipo diferente. Os dois eram mitos vivos, quase deuses. Foram eles, afinal, que orquestraram o levante em Astrae que culminou com seus senhores anjos mortos em poças de sangue, e os sobreviventes afastados por anos a fio, conforme os quimeras se fortaleciam como povo e arrancavam grandes extensões de terra do império para estabelecer as terras livres.

O papel do Comandante era claro — tinha sido o general, o rosto e a voz da rebelião, e era adorado como o pai das raças aliadas. Mas a parte de Brimstone nos acontecimentos era mais obscura, e sua temível personalidade lhe rendera uma aura de

mistério e muitas especulações, em vez de adulação. Ele era objeto de vários rumores imaginativos — alguns dos quais tinham algo de verdadeiro, enquanto outros nem chegavam perto.

Na verdade, por exemplo, ele não comia humanos.

Ele tinha um portal para o mundo deles, como Madrigal teve a chance de descobrir, em primeira mão, aos dez anos, quando fora designada para ser sua ajudante.

A preceptora juvenil a escolheu por causa de suas asas; pura sorte. Ela poderia igualmente ter escolhido Chiro, mas não. Escolheu Madrigal, órfã há três anos, magra, curiosa e solitária, e a enviou até lá com a orientação vaga de fazer o que lhe dissessem para fazer, e não falar nada sobre o que aprendesse.

O que ela iria aprender? Todo aquele segredo tinha agitado a mente da jovem Madrigal, e foi com olhos arregalados e muito nervosismo que ela se apresentou à torre oeste, para ser levada até a loja por uma mulher-naja de rosto doce — Issa —, onde lhe ofereceram chá. Ela aceitou, mas não bebeu, tão preocupada estava em observar tudo com atenção: Brimstone, antes de mais nada, era bem maior de perto do que ela havia imaginado pelas poucas vezes em que o vira de longe rapidamente. Imenso, ele se agigantava atrás de sua escrivaninha, ignorando-a. Nas sombras, seu rabo peludo balançava como o de um gato, deixando-a nervosa. Ela olhou em volta para as prateleiras e os livros empoeirados; olhou para a grande porta em suas dobradiças de bronze com arabescos que talvez, apenas talvez, se abrisse para outro mundo; e, é claro, ela olhou para os dentes.

Aquilo era inesperado. Para todo lado, o claque-claque de cordões de dentes, os potes empoeirados cheios deles, dentes afiados e rombudos, enormes e estranhos, e pequenos como pedras de granizo. Seus dedos jovens se coçaram para tocá-los, mas, logo que o pensamento lhe passou pela cabeça, Brimstone, como se tivesse ouvido a ideia esvoaçar até lá, lançou-lhe um olhar penetrante com aquelas pupilas em fenda, e o impulso morreu na hora. Madrigal congelou. Ele desviou o olhar, e ela ficou paralisada por quase um minuto inteiro antes de se aventurar a esticar um dedo para tocar uma presa curva de javali...

— Não.

Oh, a voz dele! Que coisa era, profunda como uma catacumba! Ela devia ter ficado assustada, e talvez estivesse, um pouco, mas a agitação em sua mente era mais forte.

— Para que servem todos eles? — perguntou ela, temerosa.

A primeira pergunta de muitas. Muitas, muitas mesmo. Brimstone não respondeu. Apenas terminou a mensagem que estava escrevendo em um espesso papel bege e mandou que ela a levasse até o intendente do Comandante. Era só para isso que ele queria a ajuda dela: levar mensagens e realizar tarefas para poupar Twiga e Yasri de subir e descer correndo a longa escada em espiral. Com certeza, ele não estava à procura de uma aprendiz.

Mas logo que Madrigal compreendeu a plenitude de sua magia — ressurreição! Nada menos que a imortalidade, a preservação dos quimeras e toda esperança para a liberdade e autonomia deles, para sempre —, não ficou satisfeita em ser uma ajudante.

— Posso espanar o pó dos potes para você.

— Posso ajudar. Eu podia fazer alguns colares também.

— Esses são de jacaré ou crocodilo? Como você sabe a diferença?

Como forma de provar seu valor, ela trouxera para ele maços de desenhos de possíveis configurações de quimeras.

— Aqui está um tigre com chifres de touro, está vendo? E este aqui é um guepardo-mandril. Você podia fazer um desses? Aposto que eu conseguiria fazer um desses.

Ela era ansiosa e estridente.

— Eu posso ajudar.

Pensativa, fascinada.

— Eu posso aprender.

Determinada, incorrigível.

— Eu posso *aprender*.

Não entendia por que ele não queria ensinar. Mais tarde, perceberia que era porque ele não queria dividir o fardo com ninguém — que o que ele fazia era bonito, mas terrível também, e a parte terrível superava de longe a bela. Mas, na época em que percebeu isso, já não se importou. Já estava envolvida.

— Aqui. Selecione estes — disse Brimstone a ela um dia, empurrando uma bandeja de dentes por cima da escrivaninha em sua direção.

Madrigal já trabalhava com ele havia alguns anos, como ajudante, e ele tinha sido firme mantendo-a naquela função. Até então.

Issa, Yasri e Twiga pararam o que estavam fazendo e viraram as cabeças para observar. Aquilo era um... teste? Brimstone os ignorou, ocupado com alguma coisa em seu cofre, e Madrigal, quase com medo de respirar, colocou a bandeja à sua frente e, em silêncio, começou a trabalhar.

Eram dentes de urso. Brimstone provavelmente esperava que ela os separasse por tamanho, mas Madrigal já o observava há anos naquela época. Ela pegou cada dente e... ouviu. Escutou com as pontas dos dedos, e separou os poucos que não pareciam normais — estragados, Brimstone lhe disse depois —, descartou-os, e organizou os outros em pilhas pela sensação que lhe passavam, não pelo tamanho. Quando ela empurrou a bandeja de volta para ele, teve a grande satisfação de ver seus olhos se arregalarem e se levantarem para observá-la de maneira inteiramente nova.

— Muito bom — disse a ela pela primeira vez.

Madrigal sentiu o coração disparar de uma maneira estranha enquanto, no canto, Issa enxugou os olhos.

Depois disso, e o tempo todo fingindo que não estava fazendo tal coisa, ele começou a ensiná-la.

Ela aprendeu que a magia era feia — uma dura barganha com o universo, um cálculo de dor. Há muito tempo, curandeiros se flagelavam, esfolando a própria pele para acessar o poder de sua agonia, ou até mesmo se mutilavam, esmagando ossos e imobilizando-os de maneira errada de propósito para criar reservas de dor para a vida inteira. Havia então um equilíbrio, um controle natural quando o próprio sofrimento de alguém é aproveitado. Ao longo do tempo, no entanto, alguns feiticeiros conseguiram meios de trapacear o cálculo e aproveitar-se da dor alheia.

— É para isso que os dentes servem? Uma forma de trapacear? — Parecia um pouco injusto. — Pobres animais — murmurou Madrigal.

Issa lhe lançou um olhar anormalmente duro.

— Talvez você preferisse torturar os escravos.

Foi tão horrível, e tão atípico, que Madrigal só conseguiu ficar olhando para ela. Levaria anos até que ela entendesse o que Issa queria dizer — seria na véspera de sua própria morte, quando Brimstone por fim falou abertamente com ela — e Madrigal ficaria envergonhada por nunca ter entendido aquilo sozinha. As cicatrizes dele. Deveria ter sido óbvio — a malha de cicatrizes na lateral de seu corpo, que pareciam tão antigas, finas marcas entrecruzadas de chicote pelos ombros e costas. Mas como ela poderia ter adivinhado? Mesmo com tudo o que tinha visto — o saque à sua aldeia nas montanhas, os mortos e os perdidos, e os cercos em que tinha lutado —, ela não tinha base para o horror que haviam sido os primeiros anos da vida de Brimstone, e ele não tinha esclarecido nada até então.

Ele lhe ensinou sobre os dentes e como tirar poder deles, como manipular o resíduo de vida e dor neles para criar corpos tão reais quanto os naturais. Era uma magia que ele mesmo concebera, não algo que havia aprendido, mas inventado; o mesmo acontecia com os hamsás. Eles não eram tatuagens, mas parte da própria conjuração, de modo que os corpos vinham à existência já marcados, infundidos com magia de uma forma que nenhum corpo natural poderia ser.

Espectros — como os ressuscitados eram chamados — não precisavam pagar com dor pelo poder; isso já tinha sido feito. Os hamsás eram uma arma mágica paga com a dor da última morte.

Era o destino dos soldados morrerem incontáveis vezes. "Morte, morte e morte", como Chiro colocava. Nunca havia o suficiente deles. Novos soldados estavam sempre surgindo — as crianças de Loramendi e de todas as terras livres, treinadas desde o momento em que conseguiam segurar uma arma —, mas era grande o número de perdas a cada batalha. Mesmo com a ressurreição, os quimeras existiam à beira da aniquilação.

— As feras devem ser destruídas — trovejava Joram após cada discurso para seu conselho de guerra; os anjos eram como a grande sombra da morte, e todos os quimeras viviam no frio dessa escuridão.

Quando os quimeras venciam uma batalha, a colheita era fácil. Os sobreviventes procuravam por toda a terra e cidade pelos corpos dos mortos e extraíam cada alma para levar para Brimstone. Quando eram derrotados, embora arriscassem sua vida para salvar a alma de seus companheiros caídos, muitos eram deixados para trás e perdidos para sempre.

O incenso nos turíbulos atraía as almas para fora dos corpos. Em um turíbulo selado de forma correta, almas podiam ser preservadas indefinidamente. A céu aberto, expostas aos elementos, era apenas uma questão de dias até evanescerem, desenredadas como respiração no vento, e deixarem de existir.

A evanescência não era, em si, um destino cruel. As coisas serem desfeitas era o rumo natural; isso acontecia com as mortes naturais, todos os dias. E, para um espectro que tinha vivido em corpo atrás de corpo, morrido morte após morte, a evanescência podia parecer um sonho de paz. Mas os quimeras não podiam se dar ao luxo de deixar seus soldados partirem.

— Você iria querer viver para sempre, apenas para morrer repetidas vezes em agonia? — perguntou Brimstone a Madrigal uma vez.

E ao longo dos anos ela viu o que isso fez com ele, impelir a esse destino tantas criaturas boas que nunca eram deixadas em paz para descansar, como isso curvava sua cabeça e o aborrecia e o deixava com o olhar fixo e carrancudo.

Era de tornar-se um espectro que Chiro falava, com o olhar duro, enquanto Madrigal tentava decidir se iria se casar com Thiago. Era um destino ao qual ela podia decidir escapar. Thiago a queria "pura"; faria de tudo para que ela permanecesse assim — já manipulava seus comandantes para manter o batalhão dela longe do perigo. Se ela o escolhesse, nunca teria os hamsás. Nunca iria para a batalha novamente.

E talvez fosse melhor assim — para ela mesma, e para seus companheiros também. Só ela sabia como era inepta para aquilo. Ela odiava matar — mesmo anjos. Nunca tinha contado a ninguém o que fizera em Bullfinch dois anos antes, poupando a vida daquele serafim. E não apenas poupando, mas salvando a vida dele! Que loucura tinha tomado conta dela? Ela atara a ferida. Acariciara o rosto dele. Uma onda de vergonha sempre a atingia quando se lembrava — pelo menos ela escolhia chamar de vergonha aquilo que acelerava sua pulsação e corava seu rosto.

Como era quente a pele do anjo, como febre, e seus olhos, como fogo.

Ela era assombrada constantemente por um pensamento: será que ele havia sobrevivido? Esperava que não, e que qualquer evidência de sua traição tivesse morrido lá mesmo, no nevoeiro de Bullfinch. Ou tentava se convencer disso.

Era só nos momentos em que acordava, com a ponta de um sonho ainda levemente ao seu alcance, que a verdade vinha à tona. Sonhava que o anjo estava vivo. Esperava que estivesse. Negava, mas aquilo persistia, surgindo em lampejos para sobressaltá-la, sempre acompanhados de uma pulsação acelerada, um rubor e de tremores rápidos e estranhos que iam até as pontas de seus dedos.

Ela às vezes achava que Brimstone sabia. Uma ou duas vezes, quando a lembrança a pegou desprevenida, com aqueles tremores, ele havia levantado o olhar de seu trabalho, como se alguma coisa tivesse chamado sua atenção. Kishmish, empoleirado em seu chifre, olhava também, e ambos a encarariam de forma determinada. Mas, o que quer que Brimstone soubesse, ele nunca disse uma palavra sobre o assunto, assim como não falava nada sobre Thiago, embora devesse saber que a decisão de Madrigal pesava em sua mente.

E naquela noite, no baile, seria decidido, de um jeito ou de outro.

Alguma coisa vai acontecer.

Mas o quê?

Ela disse a si mesma que, quando estivesse diante de Thiago, saberia o que fazer. Rubor e reverência, dançar com ele, bancar a donzela tímida enquanto sorria, aceitando um convite claro? Ou ficar distante, ignorar as investidas dele e continuar um soldado?

— Vamos — chamou Chiro, balançando a cabeça como se Madrigal fosse uma causa perdida. — Nwella deve ter alguma coisa que você possa vestir, mas vai ter que aceitar o que ela lhe der, sem reclamar.

— Está bem — suspirou Madrigal. — Para os banhos, então. Para ficarmos esplendorosamente limpas.

Como legumes, pensou ela, *antes de irem para o fogo.*

50
AÇUCARADA

Não — disse Madrigal, olhando-se no espelho. — Ah, não. Não, não e não.

Nwella tinha mesmo um vestido para ela. Era azul-escuro, de seda iridescente, justo e macio, tão fino que parecia que se dissolveria ao toque. O vestido era coberto por minúsculos cristais que capturavam a luz e a irradiavam de volta como estrelas, e as costas eram nuas, revelando o canal branco e longo da coluna de Madrigal até a base. Era preocupante. Costas e ombros e braços e peito. Peito demais.

— Não.

Ela começou a se encolher para tirar a roupa, mas Chiro a deteve.

— Lembre-se do que eu disse: nada de reclamar.

— Retiro o que disse. Eu me reservo o direito de reclamar.

— Tarde demais. Afinal, a culpa é sua. Você teve uma semana para arrumar um vestido. Vê o que acontece quando se hesita? Outros tomam as decisões por você. Madrigal achou que ela não estava falando do vestido.

— O quê? Isso é um castigo, então?

Do outro lado dela, Nwella parecia orgulhosa. Ela era frágil, com aparência de lagarto, e tinha estudado com Madrigal e Chiro, mas se separara delas quando as duas foram para o treinamento de batalha, e ela para o serviço real.

— Castigo? Deixá-la estonteante, você quer dizer? Olhe para você.

Madrigal olhou mesmo, e o que ela viu foi pele. O mais delicado entremeado de fios de seda subia pelo seu pescoço, prendendo de forma quase invisível o vestido ao corpo.

— Parece que estou nua.

— Você está incrível — disse Nwella.

Era costureira das esposas mais jovens do Comandante, e as mais novas, para dizer de maneira delicada, já não eram mais tão jovens. O Comandante tinha achado apropriado parar de se imporem novas noivas alguns séculos atrás. Como Brimstone, seu corpo era natural, e isso ficava aparente. Thiago, seu primogênito, tinha algumas centenas de anos, embora tivesse a pele de um homem jovem e os hamsás para acompanhar.

Como Madrigal dissera, o fetiche do general por pureza era uma hipocrisia: ele mesmo havia passado por várias ressurreições, e sua hipocrisia era dupla — não só ele não era "puro", como não tinha nascido altamente humano.

O Comandante era da espécie dos Cervos, com uma cabeça de veado: de aparência de criatura, como eram suas esposas, e assim tinha sido Thiago originalmente. Não que fosse incomum para um espectro ressuscitar em um corpo diferente do natural; Brimstone nem sempre podia fazê-los semelhantes. Era uma questão de tempo e disponibilidade de dentes. Mas os corpos de Thiago eram outra questão. Eram criados segundo as especificações precisas dele e, mesmo antes de serem necessários, para que ele pudesse examiná-los à procura de defeitos e aprovar.

Ela havia visto uma vez Thiago verificando uma réplica nua de si mesmo — o invólucro que iria recebê-lo da próxima vez que morresse. Tinha sido macabro. Ela testou o vestido com pequenos puxões, certa de que, se alguém a segurasse com força durante uma dança, acabaria despida.

— Nwella — começou ela, em tom de súplica —, você não tem nada mais... substancial?

— Não para você — disse Nwella. — Um corpo assim, para que iria querer esconder?

Ela sussurrou alguma coisa para Chiro.

— Parem de conspirar — pediu Madrigal. — Pode me arrumar um xale, pelo menos?

— Não — responderam as duas ao mesmo tempo.

Ela nunca se sentira tão exposta como quando caminhou pelo vapor e pela água na altura da coxa com Chiro naquela tarde. Todos já sabiam que ela era a escolhida de Thiago, e todos os pares de olhos no banheiro das mulheres a tinham inspecionado, fazendo-a querer afundar até ficar fora de vista, deixando apenas seus chifres despontando acima da água.

— Deixe que Thiago veja o que está levando — disse Nwella, de maneira maliciosa.

Madrigal enrijeceu.

— Quem disse que ele está levando alguma coisa? — Alguma coisa, ela se ouviu dizer. As palavras pareciam apropriadas, como se ela fosse um objeto, um vestido num cabide. — Me levando — ela se corrigiu. — Quem disse que ele está me levando?

Nwella riu da ideia de que Madrigal pudesse recusá-lo.

— Aqui. — Ela se aproximou com uma máscara. — Nós vamos permitir que você cubra o rosto.

A máscara era um pássaro com as asas abertas, entalhada em madeira leve, preta e enfeitada com penas negras que se abriam em leque dos lados de seu rosto. Quando a luz mudava, arco-íris iridescentes ondulavam pelas penas.

— Ah, que bom! Ninguém vai saber quem sou eu agora — observou Madrigal, irônica; seus chifres e asas fugiam ao

disfarce.

A festa do Comandante era um baile de máscaras, um "venha-sem- ser-você". Quimeras de aparência humana usavam rostos de criaturas, enquanto os de aparência de fera usavam imagens esculpidas de humanos, exageradas em proporções ridículas. Era a única noite do ano para loucura e fingimento, a única noite que parecia diferente da vida normal, mas para Madrigal, naquele ano, não era nada daquilo. Era, em vez disso, uma noite para decidir sua vida.

Com um suspiro, acabou cedendo aos cuidados das amigas. Sentou-se em um banco e as deixou delinear seus olhos com kohl, pintar seus lábios com pasta de pétala de rosas e amarrar pedaços de corrente dourada ultrafina em camadas entre seus chifres, presos com pequenos cristais que cintilavam com a luz. Chiro e Nwella davam risadinhas, como se estivessem preparando uma noiva para sua noite de núpcias, e ocorreu a Madrigal que, de certa forma, poderia ser, se não com relação à cerimônia, pelo menos de alguma maneira.

Se ela aceitasse Thiago, era improvável que fosse voltar para o alojamento naquela noite.

Estremeceu, imaginando as garras dele em seu corpo. Como seria? Ela nunca tinha feito amor — também era "pura" naquele sentido, como imaginava que Thiago devia saber. Ela pensava sobre aquilo, é claro que sim. Estava na idade; seu corpo ardia de desejos, como o de todo mundo, e os quimeras não eram puritanos com relação ao sexo. Madrigal só não tinha achado o momento certo ainda.

— Aí está. Terminamos — disse Chiro.

Ela e Nwella colocaram Madrigal de pé e se afastaram um pouco para avaliar o trabalho.

— Oh — sussurrou Nwella. Houve uma pausa e, quando Chiro falou de novo, foi sem nenhuma emoção na voz.

— Você está linda.

Aquilo não soou como um elogio.

* * *

Depois de Kalamet, quando Chiro acordou na catedral, Madrigal estava lá ao seu lado.

— Você está bem — assegurou-lhe, enquanto Chiro abria os olhos. Era a primeira ressurreição de Chiro, e os espectros diziam que às vezes ficavam desnorteados. Madrigal esperava que, por ter criado um corpo novo tão próximo ao original de sua irmã, a transição seria mais fácil. — Você está bem — disse de novo, segurando a mão de Chiro com o hamsá, símbolo de seu novo status. — Brimstone me deixou fazer seu corpo. Eu usei diamantes. — Sussurrou: — Não conte a ninguém.

Ela ajudou Chiro a se sentar. O pelo de suas ancas felinas era macio, e seus braços humanos também. Com movimentos irregulares, Chiro tocou sua nova pele — quadris, costelas, seios humanos. Sua mão subiu ansiosamente pelo pescoço até sua cabeça, sentiu o pelo que havia lá e o focinho de chacal, e congelou.

Emitiu um som como se estivesse engasgando, e a princípio Madrigal achou que fosse apenas o problema de uma garganta recém-feita e uma boca que nunca tinha falado nada antes. Mas não era.

Chiro afastou a mão de Madrigal.

— *Você* fez isso?

Madrigal deu um passo para trás.

— Está... Está perfeito — murmurou ela, vacilante. — Está quase igual ao seu verdadeiro...

— E é tudo o que eu mereço? Uma aparência de fera? Obrigada, minha irmã. Obrigada.

— Chiro...

— Você não poderia ter me feito altamente humana? O que são uns poucos dentes para você? Para Brimstone?

A ideia nem passara pela cabeça de Madrigal.

— Mas... Chiro. Essa é você.

— Eu. — Sua voz soava diferente; tinha um tom mais profundo que a original, e Madrigal não sabia dizer quanto disso era pelo fato de ser algo novo, mas, o que quer que fosse, era ácida e feia. — *Você* gostaria de ser *eu?*

— Não entendo — respondeu Madrigal, magoada e confusa.

— Não, você não entende — disse Chiro. — Você é linda.

* * *

Mais tarde, ela pedira desculpas. Tinha sido o choque, ela disse. O novo corpo parecia apertado, inflexível, ela mal podia respirar. Uma vez que ela se acostumou, elogiou a força, seus movimentos ágeis. Podia voar mais rápido que antes; seus movimentos eram ligeiros como um chicote, seus dentes e visão, mais aguçados. Disse que ela era como um violino depois de ser afinado — igual, porém melhor.

— Obrigada, minha irmã — dissera, e parecia sincera.

Mas Madrigal se lembrava da forma rancorosa com que tinha dito: Você é linda. Soou exatamente do mesmo jeito agora.

Nwella foi mais exuberante.

— Tão linda! — cantarolou. Franziu então a testa escamosa e pegou o amuleto que ficava pendurado no pescoço de Madrigal. — É claro que você vai ter que tirar isso — disse ela, mas Madrigal se afastou.

— Não! — gritou ela, fechando a mão em volta dele.

— Só esta noite, Mad — Nwella tentou persuadi-la. — Não combina com a ocasião.

— Esqueça — disse Madrigal.

O tom de sua voz dissuadiu Nwella de insistir no assunto.

— Ok — disse, com um suspiro, e Madrigal soltou o osso da sorte da mão em concha, e ele voltou a se acomodar no lugar, onde as clavículas dela se encontravam.

Não era bonito ou elegante, apenas um osso, e ela viu claramente que não fazia jus a seu decote, mas não ligava. Era o que ela usava.

Nwella observou-o, pesarosa, e depois se virou para procurar em sua gaveta de cosméticos.

— Aqui então, pelo menos isso.

Ela se aproximou com uma tigela prateada e uma grande escova macia e, antes que Madrigal soubesse o que estava acontecendo, Nwella tinha polvilhado o peito, o pescoço e os ombros dela com alguma coisa brilhante.

— O que é...?

— Açúcar — disse ela, rindo.

— Nwella!

Madrigal tentou limpar aquilo, mas o pó era muito fino e tinha grudado: açúcar em pó, que as garotas usavam quando planejavam serem provadas. Se seus lábios da cor de pétalas de rosa e costas nuas não fossem convite suficiente para Thiago, pensou Madrigal, aquilo certamente seria. Seu brilho revelador podia muito bem ser uma placa dizendo ME LAMBA.

— Agora você não parece um soldado — observou Nwella.

Era verdade. Ela parecia uma garota que tinha tomado sua decisão. Será que tinha? Todos achavam que sim, o que quase parecia a mesma coisa. Mas não era tarde demais. Ela podia escolher nem ir ao baile — isso mandaria uma mensagem bem diferente do que aparecer por lá açucarada. Tinha só que decidir o que queria.

Ficou se olhando no espelho por um bom tempo. Sentia-se zonza, como se o futuro estivesse correndo em sua direção.

E estava mesmo, embora naquele instante Madrigal não pudesse ter ideia de que ele estivesse indo até ela com asas invisíveis e olhos que nenhuma máscara poderia disfarçar, e que as escolhas que tinha antes logo seriam varridas como poeira agitada pelo bater de asas, deixando em seu lugar o impensável.

Amor.

— Vamos — disse ela, e deu os braços a Chiro e Nwella e saiu ao encontro do futuro.

51
A SERPENTINA

A rua principal de Loramendi, a Serpentina, se tornava a rota da procissão no aniversário do Comandante. O costume era dançar por toda a sua extensão, companheiro mascarado por companheiro mascarado por todo o caminho até a ágora, o lugar de festividades da cidade. O baile era lá, sob milhares de lanternas que pendiam como estrelas das barras da Gaiola, fazendo do lugar, por uma noite, um mundo em miniatura com seu próprio firmamento.

Madrigal mergulhou na multidão com as amigas, como fizera durante anos no passado, mas, dessa vez, ela percebeu de imediato, as coisas eram diferentes.

Ela podia estar mascarada, mas não estava disfarçada — sua aparência era inconfundível —, e podia estar açucarada, mas ninguém tomava o brilho em seus ombros como um convite. Sabiam que ela não estava ali por causa deles. Na alegria selvagem da rua, ela estava tão separada como se estivesse deslizando por ali em uma esfera de cristal.

Repetidas vezes, Chiro e Nwella eram envolvidas em abraços de estranhos e beijadas, máscara contra máscara. Essa era a tradição: uma dança de giros e batidas de pé, pontuada abundantemente por beijos, para celebrar a unidade entre as raças. Músicos se reuniam a alguns intervalos, e os foliões passavam, então, de melodia em melodia, assim como de mão em mão, sem trégua. A música fogosa os impelia a rodopiar para a frente, mas ninguém tirava Madrigal para dançar. Várias vezes algum soldado seguia em sua direção — um chegou a pegar sua mão —, mas sempre havia um amigo lá para puxá-lo de volta e sussurrar um aviso. Madrigal não conseguia ouvir o que diziam, mas podia imaginar.

Ela é de Thiago.

Ninguém a tocava. Ela seguia sozinha pela folia.

Onde estava Thiago, ela se perguntava, seus olhos disparando de máscara em máscara. Quando via de relance longos pelos brancos ou alguém com aparência de lobo, seu coração disparava, achando que era ele, mas nunca era. Os longos pelos brancos eram de uma velha senhora, e Madrigal teve de rir de seu próprio nervosismo.

Todos os cidadãos de Loramendi estavam nas ruas, mas de alguma forma o espaço se abria em volta dela, que continuava sozinha, seguindo no rastro de suas amigas em direção à ágora. Thiago estaria lá, ela achava, provavelmente ao lado do pai na varanda do palácio, observando a multidão aumentar enquanto a procissão derramava onda após onda de quimeras na praça.

Ele estaria esperando a chegada dela.

Inconscientemente, ela desacelerou os passos. Nwella e Chiro seguiam rodopiando à frente com suas máscaras, beijando. Na maior parte do tempo, elas só tocavam os lábios de suas máscaras nos lábios — bicos, focinhos, mandíbulas — de outras máscaras, mas houve beijos de verdade também, sem nenhuma preocupação com a aparência. Madrigal sabia como era pelos festivais anteriores, o hálito de vinho dos desconhecidos, o roçar de um bigode de tigre, ou de dragão, ou de homem. Mas não naquela noite.

Naquela noite, ela estava em isolamento — era tocada por olhares, mas não por mãos e certamente não por lábios. A Serpentina parecia longa demais para se percorrer sozinha.

Então alguém pegou seu cotovelo. O toque a fez estremecer, como se tivesse vindo para acabar com seu isolamento. Quando pensou que podia ser Thiago, ela congelou.

Mas não. Aquele que estava ao seu lado usava uma máscara de cavalo moldada em couro que cobria completamente sua cabeça. Thiago nunca usaria uma cabeça de cavalo, ou nenhuma outra máscara para esconder o rosto. Ele usava a mesma coisa todos os anos no baile: uma cabeça de lobo verdadeira sobre a sua, o maxilar inferior removido, de forma que parecia uma espécie de toucado, os olhos substituídos por vidro azul, fixos e vazios.

Então quem era este? Alguém tolo o bastante para tocá-la? Muito bem. Ele era alto, uma cabeça mais alto do que ela, fazendo com que Madrigal tivesse de olhar para cima, apoiando a mão no ombro dele, para tocar o focinho de cavalo dele com o bico de sua máscara. Um "beijo", para provar que ela ainda pertencia a si mesma.

E, como se algum encanto tivesse se quebrado, ela fazia parte da multidão de novo, girando na dança pouco graciosa da celebração, com o desconhecido como parceiro. Ele a conduzia pelo caminho, protegendo-a para evitar que fosse empurrada pelas criaturas maiores. Podia sentir a força dele; ele poderia facilmente tê-la levado adiante sem que seus pés sequer tocassem o chão. Ele devia tê-la soltado após um rodopio ou dois, mas não. Suas mãos — com luvas — continuavam a segurá-la. E, como Madrigal achava que ninguém mais dançaria com ela se ele a soltasse, não se afastou. Era bom estar dançando, e ela se entregou, esquecendo-se até mesmo das preocupações com o vestido. Apesar da aparência frágil, ele estava aguentando bem, e quando ela girava, o vestido se erguia em ondas em volta de seus cascos de gazela, leve e adorável.

Como parte daquela maré efervescente e animada, eles fluíram adiante. Madrigal perdeu as amigas de vista, mas o desconhecido com máscara de cavalo não a abandonou, e, quando a procissão chegou perto do final da Serpentina, o fluxo começou a engarrafar. A dança desacelerou para um balanço e ela acabou ali de frente para ele, a respiração de ambos acelerada.

Ela olhou para cima, envergonhada e sorridente atrás de sua máscara de pássaro, e disse:

— Obrigada.

— Senhorita, eu é que agradeço. A honra é minha.

A voz dele era rica, o sotaque, estranho. Madrigal não conseguia identificar. Dos territórios orientais, talvez.

— Você é mais corajoso que os demais, aventurando-se a dançar comigo.

— Corajoso? — Sua máscara não tinha expressão, é claro, mas ele virou a cabeça para um lado e, pelo seu tom, Madrigal percebeu que não sabia do que ela estava falando. Era possível que ele não soubesse quem ela era (de quem ela era?). — Você é tão feroz assim? — perguntou, fazendo-a sorrir.

— Aterrorizante. Pelo visto.

De novo, a inclinação de cabeça.

— Você não sabe quem eu sou.

Ela estava estranhamente decepcionada. Tinha achado que ele podia ser uma alma destemida, que desconsiderava o medo geral que todos sentiam de Thiago, mas aparentemente ele apenas desconhecia o risco.

A cabeça dele se inclinou em direção a ela, o focinho da máscara dele tocando sua orelha. Em torno dele, havia uma aura de calor.

— Eu sei quem você é. Vim aqui por você.

— Veio? — Ela se sentiu levemente zonza, como quem bebeu vinho, embora não tivesse provado um gole sequer. — Diga-me, então, sir Cavalo. Quem sou eu?

— Ah, bem, isso não é completamente justo, lady Pássaro. Você nunca me disse seu nome.

— Está vendo? Você não sabe. Mas eu tenho um segredo. — Ela deu um tapinha no bico e sussurrou, sorrindo: — Isso é uma máscara. Não sou realmente um pássaro.

Ele recuou, fingindo surpresa, embora sua mão continuasse no braço dela.

— Não é um pássaro? Fui enganado.

— Então, como vê, qualquer que seja a dama pela qual esteja procurando, ela está sozinha em algum lugar, à sua espera. — Ela quase lamentava despachá-lo, mas a ágora não estava mais muito distante. Não queria despertar a raiva de Thiago contra ele, não depois de tê-la salvado de dançar sozinha por toda Serpentina. — Vá em frente — encorajou-o. — Vá encontrá-la.

— Já encontrei quem estava procurando — disse ele. — Posso não saber seu nome, mas conheço você. E também tenho um segredo.

— Não me diga. Na verdade, você não é um cavalo? Ela estava olhando para ele; a voz parecia familiar, mas de uma forma vaga e distante, como algo com que tivesse sonhado.

Ela tentou ver através da máscara, mas ele era muito alto; de seu ângulo de visão, tudo o que conseguia identificar através das aberturas dos olhos era sombra.

— É verdade — confessou ele. — Não sou um cavalo.

— E o que você é?

Ela realmente estava se perguntando agora — quem era ele? Alguém que ela conhecia? Máscaras para pregar peças e muitas brincadeiras travessas eram feitas no aniversário do Comandante, mas Madrigal não achava que alguém brincaria com ela naquela noite.

A resposta dele foi engolida pelo aumento do barulho, uma vez que se aproximavam dos últimos músicos da rua. Trinados como cantos de pássaro, um alaúde fanhoso, a ululação gutural dos cantores, e ainda, como uma pulsação sob a pele, a cadência dos tambores transmitindo a urgência da dança. Havia corpos bem próximos por todos os lados, o do desconhecido mais perto que todos. Uma onda na multidão pressionou-o contra Madrigal e ela sentiu o volume e a amplitude dos ombros dele através da capa que usava.

E calor.

Ela se deu conta de como estava exposta e do pó de açúcar e, claramente, de seus próprios batimentos acelerados, e do calor que aumentava dentro dela. Madrigal corou e se afastou, ou tentou, mas foi empurrada de volta contra ele. O cheiro dele era quente e fulminante: sal e tempero, o couro pungente de sua máscara, e algo rico e profundo que ela não conseguia identificar, mas fazia com que quisesse se recostar nele, fechar os olhos e inspirar. Ele manteve um braço em volta dela, impedindo que fosse empurrada pela multidão em volta, e não havia nenhum lugar para ir a não ser para a frente, seguindo o fluxo que se afunilava em direção à ágora. Eles estavam no funil, e não havia como voltar.

O desconhecido estava atrás dela, a voz baixa.

— Vim aqui para encontrá-la — disse ele. — Vim para agradecer a você.

— Veio me agradecer? Pelo quê?

Ela não podia se virar. O flanco de um centauro a encurralava de um lado e as voltas de uma naja do outro. Ela pensou ter visto Chiro na confusão. Já podia ver a ágora — logo à frente, emoldurada pela armaria e pela escola de guerra. As lanternas nc alto eram como constelações, seu tremeluzir obscurecendo as estrelas reais, e as luas também. Madrigal pensou por um momento se Nitid — a curiosa Nitid, que gostava de espiar — conseguia ver lá dentro.

Alguma coisa vai acontecer.

— Eu vim para lhe agradecer por salvar minha vida — disse o desconhecido, perto da orelha dela.

Madrigal salvara vidas. Tinha se arrastado na escuridão por campos cheios de companheiros mortos, passado escondida por

patrulhas de serafins para colher almas que, de outra forma, ficariam largadas para a evanescência. Tinha liderado um ataque até um local em que os anjos mantinham seus companheiros presos em uma ravina, e conseguira dar- lhes tempo para fugir. Tinha desviado a flecha de um anjo enquanto ela fazia sua descida mortal em direção a um colega. Havia salvado vidas. Mas todas essas lembranças passaram pela sua cabeça num estalar de dedos, deixando apenas uma.

Bullfinch. Nevoeiro. *Inimigo.*

— Segui sua recomendação — disse ele. — Eu sobrevivi.

Imediatamente, foi como se suas veias estivessem conduzindo fogo.

Ela se virou sem pensar. O rosto dele estava a poucos centímetros do seu, a cabeça dele inclinada para a frente de forma que agora ela conseguia ver dentro da máscara.

Os olhos dele ardiam como chamas.

Ela sussurrou:

— Você.

52
LOUCURA

A onda viva sugou os dois para dentro da ágora, uma corrente de cotovelos e asas, chifres e peles, pelos e carne, e ela foi levada, muda de espanto, seus cascos mal tocando as pedras da rua.

Um serafim, dentro de Loramendi.

Não um *serafim*. *Aquele* serafim. Que ela tinha tocado. Salvado. Ali, na Gaiola, as mãos dele em seus braços, quentes, apesar do couro das luvas, aquele anjo que estava vivo por causa dela.

Ele estava *ali*.

Era tanta loucura que aquilo agitou seus pensamentos de forma mais caótica do que a agitação à sua volta. Ela não conseguia pensar. O que poderia dizer? O que deveria fazer?

Mais tarde, ocorreu-lhe que nem por um instante ela havia considerado fazer o que qualquer um em toda cidade teria feito sem pestanejar: desmascará-lo e gritar: Serafim!

Ela respirou fundo, arfando, e disse:

— Você é louco de estar aqui. Por que veio?

— Eu já disse, vim para agradecer.

Ela pensou algo terrível.

— Assassinato? Você nunca vai chegar perto do Comandante.

— Não. Eu não mancharia a dádiva que você me deu com sangue do seu povo — disse ele, de maneira séria.

A ágora era uma enorme forma oval; era grande o bastante para um exército se reunir, várias falanges lado a lado, mas naquela noite não havia nenhuma tropa no meio dela, somente dançarinos se movendo nos intrincados padrões de um bailado cadenciado. Aqueles que saíam da Serpentina seguiam em volta da praça onde a densidade dos corpos era maior. Havia barris de vinho entre as mesas repletas de comida, e o povo se reunia em grupos, crianças em seus ombros, todos rindo e cantando.

Madrigal e o anjo ainda estavam presos no turbulento delta da Serpentina. Ele a ancorava, firme como um quebra-mar. Ainda confusa e arfante devido ao choque, Madrigal não tentou se afastar.

— Dádiva? — indagou ela, incrédula. — Você não cuida muito bem dessa dádiva, vindo aqui, para a morte certa.

— Não vou morrer — disse ele. — Não esta noite. Mil coisas poderiam ter me impedido de estar aqui agora, mas, em vez disso, mil coisas me trouxeram aqui. Tudo alinhado. Foi fácil, como se estivesse destinado a acontecer...

— *Destinado!* — exclamou ela, espantada. Ela se virou para encará-lo, o que, em meio à confusão, levou-a para junto do peito dele, como se ainda estivessem dançando. Ela fez força para conseguir se afastar um pouco. — Como se o que estivesse destinado a acontecer?

— Você — disse ele. — E eu.

As palavras dele sugaram o ar de seus pulmões. Ele e ela? Serafim e quimera? Era absurdo. Tudo em que ela conseguiu pensar foi, de novo:

— Você é louco.

— É sua loucura também. Você salvou minha vida. Por que fez isso?

Madrigal não tinha resposta. Por dois anos, havia sido assombrada por isso, pela sensação, quando o encontrara morrendo, de que de algum jeito ele era dela e devia protegê-lo. Dela. E agora ali estava ele, vivo e, impossivelmente, ali. Ela ainda não conseguia acreditar que era ele, o rosto dele — do qual se lembrava, cada linha e ângulo — escondido atrás daquela máscara.

— E esta noite, com milhões de almas na cidade, eu poderia não ter conseguido encontrá-la — disse ele. — Poderia ter procurado a noite toda e nem ao menos vê-la de relance, mas, em vez disso, lá estava você, como se tivesse sido colocada à minha frente, e sozinha, movendo-se pela multidão, mas à parte dela, como se estivesse esperando por mim...

Ele continuou falando, mas Madrigal deixou de ouvir. Quando ele falou de seu isolamento, a razão daquilo a fulminou de volta, após o esquecimento momentâneo do choque. Thiago. Ela olhou para o palácio, lá para o alto, na varanda do Comandante. Àquela distância, as figuras eram apenas silhuetas, mas eram silhuetas que ela conhecia: o Comandante, seu bando de esposas com chifres e a forma gigantesca de Brimstone. Thiago não estava lá.

O que só podia significar que estava ali embaixo. Um calafrio de medo percorreu seu corpo dos cascos aos chifres.

— Você não entende — disse ela, girando em volta para olhar a multidão atentamente. — Havia uma razão para ninguém estar dançando comigo. Pensei que você fosse corajoso. Não sabia que era louco...

— Que motivo? — perguntou o anjo, ainda próximo. Próximo demais.

— Confie em mim — disse ela, com urgência na voz. — Não é seguro para você. Se quer viver, me deixe.

— Vim de muito longe para encontrar você...

— Estou prometida — disparou ela, odiando as palavras antes mesmo que saíssem.

Aquilo o deixou atônito.

— Prometida? Em casamento?

Fui reivindicada, pensou ela, mas disse:

— Mais ou menos isso. Agora vá. Se Thiago vir você...

— *Thiago?* — O anjo recuou ao ouvir o nome. — Você está noiva do *Lobo?*

E, no momento em que ele pronunciou essas palavras — o Lobo —, braços se passaram em volta da cintura de Madrigal por trás, e ela engasgou.

Em um instante, ela viu o que iria acontecer. Thiago descobriria o anjo, e não apenas o mataria, como também faria um espetáculo disso. Um espião serafim no baile do Comandante — uma coisa assim nunca tinha acontecido! Ele seria torturado. Fariam com que desejasse nunca ter vivido. Isso tudo passou pela cabeça dela, e o horror subiu como bile em sua garganta. Quando ela ouviu, perto de sua orelha, uma risadinha, o alívio quase a deixou sem forças.

Não era Thiago, mas Chiro.

— Aí está você — disse a irmã. — Nós a perdemos na multidão!

O sangue de Madrigal rugiu em seus ouvidos, e Chiro olhou dela para o desconhecido, cujo calor de repente parecia um farol para Madrigal.

— Olá — cumprimentou Chiro, espiando curiosamente a máscara de cavalo, através da qual Madrigal ainda podia identificar o fogo alaranjado daqueles olhos de tigre.

Ocorreu a ela de novo que ele tinha ido até o covil do inimigo num disfarce tão frágil por ela, e sentiu um aperto estranho no peito. Por dois anos, havia pensado sobre o que acontecera em Bullfinch como uma loucura temporária, embora não tivesse parecido loucura na época, e não parecesse agora, desejar que aquele serafim sobrevivesse — e foi o que ela desejou. Ela se recompôs e se virou para Chiro. Nwella estava logo atrás dela.

— Que belas amigas vocês são — repreendeu Madrigal. — Vocês me vestem desse jeito e depois me abandonam. Eu podia ter me machucado.

— Achamos que estivesse atrás de nós — respondeu Nwella, ofegante de tanto dançar.

— Eu estava — disse Madrigal. — Bem atrás de vocês.

Ela havia virado de costas para o anjo sem pestanejar. Começou, então, a levar as amigas casualmente para longe dele, usando o movimento das pessoas para se afastar.

— Quem era aquele? — perguntou Chiro.

— Quem? — retrucou Madrigal.

— Com a máscara de cavalo, dançando com você.

— Eu não estava dançando com ninguém. Ou talvez não tenham notado: ninguém iria querer dançar comigo. Sou uma pária.

— Uma pária! — exclamou Chiro, debochando. — Dificilmente. Está mais para uma princesa.

Chiro lançou um olhar cético para trás, e Madrigal ficou louca para saber o que ela vira. Será que o anjo estava olhando para elas, ou tinha algum senso de autopreservação e havia desaparecido?

— Você já viu Thiago? — perguntou Nwella. — Ou melhor, ele já viu você?

— Não... — começou a dizer, mas então Chiro disparou:

— Lá está ele! Madrigal gelou.

Ele era inconfundível, com a cabeça de lobo cortada em cima da sua própria — sua versão grotesca de máscara. As presas curvas sobre a testa, o focinho repuxado para trás num rosnado. Seu cabelo branco como a neve estava escovado e arrumado sobre os ombros, o colete em cetim cor de marfim — tanto branco, branco sobre branco, emoldurando seu rosto forte e bonito, que estava bronzeado de sol, fazia os olhos claros parecerem fantasmagóricos.

Ele ainda não tinha visto Madrigal. A multidão se abria em volta dele; nem mesmo o mais bêbado dos foliões deixava de reconhecê-lo e de dar espaço para ele passar. A turba parecia se encolher quando ele passava com seu séquito, que tinha a aparência verdadeira de lobo, e se movia como um bando.

Madrigal percebeu, então, o significado daquela noite: a escolha dela, o futuro dela.

— Ele é magnífico — sussurrou Nwella, prendendo-se a um dos braços de Madrigal.

Madrigal tinha de concordar, mas ela dava o crédito por isso a Brimstone, que havia criado aquele corpo lindo, não a Thiago, que o usava com a arrogância do poder.

— Ele está olhando para você — disse Chiro, e Madrigal sabia que ela estava certa.

O general andava sem pressa, seus olhos claros varrendo a multidão com a confiança de quem consegue o que quer. Então, o olhar pousou nela, fazendo com que se sentisse imobilizada. Assustada, deu um passo para trás.

— Vamos dançar — convidou ela de repente, para a surpresa das amigas.

— Mas... — tentou ponderar Chiro.

— Ouça. — Uma nova dança estava começando. — É a Furiant. Minha preferida.

Não era sua preferida, mas iria servir. Duas fileiras de dançarinos estavam se formando, homens de um lado, mulheres de outro, e antes que Chiro e Nwella pudessem dizer outra palavra, Madrigal tinha corrido para a fileira das mulheres, sentindo o olhar de Thiago em sua nuca como o toque de garras.

E quanto aos outros olhos?, ela se perguntou.

A Furiant começou com um passo ágil, Chiro e Nwella se apressando para tomar parte, e Madrigal dançava com graça e um sorriso, sem perder uma batida, mas sua mente não estava ali. Seus pensamentos tinham voado para longe, disparando e mergulhando com as mariposas-beija-flor que afluíam aos milhares para as lanternas presas no alto, e se perguntava, com o coração batendo forte e agitado, para onde seu anjo tinha ido.

53
O AMOR É UM ELEMENTO

No ritmo da Furiant, ninguém evitava a mão de Madrigal como tinham feito na Serpentina — teria sido muito óbvio —, mas havia uma rigidez formal em seus parceiros enquanto ela passava de um para o outro, alguns mal chegavam a tocar a ponta dos dedos dela quando deviam estar encostando até a palma.

Thiago tinha se aproximado e estava assistindo. Todo mundo percebia, e a dança havia perdido um pouco da alegria. Era ele que estava provocando aquele efeito, mas a culpa era dela, Madrigal sabia, por correr dele e tentar se esconder ali, como se isso fosse possível.

Estava apenas ganhando tempo, e a Furiant era uma boa dança para isso, pelo menos, e continuou assim durante uns bons quinze minutos, com mudanças constantes de parceiros. Madrigal trocou de um gentil soldado mais velho com chifre de rinoceronte para um centauro, depois para um altamente humano com uma máscara de dragão que mal a tocou, e a cada giro ela passava perto de Thiago, cujos olhos nunca a deixavam. A máscara do parceiro seguinte era de tigre, e quando ele pegou sua mão... ele a pegou de verdade. Segurou-a firmemente com sua própria mão com luva. Um arrepio percorreu o braço de Madrigal com o toque quente, e ela não precisava olhar nos olhos dele para saber quem era.

Ele ainda estava lá — e com Thiago bem perto. Imprudente, pensou ela, eletrizada com sua proximidade. Depois de um instante, acalmou a respiração e seu coração.

— Acho que o tigre combina mais com você do que o cavalo — disse ela.

— Não sei o que você está querendo dizer, senhorita — replicou ele.

— Esse é meu rosto verdadeiro.

— É claro.

— Porque seria tolo continuar aqui se eu fosse quem você pensa.

— Seria. Alguém poderia achar que você deseja morrer.

— Não — disse ele, sério. — Isso nunca. Na verdade, só desejo viver. Um tipo diferente de vida.

Um tipo diferente de vida. Se ao menos, pensou Madrigal, sua própria vida e escolhas — ou a falta delas — não a estivessem encurralando... Ela manteve a voz leve.

— Você quer ser um de nós? Sinto muito, não aceitamos convertidos. Ele riu.

— Mesmo que aceitassem, não ajudaria. Estamos todos presos na mesma vida, não estamos? Na mesma guerra.

Em uma vida inteira de ódio aos serafins, Madrigal nunca tinha pensado neles vivendo a mesma vida que ela, mas o que o anjo disse era verdade. Eles estavam todos presos na mesma guerra. Tinham prendido o mundo inteiro nela.

— Não há outra vida — disse Madrigal, e então ficou tensa, porque estavam voltando para perto de onde Thiago estava.

A pressão da mão do anjo na dela aumentou um pouco, gentil, o que a ajudou a resistir ao olhar do general até ela se virar para longe dele de novo e conseguir respirar.

— Você precisa ir — disse ela, baixinho. — Se for descoberto...

O anjo deixou passar um segundo em silêncio antes de perguntar, também baixinho:

— Você não vai mesmo se casar com ele, vai?

— Eu... Eu não sei.

Ele levantou a mão de Madrigal para que ela pudesse passar por baixo da ponte dos braços deles; era parte dos passos, mas a altura e os chifres dela interferiram, e eles tiveram de soltar as mãos e voltar a uni-las depois do giro.

— O que é preciso saber? — perguntou ele. — Você o ama?

— *Se eu o amo?*

A pergunta foi uma surpresa, e uma risada escapou dos lábios de Madrigal. Ela depressa se recompôs, sem querer chamar a atenção de Thiago.

— É uma pergunta engraçada?

— Não — respondeu ela. — Sim. — Se ela amava Thiago? Era possível? Talvez. Como alguém poderia saber uma coisa como essas? — O engraçado é que você é o primeiro a me perguntar isso.

— Perdão — disse o serafim. — Não tinha percebido que os quimeras não se casam por amor.

Madrigal pensou em seus pais. Sua lembrança deles estava embotada por uma pátina de anos, os rostos deles embaçados, transformados em generalidades — será que ela os reconheceria se os encontrasse? —, mas ela se lembrava da ternura que tinham um pelo outro, e de como pareciam estar sempre se tocando.

— Nós nos casamos por amor, sim. — Ela não estava mais rindo. — Meus pais se casaram.

— Então você é filha do amor. Parece mesmo que você foi feita de amor.

Ela nunca tinha pensado em si mesma dessa maneira, mas, depois que ele disse, achou que era mesmo muito bonito ter sido

feita de amor, e sentiu uma pontada de dor pelo que havia perdido, quando deixou de ter sua família.

— E você? Seus pais se amavam?

Ela se ouviu dizer aquilo, e foi tomada pelo surrealismo vertiginoso da circunstância. Tinha acabado de perguntar a um serafim se os pais dele se amavam.

— Não — disse ele, e não deu nenhuma explicação. — Mas espero que os pais dos meus filhos se amem.

Mais uma vez, ele levantou a mão dela para que pudesse fazer uma volta por baixo dos braços deles, e mais uma vez os chifres dela ficaram no caminho, fazendo com que eles se soltassem brevemente. Girando, Madrigal sentiu uma dor aguda com as palavras dele, e quando voltaram a ficar de frente um para o outro, ela disse, em sua defesa:

— O amor é um luxo.

— Não. O amor é um elemento.

Um elemento. Como o ar que respiramos, a terra em que pisamos. A certeza firme da voz dele fez com que ela sentisse um calafrio pelo corpo, mas não teve chance de responder. Tinham chegado ao fim daquela parte da dança, e ela ainda estava arrepiada pelo efeito da extraordinária declaração dele enquanto a entregava ao próximo parceiro, que estava bêbado e não disse uma palavra durante todo o tempo em que ficaram em contato.

Ela tentou não perder o serafim de vista. Devia ter dançado com Nwella em seguida, mas desapareceu, e ela não viu nenhuma máscara de tigre no grupo. Ele havia evaporado, e ela sentia sua falta como se fosse um lugar privado de ar.

O ritmo da Furiant foi diminuindo até os passos finais, e quando terminou em um tinido metálico de tamborins, Madrigal acabou, como se tudo tivesse sido orquestrado dessa forma, praticamente nos braços do Lobo Branco.

54
DESTINADO

Meu senhor.

A garganta de Madrigal ficou seca, e sua voz saiu arranhada, tão parecida com um sussurro rouco que podia ser confundida com um.

Nwella e Chiro se reuniram atrás dela, e Thiago sorriu, lupino, as pontas das presas aparecendo entre seus lábios grossos e vermelhos. Seus olhos eram atrevidos. E não foram ao encontro dos dela, mas percorreram seu corpo mais para baixo, sem nenhum esforço para ser sutil. A pele de Madrigal ficou quente, e seu coração, frio, e ela se curvou numa reverência da qual gostaria de nunca ter de se levantar para encontrar aqueles olhos de novo, mas precisava se levantar, e foi o que fez.

— Você está linda esta noite — elogiou Thiago.

Madrigal não precisava ter se preocupado em olhar nos olhos dele. Se ela estivesse sem cabeça, ele ainda não teria notado. A maneira como ele olhava para seu corpo no vestido justo azul-escuro fez com que ela quisesse cruzar os braços na frente do peito.

— Obrigada — disse ela, resistindo ao impulso. Ela precisava retribuir o elogio, então disse simplesmente: — Você também.

Ele levantou o olhar, então, sorridente.

— *Eu* estou bonito?

Ela inclinou a cabeça.

— Como um lobo do inverno, meu senhor — disse ela, o que lhe agradou.

Ele parecia descontraído, quase indolente, as pálpebras pesadas. Estava completamente seguro em relação a ela, Madrigal percebeu. Não estava procurando um gesto; não havia o menor traço de incerteza nele. Thiago tinha o que queria. Sempre.

E ele teria naquela noite?

Uma nova música começou a tocar, e ele inclinou a cabeça para identificá-la.

— A Emberlin — disse ele. — Senhorita?

Estendeu a mão para ela, e Madrigal ficou imóvel como uma presa.

Se pegasse o braço dele, isso significaria que estava acabado, que ela o havia aceitado?

Mas recusar seria a pior das desfeitas; iria envergonhá-lo, e ninguém envergonhava o Lobo Branco.

Era um convite para dançar, mas parecia uma armadilha, e Madrigal ficou paralisada por alguns segundos longos demais, e pôde ver o olhar de Thiago se aguçar. A letargia tranquila dele desapareceu e foi substituída por... Ela não tinha muita certeza. Não dera tempo para que aquilo tomasse forma. Incredulidade, talvez, que teria dado lugar a uma fúria gélida se Nwella não tivesse, com um gritinho de pânico, colocado a mão na parte de baixo das costas de Madrigal e a empurrado.

Assim, impulsionada para a frente, Madrigal deu um passo. Ela não pegou o braço de Thiago, porque acabou colidindo com ele. Thiago colocou o braço dela sob o dele, possessivo, e a conduziu à dança.

E com certeza, como todos pensaram, rumo ao futuro dos dois.

Ele a agarrou pela cintura, que era mesmo como se dançava a Emberlin, em que os homens erguiam as damas como oferendas em direção ao céu. As mãos de Thiago envolviam quase completamente a parte de baixo do tórax de Madrigal, as garras dele sobre suas costas nuas. Ela pôde sentir a ponta de cada uma delas em sua pele.

Eles conversaram um pouco — Madrigal deve ter perguntado pela saúde do Comandante, e Thiago deve ter respondido, mas ela mal poderia contar o que foi dito. Pelo tanto que estava presente no próprio corpo, Madrigal podia muito bem ser um doce açucarado.

O que ela havia feito? O que tinha acabado de fazer?

Ela não podia nem tentar se enganar de que tinha sido produto de um instante e do pequeno empurrão de Nwella. Havia se deixado vestir daquela maneira; tinha ido até ali, ela sabia. Podia não ter admitido a si mesma que sabia o que estava fazendo, mas é claro que sabia. Tinha se deixado levar pela certeza dos outros. Havia uma satisfação provocante em ser escolhida... invejada. Sentia vergonha daquilo agora e da forma como tinha ido até ali naquela noite, pronta para bancar a noiva trêmula e aceitar um homem que não amava.

Mas... ela não havia aceitado Thiago, e achava agora que não iria. Alguma coisa tinha mudado.

Nada tinha mudado, discutia consigo mesma. *O amor é um elemento,* de fato. O fato de o anjo ter ido até ali, o risco daquilo tudo! Ela havia ficado surpresa, mas isso não mudava nada.

E onde ele estava agora? Sempre que Thiago a levantava, ela dava uma olhada em volta, mas não viu nenhuma máscara de cavalo ou de tigre. Esperava que ele tivesse ido embora, e que estivesse seguro.

Thiago, que até agora parecia satisfeito com o que suas mãos podiam segurar, deve ter percebido que a atenção dela não estava voltada para ele. Ao descer com Madrigal uma das vezes, de propósito ele deixou que ela escorregasse para que poder

segurá-la contra seu corpo. Com a surpresa, as asas dela se abriram espontaneamente, como grandes velas se enchendo com o vento.

— Minhas desculpas, senhorita — disse Thiago, e ajudou-a a descer até os cascos dela encontrarem o chão novamente, mas sem soltá-la.

Ela sentiu a superfície rígida do peito musculoso dele contra o próprio peito. A sensação de que aquilo era errado despertou nela um pânico que teve de combater para evitar se desprender dos braços dele. Foi difícil recolher suas asas novamente, quando tudo o que queria era levantar voo dali.

— Esse vestido é feito a partir de sombras? — perguntou o general. — Mal consigo senti-lo entre os meus dedos.

Não por falta de tentativa, pensou Madrigal.

— Talvez seja o reflexo do céu noturno — sugeriu ele — na superfície de uma lagoa...

Ela imaginou que ele estava sendo poético. Erótico, até. Em resposta, da forma menos erótica possível — mais como se reclamasse de uma mancha que não sai —, falou:

— Sim, meu senhor. Eu tentei mergulhar, e o reflexo grudou em mim.

— Bem, então talvez ele possa escorrer como água a qualquer instante. A gente fica se perguntando o que, se é que há alguma coisa, existe por baixo dele.

E isso é um galanteio, pensou Madrigal. Ela corou, e ficou feliz por estar com uma máscara que cobria tudo menos seus lábios e queixo. Evitando falar sobre suas roupas de baixo, disse:

— O vestido é mais resistente do que parece, posso assegurar.

Ela não pretendia propor um desafio, mas ele encarou como se fosse. Ele estendeu a mão para o entremeado delicado de linhas, que prendiam o vestido em volta do pescoço como fios de teia de aranha, e deu um puxão rápido e forte. As linhas cederam facilmente às garras dele, e Madrigal engasgou. O vestido ficou no lugar, mas uma parte de sua frágil amarração tinha sido cortada.

— Ou talvez não tão resistente assim — disse Thiago. — Não se preocupe, senhorita, vou ajudá-la a segurar.

A mão dele estava sobre o coração dela, logo acima do peito, e Madrigal estremeceu. Ela ficou furiosa consigo mesma por isso. Ela era Madrigal dos Kirin, não alguma flor tocada pela brisa.

— É gentil da sua parte, meu senhor — replicou ela, livrando-se da mão dele enquanto se afastava. — Mas está na hora de trocar de parceiro. Vou ter que cuidar sozinha do meu vestido.

Ela nunca antes ficara tão feliz em trocar de parceiro. Nesse caso, era um tipo alce, nada gracioso, que quase pisou nos cascos dela dezenas de vezes. Ela mal notou.

Um tipo diferente de vida, pensou ela, e as palavras se tornaram um mantra que seguia a melodia da Emberlin. *Um tipo diferente de vida, um tipo diferente de vida.*

Onde estava o anjo agora?, ela se perguntava. A saudade a inundou com a força de um sabor, como chocolate derretendo na língua.

Antes que ela percebesse, o alce a estava levando de volta para Thiago, que a reclamou, agarrando-a com as mãos e puxando-a em sua direção.

— Senti sua falta — disse ele. — As outras damas não se comparam a você.

Ele usou aquele seu ronronar sedutor, mas ela só conseguia pensar em como suas palavras pareciam sair deselegantes e com grande esforço, depois das pronunciadas pelo anjo.

Thiago a entregou a novos parceiros mais duas outras vezes, e duas vezes ela foi entregue de volta a ele logo em seguida. Aquilo era cada vez mais insuportável, e ela se sentia como uma fugitiva devolvida à sua casa contra a vontade.

Quando, ao ser entregue a um novo parceiro, sentiu a firme pressão de luvas de couro envolverem seus dedos, foi leve como se estivesse flutuando que ela se deixou conduzir para longe. O sofrimento sumiu; a sensação de que havia algo errado sumiu. As mãos do serafim envolveram sua cintura, e seus pés deixaram o chão, e ela fechou os olhos, entregando- se à emoção.

Ele a colocou de volta no chão, mas não a soltou.

— Olá — sussurrou ela, feliz.

Feliz.

— Olá — retribuiu ele, como um segredo compartilhado.

Ela sorriu ao ver sua nova máscara. Era humana e engraçada, com orelhas de abano e um nariz vermelho de bêbado.

— Mais um rosto — disse ela. — Você é um mago, conjurando máscaras?

— Não precisei conjurar. Existem tantas máscaras para escolher quanto foliões desmaiados de bêbados.

— Bem, essa é a que menos combina com você.

— É o que você acha. Muita coisa pode acontecer em dois anos.

Ela riu, lembrando-se da beleza dele, e foi dominada pelo desejo de ver seu rosto novamente.

— Você me diria seu nome, senhorita? — perguntou ele.

Ela disse, e ele repetiu como um encantamento:

— Madrigal, Madrigal, Madrigal...

Que estranho, pensou Madrigal, que ela fosse tomada por tal sentimento de... satisfação... pela simples presença de um homem cujo nome ela não sabia e cujo rosto não podia ver.

— E o seu? — perguntou ela.

— Akiva.

— Akiva.

Era agradável dizer o nome dele. O nome dela podia significar música, mas era o dele que soava como uma. Dizer o nome dele fazia com que quisesse cantá-lo, apoiar-se numa janela e chamá-lo para dentro de casa. Sussurrá-lo na escuridão.

— Então você o aceitou — disse ele.

— Não, não aceitei — replicou ela, desafiadoramente.

— Não? Ele está observando você como se fosse seu dono.

— Então você sem dúvida deveria estar em outro lugar...

— Seu vestido — disse ele, notando. — Está rasgado. Foi ele que...?

Madrigal sentiu calor, uma onda de raiva que emanava dele como uma corrente de ar quente saindo de uma fogueira.

Ela viu que Thiago estava dançando com Chiro, e olhava para ela sem parar por entre as orelhas de chacal da irmã. Ela esperou até que os rodopios da dança deixassem as costas largas de Akiva entre eles, cobrindo seu rosto, antes de responder:

— Não foi nada. Não estou acostumada a usar roupas tão frágeis. Escolheram este vestido para mim. Eu estou louca por um xale.

Ele estava tenso de raiva, mas suas mãos permaneceram suaves na cintura dela.

— Posso fazer um xale para você.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Você tricota? Bem, isso é uma façanha pouco usual para um soldado.

— Eu não tricoto — disse ele, e foi quando Madrigal sentiu o primeiro toque macio de uma pena em seu ombro.

Ela não achou que pudesse ser o toque de Akiva, porque as mãos dele estavam em sua cintura. Olhou para baixo e viu que uma mariposa-beija- flor verde-acinzentada tinha pousado nela, uma das muitas que sobrevoavam lá no alto, atraídas pela grande quantidade de lanternas que deviam parecer um universo inteiro para elas. As penas de seu pequeno corpo de pássaro brilharam como joias quando suas asas de mariposa se agitaram contra a pele de Madrigal. Logo em seguida, outra mariposa- beija-flor fez o mesmo, esta em um tom de rosa claro, e outra, também rosa, com ocelos cor de laranja em suas asas rendilhadas. Mais delas vieram pousando do ar e, em um instante, um lindo grupo delas cobria o peito e os ombros de Madrigal.

— Aí está, senhorita — apontou Akiva. — Um xale vivo.

Ela estava impressionada.

— Como...? Você é um mago.

— Não. É apenas um truque.

— É *mágica*.

— Não é uma mágica muito útil pastorear mariposas.

— Não é útil? Você me fez um *xale*.

Ela estava admirada. A magia que conhecia através de Brimstone tinha pouquíssimo de capricho nela. Esta mágica era bonita, tanto em forma — as asas tinham uns doze tons de crepúsculo, e eram macias como orelhas de carneiro — quanto em propósito. Ele a cobrira. Thiago tinha rasgado seu vestido, e Akiva a havia coberto.

— Elas fazem cócegas. — Ela riu. — Oh, não. *Oh*.

— O que foi?

— Oh, tire-as. — Ela ria ainda mais, sentindo minúsculas línguas se projetando de bicos muito pequenos. — Elas estão lambendo meu açúcar.

— *Açúcar?*

As cócegas fizeram com que ela sacudisse os ombros.

— Tire-as. Por favor.

Ele tentou. Algumas levantaram voo e circularam em volta de seus chifres, mas a maioria ficou onde estava.

— Acho que estão apaixonadas — disse ele, preocupado. — Elas não querem deixar você. — Ele tirou uma das mãos da cintura dela para espantar com gentileza duas mariposas do pescoço de Madrigal, onde as asas delas roçavam seu maxilar. E completou de forma melancólica: — Sei bem como elas se sentem.

Ela sentiu um aperto no coração. Tinha chegado a hora de Akiva levantá-la de novo, e ele a ergueu no ar, embora os ombros dela ainda estivessem cobertos de mariposas. Olhando por cima das cabeças das pessoas, ela ficou feliz de ver que Thiago estava virado para o outro lado. Chiro, no entanto, que fora erguida por ele, viu a irmã e pareceu incrédula.

Akiva trouxe Madrigal para baixo de novo, e pouco antes de os pés dela tocarem o chão os dois se entreolharam, máscara encarando máscara, olhos castanhos em olhos cor de laranja, e uma descarga de energia aconteceu entre eles. Madrigal não sabia se era magia, mas a maioria das mariposas-beija-flor levantou voo e foi para longe, como se carregadas pelo vento. Ela estava no chão de novo, seus pés se movendo, o coração disparado. Perdera a noção dos passos, mas sentia que aquela parte da dança estava chegando ao fim, e que, a qualquer instante, seria levada de volta para Thiago.

Akiva teria de entregá-la de volta aos cuidados do general.

Seu coração e seu corpo estavam em polvorosa. Ela não podia fazer isso. Seus membros estavam leves, prontos para escapar. Seu coração disparou para um rápido staccato, e as remanescentes de seu xale vivo fugiram como se tivessem se assustado. Madrigal reconhecia os sinais em si mesma: a preparação, a calma exterior e o tumulto interior, a agitação que preenchia sua mente

antes de um ataque numa batalha.

Alguma coisa vai acontecer.

Nitid, pensou ela, você sabia o tempo todo?

— Madrigal? — chamou Akiva. Como as mariposas-beija-flor, ele percebeu a mudança nela, a respiração acelerada, os músculos se retesando onde mãos quentes envolviam sua cintura. — O que foi?

— Eu quero... — disse ela, sabendo o que queria, sentindo-se atraída e inclinada em direção àquilo, mas sem saber como dizer.

— O quê? O que você quer? — perguntou Akiva, de forma gentil, mas urgente.

Ele também queria. Inclinou a cabeça, e sua máscara encostou levemente no chifre de Madrigal, centelhando uma explosão de sensações pelo seu corpo.

O Lobo Branco estava a apenas algumas asas de distância. Ele podia ver. Se ela tentasse fugir, ele a seguiria. Akiva seria pego.

Madrigal queria gritar.

E então, os fogos de artifício.

Mais tarde, ela se lembraria do que Akiva dissera sobre tudo se alinhando, como se fosse destinado a acontecer. Em tudo que estava para acontecer, haveria aquele sentimento de inevitabilidade e de que era certo, e de que o universo estava conspirando a favor. Seria fácil. A começar pelos fogos de artifício.

A luz irrompeu no alto, uma dália grande e brilhante, um cata-vento, uma estrela em nova. O som parecia um bombardeio. Tambores nas ameias. Pó preto se precipitando pelo ar. A Emberlin parou quando os dançarinos tiraram as máscaras e jogaram as cabeças para trás para olhar.

Madrigal então aproveitou. Ela pegou a mão de Akiva e se abaixou em meio ao tumulto da multidão. Ela seguiu abaixada e se moveu rapidamente. Um canal pareceu se abrir para eles no mar de pessoas, e eles seguiram, e foram levados para longe dali.

FILHOS DO PESAR

Era uma vez, antes dos quimeras e dos serafins, um sol e duas luas. O sol era noivo de Nitid, a irmã brilhante, mas era a discreta Ellai, sempre se escondendo atrás da irmã destemida, que despertava seu desejo. Ele tramou para surpreendê-la enquanto se banhava no mar, e a possuiu. Ellai lutou, mas ele era o sol e achava que devia ter o que quisesse. Ellai o apunhalou e fugiu, e o sangue do sol voou como centelhas para a terra, onde se tornaram serafins — filhos bastardos de fogo. E, como seu pai, acreditavam que estava em seu direito querer, tomar e ter.

Quanto a Ellai, ela contou à irmã o que tinha acontecido, e Nitid chorou, e suas lágrimas caíram na terra e se tornaram quimeras, filhos do pesar.

Quando o sol foi novamente até as irmãs, nenhuma das duas o queria. Nitid colocou Ellai atrás de si e a protegeu, embora o sol, ainda sangrando fagulhas, soubesse que Ellai não era tão indefesa quanto parecia. Ele implorou que Nitid a perdoasse, mas ela se recusou, e desde aquele dia ele segue as irmãs pelo céu, querendo, querendo e sem jamais conseguir, e esse será seu castigo para sempre.

Nitid é a deusa das lágrimas e da vida, da caça e da guerra, e seus templos são numerosos demais para se contar. É ela que preenche os úteros, desacelera os corações dos que estão morrendo e conduz seus filhos contra os serafins. Sua luz é como um pequeno sol; ela expulsa as sombras.

Ellai é mais sutil. Ela é um rastro, uma lua fantasma, e há apenas algumas noites no ano em que ela toma conta do céu sozinha. Essas são chamadas de noites de Ellai, e elas são escuras, com estrelas esparsas, e boas para coisas furtivas. Ellai é a deusa dos assassinos e dos amantes secretos. Existem poucos templos para ela, e ficam escondidos, como o do bosque de réquiem nas montanhas acima de Loramendi.

Foi para lá que Madrigal levou Akiva quando fugiram do baile do Comandante.

* * *

Eles voaram. Ele manteve as asas veladas, mas isso não o impedia de voar. Por terra, o bosque de réquiem era inacessível. Havia precipícios nas montanhas, e algumas vezes pontes de corda eram penduradas sobre eles — nas noites de Ellai, quando os devotos, cobertos com capas, iam adorá- la no templo —, mas naquela noite não havia ninguém, e Madrigal sabia que teriam o templo só para eles.

Eles tinham a noite. Nitid ainda estava alta. Eles tinham horas.

— Essa é a sua lenda? — perguntou Akiva, incrédulo. Madrigal lhe contara a história do sol e de Ellai enquanto voavam. — Que os serafins são filhos de um sol estuprador?

— Se você não gosta, reclame com o sol — disse Madrigal, alegremente.

— É uma história terrível. Que imaginação brutal têm os quimeras.

— Bem... Tivemos uma inspiração brutal.

Eles chegaram ao bosque, e a cúpula do templo era visível entre os topos das árvores, mosaicos prateados cintilando padrões através dos galhos.

— Aqui — disse Madrigal, desacelerando para descer por uma abertura entre as copas das árvores.

Seu corpo todo tremia por causa do vento da noite, da liberdade e da expectativa. No fundo de sua mente havia medo pelo que aconteceria depois — as repercussões de sua partida repentina. Mas, enquanto se movia através das árvores, o medo era ofuscado pelo farfalhar das folhas, a música do vento, e pelo shh-shh por toda volta. Shh-shh faziam as evangelinas, pássaros-serpente que bebiam o néctar noturno das árvores de réquiem. Na escuridão do bosque, os olhos delas brilhavam prateados como os mosaicos do telhado do templo.

Madrigal chegou ao chão, e Akiva aterrissou ao lado dela em uma rajada de calor. Ela olhou para ele. Ainda usavam as máscaras. Podiam ter tirado enquanto voavam, mas não fizeram isso. Madrigal pensara naquele momento, em que ficariam cara a cara, e havia deixado a máscara no rosto porque, em sua imaginação, era Akiva quem tirava a dela, e ela a dele.

Ele devia ter imaginado a mesma coisa. Andou em direção a ela.

O mundo real, já uma coisa distante — apenas os fogos brilhando no horizonte —, se desvaneceu por completo. Um tremor vibrou através de Madrigal como se ela fosse a corda de um alaúde. Akiva tirou as luvas e deixou-as cair, e quando ele a tocou, as pontas dos dedos roçando seus braços e seu pescoço, foi com as mãos nuas. Ele estendeu a mão por trás da cabeça dela, desamarrou a máscara e a tirou. A visão dela, que havia sido estreitada a noite toda para ver apenas através das pequenas aberturas, se ampliou e Akiva a preencheu, ainda usando a máscara cômica. Enquanto Madrigal erguia a mão para tirar a máscara dele, ela o ouviu exalar e murmurar suavemente:

— Tão linda.

— Olá — sussurrou ela, como quando tinham se encontrado durante a Emberlin, e a alegria tomara conta dela.

Aquela alegria era apenas uma fagulha perto de fogos de artifício, em comparação com o que sentia agora.

Ele era ainda mais perfeito do que se lembrava. Em Bullfinch, ele estava morrendo, pálido, fraco, e ainda assim era bonito. Agora, repleto de saúde e de amor, estava magnífico. Olhava para ela de forma ardente, esperançoso e expectante, animado, divertido, feliz. Estava tão vivo.

Por causa dela, ele estava vivo.

— Olá — sussurrou ele de volta.

Eles se entreolharam, espantados por estarem frente a frente depois de dois anos, como se fossem frutos da imaginação conjurados pelo desejo.

Somente se tocando tornariam aquele momento real.

As mãos de Madrigal tremiam quando as levantou, e se firmaram quando ela as pousou sobre a solidez do peito de Akiva. O calor pulsava através do tecido da camisa. O ar no bosque era rico o suficiente para se beber, rico o suficiente para se dançar com ele. Era como uma presença entre eles — e depois não mais, quando ela se aproximou.

Ele a envolveu com os braços e ela levantou a cabeça para sussurrar mais uma vez.

— Olá.

Dessa vez, quando Akiva disse o mesmo de volta, sussurrou isso contra os lábios dela. Seus olhos ainda estavam abertos, ainda arregalados de espanto, e eles só deixaram que os olhos se fechassem quando os lábios por fim se encontraram e outro sentido — tato — conseguiu convencê-los de que era real.

56
A INVENÇÃO DO VIVER

EEra uma vez uma época em que só havia a escuridão, e, nadando nela, havia monstros tão grandes quanto mundos. Eles eram os Gibborim, e amavam a escuridão porque escondia sua hediondez. Sempre que alguma outra criatura planejava criar a luz, eles a extinguiam. Quando as estrelas nasceram, eles as engoliram, e parecia que a escuridão seria eterna.

Mas uma raça de guerreiros brilhantes ouviu falar nos Gibborim e viajou de seu mundo distante para lutar com eles. A guerra foi longa, luz contra escuridão, e muitos dos guerreiros foram mortos. No final, quando eles derrotaram os monstros, havia cem deles vivos, e esses cem eram deuses da luz, que trouxeram a luz para o universo.

Eles fizeram o restante das estrelas, incluindo nosso sol, e não havia mais escuridão, somente luz infinita. Fizeram crianças à sua imagem — serafins — e as mandaram descer para levar luz até os mundos que giram no espaço, e tudo isso era bom. Mas, um dia, o último dos Gibborim, que se chamava Zamzumin, os convenceu de que as sombras eram necessárias, de que fariam a luz parecer mais brilhante por contraste, e então os deuses da luz trouxeram as sombras à existência.

Mas Zamzumin era um trapaceiro. Ele só precisava de um fragmento de escuridão para trabalhar. Ele insuflou vida nas sombras e, da mesma forma que os deuses da luz fizeram os serafins à sua imagem, assim Zamzumin fez os quimeras à imagem dele, que eram, portanto, hediondos, e então para sempre os serafins lutariam do lado da luz, e os quimeras, da escuridão, e seriam inimigos até o fim do mundo.

* * *

Madrigal deu uma risada sonolenta.

— Zamzumin? Isso é um nome?

— Não pergunte a mim. Ele é seu antepassado.

— Ah, sim. O tio feio Zamzumin, que me fez a partir das sombras.

— Uma sombra hedionda — disse Akiva. — O que explica sua feiura.

Ela riu novamente, letárgica e preguiçosa de prazer.

— Sempre me perguntei de onde tinha vindo. Agora eu sei. Meus chifres são da parte de meu pai, e minha feiura vem do meu imenso tio do mal. — Depois de uma pausa, com Akiva roçando o nariz em seu pescoço, ela acrescentou: — Gosto mais da minha história. Prefiro ser feita de lágrimas a ser criada da escuridão.

— Nenhuma das duas é muito alegre — disse Akiva.

— Eu sei. Precisamos de um mito mais feliz. Vamos inventar um.

Eles estavam entrelaçados em cima das roupas, que tinham estendido sobre uma encosta de musgos atrás do templo de Ellai, por onde um delicado riacho passava murmurando. As duas luas estavam escondidas atrás das copas das árvores, e as evangelinas iam ficando em silêncio à medida que as flores de réquiem fechavam seus botões brancos naquela noite. Madrigal teria de ir embora logo, mas os dois procuravam afastar aquele pensamento, como se pudessem negar a aurora.

— Era uma vez... — disse Akiva, mas sua voz falhou quando seus lábios encontram o pescoço de Madrigal. — Humm, açúcar. Achei que já tinha acabado com ele. Agora vou ter que verificar *tudo* de novo.

Madrigal se contorceu, rindo sem controle.

— Não, não, isso faz cócegas!

Mas Akiva iria provar de novo seu pescoço, e aquilo não a deixava com cócegas, mas arrepiada, e ela logo parou de protestar.

Isso foi pouco antes de voltarem ao mito que pretendiam criar.

— Era uma vez — murmurou Madrigal depois, o rosto repousando então no peito de Akiva, e a curva de seu chifre esquerdo seguindo a linha do rosto dele, de forma que ele apoiava a testa ali. — Havia um mundo que tinha sido feito de maneira perfeita e era cheio de pássaros e criaturas listradas e coisas maravilhosas como lírios de mel e doninhas...

— *Doninhas?*

— Silêncio. E esse mundo já tinha luz e sombra, então não precisou que nenhum patife iluminado viesse salvá-lo, e não ia servir de nada para sóis feridos ou luas chorosas também, e o mais importante, esse mundo nunca soube o que era guerra, que é uma coisa terrível e devastadora da qual nenhum mundo precisa. Tinha terra e água, ar e fogo, todos os quatro elementos, mas estava faltando o último elemento. Amor.

Os olhos de Akiva se fecharam. Ele sorria enquanto ouvia, e acariciou a penugem macia do cabelo curto de Madrigal e passou os dedos sobre as estrias dos chifres dela.

— E então esse paraíso era como uma caixinha de joias sem uma joia. Lá estava ele, dia após dia de auroras rosadas e sons

de criaturas e estranhos perfumes, e esperava que amantes o encontrassem e o preenchessem com sua felicidade. — Pausa. — Fim.

— Fim? — Akiva abriu os olhos. — O que você quer dizer com essa história de fim?

— A história está inacabada. O mundo continua esperando — disse ela, esfregando o rosto contra a pele dourada do peito dele.

— Você sabe como encontrá-lo? Vamos partir antes do nascer do sol — disse ele, melancolicamente.

O sol. A lembrança deteve os lábios de Madrigal em seu caminho pelo ombro de Akiva, aquele com a cicatriz que a lembrava do primeiro encontro deles, em Bullfinch. Ela pensou em como poderia tê-lo deixado lá, sangrando, ou pior, tê-lo matado, mas alguma coisa inelutável a impedira, para que pudessem estar ali agora. E a ideia de se desenroscar, se vestir e ir embora deu lugar a uma relutância tão forte que doía.

Havia temor também do que seu desaparecimento poderia ter provocado lá em Loramendi. Uma imagem de Thiago, furioso, se intrometeu em sua felicidade e ela afastou o pensamento, mas não havia como afastar o nascer do sol.

Com a voz desolada, ela disse:

— Preciso ir.

— Eu sei — disse Akiva.

E Madrigal levantou a cabeça do ombro dele e viu que a infelicidade dele era igual à dela.

Ele não perguntou: *O que nós vamos fazer*? e ela também não. Eles falariam sobre essas coisas mais tarde; naquela primeira noite, estavam acanhados com relação ao futuro e, por tudo que tinham se amado e descoberto durante a noite, ainda acanhados um com o outro.

Em vez disso, Madrigal levou a mão ao amuleto que usava pendurado no pescoço.

— Você sabe o que é isso? — perguntou ela, soltando o cordão.

— Um osso?

— Bem, sim. E um osso da sorte. Você segura uma das pontas, assim, e cada um de nós faz um pedido e puxa. Quem ficar com a parte maior tem seu desejo realizado.

— Mágica? — perguntou Akiva, sentando-se. — De que ave vêm esses ossos, que fazem mágica?

— Ah, não é mágica. Os desejos não se realizam de verdade.

— Então por que fazer isso?

Ela deu de ombros.

— Esperança? A esperança pode ser uma força poderosa. Talvez não haja magia real nele, mas quando você sabe o que mais deseja e mantém isso aceso como uma chama dentro de si, pode fazer as coisas acontecerem, quase como mágica.

— E o que você mais deseja?

— Não se deve dizer. Vamos, faça um pedido comigo.

Ela estendeu o osso da sorte.

Foi parte capricho e parte atrevimento que a fizera colocar aquela coisa num cordão. Tinha quatorze anos, estava há quatro trabalhando para Brimstone, mas então também em treinamento de batalha e sentindo-se cheia de seu próprio poder. Havia entrado na loja uma tarde enquanto Twiga retirava lucknows recém-cunhados dos moldes, e tinha pedido por um.

Brimstone ainda não lhe ensinara sobre a dura realidade da magia e o dízimo de dor, e ela ainda via os desejos como diversão. Quando ele se recusou a lhe dar — como sempre fazia, sem contar os scuppies, cuja criação custava apenas uma fisgada de dor —, ela teve um pequeno ataque dramático de fúria no canto. Madrigal nem conseguia mais se lembrar que desejo tivera tanta importância para ela aos quatorze anos de idade, mas lembrava-se de Issa pegando um osso das sobras da refeição da noite — um faisão ao molho — e confortando-a com a história humana do osso da sorte.

Issa conhecia várias histórias humanas, e foi por causa dela que Madrigal ficou fascinada pela raça e pelo mundo deles. Em desafio a Brimstone, ela pegou o osso e fez o pedido com grande espetáculo.

— É isso? — perguntou Brimstone, quando ouviu que desejo insignificante tinha provocado seu ataque de raiva. — Você ia desperdiçar um desejo nisso?

Ela e Issa estavam prestes a quebrar o osso, mas pararam.

— Você não é tola, Madrigal — disse Brimstone. — Se existe alguma coisa que quer, corra atrás. A esperança tem poder. Não a desperdice com coisas tolas.

— Tudo bem — disse ela, guardando o osso da sorte nas mãos. — Vou guardá-lo até minha esperança atingir suas altas expectativas.

Ela o prendeu num cordão. Por algumas semanas, fez questão de falar em voz alta desejos ridículos e fingir considerá-los.

— Eu queria poder provar as coisas com meus pés como uma borboleta.

— Eu queria que os ratos-escorpião pudessem falar. Aposto que conhecem as melhores fofocas.

— Eu queria que meu cabelo fosse azul.

Mas ela nunca quebrou o osso. O que começou como um desafio infantil se transformou em outra coisa. Semanas tornaram-se meses, e quanto mais tempo ficava sem quebrar o osso, mais importante parecia que, quando quebrasse, o pedido — ou melhor, a esperança — fosse valioso o bastante.

No bosque de réquiem, com Akiva, finalmente era.

Ela formulou o pedido em sua mente, olhando-o nos olhos, e puxou. O osso quebrou bem no meio, e as partes, quando medidas uma contra a outra, eram exatamente do mesmo tamanho.

— Oh, eu não sei o que isso significa. Talvez seja que nós dois vamos conseguir que nossos desejos sejam atendidos.

— Talvez signifique que nós dois pedimos a mesma coisa.

Madrigal gostava de pensar assim. Seu desejo naquela primeira vez tinha sido simples, concentrado e apaixonado: que ela pudesse vê-lo de novo. Só acreditando nisso ela conseguiria partir.

Eles se levantaram de suas roupas amassadas. Madrigal teve que se retorcer de volta para dentro do vestido azul-escuro como uma serpente de volta a uma pele que se soltou. Entraram no templo e beberam água da fonte sagrada que nascia da terra. Ela lavou o rosto também, reverenciou Ellai em silêncio, pedindo que protegesse o segredo deles, e prometeu levar velas quando voltasse ali.

Porque é claro que voltaria.

Ir embora foi quase como um drama teatral, uma impossibilidade física exagerada — voar para longe e deixar Akiva ali —, uma dificuldade que não teria acreditado ser possível até aquele momento. Ela várias vezes se virou e voltou para um último beijo. Os lábios dela, que não estavam acostumados a tanto desgaste, pareciam amassados e destacados, em carne viva, e ela se imaginava vermelha com a prova de como tinha passado a noite.

Finalmente, ela saiu voando, arrastando sua máscara por uma de suas longas fitas, como se fosse um pássaro companheiro voando ao seu lado, e a terra tocada pela aurora passou por baixo dela por todo o caminho de volta a Loramendi. A cidade estava em silêncio após a comemoração, pungente e nebulosa com o resíduo dos fogos de artifício. Entrou por uma passagem secreta para a catedral subterrânea. Seus portões interligados estavam fechados pela magia de Brimstone que permitia que se abrissem ao som da voz dela, e não havia nenhum guarda para vê-la entrar.

Foi fácil.

Naquele primeiro dia, ela ficou hesitante, cautelosa, sem saber o que tinha se passado durante sua ausência, ou que fúria esperava por ela. Mas as parcas estavam tecendo seus fios misteriosos, e um espião veio naquela manhã da costa de Mirea divulgando notícias de galeões serafins em trânsito, e então Thiago foi embora de Loramendi quase ao mesmo tempo em que Madrigal voltou.

Chiro lhe perguntou onde estivera e ela contou uma mentira meio vaga e, a partir dali, sua irmã passou a tratá-la de forma diferente. Madrigal a pegava encarando-a de um jeito estranho, e depois se virando e cuidando de outras coisas como se não a estivesse observando antes. Passou a vê-la menos também, em parte porque Madrigal estava perdida em seu novo mundo secreto, e em parte porque Brimstone precisava de sua ajuda, e então ela fora dispensada de suas outras obrigações. Seu batalhão não foi mobilizado para auxiliar contra a movimentação das tropas dos serafins, e ela pensou, ironicamente, que devia agradecer a Thiago por isso. Madrigal sabia que ele estava evitando que ela se envolvesse em qualquer perigo potencial que pudesse tirar sua "pureza" antes que tivesse a chance de se casar com ele. Thiago não devia ter tido tempo de contraordenar suas instruções antes da partida.

Então, Madrigal passava os dias na loja e na catedral com Brimstone, amarrando dentes e conjurando corpos, e as noites — tantas quantas podia — com Akiva.

Ela levava velas para Ellai e cascas de frangível, o tempero preferido da lua, e contrabandeava comidas ideais para amantes, que eles comiam com os dedos depois do amor. Doces de mel e frutinhas do pecado, e aves assadas para seus apetites vorazes, e sempre se lembravam de pegar o osso da sorte no peito da ave. Ela levava vinhos em garrafas estreitas, e pequenos copos entalhados em quartzo que usavam para bebê-lo, e que depois lavavam na fonte sagrada e guardavam no altar do templo para a próxima vez. Com cada osso da sorte, a cada despedida, eles faziam seus pedidos, desejando por uma próxima vez.

Madrigal costumava pensar, enquanto estava sentada trabalhando na presença de Brimstone, que ele sabia o que ela estava fazendo. O olhar ouro-esverdeado dele pairaria sobre ela, e ela se sentiria invadida, exposta, e diria a si mesma que não poderia mais continuar como estava, que era loucura e que precisava acabar com aquilo. Uma vez ela ensaiou o que diria a Akiva enquanto voava até o bosque de réquiem, mas, tão logo o viu, esqueceu tudo e se entregou sem resistir ao prazer da alegria, no lugar em que eles começaram a pensar como se fosse o mundo da história dela — o paraíso esperando por amantes que o preenchessem com alegria.

E eles o preencheram. Durante um mês de noites roubadas e ocasionais tardes banhadas de sol quando Madrigal conseguia sair de Loramendi durante o dia, eles abrigaram a felicidade com suas asas em concha e chamaram aquilo de mundo, embora os dois soubessem que não era um mundo, mas apenas um esconderijo, o que é algo muito diferente.

Depois de terem se encontrado algumas vezes e começado a se conhecer de verdade, com a ânsia que os amantes têm de saber tudo — com conversas e toques, cada lembrança e pensamento, cada almíscar e sussurro —, quando tinham deixado de lado toda a timidez, eles admitiram o futuro: admitiram que ele existia e que não podiam fingir que não existia. Os dois sabiam que aquilo não era vida, em especial para Akiva, que não via ninguém além de Madrigal e passava os dias dormindo como as evangelinas e ansiando pela noite.

Akiva confessou que era filho bastardo do imperador, um de uma legião criada para matar, e lhe contou sobre o dia em que os guardas entraram no harém para levá-lo da mãe. Contou como ela havia se virado e deixado que o levassem, como se ele não fosse filho dela, apenas um dízimo que tivesse de pagar. Como odiava seu pai por criar filhos para matar, e em instantes fugazes ela podia ver que ele se culpava também por ser um deles.

Madrigal acariciou as marcas nos nós dos dedos dele e imaginou os quimeras representados por cada linha. Ela se perguntou quantas de suas almas tinham sido colhidas, e quantas, perdidas.

Ela não contou a Akiva o segredo da ressurreição. Quando ele perguntou por que ela não tinha as tatuagens de olho nas palmas das mãos, Madrigal inventou uma mentira. Não podia falar sobre os espectros. Era uma coisa importante demais, terrível

demais — o destino de sua raça se equilibrava sobre esse segredo, e ela não podia compartilhá-lo, nem mesmo para aplacar sua dor por todos os quimeras que ele tinha matado. Em vez disso, ela beijou as marcas.

— A guerra é tudo o que nos ensinaram, mas há outras maneiras de se viver. Podemos descobri-las, Akiva. Podemos inventá-las. Isto aqui é o começo — disse ela, e tocou o peito dele, sentindo um ímpeto de amor pelo coração que impulsionava seu sangue para a pele macia e para as marcas, e pela sua ternura nada militar. Ela pegou a mão dele e pressionou contra seu peito, e disse: — Nós somos o começo.

Eles começaram a achar que poderiam ser mesmo o começo.

Akiva lhe disse que, durantes os dois anos que se passaram desde Bullfinch, não tinha matado outro quimera.

— É verdade? — perguntou ela, achando difícil de acreditar.

— Você me mostrou que se pode escolher não matar. Madrigal olhou para as próprias mãos e confessou:

— Mas eu matei serafins depois daquele dia.

E Akiva pegou o queixo dela e levantou seu rosto em direção ao dele.

— Mas, ao me salvar, você me modificou, e aqui estamos por causa daquele momento. Antes, você acharia isso possível?

Ela balançou a cabeça.

— Você não acha que outros podem mudar também?

— Alguns — disse ela, pensando em seus companheiros, nos amigos. No Lobo Branco. — Nem todos.

— Alguns, e depois mais.

Alguns, e depois mais. Madrigal assentiu, e juntos imaginaram uma vida diferente, não apenas para eles mesmos, mas para todas as raças de Eretz. E naquele mês em que se esconderam e se amaram, sonharam e planejaram, acharam que aquilo também tinha que acontecer: que eles eram sementes plantadas por alguma força grande e misteriosa. Se era Nitid ou os deuses da luz ou alguma coisa completamente diferente, eles não sabiam; somente que alguma vontade poderosa estava viva neles, para trazer paz para seu mundo.

Quando quebravam seus ossos da sorte a partir de então, era isso que pediam. Eles sabiam que não podiam se esconder no bosque de réquiem e sonhar acordados para sempre. Havia trabalho a ser feito; estavam apenas começando a torná-lo realidade, com tanta paixão em sua esperança que eles podiam ter operado milagres — começado alguma coisa —, se não tivessem sido traídos.

57 ESPECTRO

Akiva — sussurrou Karou com a plenitude de seu ser. Meros segundos se passaram desde que tinham quebrado o osso da sorte, mas, naquele espaço de tempo, anos tinham voltado à sua lembrança. Há dezessete anos, Madrigal tinha acabado. Tudo o que acontecera desde então era uma outra vida, mas era dela também. Ela era Karou e era Madrigal. Era humana e quimera.

Era um espectro.

Dentro dela, algo estava trabalhando: uma rápida convergência de lembranças, duas consciências que eram na verdade uma, se reunindo como dedos entrelaçados.

Ela viu seus hamsás e soube o que Brimstone fizera. Desafiando a sentença de Thiago de evanescência, ele de alguma forma tinha colhido a alma dela. E porque não podia ter uma vida em seu próprio mundo, ele lhe dera uma vida ali, em segredo. Como ele extraíra a memória de sua alma? A vida que tinha vivido como Madrigal, ele a tirara toda e a colocara no osso da sorte, e o guardara para ela.

Ela se lembrou do que Izíl lhe dissera na última vez em que o viu, quando ele lhe ofereceu dentes de leite e ela recusou.

— *Uma* vez — dissera ele, e ela não havia acreditado. — Uma vez ele quis alguns.

Ela acreditava agora.

Espectros eram feitos para a batalha; seus corpos eram sempre conjurados já totalmente crescidos, a partir de dentes maduros. Mas Brimstone a fizera um bebê, uma humana, tinha lhe chamado de esperança e dado a ela uma vida inteira, muito longe da guerra e da morte. Um amor doce, profundo e terno a preencheu. Ele lhe dera uma infância, um mundo. Desejos. Arte. E Issa, Yasri e Twiga, todos sabiam e tinham ajudado; eles a tinham escondido. Eles a tinham amado. Ela os veria em breve, e não ficaria distante de Brimstone como sempre fizera, assustada pela rispidez dele e por sua presença física monstruosa. Iria envolvê-lo em seus braços e dizer, finalmente, obrigada.

Ela desviou o olhar das palmas de suas mãos para cima — de um assombro para outro — e Akiva estava diante dela. Ele estava parado no pé da cama em que, apenas um momento antes, eles tinham caído juntos, o corpo dele inteiro contra o dela, e Karou entendeu que a ânsia pela completude vinha do que ela havia compartilhado com ele em outro corpo, em outra vida. Ela se apaixonara por ele duas vezes. Amava-o agora com os dois amores, de forma tão avassaladora que era quase insuportável. Ela o contemplou através de um prisma de lágrimas.

— Você escapou — disse ela. — Você sobreviveu.

Ela tirou as pernas de baixo do corpo, levantou-se da cama e disparou em direção a ele, atirando-se contra a solidez de que havia se lembrado, o calor.

Uma hesitação, e então ele a envolveu com força em seus braços. Não falou, mas segurou-a junto a si, balançando para frente e para trás. Ela sentiu que ele estremecia, chorando, os lábios pressionados contra a cabeça dela.

— Você escapou — repetiu ela, soluçando, mas rindo também. — Você está vivo.

— Eu estou vivo — sussurrou ele, engasgado. — Você está viva. Eu nunca soube. Durante todos esses anos, eu nunca achei...

— Estamos vivos — declarou Karou, deslumbrada.

O espanto daquilo tudo se inflou dentro dela, e ela sentiu como se o mito deles tivesse ganhado vida. Eles tinham um mundo; estavam nele. Aquele lugar que Brimstone lhe dera era a metade de seu lar, e a outra metade estava esperando através de um portal no céu. Eles podiam ter os dois, não podiam?

— Eu vi você morrer — disse Akiva, desamparado. — Karou... Madrigal... Meu amor. — Os olhos dele, a expressão. Ele estava como há dezessete anos, quando, de joelhos, fora forçado a olhar. E repetiu: — Eu vi você morrer.

— Eu sei. — Ela o beijou ternamente, lembrando-se do horror do grito dele. — Eu me lembro de tudo.

* * *

Assim como ele.

O carrasco encapuzado: um monstro. O Lobo e o Comandante, olhando de sua varanda, e a multidão, a baderna enquanto batiam os pés no chão, os rugidos e a sede de sangue: todos monstros, zombando do sonho de paz que Akiva vinha nutrindo desde Bullfinch. Porque uma dentre eles tinha tocado sua alma, ele achara que todos eles eram merecedores daquele sonho.

E lá estava ela, algemada — a escolhida; sua escolhida —, as pontas das asas amarradas, dobradas cruelmente de forma não natural, e o falso sonho tinha acabado. Foi isso o que fizeram consigo. Sua linda Madrigal, graciosa até mesmo naquele instante.

Ele observou com um horror impotente quando ela ficou de joelhos. Quando colocou a cabeça no cadafalso. Impossível, gritou o coração de Akiva. Isso não podia acontecer. A vontade, o mistério que estivera do lado deles... onde estava agora? O

pescoço de Madrigal esticado, vulnerável, a bochecha macia dela contra a rocha negra e quente, a lâmina erguida no alto, pronta para descer.

O grito dele foi algo terrível, rasgando seu caminho a partir do interior de Akiva, esvaziando-o. Dilacerou e despedaçou; havia dor para evocar, e ele tentou usá-la para magia, mas estava fraco demais. O Lobo tinha cuidado disso: mesmo agora Akiva estava flanqueado por guardas espectros, seus hamsás voltados para ele, inundando-o com o mal-estar debilitante. Ainda assim ele tentou, e o chão embaixo da multidão estremeceu. O cadafalso balançou, e o carrasco teve de dar um passo para conseguir se equilibrar, mas isso não foi suficiente.

O esforço fez vasos sanguíneos romperem em seus olhos. Mesmo assim, ele gritou. Tentou.

A lâmina cintilou enquanto descia, e Akiva caiu para frente sobre suas mãos. Ele estava despedaçado, vazio. Amor, paz, maravilhamento: destruídos. Esperança, humanidade: destruídos.

Tudo o que restou foi vingança.

* * *

A lâmina era grande e brilhante, como uma lua que cai.

Ela cortou, e Madrigal foi decapitada.

Madrigal estava ciente da sucumbência da carne.

Ela ainda era. Era, mas não mais corpórea. Não queria ver a queda deplorável de sua cabeça, mas não pôde evitar. Seus chifres atingiram a plataforma com um barulho, e depois o baque profano da carne antes que a cabeça parasse, os chifres impedindo que ela rolasse.

Dessa estranha nova perspectiva privilegiada acima de seu corpo, ela viu tudo. Não podia deixar de ver. Os olhos tinham sido o instrumento do corpo, com seu foco seletivo e pálpebras para fechar. Ela não tinha tal habilidade agora. Via tudo, sem nenhum limite corpóreo para separá-la do ar à sua volta. Era um tipo de visão atenuada, todas as direções de uma vez como se todo seu ser fosse um olho, mas um olho enevoado. A ágora, a multidão abominável. E na plataforma de frente para a dela, o grito ainda distorcia o ar em volta dela: Akiva de joelhos, jogado para frente e devastado por soluços.

Abaixo dela, viu o próprio corpo, sem cabeça. Ele oscilou para o lado e desabou. Estava acabado. Madrigal sentia-se presa a ele. Já esperava por isso; sabia que as almas ficavam com seus corpos por vários dias antes de começar a fluir. Espectros que tinham sido apanhados de volta na fronteira da evanescência disseram que era como ser levado pela maré.

Thiago havia ordenado que o corpo dela fosse deixado na plataforma para apodrecer, vigiado, para que ninguém pudesse tentar colher sua alma. Ela lamentou o tratamento que foi dado a seu corpo. Por mais que Brimstone chamasse os corpos de "envelopes", ela amava a pele que a carregara durante a vida, e desejava que tivesse um fim mais respeitável, mas não podia ser evitado e, de qualquer forma, ela não pretendia ficar por ali para vê-lo se decompor. Tinha outros planos.

Ela não tinha certeza de que essa ideia à qual se agarrava poderia ser feita. Não tinha nada além de um indício para prosseguir, mas depositou toda sua força de vontade, desejo e paixão naquilo. Tudo aquilo com que ela e Akiva tinham sonhado — agora frustrado —, ela direcionou para aquele último ato: ela iria libertá-lo.

E, para esse fim, precisaria de um corpo. E já tinha escolhido um. Era um bom corpo; ela mesma tinha feito.

Tinha até mesmo usado diamantes.

58
VITÓRIA E VINGANÇA

O que está havendo com você, Mad?

Uma semana antes, Madrigal estivera com Chiro no alojamento. Estava amanhecendo, e ela havia se arrastado para seu beliche havia apenas meia hora após uma noite com Akiva.

— Como assim?

— Você por acaso ainda dorme? Onde esteve ontem à noite?

— Trabalhando — respondeu ela.

— A noite toda?

— Sim, a noite toda. Embora eu talvez tenha adormecido na loja por algumas horas.

Ela bocejou.

Sentia-se segura com suas mentiras porque ninguém fora do círculo mais íntimo de Brimstone sabia o que se passava na torre oeste, ou mesmo sabia sobre a passagem secreta através da qual ela ia e vinha. E era verdade que tinha dormido um pouco — só que não na loja. Acabara cochilando contra o peito de Akiva e, ao acordar, viu que ele a observava.

— O que foi? — perguntou ela, envergonhada.

— Bons sonhos? Você estava sorrindo enquanto dormia.

— É claro que estava. Estou feliz.

Feliz.

Ela achou que era disso que Chiro estava falando quando perguntou O que está havendo com você? Madrigal sentia-se refeita. Nunca tinha imaginado como a felicidade podia ser profunda. Apesar da tragédia em sua infância e da pressão sempre presente da guerra, ela se considerava feliz na maior parte do tempo. Quase sempre, havia algo com que se deleitar, quando se procura. Mas aquilo era diferente. Não podia ser contido. Ela às vezes imaginava a felicidade irradiando dela como se fosse luz.

Felicidade. Era o lugar em que a paixão, com todo o deslumbramento e a pulsação acelerada, encontrava algo mais suave: a sensação de voltar para casa, em segurança, e o puro conforto de um raio de sol. Era todas essas coisas, entrelaçadas com o calor e a emoção, e brilhava dentro dela como se tivesse engolido uma estrela.

Sua irmã adotiva a estava examinando em silêncio quando um som de trombeta na cidade fez com que se virasse para a janela. Madrigal se colocou ao lado dela e olhou para fora. Os alojamentos ficavam atrás da armaria, e elas podiam ver a fachada do palácio no lado oposto da ágora, onde o estandarte do Comandante estava pendurado, uma grande bandeira de seda que indicava que ele estava no palácio. Trazia seu brasão — chifres de onde brotavam folhas que representavam novo crescimento — e o dele, como Madrigal e Chiro puderam ver, havia outro estandarte aberto. Esse era adornado por um lobo branco e, embora estivesse longe demais para conseguirem para ler, as duas conheciam bem seu lema.

Vitória e vingança.

Thiago tinha voltado para Loramendi.

As mãos de Chiro estremeceram, e ela teve de firmá-las contra o peitoril da janela. Madrigal viu a agitação da irmã, mesmo lutando contra a bile que subia em sua garganta. Tinha escolhido ver a partida de Thiago e sua ausência como um sinal — de que o destino conspirava pela sua felicidade. Mas se a ausência dele fora um sinal, o que significava seu retorno? Ver o estandarte dele foi como um balde de água fria. Não podia apagar sua felicidade, mas fez com que ela sentisse vontade de se agachar em torno daquele sentimento para protegê-lo.

Ela estremeceu.

— Qual é o problema? — perguntou Chiro, percebendo. — Está com medo dele?

— Não com medo — respondeu Madrigal. — Só preocupada de tê-lo ofendido quando desapareci daquela maneira. — Tinha dito que bebera muito vinho e, dominada pelo nervosismo, escondera-se na catedral, onde acabara adormecendo. Ela estudou a expressão da irmã e perguntou: — Ele ficou... muito irritado?

— Ninguém gosta de ser rejeitado, Mad.

Ela tomou aquilo como um sim.

— Você acha que agora acabou? Que ele não quer mais nada comigo?

— Existe uma forma de você se assegurar disso — disse Chiro. Ela estava apenas brincando, com certeza, mas seus olhos brilhavam. — Você podia morrer. Ressuscite feia. Ele a deixaria em paz, então.

Madrigal devia ter notado nesse momento — deveria ter sido mais cuidadosa, pelo menos. Mas ela não era desconfiada. Sua confiança foi sua ruína.

59
O MUNDO REFEITO

Não posso salvar você.

Brimstone.

Madrigal olhou para cima. Estava no chão no canto de sua árida cela de prisão, e não esperava ser salva.

— Eu sei. Ele se aproximou das barras, e ela ficou parada, o queixo levantado, o rosto inexpressivo. Iria cuspir nela, como outros fizeram? Não precisava. O simples desapontamento de Brimstone era pior do que qualquer coisa que os outros pudessem atirar nela.

— Eles machucaram você? — perguntou ele.

— Só porque o machucaram.

O que foi uma tortura pior do que ela podia ter imaginado. Onde quer que estivessem mantendo Akiva preso, era perto o bastante para que ela ouvisse seus gritos erguendo-se em agonia. Os gritos aumentavam, oscilando em intervalos irregulares, então ela nunca sabia quando ouviria o próximo, e tinha vivido os últimos dias num estado de expectativa doentia.

Brimstone a estudou.

— Você o ama.

Ela só conseguiu assentir. Tinha aguentado tão bem até então, procurando manter a aparência dura e agindo com grande dignidade, sem deixar que ninguém visse como ela estava desmanchando por dentro, como se a evanescência já tivesse começado. Mas, sob o olhar atento de Brimstone, o lábio inferior dela começou a tremer. Ela apertou os nós dos dedos na boca, para contê-la. Brimstone estava em silêncio e, então, ela achou que podia confiar em sua voz.

— Sinto muito.

— Pelo quê, criança?

Ele estava debochando dela? Seu rosto ovino sempre tinha sido impossível de ler. Kishmish estava em seu chifre, e a postura da criatura imitava a de seu senhor, a cabeça inclinada, os ombros arqueados.

— Você sente muito por ter se apaixonado?

— Não. Não por isso.

— Então pelo quê?

Ela não sabia o que ele queria que dissesse. No passado, ele lhe contara que tudo que sempre queria era a verdade, tão sincera quanto possível. Então qual era a verdade? Pelo que ela sentia muito?

— Por ter sido pega — disse ela. — E... por tê-lo envergonhado.

— Eu deveria estar envergonhado?

Ela piscou, confusa. Nunca teria pensado que Brimstone a provocaria. Tinha achado que ele simplesmente não apareceria, que a última visão que teria dele seria na varanda do palácio, à espera de sua execução com todos os outros.

— Diga-me o que você fez.

— Você sabe o que eu fiz.

— Conte para mim.

Teria de aguentar a provocação, então. Madrigal se curvou diante daquilo.

— Alta traição. Associação com o inimigo. Colocar em risco a perpetuidade da raça quimera e tudo pelo que batalhamos durante mil anos... — declamou.

Ele a interrompeu.

— Eu sei qual foi sua sentença. Quero que me conte o que houve com suas próprias palavras.

Ela engoliu, tentando adivinhar o que ele queria.

— Eu... Eu me apaixonei — confessou, hesitante. — Eu... — Ela lhe lançou um olhar envergonhado antes de revelar o que até agora não tinha contado a ninguém. — Começou na Batalha de Bullfinch. A luta tinha acabado. Foi depois, enquanto eu colhia as almas. Encontrei-o morrendo e o salvei. Não sabia por quê; parecia a única coisa a ser feita. Mais tarde... Mais tarde achei que era porque tínhamos que ficar juntos por algum motivo. — Sua voz falhou, e o rosto ardeu enquanto sussurrava: — Para trazer a paz.

— Paz — ecoou Brimstone.

Como parecia infantil, considerando-se onde ela estava agora, ter acreditado que havia algum desígnio divino no amor deles. Mas, mesmo assim, como tinha sido bonito. O que ela havia compartilhado com Akiva não podia ser tocado pela vergonha.

Madrigal ergueu a voz para acrescentar:

— Nós sonhávamos juntos com o mundo refeito.

Seguiu-se um longo silêncio, Brimstone ficou só olhando para ela, e se ela não tivesse brincado, quando era criança, de

tentar ver quem encarava por mais tempo, não estaria preparada para aguentar aquilo. Ainda assim, estava doida para piscar quando ele finalmente falou:

— E por causa disso eu deveria ter vergonha de você?

Todas as engrenagens de sofrimento dentro dela congelaram. Parecia que seu sangue tinha deixado de correr. Ela não esperava... ela não ousava. O que ele quis dizer? Iria dizer mais alguma coisa?

Não. Ele suspirou fundo e disse de novo:

— Não posso salvar você.

— Eu... Eu sei.

— Yasri mandou isso para você.

Ele empurrou uma trouxa de pano por entre as barras, e Madrigal a pegou. Estava quente, cheirosa. Ela abriu a trouxa e viu os folhados em forma de chifre com que Yasri a recheara por anos, no vão esforço de engordá-la. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela colocou os folhados de lado gentilmente.

— Não posso comer — disse ela. — Mas... diga a ela que comi?

— Eu direi.

— E... Issa e Twiga? — Sentiu um bolo na garganta. — Diga a eles...

Ela teve de pressionar os nós dos dedos contra os lábios de novo. Mal estava aguentando. Por que era tão mais difícil na presença de Brimstone? Antes de ele aparecer, a raiva a mantivera firme.

Embora ela ainda não tivesse pronunciado a mensagem a ser retransmitida, ele disse:

— Eles sabem, criança. Eles já sabem. E também não sentem vergonha de você.

Também.

Era o mais perto que ele chegaria, e era bom o bastante. Madrigal irrompeu em lágrimas. Ela se apoiou nas barras, com a cabeça abaixada, e chorou, e sentiu a mão dele sobre sua nuca, e chorou com mais força ainda.

Ele ficou com ela, e ela sabia que ninguém além de Brimstone — a não ser o próprio Comandante — poderia desrespeitar a ordem direta de Thiago de que ela não recebesse visitas. Brimstone tinha poder, mas nem mesmo ele poderia anular a sentença. O crime dela era grave demais, sua culpa muito clara.

Depois que chorou, ela se sentiu ao mesmo tempo vazia e... melhor, como se o sal de todas as suas lágrimas não derramadas a estivessem envenenando, e agora tivesse purificado o corpo. Ela se apoiou nas barras; Brimstone estava agachado do outro lado. Kishmish começou a soltar alguns trinados regulares que Madrigal sabia serem uma combinação de ordem e súplica, então ela partiu pedacinhos do folhado de Yasri e deu para ele comer.

— Piquenique na prisão — disse ela, com uma fraca tentativa de sorriso, que foi interrompida abruptamente.

Eles dois escutaram ao mesmo tempo — um grito de uma infelicidade tão absoluta que Madrigal teve de se encolher, pressionar o rosto nos joelhos e as mãos nos ouvidos, lançando-se em escuridão, silêncio, negação. Não funcionou. Esse novo grito já estava em seu cérebro, e mesmo depois que acabou, seu eco continuou dentro dela.

— Quem será o primeiro? — perguntou a Brimstone.

Ele sabia o que ela queria dizer.

— Você. Com o serafim assistindo.

Em um momento de estranho distanciamento, ela disse:

— Achei que ele escolheria o oposto, e me faria assistir.

— Acredito que Thiago... ainda não tenha acabado o que quer fazer com ele — disse Brimstone, com alguma hesitação.

Um som baixo escapou da garganta de Madrigal. Quanto tempo? Por quanto tempo Thiago faria Akiva sofrer?

— Você se lembra do osso da sorte, de quando eu era mais nova?

— Lembro.

— Eu finalmente fiz um pedido com ele. Ou... uma esperança, imagino, já que não havia magia real nele.

— A esperança é a verdadeira magia, criança.

Imagens passaram pela sua mente. Akiva sorrindo seu sorriso de luz. Akiva caído no chão, seu sangue escorrendo para a fonte sagrada. O templo em chamas enquanto os soldados o arrastavam de lá, as árvores de réquiem começando a pegar fogo também, e todas as evangelinas que viviam nelas. Ela colocou a mão no bolso e pegou o osso da sorte que tinha levado para o bosque naquela última vez. Estava intacto. Eles nunca tiveram a chance de quebrá-lo.

Ela o empurrou para Brimstone.

— Aqui. Pegue, pise nele, jogue fora. Não existe esperança.

— Se eu acreditasse nisso, não estaria aqui agora — disse Brimstone.

O que aquilo significava?

— O que eu faço, criança, dia após dia, a não ser lutar contra a maré? Onda após onda na praia, cada onda mais próxima da areia. Não vamos vencer, Madrigal. Não podemos derrotar os serafins.

— O quê? Mas...

— Não podemos vencer essa guerra. Eu sempre soube disso. Eles são fortes demais. A única razão para termos conseguido detê-los por tanto tempo é porque incendiamos a biblioteca.

— A biblioteca?

— De Astrae. Era o arquivo dos magos serafins. Os tolos guardavam todos os textos no mesmo lugar. Tinham tanto ciúme

do poder deles que não permitiam cópias. Não queriam que nenhum rebelde os desafiasse, então acumularam seu conhecimento, e só aceitavam aprendizes que podiam controlar, e mantinham-nos bem perto. Este foi o primeiro erro deles: concentrar todo seu poder em um só lugar.

Madrigal ouvia, arrebatada. Brimstone contando-lhe coisas. História. Segredos. Quase com medo de quebrar o encanto, ela perguntou:

— Qual foi o próximo erro deles?

— Esquecerem-se de nos temer. — Ele ficou em silêncio por um tempo. Kishmish saltava para frente e para trás, de um de seus chifres para o outro. — Eles precisavam acreditar que éramos animais, para justificar a forma como nos usavam.

— Escravos — sussurrou ela, ouvindo a voz de Issa em sua mente.

— Nós éramos servos da dor. Nós éramos a fonte do poder deles.

— Tortura.

— Eles se convenciam de que éramos bestas estúpidas, como se isso justificasse tudo. Eles tinham cinco mil bestas em suas covas, que não tinham nada de estúpidas, mas acreditaram em sua própria ficção. Eles não nos temiam, e isso tornou tudo mais fácil.

— Tornou o que mais fácil?

— Destruí-los. Metade dos guardas nem entendiam nossa língua, se contentava em acreditar que eram apenas gemidos e rosnados o que gritávamos em agonia. Eles eram tolos, e nós os matamos, e colocamos fogo em tudo. Sem a magia, os serafins perderam sua supremacia, e em todos esses anos não conseguiram recuperá-la. Mas eles vão fazer isso, mesmo sem a biblioteca. Seu serafim é a prova de que eles estão redescobrindo o que perderam.

— Mas... não. A magia de Akiva não é desse tipo... — Pensou no xale vivo que ele havia feito para ela. — Ele nunca a usaria como arma. Ele só queria a paz.

— A magia não é uma ferramenta de paz. O preço é alto demais. A única forma de eu conseguir continuar a usá-la, trazendo almas de volta morte após morte, é acreditar que estamos nos mantendo vivos até... até o mundo poder ser refeito.

As palavras dela.

Ele limpou a garganta. Parecia cascalho sendo arrastado. Seria possível, Brimstone estava lhe dizendo que ele...?

— Eu sonho com isso também, criança — disse ele.

Madrigal o encarou.

— A magia não vai nos salvar. O poder que seria necessário para conjurar algo nessa escala... o dízimo nos destruiria. A única esperança... é esperança. — Ele ainda segurava o osso da sorte. — Você não precisa de amuletos para isso... está no seu coração ou em parte alguma. E em seu coração, criança, ela é mais forte do que eu jamais vi.

Ele guardou o osso no bolso da camisa, então se levantou de sua posição de leão e se virou. O coração de Madrigal gritou diante do pensamento de que ele a estava deixando sozinha. Mas ele apenas caminhou até a pequena janela na parede do outro lado e olhou para fora.

— Foi Chiro, sabe — disse ele, mudando bruscamente de assunto.

Madrigal sabia.

Chiro, que tinha asas para segui-la, e que se escondera no bosque, vendo.

Chiro, que, como um cachorrinho de Thiago, a traiu por um carinho na cabeça.

— Thiago prometeu lhe dar aparência humana — disse Brimstone. — Como se fosse uma promessa que ele pudesse cumprir.

Chiro estúpida, pensou Madrigal. Se essa era a esperança dela, tinha escolhido mal sua aliança.

— Você não vai honrar a promessa dele?

Brimstone respondeu com olhar sombrio:

— Ela devia se esforçar mais para nunca precisar de outro corpo. Tenho um cordão de dentes de moreia que nunca achei que ficaria tentado em usar.

Moreia? Madrigal não sabia dizer se ele estava falando sério.

Provavelmente. Ela quase sentiu pena da irmã. Quase.

— E pensar que eu desperdicei diamantes com ela.

— Você foi leal a ela, mesmo que ela não tenha sido a você. Nunca se arrependa da sua própria bondade, criança. Permanecer leal diante do mal é um feito de força.

— Força — disse ela com uma pequena risada. — Eu dei força a ela, e olha para que ela a usou.

— Chiro não é forte — menosprezou ele. — O corpo dela pode ter sido feito de diamantes, mas a alma dentro dela será sempre algo semelhante a um molusco molenga, úmido, que se encolhe.

Não era uma imagem nada bonita, mas pareceu se adequar com perfeição.

— E facilmente colocada de lado — acrescentou Brimstone.

Madrigal inclinou a cabeça.

— O quê?

Lá fora no corredor: sons. Estava vindo alguém? Já era hora? Brimstone se virou na direção dela.

— A fumaça dos espectros — disse ele, curto e rápido. — Você sabe o que há nela.

Ela piscou. Por que ele estava falando sobre a fumaça? Não haveria nenhuma para ela. Mas ele a encarava com uma

expressão tão séria. Ela assentiu. É claro que sabia. O incenso era árum e matricária, alecrim, e resina de assa-fétida para o cheiro de enxofre.

— Você sabe por que ela funciona — disse ele.

— Ela cria um caminho para a alma seguir até o receptáculo. O turíbulo ou o corpo.

— Isso é magia?

Madrigal hesitou. Ela havia ajudado Twiga a fazer aquilo várias vezes.

— Não — disse ela, distraída porque o som no corredor aumentava.

— É apenas fumaça. Só um caminho para a alma.

Brimstone assentiu.

— Não é diferente do seu osso da sorte. Não é magia, apenas um foco para a vontade. — Ele fez uma pausa. — Uma vontade muito forte talvez nem precisasse dela.

Ele olhava para ela de maneira penetrante, firme. Estava tentando lhe dizer alguma coisa. O quê?

As mãos de Madrigal começaram a tremer. Ela não entendia muito bem, mas alguma coisa começava a tomar forma, feita de magia e vontade. Fumaça e osso.

O ferrolho correu na porta. O coração de Madrigal disparou. Ela agitou as asas inutilmente, como um pássaro engaiolado. A porta se abriu e Thiago se emoldurou nela como um quadro. Como sempre, estava vestido todo de branco, e Madrigal percebeu pela primeira vez por que ele usava branco: era uma tela para o sangue de suas vítimas, e agora sua túnica estava cheia dele.

Do sangue de Akiva.

O rosto de Thiago faiscou de raiva quando viu Brimstone lá dentro. Mas ele não arriscaria uma guerra de poder que nunca venceria. Inclinou a cabeça para o feiticeiro e encarou Madrigal.

— Chegou a hora — disse ele.

Sua voz, perversamente, estava suave, como se estivesse tentando convencer uma criança a ir dormir.

Ela não disse nada e lutou para se manter calma. Thiago não se deixou enganar. Seus sentidos de lobo podiam perceber o cheiro do medo nela. Ele sorriu, virando-se para os guardas, que esperavam por suas ordens.

— Amarrem as mãos dela. Prendam suas asas.

— Isso é desnecessário — interveio Brimstone. Os guardas hesitaram.

Thiago encarou o ressuscitador e os dois se entreolharam, sua inimizade limitada ao alargar das narinas, ao trincar da mandíbula. O Lobo repetiu suas ordens em sílabas bem-marcadas, e os guardas se apressaram em cumpri-las: dentro da cela, lutaram com as asas de Madrigal e perfuraram-nas com grampos de ferro para prendê-las. Amarrar suas mãos foi mais fácil; ela não resistiu. Quando já estava completamente amarrada, eles a empurraram em direção à porta. Brimstone tinha uma última surpresa.

— Designei alguém para abençoar a evanescência de Madrigal — disse ele a Thiago.

A bênção era um ritual sagrado que ela imaginava que lhe seria negado. Thiago, aparentemente, imaginara o mesmo. Ele estreitou os olhos e disse:

— Se você acha que vai conseguir deixar alguém perto dela o suficiente para colher sua... Brimstone o interrompeu:

— Chiro — disse ele. Madrigal se encolheu. Para Thiago, ele disse:

— Não achei que você iria se opor.

Thiago realmente não se opôs.

— Está bem. — E virando-se para os guardas: — Vão.

Chiro. Era tão profundamente errado, tão profano, que a traidora de Madrigal fosse quem iria conceder paz à sua alma, que por um instante ela achou que tinha entendido mal tudo o que Brimstone acabara de dizer, que aquele era um castigo final acrescentado a todos os outros. Então ele sorriu. Um erguer ardiloso da linha de sua severa boca de carneiro, e ela entendeu. A compreensão explodiu em sua mente.

Algo semelhante a um molusco molenga. Facilmente colocada de lado.

O guarda deu outro empurrão em Madrigal e ela saiu pela porta, sua mente em disparada para tentar entender aquela ideia nova e ousada no curto espaço de tempo que lhe restava.

60
SE ENCONTRAR, POR FAVOR, DEVOLVA

Nunca tinha sido feito, não que ela tivesse ouvido falar. Ninguém nem tinha especulado a respeito, e certamente não teria sido possível com um corpo natural. Um corpo adere à alma como nácar a um grão de areia, formando uma entidade unificada e perfeita que somente a morte pode desfazer. Não existe uma lacuna em um corpo natural para convidados ou raptores. Mas o corpo de Chiro era um receptáculo, como Madrigal bem sabia, já que ela mesma o tinha feito.

Ela podia não precisar de fumaça para guiá-la, mas precisava de proximidade. Não poderia se mover pelo espaço; não tinha nem controle nem propulsão. Chiro teria de ir até ela e, como Brimstone a escolhera para realizar a bênção, ela iria. Com passos pesados para cima do cadafalso para se ajoelhar ao lado dos pedaços que tinham sido sua irmã. Tremendo, ela ergueu os olhos para o ar acima do corpo.

— Sinto muito, Mad — sussurrou ela. — Eu não sabia que haveria evanescência. Eu sinto muito.

Madrigal, que não podia bloquear a visão de sua própria cabeça cortada ou a lembrança dos gritos de Akiva, permaneceu impassível. O que Chiro tinha esperado? Uma sentença mais branda? Quem sabe ressurreição de baixa aparência? Talvez sequer estivesse pensando em Madrigal, a não ser como um meio de chamar a atenção de Thiago. O amor faz as pessoas agirem de forma estranha, como Madrigal bem sabia. Não havia nada mais estranho do que o que ela estava prestes a fazer.

Não havia fumaça para guiá-la. Como Brimstone dissera, ela não precisaria. Com grande força de vontade, ela se canalizou para dentro do corpo que tinha feito com tanto carinho.

Houve até menos resistência do que havia esperado — uma sensação de surpresa, um fraco esforço. A alma de Chiro era uma coisa triste que se tornara fraca pela inveja. Não era páreo para a de Madrigal, e cedeu quase de imediato. A alma dela não foi expulsa, apenas empurrada, contorcendo- se mais para dentro de si mesma. O receptáculo continuava a ser, aos olhos de todos, Chiro.

Ela estremecia violentamente, realizando a bênção, mas ninguém que assistia achou estranho — sua irmã estava morta aos seus pés. E se pareceu rígida ao descer o cadafalso, os movimentos espasmódicos, ninguém questionou isso também.

Não havia nenhuma suspeita porque não havia nenhum precedente. Depois que Chiro saiu, não havia nada preso ao corpo partido na plataforma. Os soldados que montaram guarda durante os três dias seguintes só vigiaram carne e ar — nenhuma alma.

O único que podia ter detectado a ausência seria Brimstone, e ele não estava inclinado a delatar.

* * *

Foi através dos olhos de Chiro que Madrigal teve sua última visão de Akiva. Ele estava preso a uma plataforma de tortura, suas asas e braços puxados com força para trás e presos por aros à parede. A cabeça estava caída para frente e, quando ela entrou na cela, ele a levantou para encará- la com olhos inexpressivos.

Os brancos dos olhos estavam vermelho-sangue pelo esforço da magia que tinha rompido vasos capilares, mas não era só isso. O dourado neles — o fogo extraordinário — ardia fracamente, e Madrigal teve a impressão de uma alma em cinzas. Aquilo foi a pior coisa — pior do que sua própria morte.

Agora em Marrakech, enquanto Karou alinhavava as lembranças de suas duas vidas, ela se lembrou daquele mesmo vazio inexpressivo na primeira vez em que o vira. Ela havia se perguntado o que poderia ter acontecido para deixá-lo daquele jeito, e agora sabia. Sentiu uma pontada no coração de pensar que durante todos aqueles anos em que estivera crescendo em um corpo novo, em um mundo à parte, infantil e alegre, gastando desejos com coisas tolas, ele estivera com a alma morta daquele jeito, sofrendo por ela.

Se ao menos ele pudesse ter sabido.

Na cela da prisão, ela correra para soltar seus braços. Ficou feliz então pela força de diamante de Chiro. As correntes de Akiva estavam tão esticadas que os braços dele deviam estar estirados ao máximo. Ela teve medo de que ele estivesse fraco demais para voar, ou para fazer o encanto que permitiria que saísse da cidade sem ser visto, mas ela não devia ter temido. Conhecia a força de Akiva. Quando as correntes se soltaram, ele não desmoronou. Pulou como um predador à espreita. Ele a atacou, vendo apenas Chiro e sem condições de se perguntar por que aquela desconhecida o libertara. Ele a atirou contra a parede antes que ela tivesse uma chance de falar, e ela mergulhou na escuridão da inconsciência.

As lembranças acabavam aí. Karou não saberia como Brimstone a encontrara e colhera sua alma até poder lhe perguntar. Só sabia que ele havia conseguido porque estava ali.

— Eu não sabia — disse Akiva. Ele acariciava o cabelo dela, alisando- o pelos contornos de sua cabeça e pescoço em direção aos ombros, com vagar e amor. — Se eu soubesse que ele a havia salvado...

Akiva a agarrou com força contra seu corpo.

— Eu não podia lhe dizer que era eu — disse Karou. — Como você teria acreditado em mim? Você não sabia sobre a ressurreição.

Ele engoliu em seco.

— Eu sabia — disse baixinho.

— O quê? Como?

Eles ainda estavam juntos no pé da cama. Karou estava perdida em sensações. A recuperação de suas lembranças. A alegria simples e profunda de estar com Akiva. A curiosa familiaridade e... a falta. Seu corpo: sua pele de dezessete anos, completamente dela, e também nova. A ausência das asas, a flexibilidade dos pés humanos com todos os seus músculos complicados, sua cabeça sem chifre, leve como o vento.

E havia alguma outra coisa, um tipo de zumbido, um alarme, uma consciência com a qual ela ainda não conseguia lidar direito.

— Thiago — disse Akiva. — Ele... ele gostava de falar enquanto... Bem. Queria se gabar do triunfo. E me contou tudo.

Não era difícil para Karou acreditar nisso. Recordou-se então de outras coisas: o Lobo despertando na mesa de pedra e ela... Karou... segurando a mão dele marcada com o hamsá. Ele podia tê-la matado então, pensou, se não fosse Brimstone. Agora ela entendia a fúria de Brimstone. Durante todos aqueles anos, ele a escondera de Thiago, e ela havia deslizado até a catedral e segurado a mão dele. Que era tão bestial quanto ela se lembrava.

Ela se aconchegou junto a Akiva.

— Eu podia ter me despedido naquele dia — disse ela. — Eu não estava nem pensando. Só queria ver você livre...

— Karou...

— Está tudo bem. Estamos aqui agora.

Ela sentiu o cheiro dele, do qual se lembrava tão bem, quente e fumegante, e pousou os lábios no pescoço dele. Era estonteante. Akiva estava vivo. Ela estava viva. Tanta coisa estava por vir. Seus lábios subiram pelo pescoço dele em direção à linha do maxilar, lembrando, redescobrindo. Sentia-se tão bem em seus braços, da forma como já estivera uma vez — daquela forma maravilhosa que os corpos podem se fundir e apagar todo espaço negativo. Ela encontrou os lábios dele. E teve de segurar sua cabeça para incliná-la para baixo em direção à dela.

Por que ela teve de fazer aquilo?

Por que... Por que Akiva não a estava beijando de volta?

Karou abriu os olhos. Ele estava olhando para ela, não com desejo, mas com... *angústia.*

— O que foi? — perguntou ela. — O que há? — Um pensamento terrível lhe ocorreu e ela recuou, deixando-o ir e envolvendo-se com os próprios braços. — É... É porque eu não sou pura? Porque sou... uma coisa feita?

O que quer que o estivesse perturbando, ouvir a pergunta dela só piorou as coisas.

— Não — respondeu ele, arrasado. — Como você pode pensar isso? Eu não sou Thiago. Você prometeu se lembrar, Karou. Você prometeu se lembrar de que eu a amo.

— Então o que é? Akiva, por que está agindo dessa maneira tão estranha?

— Se eu soubesse... Ah, Karou. Se eu soubesse que Brimstone tinha salvado você... — Ele passou os dedos pelo cabelo e começou a andar de um lado para o outro no quarto. — Achei que estava do lado deles, contra você, e era pior a traição dele, porque você o amava como um pai...

— Não. Brimstone é como nós, Akiva. Ele também quer a paz. E pode nos ajudar...

O olhar dele a deteve. Tão desolado.

— Eu não sabia. Se eu soubesse, Karou, eu teria acreditado em redenção. Eu nunca... Eu nunca teria...

As batidas do coração de Karou ficaram arrítmicas. Algo estava muito, muito errado. Ela sabia, e temia, não queria ouvir, precisava ouvir.

— Nunca teria o quê? Akiva, o quê?

Ele parou de andar, colocou as mãos na cabeça, segurando-a.

— Em Praga — disse ele, forçando cada palavra a sair. — Você me perguntou como a encontrei.

Karou se lembrou.

— Você disse que não foi difícil.

Ele colocou a mão no bolso e tirou uma folha de papel dobrada. Com relutância visível, estendeu a ela.

— O quê...? — começou ela, mas parou.

As mãos dela começaram a tremer inconsolavelmente, de forma que, enquanto desdobrava a folha, a página acabou rasgando numa dobra antiga, logo abaixo do meio de seu autorretrato, e ela ficou segurando duas metades dela mesma, e o pedido, com sua própria letra: Se encontrar, por favor, devolva.

A folha era de seu caderno de desenhos, que ela havia deixado na loja de Brimstone. A compreensão foi imediata e avassaladora. Só havia uma forma de Akiva ter conseguido aquilo.

Ela arquejou. Tudo se encaixou em seu devido lugar. As marcas negras de mão, os infernos azuis que consumiram os portais e toda a magia deles, colocando fim ao comércio de Brimstone. E o eco da voz de Akiva, explicando o motivo.

Para acabar com a guerra.

Quando ela havia sonhado junto com ele, há muito tempo, em acabar com a guerra, eles queriam dizer trazendo a paz. Mas, ah, a paz não era a única forma de se acabar com a guerra.

Quando ela havia sonhado junto com ele, há muito tempo, em acabar com a guerra, eles queriam dizer trazendo a paz. Mas, ah, a paz não era a única forma de se acabar com a guerra.

Ela viu tudo. Thiago contara a Akiva o maior segredo dos quimeras, acreditando que morreria com ele, mas ela — ela — o deixara à solta com o segredo.

— O que você fez? — perguntou ela, incrédula, a voz falhando.

— Sinto muito — sussurrou ele.

Marcas negras, infernos azuis.

Um fim à ressurreição.

As mãos de Akiva, as mãos que a haviam segurado enquanto dançavam, dormiam, se amavam, os nós de seus dedos que ela havia beijado e perdoado — estavam recém-marcadas. Estavam cheias.

— *Não!* — gritou ela, a palavra arrastada de forma longa e suplicante, e então estava segurando os ombros dele, afundando as unhas, segurando- o e forçando-o a olhar em seus olhos. — *DIGA!*

Com a voz rouca — do mais puro sofrimento, da mais pura vergonha —, Akiva disse:

— Eles estão mortos, Karou. É tarde demais. Estão todos mortos.

EPÍLOGO

Uma fenda no céu, é tudo o que era, nada como o portal engenhoso de Brimstone com suas portas de aviário. Não havia nenhuma porta, e nenhum guardião. Sua única proteção era a difícil localização, bem acima das montanhas Atlas, e o fato de ser muito estreita, menor que a envergadura de um serafim.

Era incrível que Razgut tivesse conseguido localizá-la depois de tanto tempo.

Ou, pensou Karou, olhando para a criatura, talvez não seja tão incrível que o pior momento da vida de alguém fique marcado na memória, mais forte do que qualquer alegria. Ela entendia agora por que a dor era o dízimo para a magia: ela era mais forte do que a alegria. Do que qualquer coisa.

Do que a esperança?

Viu a pira em Loramendi como se tivesse estado lá: corpos de quimera alimentando as chamas como se fossem pedaços de pano, e Akiva observando tudo aquilo de uma torre, respirando as cinzas de seu povo. Ela sentiu gosto de cinzas, e imaginou que ainda deviam estar sobre o corpo dele quando o beijou.

Por causa dela, ele tinha sobrevivido para fazer aquilo.

E, ainda assim, não tinha sido capaz de matá-lo, embora ele mesmo tivesse levado as facas de Praga para ela, e teria se colocado de joelhos para facilitar as coisas.

Ela o deixou, e mesmo depois de tudo, a distância entre eles parecia uma esfera fora de proporção. Errada, aquela distância crescente. Dolorido, o vazio que era sua nova plenitude. Uma parte infeliz dela queria desconhecer a traição de Akiva, voltar para antes daquilo, para a felicidade incandescente antes de tudo desmoronar.

— Você vem? — perguntou Razgut, abrindo caminho através da fenda no mundo, de forma que metade do corpo dele havia sumido no éter de Eretz.

Karou assentiu. O restante dele desapareceu, e ela respirou fundo, recompondo-se para segui-lo. Não havia mais felicidade. Mas, sob toda infelicidade, havia esperança.

De que o nome que Brimstone lhe dera fosse mais do que um capricho.

De que aquilo não fosse o fim.

CONTINUA…

SOBRE A AUTORA

Foto: Ali Smith

LAINI TAYLOR mora em Portland, nos Estados Unidos, com a filha e o marido, o ilustrador Jim Di Bartolo. Finalista do National Book Award em 2009, tem outros quatro romances publicados.